

Palavras e seus múltiplos sentidos:

Psicanálise e suas interfaces: fragmentos de discursos psicanalíticos

Vol. 4



Organizadores:

Rosilene Felix Mamedes
Hermano de França Rodrigues
Monik Giselle Lira Monteiro



Publicação:



ISBN: 978-65-86250-06-0



978-65-86250-06-0

Título: Palavras e seus múltiplos sentidos

Subtítulo: Psicanálise e suas interfaces -- Fragmentos de discursos psicanalíticos

Formato: Livro Digital

Veiculação: Digital

Capa e Projeto Gráfico: Natan Cardoso

Direitos reservados à

Pá de Palavra

[O selo de auto publicação da Parábola Editorial]

Rua Dr. Mário Vicente, 194 – Ipiranga

04270-000, São Paulo, SP

Pabx: (11) 5061-9262

Home page: www.padepalavra.com.br

E-mail: producao@padepalavra.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da editora.

© da edição: Pá de Palavra, São Paulo, dezembro de 2020.

COMISSÃO EDITORIAL

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB/LIGEPSI)

Prof Dr Aristóteles de Almeida Lacerda Neto (IFMA)

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Almeida (UFPB)

Prof^a. Ma. Rosilene Felix Mamedes (UFPB/LIGEPSI)

Esp. Monik Giselle Lira Monteiro (UFPB/LIGEPSI)

COMISSÃO TÉCNICA

Thiago Guilherme Calixto (UFPB/LIGEPSI)

Matheus Pereira de Freitas (UFPB/LIGEPSI)

PREFÁCIO

NO PRINCÍPIO ERA O INCONSCIENTE, QUE SE FEZ VERBO, CARNE

O indivíduo, na vida ordinária, ao se confrontar com a vida, precisa lê-la; no entanto, na realidade, é ela que o lê. É, na leitura, portanto, que se chega a uma seara, por onde o ser humano, em seu engodo narcísico, ainda não perambulou; trata-se do cerne da vida humana e o núcleo de onde advém Tudo – o inconsciente. A descoberta deste, a partir dos escritos seminais de Sigmund Freud, foram, por um lado, misteres para o entendimento psíquico das idiossincrasias, ora latentes ora extravagantes, dos sujeitos sociais, assim como de personagens de narrativas literárias. Por outro lado, deformou o que se tinha por verdadeiro, dogmático e preceituoso.

Ler a Cultura, à luz da psicanálise, entretentes, é conduzir, assim como num *setting analítico*, o cotidiano e a privacidade no divã, de cujas associações livres irrompense, também, atos falhos, chistes, sintomas, sonhos, reminiscências infantis, entre outros movimentos da clínica. Não se leva aos analisandos, conceitos predefinidos, mas sim: permitem a eles liberdade e autonomia, ou seja, clinicar sobre a vida é se despojar de preconceitos, pressupostos e rótulos categóricos. O sujeito que está na cena narrativa, doravante, discursa livremente e, através de seus (des)equilíbrios exegéticos, verborragias delirantes e/ou silêncios ensurdecadores, elabora as cosmovisões, diagnósticos e, amiúde, torna possível ao outro atravessar os locais mais insalubres de sua mente, depurando-a.

As fantasmagorias que vagam, errantemente, pelas paisagens neuróticas, e as psicopatologias terríficas que, à primeira vista, são perturbadoras e causticantes, são, verdadeiramente, eventos cirúrgicos que dissecam a humanidade, fazendo-a remontar às suas primevas estações. No diálogo cultura-psicanálise, pode-se supor que, quem analisa é, subversivamente, o analisado. E, ainda, os protagonistas podem se valer de vestes simbólicas e andrajos para conduzir todos ao *si-mesmo*.

Aqui, deparamo-nos, segundo profusas cosmogonias, com o princípio e o fim, o Alfa e o Ômega: a fala, a linguagem. Partindo dela, por exemplo, muitos mundos mitológicos se construíram e, posteriormente, destruíram. E, de forma arquetípica e antropofágica às cosmogonias, o ser humano, a partir da linguagem, edifica-se e se desmorona. Em conclusão, no princípio, era o Verbo que se fez carne; era o Verbo que se fez langue; era Verbo que se fez parole; era inconsciente que se fez Verbo.

Guilherme Ewerton Alves de Assis

SUMÁRIO

ARTE CONTEMPORÂNEA E PSICANÁLISE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTRANHO, TRAUMA E LUTO NAS OBRAS DE SOPHIE CALLE	6
LITERATURA E PSICANÁLISE: A SOLIDÃO NOS MISTÉRIOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA EM A HORA DA ESTRELA.....	21
PSICANÁLISE E CINEMA: <i>PELOS OLHOS DE MAISIE</i> E A PROBLEMÁTICA DA ALIENAÇÃO PARENTAL	37
LITERATURA E SEXUALIDADE NA OBRA O ATENEU: UMA RELEXÃO À LUZ DA PSICANÁLISE	53
O PERTENCIMENTO: À LUZ DE CLARICE LISPECTOR E DA PSICANÁLISE	63
REPERCUSSÕES ACERCA DA TRANSEXUALIDADE NO VIÉS PSICANALÍTICO E DAS TEORIAS DE GÊNERO.....	74
AS VISSICITUDES DO AMOR: A DEVASTAÇÃO DE EROS NA EROTOMANIA.....	85
AS ÁGUAS TURVAS DA MORTE: O INVENTÁRIO DO IRREMEDIÁVEL NA POÉTICA DE CAIO F. ABREU	97
LITERATURA E PSICANÁLISE	98
A DOR DE UMA FERIDA ABERTA E NUNCA CICATRIZADA	101
A IMANÊNCIA DA MORTE DOS GIRASSÓIS QUE NUNCA SE PERMITEM DESFALECER.....	103
MASCULINIDADE HEGEMONICA NA CONTEMPORANEIDADE E SUA RELAÇÃO COM OS PAPEIS DE GÊNERO.....	108
O HOMEM E O FALOCENTRISMO: UM ESTUDO EPISTEMOLÓGICO SOBRE A HISTÓRIA DO PÊNIS	119
(DES)CAMINHOS DA PULSÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O CONSUMO DE ALCOOL EM PACIENTES PÓS-BARIÁTRICOS.....	128
DEVASTAÇÃO FEMININA: UM ESTUDO DO PERCURSO DO DESEJO NA VIOLÊNCIA.....	134
ENTRE MEMÓRIAS E RENOVAÇÃO: A SOLENIDADE DESAMPARADA EM “O PERU DE NATAL”, DE MÁRIO DE ANDRADE	149
DO PACTO TRANSFERENCIAL À ONIPOTÊNCIA DA FICÇÃO: LEITURAS DA SUBJETIVIDADE EM VALTER HUGO MÃE	157
DA INSURGÊNCIA SIMBÓLICA À TRANSGRESSÃO DO REAL: ESPECTROS DO REALISMOS MÁGICO EM <i>AS ACADEMIAS DE SIÃO</i> , DE MACHADO DE ASSIS.....	166
OS (DES)CAMINHOS DA CIVILIZAÇÃO: QUANDO A METÁFORA PATERNA SE FAZ POSSÍVEL EM <i>A CASA DO GIRASSOL VERMELHO</i> , DE MURILO RUBIÃO	174
DA PUTREFAÇÃO DA CARNE À INSURGÊNCIA DO DESEJO: MORTE E GOZO EM ÁLVARES DE AZEVEDO	184
ENTRE EROS E THANATOS: RESABIOS DE MORTE DO SER MELANCÓLICO EM <i>PSICOLOGIA DE UM VENCIDO</i> , DE AUGUSTO DOS ANJOS	194
AS HERDEIRAS DE SAFO: AMOR E HOMOSSEXUALIDADE À LUZ DA PSICANÁLISE.....	205
UM ESTRANHO NA SALA DE ESTAR: MOLDURAS DO DESAMPARO EM LYA LUFT	215
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: Avanços legais no BRASIL	224

ARTE CONTEMPORÂNEA E PSICANÁLISE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTRANHO, TRAUMA E LUTO NAS OBRAS DE SOPHIE CALLE

Lucas Alberto Miranda de Souza - UFF

Prof. Dra. Tania Rivera - UFF

RESUMO: O presente artigo apresenta brevemente uma revisão histórica entre psicanálise e arte moderna, focando posteriormente na arte contemporânea. A partir dela propomos um diálogo com a psicanálise através de obras da artista francesa Sophie Calle e algumas considerações psicanalíticas sobre o estranho-familiar, o trauma, e o luto. Ao interseccionar de forma crítica e dialética esses dois campos, não se pretende apenas denunciar questões psicanalíticas presentes em algumas poéticas contemporâneas, mas também ampliar certas considerações clínicas para um campo expandido de acontecimento, deflagrando nas relações entre artista, obra e espectador, interessantes propostas para pensarmos a psicanálise, sua ativação, manifestação e atualização na cultura. Por fim, refletiremos sobre a multiplicidade de significados mobilizada por esse diálogo, acompanhado de atritos e encontros entre campos que juntos operam interessante chave política.

Palavras-chave: Arte; Psicanálise; Contemporaneidade.

INTRODUÇÃO

Arte é certamente uma dessas palavras que assumem múltiplos sentidos e significados. É notória a pluralidade semântica que envolve o termo, e as inquietudes para defini-lo ressurgem fortemente expressas na constante dúvida: “O que é arte?”. Diversos períodos históricos tomaram para si diferentes respostas para essa pergunta; algumas acabaram se tornando dominantes, promovendo certas restrições para pensarmos esse campo. O nosso imaginário é ainda colonizado por essas definições hegemônicas que delimitam fronteiras para o que deve ser considerado artístico. A contemporaneidade escova a contrapelo as postulações definitivas sobre o que é a arte e relança a pergunta para que cada pessoa possa, através de seu recorte subjetivo, rascunhar margens para esse conceito.

Explorando a multiplicidade de sentidos que a arte assume em distintos períodos históricos, abordaremos inicialmente suas formas de relação com a psicanálise na modernidade, e depois, na pós-modernidade. Selecionando o recorte contemporâneo como mais interessante para pensar as relações com a teoria psicanalítica, discutiremos alguns conceitos chave da teoria freudiana nos trabalhos da artista francesa Sophie Calle, que entre outras mostras, realizou uma exposição no Museu Freud, trabalhando com os antigos

objetos da casa do psicanalista austríaco. Visitaremos os mundos subjetivos construídos a partir da relação entre artista, obra e espectador, a partir de algumas considerações da psicanálise, buscando entremeios para esses dois campos, espaços coabitados em que a psicanálise acrescenta à arte e a arte acrescenta à psicanálise.

Através dessas implicações com a cultura, acreditamos que os conceitos desenvolvidos pela teoria psicanalítica podem permanecer abertos e se manifestar de forma ampla, sendo sempre atualizados, estimulando a pluralidade de feições com que as palavras e suas designações se manifestam no mundo.

OBJETIVOS

Essa pesquisa objetiva discutir algumas relações possíveis entre teoria psicanalítica e arte contemporânea. Ativando essas distintas formas de elaboração e manifestação da psicanálise na cultura, deseja-se pensar a teoria, suas palavras e conceitos, de forma aberta, disponível para atualizações. Para além da aplicação na clínica e reflexão no campo teórico, intencionamos colocar a psicanálise também em diálogo com as pedagogias que regem a arte contemporânea, deflagrando as implicações políticas na expansão da reflexão psicanalítica para o mundo e promovendo a disseminação dos conceitos em terrenos ampliados. Desse modo, de forma direta ou indireta, a psicanálise percorre campos expandidos e encontra variados interlocutores.

METODOLOGIA

A pesquisa envolvida nessa escrita tem caráter exploratório, e investiga de forma crítica as manifestações da psicanalítica na cultura, a partir de um recorte da arte contemporânea. Em perspectiva dialética, percorremos os dois campos buscando intersecções, encontros e atritos entre eles. Para isso, foram escolhidas as ideias de estranho-familiar, trauma, e luto, para serem articuladas e pensadas com alguns trabalhos da artista Sophie Calle. Desse modo, entenderemos como as práticas relacionais propostas por Calle no campo da arte colocam em jogo ideias desenvolvidas por Freud no ensaio *O Estranho* (1919), e discussões em torno das considerações do psicanalista austríaco em *Além do Princípio do Prazer* (1920) e *Luto e Melancolia* (1917).

A metodologia aqui expressa está longe de uma abordagem representativa, onde os trabalhos de arte funcionariam como ilustração para os conceitos da psicanálise. Sem

apassivar um campo ao outro, intencionamos justamente o contrário: localizar certas manifestações da teoria psicanalítica na cultura e pensar como essas abordagens na arte contemporânea podem atualizar os conceitos da psicanálise, mantendo a teoria aberta para que as palavras dos escritos psicanalíticos possam ressoar para além dos limites da clínica e da pesquisa teórica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

ARTE E PSICANÁLISE: BREVE REVISÃO HISTÓRICA

A tarefa de tomar a arte contemporânea através de uma escrita é árdua, não apenas pela complexidade de discorrer sobre um processo enquanto ele ainda se desenvolve, mas também pelas vastas possibilidades de manifestação que essa prática assume na cultura. Diante desta dificuldade é preferível abordá-la historicamente como questão e percorrer alguns caminhos que nortearam suas conformações até hoje. Diante disso, através de uma espécie de revisão histórica, espera-se que possam ficar mais claras as linhas de força que estão em jogo quando abordamos a arte contemporânea, e delineiem-se mais facilmente os caminhos de seus desdobramentos com a psicanálise.

O século XX ficou famoso no campo da arte pelo modernismo, fortemente expresso nas práticas visuais e plásticas. Protagonizado na Europa por movimentos como: Cubismo, Fauvismo, Surrealismo e Dadaísmo, ele travava certa batalha com a ideia da representação clássica, canonizada desde o renascimento em diversas técnicas e regras que regiam ideais para a concepção de pinturas e esculturas. O modernismo desdobrava no campo da arte os desenvolvimentos da modernidade, através de sua figura matriz, o *flâneur*, tentava exibir em expressão artística as distintas faces das cidades, as novas formas de vida e novas paisagens visíveis que se organizavam junto à revolução técnica e industrial e as resistências a certas transformações que se imprimiam nos tempos modernos.

Ao lembrarmos o pano de fundo histórico do desenvolvimento de algumas vanguardas modernistas, atentamos para movimentações que modificaram irremediavelmente a realidade, apresentando novas configurações do visível, novas ideologias de concepção política, intervenções na linguagem, e outras maneiras de percepção e compreensão do mundo.

A primeira metade do século XX reúne duas Guerras Mundiais, a Revolução Russa, a segunda Revolução Industrial, a ascensão do Nazismo e Fascismo e o desenvolvimento

da Psicanálise. Não apenas colocava-se em jogo nesse momento a disputa pela hegemonia sobre a narrativa histórica mundial através das guerras, mas também se vivenciavam na cultura consequências que essas batalhas geravam. Como escreveu Walter Benjamin, filósofo alemão, no decorrer desses acontecimentos: “Ganhar ou perder uma guerra, segundo a lógica da linguagem, é algo que penetra tão fundo em nossa existência que nos torna, para sempre, mais ricos ou mais pobres em quadros, imagens, invenções” (BENJAMIN, 1987, p.68).

Essa afirmação benjaminiana deflagra como a movimentação artística de certo período dá notícias sobre as questões históricas nele situadas. Os avanços da modernidade demandavam do homem novas formas de perceber o tempo e o espaço, e essa nova visão do real, e também as resistências a ela, surgiam expressas na cultura. A própria psicanálise e sua teoria do inconsciente ergueram outras maneiras de abordar questões fundamentais para a humanidade. Entre as três feridas narcísicas que golpearam a humanidade, como se sabe, a teoria heliocêntrica de Copérnico, a Evolução das Espécies, com Darwin, Freud considerava que a última, a descoberta da psicanálise, talvez teria sido a mais dolorosa (FREUD, 1917/1990a, p. 135). Esse golpe final promoveu em definitivo os processos já iniciados anteriormente, com um descentramento da consciência e do eu, demarcando que a consciência não é soberana e que o Eu não é autônomo (BIRMAN, 1997).

Arte e psicanálise estiveram juntas tentando dar conta dessas novas paisagens visíveis emancipadas nos processos históricos da modernidade. O Surrealismo foi base para uma nova gama imagético-perceptiva do mundo e tinha como grande matriz a teoria freudiana do inconsciente, que, como já visto, certamente ativou outras formas de pensarmos e apreendermos a realidade. As soluções plásticas dessas inquietações e novas proposições perceptivas resultou em desdobramentos de uma *surrealidade*, em que se articulavam, como nas famosas pintura e esculturas de Salvador Dalí, distintos elementos do mundo compondo cenários inéditos e um tanto não convencionais. Essas cenas operavam na dimensão do onírico e do inconsciente, e tratavam de uma realidade para além das “percepções sumárias”, como aponta Andre Breton, fundador do movimento, no Manifesto Surrealista:

Ainda vivemos sob o império da lógica, eis aí, bem entendido, onde eu queria chegar. Mas os procedimentos lógicos, em nossos dias, só se aplicam à resolução de problemas secundários. O racionalismo absoluto que continua em moda não permite considerar senão fatos dependendo estreitamente de nossa experiência. Os fins lógicos, ao contrário, nos escapam. Inútil acrescentar que à própria experiência foram impostos limites. Ela circula num gradeado de onde é cada vez mais difícil fazê-la sair. Ela se apoia, também ela, na utilidade imediata, e é guardada pelo bom senso. A pretexto de civilização e de progresso conseguiu-se banir do espírito tudo que se pode tachar, com ou sem razão, de superstição, de

quimera; a proscrever todo modo de busca da verdade, não conforme ao uso comum. Ao que parece, foi um puro acaso que recentemente trouxe à luz uma parte do mundo intelectual, a meu ver, a mais importante, e da qual se afetava não querer saber. Agradeça-se a isso às descobertas de Freud. Com a fé nestas descobertas desenha-se afinal uma corrente de opinião, graças à qual o explorador humano poderá levar mais longe suas investigações, pois que autorizado a não ter só em conta as realidades sumárias. Talvez esteja a imaginação a ponto de retomar seus direitos. (BRETON, 1985, p.4)

Psicanálise e arte operavam uma senha política de redistribuição dos objetos no mundo, reconfiguração das paisagens da realidade, investindo em uma imaginação libertária, recurso tão caro a um momento em que a vida tomava forma vazia e inexorável. De todo modo, o modernismo acontecia enquanto esses grandes eventos ainda se elaboravam, e na urgência de criar poéticas em tempos árdios de guerra, acabou por ainda reter suas produções presas majoritariamente aos suportes clássicos da pintura e escultura. Mesmo com as propostas que escapavam às normas canônicas da representação, a manutenção dos suportes da tela e moldura na pintura, e do pedestal na escultura, acabaram por assegurar uma distância bem estabelecida entre arte e vida, fronteiras essas que só viriam a ser superadas na segunda metade do século.

Um afastamento entre arte e vida perpetuava a separação de dois mundos, afetando as formas pelas quais a psicanálise era abordada na arte. Freud, ao analisar algumas obras de arte como o *Moisés* de Michelangelo, considerou nelas expressas manifestações do inconsciente dos artistas; as poéticas criadas funcionavam como um canal de comunicação simbólica. A própria ideia lançada por Freud de que o inconsciente se expressa por imagens, tais como as originadas no sonho, parece compreender a manifestação artística como via de acesso privilegiada ao inconsciente. Apesar de todas essas considerações, o psicanalista austríaco não chegou a utilizar a arte como parte do processo psicoterapêutico. Uma carta dirigida a Breton em 1938 parece indicar um dos motivos de afastamento das imagens artísticas no processo clínico da psicanálise. Nela, Freud se desculpa recusando um convite de Breton para colaborar em uma coleção teórica sobre os sonhos, e explica que não lhe interessavam os sonhos expressos em imagens prontas, como na pintura, pois não vinham acompanhados das importantes associações que somente a narração clínica dos processos oníricos poderia abrigar:

I deeply regret that it is not possible for me to fulfill your request for an original contribution to your dream collection. First of all, I have to confess that I have nothing new to say about dreams. Also please note that the telling of the dream, what I call the “manifest” dream, is of no interest to me. I have been dealing with a way to find the latent meaning of the dream, which could be obtained from the manifest dream by analytic interpretation. A collection of dreams without the connected associations, without knowledge of the circumstances under which it

has been dreamt, does not mean anything to me, and I can barely imagine what it would mean to others. (Apud CAMWELL, 1999, p. 39)

Sobre o inconsciente em jogo nos sonhos, interessava mais a Freud as narrações dentro da clínica do que as supostas representações artísticas que seus pacientes poderiam criar, visto que o sonho manifesto, como o psicanalista chamava, era finalizado, terminado, carregado de censuras, enquanto as narrativas oníricas na clínica tratavam do “sonho latente”, e eram uma abertura, o início de uma elaboração através da fala que interessava mais à psicanálise. O suporte da pintura e escultura ainda mantidos no modernismo parecem aqui facilitar a abordagem da criação artística como imagem finalizada, que espera do outro apenas um olhar fruidor passivo.

Um forte exemplo que se situou na lacuna entre arte e vida foi a *arteterapia*, que entre os anos 20-30, se desenvolveu articulada às teorias freudianas. Através dela, diversas manifestações artísticas eram tomadas como códigos contingentes de certo significado que poderiam ser decifrados por psicólogos/espectadores através da teoria psicanalítica, indicando estados mentais do autor/ artista. É sabido, por exemplo, que a psicanálise foi utilizada por psiquiatras no início do século XX para traçar diversas considerações sobre pacientes psicopatológicos. A *arteterapia*, antes de borrar as fronteiras entre arte e vida, investindo numa prática libertária, acabou por reforçar o campo artístico como lugar de “expressão” e “representação” de estados psicológicos ocultos.

Talvez o que afaste Freud desse tipo de prática seja justamente uma concepção limitada a certos suportes que assombravam a arte e limitavam os compromissos do artista, da obra e do espectador, mantendo lugares fixos para cada um. A pintura e a escultura são constantemente pensadas como “janelas” para um outro mundo, distanciado e diferente da realidade. Além disso, para ocupar a posição de artista, era necessário um longo aprendizado de variadas técnicas de pintura ou escultura, quem não poderia ter acesso a esse ensino, confinava-se na eterna posição de espectador.

Os processos posteriormente desenvolvidos no campo da arte ampliaram as considerações artísticas de forma tão libertária a ponto de as próprias relações entre pessoas poderem se tornar suporte para uma prática considerada artística, a partir daí a própria clínica pode assumir um papel distinto na cultura. Retiradas de cena a moldura e o pedestal, os objetos artísticos se confundem com os objetos do mundo, é deixado em aberto o conceito do que é arte e revelam-se outras maneiras de relação entre a teoria psicanalítica e a prática artística.

Na virada da década de 50 essas práticas questionadoras dos meios de produção artística começaram a tomar força, subvertendo a pintura e a escultura, denunciando um desejo de expansão da arte para novas plataformas. Allan Kaprow, famoso artista e teórico americano dessa época, escreve sobre essas modificações: Objetos de todos os tipos são materiais para a nova arte: tinta, cadeiras, comida, luzes elétricas e néon, fumaça, água, meias velhas, um cachorro, filmes, mil outras coisas que serão descobertas pela geração atual de artistas. (KAPROW, 2006, p.44)

A dissolução das exigências técnicas para a compreensão do artista, e a disseminação das possibilidades de materiais para criação da arte, manifestaram-se fortemente na PopArt, que trouxe para o campo de reflexão artístico objetos industriais e a reprodutibilidade; no Minimalismo, que apostou na redução formal, produção em série e intervenção artesanal mínima dos artistas em suas obras; no Body-Art que centralizou o corpo e as intervenções corporais como instrumentos de criação artística; e nos Happenings, que trouxeram as relações sociais cotidianas para o campo de compreensão poética.

A arte contemporânea se encorpa desses movimentos, apresentando-se nos mais variados meios: vídeo, foto, performance, objeto, instalação. Essas variações nos ajudam a compreender que a contemporaneidade na arte marca uma estreita relação e confusão entre arte e vida, e propõe uma prática com o mundo, junto dos objetos e das pessoas. Distanciando-se da representação através da pintura e escultura, a arte toma os objetos do mundo como suportes de criação. Essa abertura delineou novos compromissos para o artista, a obra, e o espectador, e facilitou os contatos e trocas entre esses lugares. Nas poéticas contemporâneas, o próprio espectador é muitas vezes parte da forma da obra, em outras é o artista que se torna espectador das proposições que cria para certos participantes. O saber artístico nessas práticas é fragmentado e partilhado com o outro.

A partir dessas novas proposições no campo da arte, é interessante repensar suas formas de relação com a psicanálise, que na década de 50 e 60, no auge dessas transformações da prática artística, encontrava seu apogeu. Parece haver uma dimensão política operante entre esses dois campos, não somente promovida por uma ampliação das questões da clínica para o mundo da arte, mas por um diálogo em que as práticas na cultura atualizam os conceitos e disseminam os saberes psicanalíticos, de modo direto ou indireto. Propondo fazer emergir e explorar essas outras relações entre arte e psicanálise na perspectiva contemporânea, escolhemos algumas considerações freudianas para serem abordadas em diálogo com trabalhos da artista Sophie Calle.

SOPHIE CALLE, ESTRANHO-FAMILIAR, TRAUMA E LUTO; PSICANÁLISE COM ARTE CONTEMPORÂNEA

Sophie Calle (1959-) é uma artista contemporânea francesa que iniciou sua produção em meados da década de 70, já quando a Europa manifestava fortes rupturas com os suportes tradicionais de criação. Um dos sintomas indicadores da contemporaneidade em Calle é sua forma plural de manifestação no campo artístico, permeando a escrita, a fotografia, a instalação e a arte conceitual. Seu trabalho também sinaliza questões atuais na arte ao borrar as fronteiras entre artista, obra e espectador, e abarcar poéticas participativas e colaborativas, que demandam e incluem o outro em sua concepção.

As possibilidades relacionais evocadas nesse tipo de produção, que mesmo tendo um caráter coletivo, é repleta de intimidades, surgem como caminhos interessantes de encontro entre a teoria psicanalítica e a arte. Calle ficou famosa por desenvolver trabalhos em que persegue estranhos e investiga suas vidas privadas, e também por propor obras em que estranhos investigavam a sua vida. Entra em jogo nessas poéticas uma construção de estranheza na perspectiva freudiana do Estranho (*Unheimlich*).

No ensaio de 1919, Freud nos apresenta as palavras alemãs *Unheimlich* [estranho], e seu contrário *Heimlich* [familiar]. A partir desse contraponto, tendemos a acreditar que tudo que é estranho a nós, não nos é familiar. Freud investe contra esse argumento, realizando uma pesquisa de significados em diversos dicionários, concluindo que uma das formas significativas de *Heimlich* compreende algo secreto e oculto. Essa ambiguidade torna a palavra *Heimlich* paradoxalmente próxima de seu oposto, *Unheimlich*.

O que mais nos interessa nesse longo excerto é descobrir que entre os seus diferentes matizes de significado a palavra 'heimlich' exibe um que é idêntico ao seu oposto, 'unheimlich'. Assim, o que é heimlich vem a ser unheimlich. Em geral, somos lembrados de que a palavra 'heimlich' não deixa de ser ambígua, mas pertence a dois conjuntos de idéias que, sem serem contraditórias, ainda assim são muito diferentes: por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista. (FREUD, 1919/1996, p. 282)

Mergulhado nessas múltiplas significações, Freud compreende um campo de encontro entre familiaridade e estranheza, onde o que deveria permanecer oculto surge como algo familiar. Os trabalhos de Sophie Calle surgem nesse caminho, em busca de evidenciar o estranho-familiar, questionar a ideia de identidade e alteridade, articulando relações de intimidade com um outro previamente desconhecido e incerto. No início dos anos 80, Calle encontra uma agenda perdida em Paris, antes de enviá-la por correio ao dono, fotocopia

todas as páginas e se propõe a uma busca poética que culminará em um de seus trabalhos mais famosos, *The Address Book*. A artista passa a ligar para algumas pessoas listadas na agenda, intencionando descobrir através dos outros contatos, quem era o seu dono, sem nunca o conhecer diretamente. Somente a partir do relato dos outros ela pretende produzir um retrato e uma concepção do proprietário desconhecido. Nesse percurso, Calle marca encontros com contatos da agenda, escreve sobre essas reuniões, realiza fotografias e um ensaio poético visual, publicado posteriormente em um livro, que dá título ao trabalho.

Essas atividades inusitadas parecem lançar mão dessa dualidade explicitada em Freud sobre o Estranho. Calle propõe intimidades com o desconhecido e investiga o lugar em que o estranho vem à tona como familiar. A artista se reúne com diversas pessoas que antes não conhecia, propondo a elas uma colaboração para que o trabalho se desenvolva, ou seja, para que a artista construa através das conversas, mais familiaridades com o dono desconhecido da agenda, podendo assim formar uma imagem dele e uma ideia sobre quem ele é. O proprietário, ao tomar conhecimento do que Calle estava fazendo, decide processá-la. Essa reação deflagra a estranheza atada a familiaridade que a artista francesa estava construindo com aqueles contatos, que mantinham relações íntimas com o dono do objeto perdido.

O estranho-familiar parece ser a superfície poética em que Calle desenvolve suas obras. Em *The Address Book*, está em jogo a suposta identidade de um outro, mas Calle também é famosa por uma forte presença autobiográfica em algumas poéticas, nas quais coloca em crise a própria intimidade, fragmentos de sua própria vida são partilhados com diversos espectadores/participantes desconhecidos. Nesses casos, a artista se coloca como a desconhecida propondo aos outros a construção de certas familiaridades com sua vida pessoal apresentada em obra.

Em *Exquisite Pain*, Sophie narra uma história pessoal em forma de diário. Entre os acontecimentos descritos, pontua-se uma situação traumática. A trajetória central da narrativa aponta para um encontro que a artista havia marcado com seu namorado em um hotel na Índia, após viagem de um ano em que os dois não se viam. A expectativa de reencontro era grande, mas, sem dar qualquer notícia, ele não apareceu.

Sophie manteve guardadas em uma caixa todas as coisas atreladas a esse acontecimento, sem encorajar-se a reencontrá-las. Vinte anos depois, ela foi aberta e se tornou livro, onde a artista francesa relata os 92 dias até o momento de ser abandonada por seu parceiro, e os três meses posteriores que levou para se recuperar do acontecido. Cada página acompanha uma retrospectiva numérica sinalizada por um carimbo, indicando de

forma decrescente a aproximação ao dia do tão esperado reencontro. No dia zero encontramos apenas a imagem de um telefone vermelho em cima da cama do quarto de hotel, Sophie passa um longo tempo fitando aquela cena, na espera de alguma ligação. A partir desse momento o livro inicia a trajetória de três meses em que a artista conta seu processo de recuperação, que consistiu em narrar a história do acontecido para distintas pessoas, diversas vezes.

Alguns acontecimentos isolados, como esse abandono, podem ter valor traumático, e é interessante abordar as considerações freudianas sobre esse assunto em diálogo com o processo poético da obra. No trauma parece estar em jogo a subtração de uma posição, não havendo espaço para uma ab-reação, nem mesmo tempo útil para se responder suficientemente ao acontecimento no momento em que ocorre. Frente a situações traumáticas o sujeito não consegue reagir com respostas que lhe permitam descarregar os afetos investidos pelo ocorrido. Ao narrar repetidamente durante três meses o que havia se passado para diferentes pessoas, Sophie reelabora justamente essa posição que lhe é subtraída no evento traumático.

Diante de situações como essa, o sujeito que vivenciou o acontecimento traumático perde por um momento a posição de narrador de sua própria vida, parece desligado do controle da narrativa, e enfrenta um instante rompido em que sua possibilidade de resposta é furtada. Presencia-se aqui uma ausência de continuidade na linha dos acontecimentos. Para dar conta desse pedaço que falta, a pessoa pode explicar o ocorrido de diversas maneiras, encontrando causas e conseqüências, utilizando recursos dos mais criativos, com a intenção de montar uma fotografia em que ele se encontre posicionado de forma mais confortável na cena traumática. Através disso, parece possível apostar nesse processo criativo de montagem para remanejar o que foi vivido e tornar mais agradável a rememoração de algo que em si mesmo foi desagradável. Como confirma o professor e crítico Márcio Seligmann-Silva “Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer.” (SELIGMANN-SILVA, M, 2008. p. 66)

No suceder das páginas em que os relatos da história são contados, acompanha-se a mesma fotografia marcante do dia do acontecimento traumático, o telefone vermelho. Porém, percorrendo os relatos para as distintas pessoas, a imagem vai se apagando, até sumir. Ao pensarmos que a artista renasce e se recupera através de uma partilha da história traumática para distintas pessoas, iluminamos a ideia de que em algum momento ela havia perdido a si mesma, e precisaria então recuperar sua posição frente ao evento narrado. Sophie, em ação repetitiva, dá voz ao que conta Freud em *Além do princípio do prazer*:

Mesmo sob a dominância do princípio de prazer, há maneiras e meios suficientes para tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser rememorado e elaborado na mente. A consideração desses casos e situações, que têm a produção de prazer como seu resultado final, deve ser empreendida por algum sistema de estética com uma abordagem econômica a seu tema geral. (FREUD, 1920/2010, p.28)

A iniciativa poética da artista tem uma potência de reelaboração frente ao trauma, postura muito comum dentro da clínica, sendo a cena testemunhal, em que se propõe a escuta de certa narrativa traumática, típica ao campo da psicologia e psicanálise. A atividade artística de Sophie gira uma chave política de manifestação da teoria psicanalítica na cultura, e sua ativação junto a distintas pessoas.

Ao partilhar sua narrativa, a artista torna-a plural, evocando a multiplicidade de sentidos e significados que uma mesma história pode assumir quando contada para diferentes pessoas. Cada ouvinte se articula à história do outro e acende-a de outra maneira. Essa atividade de revelação da história pessoal como narrativa interessante ao outro, é um forte encontro entre a arte contemporânea e psicanálise. A arte sempre busca o olhar do outro, e também a fala no processo analítico se direciona a escuta do outro, sendo ele integrado dentro da concepção da narrativa. A narração teria, portanto, dentre os motivos que a tornavam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma ponte com “os outros”, de conseguir romper com os muros que trancafiavam o sujeito em sua vivência traumática (SELIGMANN-SILVA, M, 2008).

Evidencia-se o questionamento das fronteiras entre “eu” e o “outro” em considerações encontradas na psicanálise e mobilizadas por Sophie Calle tanto em *The Address Book* quanto em *Exquisite Pain*. A última obra que abordaremos, *Take Care of Yourself*, também parte do término de um relacionamento. Essa temática é curiosa quando o assunto são as “fronteiras do eu”, visto que o próprio Freud assinala considerações relevantes a respeito disso quando escreve sobre as relações amorosas:

No auge do sentimento de amor, a fronteira entre Eu e objeto ameaça desaparecer. Contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que “eu” e “tu” são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato.” (FREUD, 1930/1974, p.83)

Take Care of Yourself é o título do trabalho e também frase final do *e-mail* de término de relacionamento que a artista recebeu de um companheiro. A partir desta mensagem de correio eletrônico, Sophie convidou 107 mulheres para tomarem o seu lugar

de resposta naquela narrativa, interpretem e responderem de forma livre o *e-mail* a ela endereçado.

Se formos de encontro com algumas das respostas sugeridas pelas mulheres convidadas pela artista, percebemos como a história foi recriada por diferentes pessoas, que aconselharam, retrucaram e muitas vezes se assumiram como protagonistas em um momento de perda que parecia antes restrito à vida de Sophie. Há nessa poética uma partilha da história e emancipação do espectador como sujeito que vive uma experiência de construção narrativa quando em contato com a arte. Presencia-se, a partir da proposição da artista, um estímulo à ação de contar, desarranjadora da conceituação do processo histórico como unidirecional e singular, estando sempre a proliferar histórias, atualizando o objeto de arte em seus significados. Nessas múltiplas narratividades, propõe-se uma fala a variadas pessoas, deixa-se que a história admita diversas interpretações, permanecendo aberta, disponível para uma continuação.

Essa disponibilidade é o estímulo para as diversas narrativas que atualizam o significado e percepção daquele objeto deslocado, e remontam a história de um fragmento de mundo reorganizado pela obra de arte contemporânea. Quanto ao espectador, ao assumir-se como narrador junto da obra, termina por, através da fala, se reposicionar, se repercorrer e se reelaborar. Nesses movimentos, arte e psicanálise trabalham mutuamente as reelaborações de si e as fragmentações identitárias, questões tão caras ao momento contemporâneo. As narratividades aqui realizam pontes entre as fronteiras do “eu” e do “outro”, e podem ser importantes processos de reposicionamento no mundo após eventos traumáticos e durante o luto, como veremos a seguir.

A perda da pessoa amada certas vezes demanda um processo de luto até que a libido se desligue do objeto perdido. Certamente há um processo de recriação das fronteiras pessoais, que no auge do sentimento amoroso ameaçavam desaparecer. Essa atitude marca uma falta de interesse pelo mundo externo, justamente por ele não conseguir evocar o objeto perdido, como assinala Freud:

O luto profundo, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo — na medida em que este não evoca esse alguém —, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele (FREUD, 1916/1996, p.276)

Convidando distintas mulheres para ocupar seu espaço naquela situação, Sophie parece apostar em uma prática poética auxiliadora desse processo de luto e recriação das

fronteiras pessoais. Ao observar diferentes mulheres tomando sua posição naquele evento doloroso, a artista se percebe nos outros e também multiplica e reinterpreta sua história através deles. Também aqui há uma investida contra o muro de isolamento que prende o sujeito em uma narrativa ensimesmada.

A proposta da artista francesa lança uma aposta à psicanálise, através de uma prática artística contemporânea: poderia um processo poético como esse, desenvolvido fora da clínica psicanalítica, cumprir um papel terapêutico? As manifestações da Psicanálise na cultura ativam a teoria em uma perspectiva política? Podem arte e psicanálise cooperarem em práticas colaborativas? Não se sabe ao certo, mas entre esses dois campos, um mundo se recria; para vivenciar essas respostas, temos de habitá-lo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao revisitar a arte contemporânea através de perspectivas psicanalíticas, colocamos em crise esses dois campos, intencionando ir de encontro a frestas que atravessem discursos psicanalíticos e manifestações artísticas na contemporaneidade. Percebe-se que essa atividade de atritos e encontros evoca uma chave política de articulação entre arte e psicanálise onde, manifestada na cultura através de obras de artistas como Sophie Calle, a teoria psicanalítica pode expandir-se da clínica, assumir formas práticas junto ao mundo e atualizar suas concepções em campos expandidos de relação e reflexão.

Percebemos que na arte contemporânea, a abertura para uma prática mais libertária reformulou seus modos de relação com a psicanálise, talvez a prática contemporânea pudesse interessar mais a Freud justamente por não trabalhar com imagens fechadas como ele criticava em carta a Breton sobre o sonho imediato, e sim apresentar criações em aberto, sempre disponíveis para reelaborações. Também as práticas em jogo na arte contemporânea, ao proporem o espectador como narrador, estimulam a construção de narrativas, a fala, a escrita, a reelaboração de si, tão cara à atividade psicanalítica. Nessa pedagogia comum, arte e psicanálise estimulam a multiplicidade de histórias, a disseminação de narratividades e partilha da subjetividade.

Por hora, certas considerações Freudianas se fizeram superfície para desenvolvimento das práticas de Sophie Calle, mas isso não limitou o trabalho da artista as margens da teoria psicanalítica, pelo contrário, Calle pôde se articular às considerações sobre o estranho-familiar, o trauma, e o luto, e ampliá-las para além do que está escrito sobre esses conceitos. O fazer artístico é construção de conhecimento na medida em que se articula

a certos saberes para expandi-los, manifestá-los em distintas plataformas, colocá-los em crise, atualizá-los, relançá-los ao mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo a aposta de manter as perguntas ativas e despertar miríades de respostas possíveis, entendemos que as dúvidas lançadas no final da fundamentação teórica seguramente não possuem solução única, mas são atrito catalisador de investigações proveitosas. No momento atual, é forte a aposta política na psicanálise, sendo constantemente evocadas suas contribuições para o estabelecimento do processo democrático e manutenção das relações sociais. Também a arte em tendência coletiva/colaborativa vem apostando em suas potências políticas e ampliando seu campo de discussão. Os desenvolvimentos aqui apresentados são apenas pequena amostra de que a união entre esses dois campos pode ser um interessante articulador político e forte recurso de atualização e disseminação dos saberes, funcionando como um campo interdisciplinar que devemos nos atentar e investir.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1987.

BIRMAN, J. (1997). *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34

BRETON, A. *Manifestos do Surrealismo*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

CAMWELL, L. *The Muse Is Within*, In: Gamwell L, editor. *Dreams 1900-2000: Science, art, and the unconscious mind*. New York: State University of New York Press; 1999.

FREUD, S. (1916/1996) *Luto e 19ealiza19ade*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira, vol. 14. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1917/1990^a). *Isso 19ealiza19ade del psicoanálisis*. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., Vol. 17, pp. 125-136). Buenos Aires: Amorrortu.

_____. (1919/1996) *O Estranho*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol 17, História de uma neurose infantil e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1920/2010) *Além do princípio do prazer*. In: *Obras Completas*, Vol 14. São Paulo: Companhia das Letras, p.28

KAPROW, Allan. O Legado de Jackson Pollock. In: COTRIM, Cecília y FERREIRA, Glória (Org.). *Escritos de Artistas: anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 37-45.

SELIGMANN-SILVA, M. *Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. In: *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, Vol.20, n.1, 2008

LITERATURA E PSICANÁLISE: A SOLIDÃO NOS MISTÉRIOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA EM A HORA DA ESTRELA

Ray da Silva Santos, PPGCINE/UFS
Débora Wagner Pinto, PPGCINE/UFS
Luíz Gustavo Pereira de Souza Correia, PPGCINE/UFS

O MISTÉRIO DA CRIAÇÃO LITERÁRIA: as inquietações subjetivas do escrito

Este artigo consiste numa análise do livro *A Hora da Estrela* (1977), de Clarice Lispector, destacando questões da criação literária, segundo os pressupostos psicanalíticos, de Freud, e literários, de Rilke. Para tanto, realizamos uma breve revisão bibliográfica sobre o tema e, posteriormente, fizemos uma análise qualitativa da obra clariceana supracitada, mediante principalmente o auxílio do fichamento.

O processo criativo do escritor, conforme Freud (1996), se torna um grande mistério para nós leigos e desperta a curiosidade, em nós, de conhecer de onde os poetas retiram os seus materiais e como eles conseguem escrever sobre o mundo de uma forma criativa, despertando também emoções em quem lê. Em *Escritores criativos e devaneios*, Freud (1996) se debruça a dissertar a respeito da relação entre o brincar infantil e a criação literária, demonstrando que o processo criativo é árduo, circunscrito de prazer e desprazer, e também de um mergulho nas fantasias.

Segundo Freud (2010), a cultura, essa que diferencia o homem dos animais, é constituída por diversas regras que, de certa maneira, podam os instintos humanos. O homem é angustiado, com remorsos, já que sempre é necessário se adequar às regras sociais, sendo moldado e alienado. Na civilização, a sensação do bem-estar e da segurança é elevada, em detrimento da satisfação das pulsões (sendo que nunca haverá a satisfação total das pulsões, é sempre parcial).

A pós-modernidade surge com a ideia da vida segura e organizada, mas vemos o conhecimento sendo utilizado também para a autodestruição, o surgimento de guerras na procura de adquirir a ideia de poder é um exemplo evidente, bem como as relações sociais estão mercantilizadas, automatizadas e individualizadas. Nisso, percebemos que a civilização, conforme Bauman, está em estado “líquido”. Conforme Freud (2010), as pessoas têm a riqueza, o poder e o sucesso como principais valores da vida e subestimam outros elementos, como o amor, o companheirismo.

O sujeito não adquire a satisfação das suas pulsões, pois as regras, as normas da civilização podam e moldam os desejos, assim, percebe-se que ele “é escravo de um impulso que o impele para um prazer cuja natureza é, ao mesmo tempo, paradoxal, pois em nada se confunde com o bom ou o agradável” (BAUMAN; DESSAL, 2017, p. 21). Isso é decorrente, conforme Freud (2010), de na psiquê haver pulsões de vida (*Eros*) e pulsões de morte (*Todestrieb*), o “bem e o mal”.

Para ser feliz – ou ter uma vida suportável – seria necessário poder agir completamente segundo os desejos e impulsos, bem como, de acordo com as normas que garantem a segurança de todos os cidadãos, “já que a segurança sem liberdade equivaleria à escravidão, ao passo que a liberdade sem segurança desataria o caos, a desorientação e uma perpétua incerteza, redundando em impotência para agir de forma resoluta. Mas ambas são e continuarão a ser para sempre inconciliáveis” (BAUMAN; DESSAL, 2017).

Nos tempos de Freud, por volta da década de 1900, os cidadãos renunciavam uma porcentagem da segurança em troca da diminuição de restrições que os impediam de se aproximar um pouco mais da liberdade; agora, percebe-se que boa parte da população cederia um pouco da sua liberdade para “[...] emancipar-se do aterrador espectro da insegurança existencial” (BAUMAN; DESSAL, 201, p. 19). Dessa maneira, “o ‘progresso histórico’ faz pensar mais num pêndulo que numa linha reta” (BAUMAN; DESSAL, 2017, p. 19), presenciamos o “retorno do pêndulo”.

De acordo com Freud (2010), na psiquê do sujeito acontece a batalha entre o princípio de prazer, que tenta eliminar todas as energias do id, e o princípio de realidade, que reconhece a existência de um mundo exterior regido por regras, que é o ego. Essa disputa é mediada pelo superego, o herdeiro do complexo de Édipo e, assim, simboliza a lei – é a internalização das normas sociais, culturais e demonstra que para cada ação haverá uma reação.

Em *Luto e Melancolia*, Freud (2011) problematiza que quando o sujeito se aproxima do objeto que tanto desejava, passa a liberar suas energias libidinais. No entanto, quando ele perde tal objeto, se torna necessário a retirada dessas energias, vivenciando, assim, o afeto normal do luto. No entanto, há casos que esse afastamento acontece de forma turbulenta, o sujeito passa a se afastar da realidade e busca manter contato alucinatório com o objeto, pois não quer perder os momentos de satisfação, surgindo a melancolia e seus efeitos, como a baixa autoestima, punições delirantes, incapacidade de ir em busca de novos objetos de amor.

Para Freud (2010), a vida se torna dolorosa e há alguns inimigos da felicidade: a falência e fragilidade do corpo; a natureza com toda a sua força; e os Outros e as relações interpessoais. Segundo Dessal (2017), a quarta causa do sofrimento é o próprio homem: “[...] o homem encontra em si mesmo a mais intensa e incontrolável fonte de sofrimento” (p. 22); o sujeito é abraçado por Thanatos, a personificação da morte, assim, “estamos sempre ameaçados diante da possibilidade de nossa própria traição” (p. 22).

Corroborando com o que foi dito, Clarice Lispector, em entrevista concedida ao repórter Júlio Lerner, no programa Panorama, da TV Cultura, em 1977, afirmou que é um segredo, o momento em que a solidão e a tristeza surgem no homem; além disso, ela faz questão de ressaltar ser uma pessoa alegre e que às vezes a tristeza advém do cansaço:

Júlio Lerner: A partir de que momento, de acordo com a escritora, o ser humano vai se transformando em triste e solitário?

Clarice Lispector: Ah, isso é segredo. Desculpe, não vou responder. A qualquer momento da vida, basta um choque um pouco inesperado e isso acontece. Mas eu não sou solitária. Tenho muitos amigos. E só estou triste hoje porque estou cansada. No geral sou alegre (PANORAMA, 1977).

Conforme Bauman e Dessal (2017), na civilização a eutopia está no baú com a utopia; as pessoas são coagidas a formar a sociedade e se submeter às suas normas, “e onde há coação, isto é, onde as pessoas se veem obrigadas a manter comportamento diferente daquele que suas inclinações naturais ditam, há insatisfação e dissensão, na maior parte do tempo sufocados, reprimidos ou desviados, mas evidentes de vez em quando” (p. 26).

Do olho do redemoinho desse caos saem ramificações que impulsionam à criação literária, pois, segundo Carvalho (1994), a escrita busca inicialmente dar forma a esse caos e ao não-sentido, de uma forma muito pessoal, sempre atrelada à subjetividade do sujeito. O não-sentido diz respeito principalmente à “[...] sensação do vazio que se segue a uma perda, ou a uma experiência de ausência, de algo que se calou e se foi, ou que faltou” (CARVALHO, 1994, p. 06).

Como forma de conseguir conviver com a realidade, há formas substitutivas de satisfação, dentre elas encontram-se as fantasias e a sublimação. A fantasia diz respeito às construções imaginárias realizadas pela psiquê do sujeito mediante as experiências do dia a dia que vão deixando marcas inconscientes; é uma das maneiras do sujeito de lidar com o mundo:

A fantasia é uma ação que se organiza seguindo os contornos do objeto pulsional pela qual o sujeito se precipita, foge para mais adiante. Assustado com a ocorrência, angustiado diante do enigma do desejo do Outro, o sujeito se restabelece com uma imagem que lhe vai servir de apoio. Pois, sendo a fantasia

uma construção, não se pode construí-la do nada, são necessários materiais e modelo (NASIO, 1980 p. 72).

Já a sublimação consiste em reorientar os objetos instintivos para outro caminho, a saber, a criação artística, as produções intelectuais: “a sublimação do instinto é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela se torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada” (FREUD, 2010, p. 60).

Para a escritora Clarice Lispector, “a escrita lhe trouxe alívio, permitiu ser estrangeira, a desenxergar o mundo e enxergar a essência” (SANTOS, FERREIRA, SANTOS, 2017, p. 11):

Júlio Lerner: Rilke, em seu livro “Cartas a um Jovem Poeta”, respondendo a uma das missivas, pergunta a um jovem que pretendia se tornar escritor: se você não pudesse mais escrever, você morreria? A mesma pergunta eu transfiro a você.

Clarice Lispector: Eu acho que, quando não escrevo estou morta.

Júlio Lerner: Esse período?

Clarice Lispector: É muito duro, esse período entre um trabalho e outro, e ao mesmo tempo é necessário para haver uma espécie de esvaziamento para poder nascer alguma outra coisa, se nascer. É tudo tão incerto...

[...]

Júlio Lerner: Mas você não renasce e se renova a cada trabalho novo?

Bom, agora eu morri. Mas vamos ver se eu renasço de novo. Por enquanto eu estou morta. Estou falando do meu túmulo (PANORAMA, 1977).

Nisso, percebemos que a vida artística é inacreditavelmente próxima e semelhante à vida sexual, com suas dores e prazer: elas sentem o mundo por meio das zonas corporais (RILKE, 2009). Mediante as excitações que o mundo exterior e interior provoca, surgem energias libidinais e que buscam objetos para se satisfazerem; para eclodir o ato de sublimar, necessita-se também do mergulho dentro de si. Ou seja, se faz necessário, conforme Rilke (2009), atingir a solidão interior tão quanto as crianças: elas mergulham dentro de si, em seu mundo, enquanto os adultos dão seus passos todos preocupados com os seus afazeres e exigências que o mundo da civilização impõe.

A HORA DE RODRIGO S.M. E DA ESCRITA

Clarice Lispector surge no mundo literário de forma incisiva, em 1945, com uma linguagem que quebra as regras impostas pela sintaxe, fonética e morfologia. Em seus escritos, há tentativas de penetrar na essência da essência e de descobrir algo a mais sobre o sujeito; evidencia os conflitos entre o *eu* e o mundo, e a angústia que surge ao se deparar com uma realidade conflituosa e excludente. Conforme Candido (1977), no modernismo

houve grande expansão no aspecto ideológico e certo comodismo na expansão estética da palavra literária, “quase ninguém, toda vida, chegou a dar uma demonstração de verdadeira força *mental*, não física ou emocional” (p. 125), pois “os nossos romancistas se contentam com posições já adquiridas, pensando naturalmente que o impulso generoso que os anima supre a rudeza do material” (p. 126), mas Clarice surge, como já dito, com uma nova forma de escrever.

Em *A Hora da Estrela*, publicado originalmente em 1977, Clarice Lispector dá voz a um dos personagens principais da narrativa, Rodrigo S.M., que é o sujeito ficcional encarregado para contar a história da jovem nordestina Macabéa. Mas antes de conhecermos a migrante, nos deparamos com um discurso metalinguístico a respeito da arte de escrever, dos seus mistérios – um ambiente repleto de areia movediça.

Inicialmente, Rodrigo S.M. nos impulsiona a pensar sobre a origem das coisas, do mundo, das moléculas, do pensar, do que há antes do momento que agora já se torna um passado; com isso, percebemos que sempre houve algo que passou por transformações e se transformou em outro objeto, um algo que, na maioria das vezes, é inexplicável, que faz parte das nossas experiências e que nos metamorfoseou, mesmo sem nos lembramos o que seja: “tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou” (LISPECTOR, 1998^a, p. 11).

Além disso, o narrador enfatiza, ao ser suas primeiras palavras sobre a história da jovem, que a vida surge com o *sim*. Esse sim que, em Gêneses, é a voz do onipotente e onipresente criador do mundo, é também revelador do poder da palavra (linguagem) na passagem do indivíduo para sujeito – esse é construído mediante as experiências sensoriais que passa a ter durante a sua existência e é alienado aos significantes do Outro. A maneira singular de escrever os sentidos e a simplicidade das palavras refletem na personagem e no andamento da narrativa: “Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz conteúdo. Escrevo, portanto não por causa da nordestina, mas por motivo grave de “força maior”, como se diz nos requerimentos oficiais, por ‘força de lei’” (LISPECTOR, 1998^a, p. 18).

Com isso, percebemos o quão escrever é uma tarefa de entregar-se ao momento, ao seu ser, ao seu corpo, sentir as sensações que nele habitam: “pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo” (LISPECTOR, 1998^a, p. 11). O ato da escrita necessita da solidão, do mergulhar no seu interior e aproximar-se da

simplicidade da vida e das palavras. Nas palavras de Rodrigo S.M.: “que não se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho” (LISPECTOR, 1998^a, p. 11), pois a verdade – aquelas respostas que tanto procuramos na tentativa de dar sentido ao campo do Real – “[...] é sempre um contato interior e inexplicável” (LISPECTOR, 1998^a, p. 11). A simplicidade é necessária para conseguir nomear os sentimentos e as impressões que a jovem provocou nele, logo, escrever é também carpintar:

Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais, as informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas, informações essas que penosamente me vêm diante de mim para mim mesmo, é trabalho de carpintaria (LISPECTOR, 1998^a, p. 14).

Se a verdade habita dentro de cada sujeito, ela está mergulhada junto ao imaginário, esse campo que, ao tentarmos nomeá-lo, nos levará para a incompletude, pois os significantes não conseguem cobrir todo o significado, sempre haverá algo que sobra e que nos remeterá a outros significantes. Rodrigo S.M. não desconhece tal ideia e afirma: “A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique. Meu coração se esvaziou de todo desejo e reduz-se ao próprio último ou primeiro pulsar” (LISPECTOR, 1998^a, p. 11). Assim, afirma:

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias. Mas preparado estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos. Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e o seu desespero. E agora só queria ter o que eu tivesse sido e não fui (LISPECTOR, 1998^a, p. 21).

Os acontecimentos são difíceis de ser apreendidos, grande parte deles são indizíveis e onde se realizam as palavras só aproximam do seu limiar; as obras de artes são acontecimentos detentores de mistérios existenciais: as suas vidas perduram, enquanto as nossas passam (RILKE, 2009).

A incompletude impulsiona a seguir em frente na busca de significantes que se aproximem do significado, das sensações e, com isso, a história, tanto da jovem Macabéa, quanto de Rodrigo S.M., de Clarice Lispector e dos possíveis leitores passa a ser construída: “Sim, mas não esquecer que para escrever não-importa-o-quê o meu material básico é a palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evola um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases” (LISPECTOR, 1998^a, p. 14). A partir do momento que tentamos nomear a coisa, ela passa a *ser*: “Mas que ao escrever –

que o nome real seja dado às coisas. Cada coisa é uma palavra. E quando não se tem, inventa-se-a. Esse vosso Deus que nos mandou inventar” (LISPECTOR, 1998^a, p. 17).

A narrativa, a qual o narrador se prepara para contar e nos prepara para receber, é permeada por uma dor de dentes que nos fazem mastigar com calma cada palavra que vamos nos deparando. Assim, se torna possível olhar atentamente o que está por vir, aproximar-se com calma e alta sensibilidade, para assim, poder sentir melhor.

Como diz Rodrigo S.M., “a vida é um soco no estômago” (LISPECTOR, 1998^a, p. 83). De acordo com Homem (2018^a), Clarice reconhece essa dor e se arrisca no fazer literário; seus textos não massageiam o ego, não amenizam as intensidades do bem e do mal, ela escancara o que é o real, suas palavras dizem de maneira escorregadia. Suas narrativas, escritas sem pele, causam estranhamento, desestabilizam o leitor, impulsionam-no a ir adiante em busca de respostas e de mais perguntas desconcertantes; seus escritos, ressalta Homem, se tornam uma espécie de “literatura antiajuda que ajuda”.

A dor também tem outras raízes, pode advir de uma vida castigante, de momentos tensos e que não foram ressignificados de uma forma que pudessem permitir o crescimento interior, assim, distanciam o sujeito da felicidade: “então eu canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente – é a minha própria dor, eu que carrego o mundo e há falta de felicidade” (LISPECTOR, 1998^a, p. 11).

De acordo com Freud (1996), enquanto criança, o sujeito brinca à vontade, mas quando cresce, passa a ocupar um novo lugar social carregado de obrigações e o ato de brincar se torna vergonhoso: “acalenta suas fantasias como seu bem mais íntimo, e em geral preferiria confessar suas faltas do que confiar ao outro suas fantasias” (p. 81). Assim, ao invés de brincar, o adulto fantasia, pois é difícil para o homem conseguir abdicar de um prazer que experimentou. Nisso, vemos que a escrita tem algumas raízes na dor, na tristeza, na doce e amarga solidão.

Um dos mistérios que circundam a criação literária está estritamente ligado à solidão do sujeito: para escrever, se faz necessário voltar para si mesmo, mergulhar no seu interior, vasculhar e investigar as forças que o impelem a escrever – questionar se há realmente essa necessidade de escrita. Se a resposta simplesmente surgir com o “preciso”, deve se entregar às palavras (RILKE, 2009).

Segundo Homem (2018^b), solidão é uma palavra que na prática não tem muita existência, ela é uma condição estrutural dos sujeitos de ser só, pois todos nós nascemos e morremos só, estamos sozinhos dentro do nosso próprio corpo. As experiências que temos são vividas somente por nós, altera a nossa subjetividade de forma única. Pode-se trocar

experiências, mas para se viver necessariamente não necessita de *estar junto com*; há a possibilidade de se viver só, não se deve está preso nos moldes da civilização de se viver em dupla, pois essas micro células de dois se torna um caldeirão recheado de muitas loucuras e de pulsões, energias. Assim, “[...] esse sentimento de solidão é em grande medida um não fazer o luto dessa condição estrutural humana da solidude” (HOMEM, 2018b). Homem afirma que o real pensamento é aquele que vem da solidão, ele é plenamente solitário; as identificações sociais de certa forma impõem ideias e tira a individualidade do sujeito, é um jogo neurótico onde um replica a ideia do outro (HOMEM, 2018b).

As histórias nascem mediante as forças pulsionais que gritam dentro do corpo e clamam para ser ouvidas. O ato de escrever se torna uma espécie de inscrição simbólica das pulsões, assim, “escrever salva, à medida que permite esvaziar a alma” (SANTOS; CARVALHO, 2017, p. 26). O ato da escrita surge como um dos caminhos sublimes para saciar os desejos, para realiza-los mesmo que seja parcialmente.

Para o momento de criação, o silêncio e, principalmente, o isolamento necessita ser instalado: um isolamento interno que permita aproximar-se e reencontrar aquele silêncio que habita entre o eu e o outro. Nesse espaço e nesse efêmero momento, o escritor pode explorar – livre das regras sociais – várias maneiras de viver, os seus fantasmas, contar a sua versão dos fatos (CARVALHO, 1994)

A escrita é um entrar para dentro e nisso surge o perigo de se desnudar: “Não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados” (LISPECTOR, 1998^a, p. 19); as palavras refletem o que está à sua volta, bem como o que habita dentro do sujeito. Dessa maneira, como consequência, revela o bem e o mal que há dentro de cada um; a narrativa que está nascendo é interior e explícita, invade na psiquê da jovem nordestina e escancara os seus pensamentos, os seus silêncios e sonhos:

Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita. De onde no entanto até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e logo se coagular em cubos de geléia trêmula. Será essa história um dia o meu coágulo? Que eu sei. Se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial (LISPECTOR, 1998^a, p. 12).

O desvendar do bem e o mal que há nos sujeitos também pode ser percebido no romance clariceano *A Paixão Segundo G.H.* (1964), ao tratar, segundo Rosenbaum (1999) do tema morte de uma forma sutil e metamorfoseada, revelando, assim, um estilo sádico. O livro tem como personagem central uma mulher de classe média, nomeada apenas pelas

iniciais G.H., que está penetrada no seu cotidiano. A narrativa introspectiva se desenvolve em um monólogo que traz discursos a respeito dos problemas existenciais do *eu* com o mundo. Após a saída da secretária do lar, G.H. vai ao quarto reservado para os funcionários, encontra uma barata, esmaga-a, come-a, sente náusea e entra em contato com a secreção branca do inseto asqueroso, impulsionando, assim, o êxtase da revelação do *eu*. As inquietações da personagem, do modo pela qual são escritas, assemelham-se com o processo de associação livre, os sentimentos e sensações são escritos por Clarice da maneira que brotam no pensamento.

Em vista disso, percebemos que, segundo Rilke (2009), para escrever, deve-se olhar para o redor, para a natureza, para os fatos do cotidiano como se fosse o “primeiro homem com o seu primeiro olhar” e, assim, descrever os sentimentos, as angústias, as imagens, os sonhos. Para os poetas, os ambientes não são pobres e nem insignificantes, cabe ao sujeito evocar as riquezas que estão nas entrelinhas do lugar.

A narrativa *A Hora da Estrela* ganha forças para sair do imaginário, percorrer pelo simbólico e fazer parte do real porque escrever se torna uma das formas de viver. A história é crua:

o que escreverei não pode ser absorvido por mentes que muito exijam e ávidas de requintes. Pois o que estarei dizendo será apenas nu. Embora tenho como pano de fundo – e agora mesmo – a penumbra atormentada que sempre há nos meus sonhos quando de noite atormentado durmo (LISPECTOR, 1998^a, p. 16).

A história da jovem é verdadeira, porque fala da simplicidade que há em cada sujeito e também da pobreza enquanto falta: somos seres faltantes, com um vazio existencial e estruturante, busca-se o “delicado essencial”. A narrativa fala da falta, o sujeito é faltoso e silenciosa Macabéa desejava.

A história de Macabéa aparentemente advém de uma experiência tida pelo narrador há dois anos antes de ele começar a escrever sobre os passos da jovem. É uma história circular, em que o começo e o fim estão unidos como o símbolo do infinito: “Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – por que preciso registrar os fatos antecedentes” (LISPECTOR, 1998^a, p. 12); em suas palavras, a morte justifica e dá sentido à vida, é a perda de algo que impulsiona irmos à frente, bem como, nomeia-se algo que não possui, momentaneamente, sentido – é “vazio”, “inexistente” para o sujeito que está ali diante.

Segundo o narrador, a inspiração de escrever tal história surgiu ao andar em certa rua do Rio de Janeiro e se deparar com uma moça nordestina – essa responsável por exalar

no ar o sentimento de perda. Além disso, ele ressalta que já morou no Nordeste: “também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe” (LISPECTOR, 1998^a, p. 12). Conforme Carvalho (1994), essa necessidade de escrever pode nascer a partir da vivência do luto – sendo da perda concreta de um objeto ou da aproximação a um vazio – e também das tentativas de desvelar o não-dito, decifrar enigmas, de um mito, segredos: “a produção literária serve bem a esta necessidade de ‘nomear o inominável’, de dar sentido ao que não tem sentido, de representar uma ausência, de substituir aquilo que se foi, recuperando-o em outro registro” (p. 06).

Somos sujeitos edificados mediante as experiências e muitas delas se encontram em nosso inconsciente, inacessíveis, por hora, ao consciente. Quando se escreve, o inconsciente fala, habita entre o limiar das palavras. Sendo assim, se torna inevitável não falar das influências da vida do escritor para com a sua obra.

Sabemos que Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, mas veio para o Brasil ainda quando criança, morou em Maceió e logo depois foi para Recife, onde passou toda a sua infância. O sentir o mundo, como os nordestinos, habita na sua psiquê, logo, ela tem prioridade para escrever sobre a jovem e também para criticá-la na tentativa de lhe propor melhorias, uma vez que é o seu lugar de fala, por isso, “é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio” (LISPECTOR, 1998^a, p. 13) e complementemente afirmando: “Mas tenho o direito de ser dolorosamente frio, e não vós. Por tudo isto é que não vos dou a vez” (LISPECTOR, 1998^a, p. 11).

Ademais, em entrevista concedida à TV Cultura, Clarice Lispector afirma estar escrevendo uma novela e suas explicações a aproximam da personagem Macabéa e principalmente de Rodrigo S.M.:

Júlio Lerner: Antes de nos encontrarmos aqui no estúdio você me dizia que está começando um novo trabalho agora, uma novela...

Clarice Lispector: Não, eu acabei a novela.

Júlio Lerner: Que novela é essa, Clarice?

Clarice Lispector: É a história de uma moça que só comia cachorro-quente. A história é de uma inocência pisada, de uma miséria anônima...

Júlio Lerner: O cenário dessa novela é...

Clarice Lispector: É o Rio de Janeiro...Mas o personagem é nordestino, é de Alagoas...

Júlio Lerner: Onde você foi buscar a inspiração, dentro de si mesma?

Clarice Lispector: Eu morei no Recife, me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro tem uma feira de nordestinos no Campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá. E peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí começou a nascer a ideia. Depois eu fui a uma cartomante e ela disse várias coisas boas que iam acontecer e imaginei, quando tomei o táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas aquelas coisas

boas. Então a partir daí foi nascendo também a trama da história (PANORAMA, 1977).

Durante o discurso metalinguístico, podemos notar mais algumas marcas da Clarice Lispector no texto. Na narrativa o narrador afirma: “eu não sou intelectual, escrevo com o corpo” (LISPECTOR, 1998^a, p. 16), e “É. Parece que estou mudando de modo de escrever. Mas acontece que só escrevo o que quero, não sou um profissional – e preciso falar dessa nordestina senão sufoco” (LISPECTOR, 1998^a, p. 17). Na entrevista, ao ser questionada sobre a profissão de escritora, Clarice disse não ser uma profissional e sim uma amadora:

Júlio Lerner: Clarice, a partir de qual momento você efetivamente decidiu assumir a carreira de escritora?

Clarice Lispector: Eu nunca assumi.

Júlio Lerner: Por quê?

Clarice Lispector: Eu não sou uma profissional, eu só escrevo quando eu quero. Eu sou uma amadora e faço questão de continuar sendo amadora. Profissional é aquele que tem uma obrigação consigo mesmo de escrever. Ou então com o outro, em relação ao outro. Agora eu faço questão de não ser uma profissional para manter minha liberdade (PANORAMA, 1977).

Direcionando nossas discussões para o que a obra fala de si, percebemos que, nessa narrativa, diferente das outras, há “início, meio e fim”, seguindo uma estrutura clássica; assim, se torna possível conhecer, mediante o olhar do narrador, com detalhes fragmentos da vida da alagoana Macabéa:

A história – determino com livre-arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S.M. Relato antigo, este, pois não quero ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade. Assim é que experimentei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e “gran finale” seguido de silêncio e de chuva caindo (LISPECTOR, 1998^a, p. 13)

De acordo com Rilke (2009), dentro de si, em sua solidão, as sementes germinarão por completo nas malhas do ser, no inconsciente, em um ponto onde a razão não reina. Sendo assim, é preciso saber lidar com o tempo: se faz necessário aguardar e deixar brotar naturalmente a clareza artística. Ser artista é saber compreender o tempo, deixar-se amadurecer como as árvores, sem pressa e sem temor. Com isso, Rodrigo S.M. demonstra que uma das grandes tarefas de ser escritor é conseguir lidar com o tempo:

Pergunto-me se eu deveria caminhar à frente do tempo e esboçar logo um final. Acontece porém que eu mesmo ainda não sei bem como esse isto terminará. E também porque entendo que devo caminhar passo a passo de acordo com um prazo determinado por horas: até um bicho lida com o tempo (LISPECTOR, 1998^a, p. 16).

Observamos, também, discussões acerca de qual seria um dos papéis dos escritores, como, por exemplo, problematizar a realidade, transformá-la em palavras escritas e revelar o que há de positivo e negativo na sociedade. Assim, vemos que:

o que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares dela. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida.

Porque há o direito ao grito.

Então eu grito.

Grito pulo e sem pedir esmolas (LISPECTOR, 1998^a, p. 13).

Ao debater sobre a realidade concreta, conforme Candido (2011, p. 177-179), o autor permite que o leitor viva e problematize dialeticamente os problemas apresentados na obra. O novo mundo é apresentado pelo escritor por meio de palavras organizadas, detentoras de uma estrutura e coerência própria e, conseqüentemente, reordenam a nossa mente a fim de transmitir sentidos. Com isso, tornamo-nos mais capazes de (re)organizar as ideias, sentimentos e a visão que possuímos do mundo, para assim, poder compreender as construções linguísticas que nos foram entregues como um todo articulado.

A literatura é um espaço de sonho e também de recriar, denunciar e problematizar a realidade. Compagnon, em *Literatura para quê?* (2009), elenca quatro funções da literatura, indicando, portanto, o seu porquê: ao promover o contato com novas experiências, a literatura melhora o homem; contesta o poder, enfrenta a opressão e a alienação, por consequência, é um remédio; a literatura ultrapassa as margens da língua, inova-a, dá-nos as palavras que precisávamos para nomear o que há dentro de nós; por fim, negando qualquer poder, é um meio de fruição, distração.

Durante a apresentação da sua personagem principal, Rodrigo S.M. critica escancaradamente, por meio da ironia, os discursos machistas da sociedade. Conforme Homem (2018c), enquanto a mulher passou muito tempo sem ter os mesmos direitos sociais do homem, o homem foi impedido de demonstrar seus sentimentos, pois, revelar sentimentos, para a sociedade patriarcal, é sinônimo de fraqueza:

Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás – descubro eu agora – também eu não faço a menor falta, e até o que eu escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas (LISPECTOR, 1998^a, p. 14).

Conforme Rilke (2009), o escritor não se pode deixar levar pela superficialidade, pois nos locais profundos tudo se torna lei, e nem se levar pela complicação e multiplicidade do caos, porque a beleza da virgem é a maternidade, nascimento; é o que se teme, mas

também o que se anseia. Produzir é dar à luz, para tanto, os sujeitos devem se unir como seres humanos. A força do escritor está na solidão: “Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite. Embora não agüente bem ouvir um assovio no escuro, e passos” (LISPECTOR, 1998^a, p. 18).

Aproximar-se de si é encostar na áurea do vazio: “Mas o vazio tem o valor e a semelhança do pleno. Um meio de obter é não procurar, um meio de ter é o de não pedir e somente acreditar que o silêncio que eu creio em mim é resposta a meu – a meu mistério” (LISPECTOR, 1998^a, p. 14). Conforme Freud (1996), o escritor criativo mergulha no vazio e na imaginação, brinca com as palavras e cria um mundo pautado nas fantasias, investindo também muita emoção; nesses momentos ele consegue realizar, de forma clara, a separação, mesmo que efêmera, entre o mundo da fantasia e o da realidade.

Escrever é autodescoberta, é aproximar-se do destino: “Desculpa-me mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino. Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?” (LISPECTOR, 1998^a, p. 15).

As digressões do narrador a respeito do ato de escrever percorrem por toda a narrativa. Elas voltam a aparecer, de forma incisiva, quando Macabéa atinge a sua “hora da estrela”. Nesse momento, Rodrigo S.M. nos mostra que as histórias ganham forças e se tornam incontrolláveis, seguindo o fluxo de consciência e, por sua vez, assemelhando-se ao processo de associação livre. Ao se deparar com a sua criação no chão e ensanguentada, afirma:

Eu ainda poderia voltar atrás em retorno aos minutos passados e recomeçar com alegria no ponto em que Macabéa estava de pé na calçada – mas não depende de mim dizer que o homem alourado e estrangeiro a olhasse. É que fui longe demais e já não posso mais retroceder. Ainda bem que pelo menos não falei e nem falarei em morte e sim apenas um atropelamento (LISPECTOR, 1998^a, p. 80).

De acordo com Rilke (2009), é necessário amar a solidão e suportar as suas intensas cargas de prazer e desprazer, porque elas darão vida a belos lamentos: “pois o que são próximos do senhor estão distantes, é o que diz, e isso mostra que o espaço começa a se ampliar à sua volta. Se o próximo está longe, então o que é distante vaga entre as estrelas na imensidão” (RILKE, 2009, p. 49); por isso a solidão é-será um lar.

A morte da sua personagem reflete a morte simbólica do narrador-escritor, esse sujeito ficcional que ganha vida ao escrever; Rodrigo S.M., ao se deparar com a sua criação

dando seus últimos suspiros, afirma que enquanto houver morangos, haverá vida, experiências, e pulsões que o impulsionarão a escrever:

E agora – agora só me resta acender um cigarro e ir para casa. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas – mas eu também?!
Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos.
Sim (LISPECTOR, 1998^a, p. 81).

A narrativa termina com o sim, a palavra que faz surgir vida do caos, que escreve estrelas – seres ficcionais que andam e também vagam em busca do seu momento de brilhar, Nisso, entende-se que escrever é se deixar seduzir pelo enigma, e a partir disso se reestruturar: “se a perda é inaugural – e sabemos o quanto a psicanálise acentua esse ingrediente na própria construção de um aparelho psíquico, dela dependendo inclusive todo o acesso à linguagem – é certo também que precisamos superar essa ferida constituinte que a ausência do outro criou dentro de nós” (CARVALHO, 1994, p. 06).

As estrelas também formam as constelações que, como em algumas culturas, se tornam palavras do destino – por isso, o narrador não consegue impedir Macabéa do “seu dormir profundamente”, pois muitas vezes, tudo já estava escrito nas estrelas. Quando se termina o livro, o escritor passa pelo processo de luto e começa a reorganizar as suas energias pulsionais. Rodrigo S.M. segue seu caminho. Segundo Rosenbaum,

Quando Freud compara o sonhador com o escritor, com a criança que brinca e com o neurótico, mostra que há em todos um primeiro momento de afastamento da realidade insatisfatória, que recebe uma correção reparatória no sonho, no jogo infantil e na neurose. Mas, o artista sabe encontrar seu caminho de volta, pois dá forma às suas fantasias e o que seria um produto narcísico e a-social torna-se uma comunicação com a cultura, permitindo inclusive que o público suspenda as suas próprias defesas e se gratifique com a realização do desejo alheio (ROSENBAUM, 2012, p. 08).

No romance de Clarice Lispector vemos um narrador que está se conhecendo, descobrindo a sua identidade e ao mesmo tempo é o responsável por apresentar a jovem nordestina e a contar a sua história: os dois se constroem juntos. A saga de Rodrigo S.M. e Macabéa, com seus dilemas e riqueza linguística e estética, coloca pertinentes problemas sociais e promove um rico discurso metalinguístico sobre o ato de escrever, mostrando o mergulho no campo do simbólico na tentativa de nomear as sensações e pulsões.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt; DESSAL, Gustavo. **O retorno do pêndulo**: sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido. Tradução de Agélica d'Avila Melo. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 2 ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1997.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CARVALHO, Ana Cecília. O processo de criação na produção literária: um depoimento. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 14, n. 1-3, p. 4-9, 1994 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931994000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 dez. de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931994000100002>.

COMPAGNON, Antonie. **Literatura para quê?**. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: editora UFMG, 2009.

FREUD, Sigmund (1908). **Escritores Criativos e Devaneios**. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. E.S.B., Rio de Janeiro: Imago, vol. 9, 1996.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FREUD, Sigmund (1908). **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930/1936)**. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. E.S.B., Rio de Janeiro: Imago, vol. 9, 1996. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOMEM, Maria Lucia. **Clarice Lispector**: a vida é um soco no estômago. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UQNtNas-qPg>>. Acesso em: 25 de dez de 2018^a.

HOMEM, Maria Lucia. **A importância de estar só**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4eyz5-uNGMA>>. Acesso em: 25 de dez de 2018b.

HOMEM, Maria Lucia. **CLAUDIA Coaching – Maria Homem comanda o painel “Novas possibilidades para o amor”**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EndDDfeuwqQ>>. Acesso em: 25 de dez de 2018c.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998^a.

LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

NASIO, Juan David. Objeto da Fantasia In: **A criança magnífica da psicanálise – o conceito de sujeito e objeto na teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1980.

Panorama com Clarice Lispector. Disponível em:<
<https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EvnU>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

ROSENBAUM, Yudith. **As Metamorfoses do Mal:** Uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

ROSENBAUM, Yudith. Literatura e psicanálise: reflexões. **FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária**, [S.l.], n. 9, p. 225-234, dez. 2012. ISSN 1983-4373. Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/fronteiraz/article/view/13039/9539>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

SANTOS, Ray da Silva; CARVALHO, Camila Ferreira de. **A presença do inconsciente em Um Sopro de Vida, de Clarice Lispector.** CRÁTILLO: revista de estudos linguísticos e literários, v. 10, p. 23-31, 2017.

SANTOS, Ray da Silva; FERREIRA, Sara Goretti; SANTOS, Daiane Menezes. Literatura e Psicanálise: a presença do inconsciente na escrita de Clarice Lispector. In: **10 Encontro Internacional de Formação de Professores/11 Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional**, 2017, Aracaju. Educação, Base Nacional Comum Curricular e Formação de Professor. Aracaju: UNIT, 2017.

PSICANÁLISE E CINEMA: PELOS OLHOS DE MAISIE E A PROBLEMÁTICA DA ALIENAÇÃO PARENTAL

Débora Wagner Pinto – PPGCINE/UFS

Ray da Silva Santos – PPGCINE/UFS

Prof. Dr. Carlos Eduardo Japiassú de Queiroz – PPGCINE/UFS

INTRODUÇÃO

Este artigo consiste num estudo acerca da noção de Alienação Parental, tendo em vista a relação familiar no filme *Pelos Olhos de Maisie*, onde é problematizado o término de um casamento e, após isso, se torna a busca na justiça pela guarda da filha. Para tanto, estabelecemos breves diálogos sobre a Alienação Parental, principalmente sob a ótica da psicanálise, logo após, adentramos de forma incisiva no filme em questão. Diante disso, realizamos a pesquisa bibliográfica e, posteriormente, analisamos qualitativamente as cenas e os enunciados do filme.

Inicialmente, sabemos que a Alienação Parental (AP), estudada principalmente por Gardner, é um termo utilizado na área jurídica e na psicologia, expressando um tipo de comportamento em que um dos pais tenta colocar o filho contra o outro genitor, geralmente após a separação, quando a criança passa a morar apenas com o genitor guardião. Porém, cabe ressaltar que a prática da Alienação pode acontecer antes mesmo de o casal estar separado. Os casos classificados com comportamentos alienadores são diversos, tais como: falas que menosprezem e humilhem o genitor alienado, além da inserção de falsas memórias, assim como, as falsas acusações de abuso sexual. A existência de tratamentos como esses, realizados de pai/mãe para filho, acabam distanciando cada vez mais o filho do genitor alienado, enfraquecendo o vínculo entre eles e, conseqüentemente, fortalecendo as distorções enunciadas pelo genitor alienador (CABRAL, 2014).

A produção cinematográfica *Pelos Olhos de Maisie* é uma adaptação contemporânea do romance "*What Maisie Knew*", de 1897, do escritor americano Henry James. Foi lançado em 2013, nos EUA, dirigido por Scott McGehee e David Siegel, com duração de 99 minutos. Trata de questões sobre uma família disfuncional: um casal em plena crise e um divórcio à vista, e no meio do fogo cruzado se encontra uma criança, a filha de sete anos, que acaba sendo negligenciada e sofrendo pela disputa conjugal dos pais, o qual denigrem a imagem um do outro para a criança, caracterizando, assim, a Alienação Parental.

Essa pesquisa se torna possível porque os filmes (o Cinema) aprofundam os temas do dia a dia e o que temos de mais semelhante uns com os outros, diante de tantas diferenças ideológicas, morais, políticas, entre outras, que são os nossos sentimentos, pois

objetivos ideológicos, missões especiais, e semelhantes, resta-nos ainda as tristezas e alegrias, as discórdias e festas, desejos e procuras, que marcam a simples tarefa de viver. Produtos do hábito e de interações microscópicas, eles formam a textura resiliente que se transforma lentamente e sobrevive a guerras, epidemias, terremotos e revoluções. Os filmes tendem a explorar esta textura da vida cotidiana, cuja composição varia de acordo com povo, tempo e lugar (KRACAUER *apud* XAVIER, 2005, p. 70).

O filme analisado nos inquieta, na posição de adultos, provocando-nos a ter empatia com a criança, ao propor debates e reflexões sobre as relações familiares, principalmente sobre a experiência de um conflito parental na infância. A realidade posta pela protagonista nas telas não se distancia muito da realidade vivida por muitas crianças no mundo, sendo elas muitas vezes despercebidas, pois o foco dos pais são os atritos entre eles.

A ALIENAÇÃO PARENTAL: Uma breve conceitualização

Gardner, em 1985, criou e conceitualizou o termo Alienação Parental (AP) e a Síndrome da Alienação Parental (SAP). Conforme Brockhausen (2011), Gardner, durante seus estudos, percebeu que nos Estados Unidos da América (EUA), nos tribunais, as genitoras femininas eram consideradas superiores aos genitores masculinos, quando se tratavam da guarda dos filhos. Dessa maneira, para conseguir ter a guarda unilateral, os pais necessitavam provar um grande número de deficiências maternas, reforçando assim, a desigualdade entre os gêneros.

Além disso, houve mais dois grandes impulsionadores para o desenvolvimento da definição, principalmente, da AP:

o advento do Superior Interesse da Criança na década de 1970, segundo o qual, os tribunais foram instituídos a desconsiderar o gênero nos processos de guarda e a determinar a guarda ao genitor que tivesse melhor capacidade parental; e, na década de 1980, a popularidade da Guarda Compartilhada. Essa nova validação trouxe desvantagens às mulheres e um aumento vertiginoso de disputas de guarda de criança a pedido dos genitores do sexo masculino. Por consequência, as mães, que na maioria das vezes detinham a guarda dos filhos, passaram a recusar a reconhecer essa mudança, programando seus filhos para se alinharem a seu lado na batalha judicial. Os filhos, por sua vez, diante de tal pressão, passaram a posicionar-se ao lado das mães, uma vez que era com quem geralmente conviviam, deferindo animosidade e recusando contato com o outro genitor (BROCKHAUSEN, 2011, p. 15-16).

Durante o processo de Alienação Parental, o genitor alienante busca, por meio dos seus discursos persuasivos, a todo custo silenciar e manipular as emoções, sentimentos e manifestações de afeto da criança para com o seu genitor alienado. Assim, a criança deixa de ser sujeito para ser objeto nesse jogo de disputas e, com isso, passa a ser manipulável pelo alienador, este que, em alguns casos, para reforçar ainda mais as suas ideias, apresenta falsas denúncias contra o genitor alienado. Além disso, devido as diversas repetições de fatos não concretos, a criança, condicionada, passa a possuir falsas memórias e, conseqüentemente, ideias negativas a respeito do genitor alienado.

O genitor alienado se torna o vilão da história e, dessa maneira, é forçado a se distanciar involuntariamente do seu filho, interrompendo a sua convivência familiar. Ademais, passa a ter sua autoridade parental diminuída e, em alguns casos, excluída, bem como, deixa de ser uma figura modelo para seu filho

Da mesma forma que a criança sofre psicologicamente quando retirada do genitor, o adulto fica traumatizado pela retirada da criança. O trauma psicológico causado por essa disrupção pode ser enorme, de tal forma que a capacidade de parentabilidade pode ficar prejudicada (GARDNER, 1998, p. 374).

A prática da alienação, conforme descrita na Lei de Alienação Parental nº 12.318, de 26 de agosto de 2010, fere a dignidade da pessoa humana, violando os direitos da personalidade dos filhos e do genitor que está sendo alienado, principalmente, o direito à convivência familiar. A Alienação Parental tornou-se reconhecida tardiamente, pois os tribunais já se deparavam com essa problemática, reafirmando a sua existência e a real necessidade de proteger as vítimas da alienação (SCHAEFER, 2014). Segundo a Lei, a Alienação Parental é definida como:

Art. 2º. Considera-se ato de alienação parental a interferência na formação psicológica da criança ou do adolescente promovida ou induzida por um dos genitores, pelos avós ou pelos que tenham a criança ou adolescente sob a sua autoridade, guarda ou vigilância para que repudie o genitor ou que cause prejuízo ao estabelecimento ou à manutenção de vínculos como este (BRASIL, 2010).

A Lei de Alienação foi inserida no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 2010, estabelecendo formas de caracterizar a prática da alienação e as devidas sanções. Sua inserção aconteceu porque, segundo o ECA,

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990).

ALIENAÇÃO PARENTAL E A PSICANÁLISE

A Alienação Parental não foi objeto de estudo dos clássicos e pioneiros psicanalistas, como Freud e Lacan, e nem dos seus seguidores, até porque o termo Alienação Parental foi surgir séculos a frente, em 1985. Porém, esse fato, não nos impede de relacioná-los, pois, mediante seus discursos a respeito do sujeito, o inconsciente, e do seu aparelho psíquico se faz possível estabelecer algumas discussões sobre o tema.

Segundo a psicologia freudiana, o homem não é o senhor da sua própria casa, não é guiado tão somente pela razão, pois há uma instância inacessível à consciência e que se revela por meio das ações do sujeito: por trás das palavras, dos gestos de carinho e raiva, há segredos que podem ser desvendados; o inconsciente passa a ser uma verdade oculta, é o que somos e não sabemos que somos.

Assim, vemos que aparelho psíquico é formado pelo id, que busca sempre realizar os desejos, pelo ego, instância que está a diferenciar o mundo real do mundo da psiquê, e o superego, que seria a internalização nas normas sociais, uma espécie de consciência moral (FREUD, 2011b).

A partir dos estudos psicanalíticos, constatou-se que o sujeito busca constantemente evitar o desprazer e conseguir o prazer. Nasio (1999) afirma que enquanto o sujeito estiver vivo, sua psique viverá em constante tensão. As excitações que a provocam sempre são de origem interna. Ou seja, mesmo sendo uma excitação derivada de uma sede (fonte orgânica), ou um choque oriundo pela visão de algum acidente, por exemplo, as excitações permanecerão internas, já que a sede ou o choque produz uma marca psíquica, um representante ideativo encoberto de energia. Isso acontece porque as excitações nascem em uma zona erógena, como por meio do olhar, do toque, por isso também recebem o nome de pulsões sexuais: “chamamos de sexual a toda conduta que, partindo de uma região erógena do corpo (boca, ânus, olhos, voz, pele etc.) e apoiando-se numa fantasia, proporciona um tipo de prazer” (NASIO, 1999, p. 48).

As pulsões possuem: “força”, o que ativa a atividade psíquica; “alvo”, pois a satisfação resulta da eliminação da excitação; o “objeto”, que se torna um caminho rumo à

satisfação; e a “fonte”, essa refere-se às excitações advindas das zonas erógenas que se transformam em pulsões (ROUDINESCO, 1998).

A fonte de excitação é uma imagem carregada de energias e provoca tensões. O psiquismo sempre tenta escoá-las completamente, mas não consegue, tal princípio de redução da tensão se chama *princípio de prazer*; enquanto um grupo de representantes busca a descarga total, o outro, regido pelo *princípio de realidade*, se opõe a essa ação, sempre está a filtrar, a situar as energias libidinais nas regras externas (FREUD, 2010b).

Os conteúdos recalcados são aqueles que não condizem com as regras externas, da sociedade, do id. No entanto, a quantidade de energia investida é tão forte que alguns conteúdos conseguem escapar e chegar à consciência sob atos substitivos, como os sonhos, os sintomas, e giram em torno de um objeto fantasiado. Para Nasio (1999), ocorre, dessa forma, apenas a descarga de uma parte da energia pulsional, causando ao sujeito um prazer parcial, e a energia que não consegue ultrapassar o recalque continua a reascender no inconsciente. O prazer, então, é concebido como uma descarga de energia que pode ser de caráter doloroso ou não: do ponto de vista do inconsciente, à medida que há a descarga de tensões, é prazer, ao passo que pode ser vista como uma manifestação dolorosa pela ótica do consciente.

Por sua vez, Lacan, com sua teoria a respeito do significante, conceituou o inconsciente como o Outro, o lugar marcado pela divisão do sujeito. Em outro momento, doravante o reconhecimento da primazia da linguagem, afirmou, por meio do seu aforismo, que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (ROUDINESCO, 1998, p. 378). O sujeito, portanto, é construído por significantes; é alienado ao desejo do Outro.

A mãe da criança, ou o sujeito que representa a figura materna, é, essencialmente, o seu primeiro objeto de desejo, pois é ela que suprirá suas necessidades narcísicas, como dar sempre seu alimento, o que provoca o alívio de tensões. Essa primeira sensação ocasiona a construção de uma imagem mnêmica na psiquê do bebê.

Retomando às primeiras experiências de satisfação, conforme Dor (1989), as manifestações das necessidades orgânicas são inseridas no meio simbólico por meio do outro, já que é esse outro que dará coerência às manifestações corporais, atribuindo-os sentidos. A criança é, para Lacan, inserida no âmbito na comunicação, do discurso e semântico. Assim, “o outro *que inscreve a criança neste referente simbólico* investe-se, por sua vez, junto à criança, como um outro privilegiado: o Outro” (DOR, 1989, p. 144, grifo do autor). A figura da mãe se torna para a criança o Outro; esse que investirá de significados todas as manifestações corporais do bebê.

Deste ponto de vista, “a criança está irreduzivelmente inscrita no universo do desejo do Outro, na medida em que é cativa dos significantes do Outro” (DOR, 1989, p. 145, grifo do autor). Quando surgir novamente a necessidade, o recém-nascido irá se manifestar de acordo com o sentido dado no momento da primeira satisfação e a imagem mnésica que, de agora em diante, será reinvestida, ao passo que surge o desejo, “[...] molda-se doravante numa vivência alicerçada pela rede de significantes do Outro” (DOR, 1989, p. 145). A criança é instigada a significar os seus desejos.

O outro, altamente responsável para a constituição do eu, se torna o objeto do amor narcísico, pois “eu me amo no outro (que é meu reflexo)” (QUINET, 2012, p. 16). Esse amor pelo mesmo (um amor de homem pelo homem – sujeito pelo sujeito) foi denominado por Lacan como *hommossexual*, para indicar um *amor homensexual*. Esse olhar do outro que é o eu ideal (registro do imaginário) é moldado e edificado por meio dos significantes do Outro (registro simbólico). Tais significantes constituem o Ideal do eu, e o eu, na maioria das vezes, se sente menos do que o Ideal do eu, ocasionando, assim, a “baixa autoestima”.

Após o Édipo (inscrição da Lei) e do Estádio do Espelho (momento de entrada da criança no mundo simbólico, mediante o olhar do Outro), a criança passa a buscar objetos de satisfação no mundo real. Por existir uma falta, o sujeito é guiado a preenchê-la. Os objetos que são oferecidos pelo Outro, seja ele o pai, a mãe ou objetos da cultura, não conseguem saciar de forma plena o desejo, não preenchem a falta. Lacan, conforme Dor (1989), denominou esse objeto da falta de *objeto a*. Para Jorge (2008), a pulsão recalcada nunca cessa de procurar atingir a satisfação plena, que se fundamenta no reinvestimento da imagem mnêmica, buscando repetir a satisfação primária. O objeto *a* representa um vazio e que não possui, conforme Lacan, alteridade. É no tocar o impossível que a pulsão esbarra no Real.

O objeto *a* é o objeto desejado, um resto que não permite a simbolização, conseqüentemente, o desejo se torna oculto para a consciência, pois é o “objeto do desejo que se esquiva e que, ao mesmo tempo, remete à própria causa do desejo” (ROUDINESCO, 1998, p. 552). Desse modo, segundo o aforismo de Lacan, “o amor é dar o que não se tem a alguém que não quer” (ROUDINESCO, 1998, p. 552).

Faz-se necessário ressaltar que o rompimento abrupto da relação amorosa entre o sujeito e o objeto pode causar o surgimento de angústia, tristeza e regressão para estágio do desenvolvimento anteriores, bem como, transformando o amor em ódio – demonstrando a ambivalência da libido. Assim, “a perda do objeto se transformou em perda do ego e o

conflito entre o ego e a pessoa amada em uma bipartição entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação” (FREUD, 2011a, p. 32).

Nisso, percebemos o quanto o sujeito é alienado, em termos lacaniano, ao desejo do Outro, o quanto as relações com os demais sujeitos, principalmente com os seus pais e família, se torna extremamente importante na sua formação enquanto sujeito, na constituição da sua personalidade e dos modos de se relacionar com o mundo. É nítido também que o sujeito, ao se deparar com algum momento ou objeto que lhe proporcione satisfação, tende a querer mantê-lo por perto, a ter contato constantemente, por isso, sofre quando não consegue lidar com a perda do objeto de satisfação.

Nas relações entre os cônjuges, quando entram em crise, em alguns casos o filho passa a ser disputado pelos seus pais, à medida que se torna um objeto de satisfação para cada um genitor, provocando o surgimento da Alienação Parental. Na Alienação Parental ocorre

[...] a transformação do amor em ódio, que em essência fazem parte de um par ambivalente. Mantêm-se a catexia no mesmo objeto, que de modo inconsciente permanece vinculado a ele. Assim, um genitor busca criar obstáculos e desfazer os laços entre o(s) filho(s) e o outro genitor, por meio de uma campanha denegritória, que um desvaloriza as qualidades do outro frente aos filhos em questão. Esse é o âmago da alienação parental (SIKORA et al, 2014, p. 136).

Com a perda do objeto, se faz necessário retirar todas as energias libidinais investidas nele, vivenciando, assim, normalmente o luto. Sabe-se que uma vez realizados momentos de satisfação, o homem não consegue abandonar completamente essas experiências que o objeto lhe proporcionou. Em alguns casos, quando o luto não é bem elaborado, pode desencadear na melancolia, transformando-se em sintoma. Nesse estado, o sujeito centraliza toda sua libido no objeto que fora perdido, surgindo assim, sentimentos e ações ambivalentes: “[...] se tramam portanto em torno do objeto inúmeras batalhas isoladas, nas quais ódio e amor combatem entre si: um para desligar a libido do objeto, outro para defender contra o ataque essa posição da libido” (FREUD, 2011a, p. 37).

PELOS OLHOS DE MAISIE: Com interfaces da Psicologia e Cinema

A trama é narrada pelo ponto de vista da criança, a protagonista Maisie (Onata Aprile), que presencia passivamente as brigas dos pais, pelos corredores e cômodos da casa, tentando compreender a situação que a cerca. Os pais se divorciam, e para isso usam comportamentos característicos da alienação parental, tais como denegrir a imagem do outro genitor e criar falsas memórias negativas, para tentar afastar o genitor que se quer atingir.

A mãe, Susanna, interpretada por Julianne Moore, é uma estrela do rock, e o pai, Beale (Steve Coogan), um galerista renomado. Lincoln (Alexander Skarsgård) e Margo (Joanna Vanderham), amigo-namorado e a ex-babá, respectivamente, tornam-se os atuais cônjuges dos pais, tendo sido utilizados para facilitar a tentativa da concessão da guarda unilateral pela justiça. Margo não tinha essa consciência, já Lincoln, casou apenas para ajudar a namorada (mãe de Maisie).

Durante o processo de separação, antes de uma das audiências para definir sobre a guarda da criança, Susanna direciona-se para a filha e relata que Beale, seu pai, a agrediu fisicamente. No mesmo momento, a criança que estava olhando atentamente as pinturas do ambiente, dá sinais que não lembra desses episódios que a mãe está falando. Claramente, percebemos a tentativa da implantação de falsas memória na criança, para, assim, criar uma imagem negativa do outro genitor.

Nisso, percebe-se que nos relacionamentos afetivos, o outro se torna objeto de amor, aquele que será capaz de satisfazer as energias libidinais do sujeito. Nessa família, em questão, a filha Maisie se torna um objeto de amor para seus pais, onde são depositadas várias idealizações e também propõe momentos de satisfação para eles. Nessa relação, os pais revelam o amor narcísico para com a sua filha, passando a projetar desejos, expectativas: “O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (FREUD, 2010a, p.25-26). A criança passa a ser um objeto que se torna moradia da projeção fantasmática dos pais.

Conforme Mannoni (1983, p. 38-39), nos fantasmas se esconde, sob um véu, o texto original do desejo, aquilo também que pode perturbar: “o sintoma, como mostra Freud, inclui sempre o indivíduo e o Outro. Trata-se de uma situação em que o doente procura fazer ouvir, por meio de um fantasma de castração, a maneira como se situa em face ao desejo do outro”.

Quando ocorre o rompimento do casal, como visto, Sussana e Beale sentem-se ameaçados de perder o contato diário com a sua filha e assim passam a lutar por esse objeto de amor. Torna-se relevante destacar que para o aparelho psíquico aquele capaz de satisfazer as energias pulsionais é considerado como um objeto, em termos lacanianos, objeto *a*, porém, o que se discute aqui é o fato dos pais esquecerem que esse objeto que tanto desejam é uma criança - um sujeito em formação.

No filme, após o processo de separação, os pais ficam com a guarda compartilhada, a qual não sabem administrar. Em alguns momentos, devido à falta de atenção ao bem-estar

da filha, percebe-se que a deixam à margem, focando de forma intensiva na disputa egóica de poder entre os dois genitores.

Vemos que a paternidade e a maternidade são mostradas de uma maneira conflitante e secundária a outras atividades, dentre as quais as laborativas ocupam prioritariamente a vida dos pais, aparecendo em primeiro plano, estando o pai focado em suas vendas internacionais de obras de arte, e a mãe com a sua carreira de cantora de uma banda de Rock. A garota, colocada em segundo plano, frequentemente fica sozinha na escola, no final da aula, à espera de alguém (mesmo que esse alguém seja um estranho) para buscá-la.

Segundo a psicóloga Féres-Carneiro (1998), os filhos saberão lidar melhor com a separação dos pais, com menos sofrimento, de acordo com a maneira como os pais conduzam esse processo, separando o que é conjugalidade (a relação do casal) da parentalidade (responsabilidade dos pais com os filhos), podendo, assim, transmitir a eles que as qualidades maternas e paternas, envolvendo amor e cuidado, serão mantidas.

Grzybowski (2011) corrobora a ideia de que a parentalidade precisa continuar a ser exercida após a separação dos pais, pois esses permanecem na obrigação de educar e zelar pelos filhos. Entretanto, essa é uma das grandes dificuldades dos casais – exercer as funções que os competem –, principalmente nos processos litigiosos, devido à forte carga emocional de conflito e intrigas, que os envolvem com a ocorrência da separação, que fica evidente na ficção analisada.

Assim, tanto *Maisie* como outras crianças pensam as famílias como algo em constante movimento, não passível de totalização, mas com definições fluidas. Seria pensar as famílias sempre como multiplicidade, variância e abertura para o novo. *Maisie*, no filme, também, por fim, faz suas escolhas pelo mesmo padrão: afeto, convivência, cuidado. Ela se permite soltar as amarras do já estabelecido e escolher através de sua rede aqueles com quem se sente legitimamente acolhida, cuidada e amada (BAKMAN, 2015, p. 2).

Assim, discutir a respeito da Alienação Parental nos leva a pensar sobre a família na qual a criança está inserida, como as relações acontecem no âmbito familiar, como é o convívio e como ela é constituída. É importante ressaltar que o modelo de família tem sofrido alterações ao longo dos tempos, deixando de ser único, universal e rígido, passando a admitir diversas formas de os homens se relacionarem, tornando o tema "família" um campo fértil para o pensamento humano, que envolve questões religiosas, éticas, morais, econômicas e sociais (SCHAEFER, 2014).

As características do perfil de personalidade das mães alienadoras, apresentada pela psicóloga e psicanalista Damiani (2012), estão presentes na personagem Susanna (mãe de

Maisie), tais quais: fragilidade, intensa ansiedade de separação, simbiose e instabilidade. Geralmente, os pais demonstram dificuldades para estabelecer um relacionamento maduro e estável, tendo em vista suas relações anteriores, centradas em perdas precoces, conflitos e ambivalências, sendo os vínculos estabelecidos pelos indivíduos frágeis, instáveis e sujeitos a rupturas. Cabe salientar que a AP deve ser compreendida como um processo em que todos os envolvidos possuem uma participação.

Contudo, a maior prejudicada é a criança, na trama, ela entra e sai de táxis e apartamentos, da Margo, do seu próprio apartamento, sem a presença da mãe ou do pai, chegando ao ponto de Maisie ir para casa de uma pessoa estranha, após um ato irresponsável da mãe, que a deixa na entrada do restaurante noturno no qual o seu namorado Lincoln trabalhava como barmam, acreditando que ele estivesse por lá. Como ele não estava e não havia nem o pai e nem a mãe da criança na cidade, ao final do expediente, uma funcionária que não a conhecia a leva para que durma em sua casa.

O sujeito está inserido na civilização, para isso ter acontecido, conforme Freud (2010b), precisou de abdicar um pouco da sua felicidade para ter mais sensações de segurança; a vida em civilização é completa de regras, de normas que tentam podar o máximo possível os desejos mais secretos do homem, isso torna o homem triste, angustiado, já que não poderá satisfazer boa parte das suas energias libidinais.

Mediante as regras sociais, essas que podam os instintos e desejos, o sujeito não goza da satisfação plena das suas pulsões, ele também “é escravo de um impulso que o impele para um prazer cuja natureza é, ao mesmo tempo, paradoxal, pois em nada se confunde com o bom ou o agradável” (BAUMAN; DESSAL, 2017, p. 21). Isso se deve ao fato de que o sujeito é composto pelo bem e o mal: “acima (ou abaixo) de todos os medos que nos ameaçam, o mais temível é aquele que nos espreita de dentro de nós mesmos, e que se origina nessa força demoníaca que Freud denominou de *Todestrieb*, a pulsão de morte” (BAUMAN; DESSAL, 2017, p. 23).

Quando encontra um objeto de satisfação e aceito socialmente, como os filhos, estabelecem imediatamente um vínculo amoroso e muitas vezes doentio, como podemos constatar no filme. Susanna não mede esforços (mente, briga, exterioriza raiva) para conseguir a guarda da criança, por isso mesmo passa a mentir sobre a relação do pai com a filha.

Em uma das cenas, Maisie, o namorado da mãe (Lincoln) e a ex-babá (Margo) encontram a mãe na rua da cidade ao acaso, enquanto pensavam que ela estivesse em turnê internacional com a sua banda, e por isso, estavam cuidando da menina. Essa sequência gera

tensão entre os atores adultos, cujo efeito tensional é produzido pela técnica cinematográfica do *close-up*, que, para Münsterberg, em sua análise da atenção, faz parte do funcionamento da mente. O *close-up* tem o sentido de conduzir o foco do enquadramento para um detalhe do campo visual, o que, por conseguinte, acaba retirando daquele as imagens circunscritas ao detalhe, aguçando a atenção ao detalhe focado.

Através do *close-up*, o espectador é desafiado, com um mundo feito por processos mentais, onde a imaginação e a memória são executadas de maneira distinta ao percurso natural do tempo, no qual o passado, presente e futuro se entrelaçam na mente do indivíduo, pretendendo, assim, analisar a percepção e experiência que são despertadas no espectador ao assistir um filme (PEDRO, 2011). Exatamente podemos observar nessa cena, com a lentificação do tempo, os olhares e as falas, a imaginação e julgamentos que nos causam, referentes ao que está ocorrendo.

No filme, o efeito-janela, segundo Xavier (2005), é quando se favorece a relação intensa do espectador com o mundo visto pela câmera, no qual o seu movimento dá a impressão de que existe um mundo dentro do filme, independentemente da câmera em continuidade ao espaço da imagem que se percebe. Podemos perceber esse dispositivo quando Maisie fica esperando Lincoln, barman do restaurante, terminar seu expediente, pois, como nenhum dos pais poderia ficar com a criança, ele a levou para o seu trabalho noturno.

Os pais da criança estão focados em seus trabalhos e nas suas questões pessoais, e a criança fica à mercê de suas vontades e sozinha, embora pareça existir sentimento de amor por ela. Essas altas cargas horárias dedicadas ao trabalho são “consequências” da vida em civilização.

Sendo assim, a ocorrência da Alienação Parental se dá quando os afetos entre o casal, que tem como base a felicidade da família, desgastam-se e se rompem, ficando mais evidente com o fim do relacionamento do casal, ocasião em que costuma ser desencadeada, quando um dos genitores não digere bem o fim da relação e quando não entram em consenso quanto à guarda dos filhos (SCHAEFER, 2014). Certa passividade apresentada por Maisie está intrincada à sua inocência, em decorrência da sua imaturidade emocional, cuja idade de sete anos faz com que não perceba com tanta clareza tudo o que ocorre ao seu redor.

Observa os acontecimentos, por vezes apática, sem dar opinião sobre o que realmente está sentindo, mas todos acontecimentos estão provocando excitações, sendo armazenados na sua psiquê. A família é extremamente importante para a construção do

sujeito, para a formação da sua personalidade, por isso, se faz necessário um ambiente tranquilo, de experiências que proporcione o desenvolvimento saudável da criança.

O que se depreende é a maneira pela qual uma criança é marcada, não somente pela maneira como é esperada antes do seu nascimento, como também pelo que vai representar para um e outro dos pais em função da história de cada um. Sua existência real vai chocar-se assim com projeções paternas inconscientes, donde vêm os equívocos. Se a criança tem a impressão de que todo acesso a uma palavra verdadeira lhe é vedado, pode, em certos casos, procurar uma possibilidade de expressão (MANNONI, 1983, p. 65).

É por meio do sintoma que a criança manifestará as relações que há em seu ambiente familiar. Maisie, como se pode perceber, é uma garota que olha atentamente tudo o que acontece ao seu redor e se manifesta por meio do silêncio, esse que anuncia o discurso do inconsciente.

As origens dos sintomas, das psicopatias, neuroses e das perversões advêm principalmente das relações primárias do sujeito. Nas primeiras formas de relações com o outro, nessa etapa, o bebê passa a apreender maneiras de canalizar as forças, os impulsos, principalmente no contato com a família. A família é lugar de modelo, no sentido de moldes identificatórios inconscientes que o indivíduo sempre está a repetir e que pode causar também angústia; a família pode ser fonte de amparo, de harmonia, de amor. No ambiente familiar há corpos próximos unidos no espaço e que trocam projeções, afetos, fluidos, alfinetadas: há uma construção de caldeirão de afetos, de projeções e introjeções. A criança que apresenta alguns conflitos, o seu silenciamento, o seu isolamento, é apenas a condensação do sintoma familiar (HOMEM, 2018).

No final da trama, para ajudar Maisie, os bem-intencionados Lincoln (ex-namorado da mãe) e Margo (ex-babá e ex-esposa do pai), pessoas da classe média-baixa, que desde o início do filme davam atenção e carinho à criança, decidem se unir e criá-la, despertando entre eles um sentimento amoroso. Portanto, o que a mãe e o pai, da burguesia artística, com certo orgulho e narcisismo não conseguem fazer – criar um filho –, eles se propõem a tentar. E a pequena, por sua vez, adapta-se facilmente às mudanças familiares ocorridas, pois eles foram pessoas-chave para dar suporte, segurança e amor a Maisie, nos momentos mais significativos de esquecimento e abandono que ela viveu.

Por meio do plano médio ou de conjunto (XAVIER, 2005), o final do filme nos traz junto com a trilha sonora da cena, com a cantora Lucy Schwartz – *Feeling of Being*, a representação do momento de libertação de Maisie e a sua escolha pelos seus novos cuidadores, que aparecem ao fundo do plano, desfocados, provocando uma sensibilização

maior dos espectadores. Corroborando com Suarez (2010), a música age com um sentido e significado forte, como uma linguagem universal, tocando as pessoas no seu íntimo, e sendo compreendida por todos. Para Schopenhauer, “a música – diferentemente das demais artes – não *reproduz* os fenômenos, mas, sim, *apresenta* ao mundo físico o metafísico” (SUAREZ, 2010, p. 139, grifos do autor).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os comportamentos que configuram a Alienação Parental são colocados como responsáveis pelo cenário no qual encontramos famílias, em ambientes conflituosos, disputando a guarda de seus filhos (passam a ser objetos de desejo e, assim, disputado pelos pais) e convivendo com o afastamento temporário, de meses ou anos, devido aos discursos elaborados pelo genitor alienador, menosprezando e denegrindo a imagem do genitor alienado, como também, em alguns casos mais graves, atribuindo falsas denúncias de abuso sexual. Ademais, se tornam frequentes diversos sintomas psicológicos negativos, tanto para o filho, quanto para o genitor alienado e também ao genitor alienante.

No filme analisado, fica evidente uma certa imaturidade afetiva dos pais, por intermédio das suas atitudes irresponsáveis com a filha e com os seus relacionamentos sociais-afetivos, que são enfatizadas durante toda a trama. Consoante Gauer (2015), essa imaturidade é caracterizada por certas atitudes de um adulto em relação ao outro, principalmente entre os cônjuges, e deles com os filhos, estando relacionadas às suas experiências infantis. Ou seja, o casal interage de acordo com a busca da satisfação de suas necessidades conscientes e inconscientes individuais, que se complementam, de modo a obter a satisfação. Todavia, em casos de relações doentias, satisfações e essa busca pelo objeto que está possivelmente ameaçado dão espaço a agressões que podem chegar a níveis graves, através da violência velada ou explícita, gerando baixa satisfação e sequelas emocionais.

Durante nossa pesquisa, percebemos que existem poucos filmes que abordam a temática sobre a alienação parental, principalmente com a temática sob a perspectiva da criança, desenvolvendo as questões morais e emocionais na infância, como no caso de Maisie e da alienação parental vivenciada por ela. Enquanto espectadores, estamos postos na posição da criança, na sua consciência, entre o saber e o não saber, e acabamos sustentando um jogo egocêntrico realizado pelos seus pais.

Retomando a questão de que o filme é uma adaptação do livro de 1897, o tema abordado é completamente atual, discutido em diversas áreas de conhecimento, nas quais são trabalhadas as possibilidades de que a família se baseia principalmente em seus vínculos de afetividade, não apenas na vinculação de sangue e questões jurídicas. Enquanto houver afeto entre as pessoas, haverá família, unida pelo laço de liberdade e responsabilidade, consolidada na colaboração, solidariedade e comunhão.

A tendência da família contemporânea, do ponto de vista sociológico, é tornar-se distante de padrões rígidos, independente de laços de consanguinidade e mais baseada em laços afetivos. Onde não houver solidariedade e afetividade, existirá a probabilidade de não se consolidar uma família. E o filme aborda com clareza essas temáticas, finalizando com a criança satisfeita na sua escolha dos pais substitutos, que não fazem parte da sua família consanguínea, mas sim do estabelecimento de afeto entre eles, fazendo com que, a partir disso, seja possível tornar-se uma família.

REFERÊNCIAS

BAKMAN, G. Pelos olhos de Maisie. Conversando com a Mídia. *Nova Perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, n. 51, p. 120-121, 2015.

BAUMAN, Zygmunt; DESSAL, Gustavo. *O retorno do pêndulo: sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido*. Tradução de Agélica d'Avila Melo. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 23 dez 2018.

BRASIL. *Lei nº 12.318 de 26 de agosto de 2010*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12318.htm> Acesso em: 23 dez 2018.

BROCKHAUSEN, Tamara. *SAP e a psicanálise no campo psicojurídico: de um amor exaltado ao dom do amor*. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

CORREIA, E. de C. *A família funcionalizada e a ocorrência da alienação parental: uma discussão sobre a responsabilidade civil do genitor alienante*. Dissertação (Mestrado em Direito Constitucional) – UNIFOR, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2012.

DAMIANI, F. da M. *Características de estrutura de Personalidade de Pais, Mães e Crianças envolvidas na alienação parental*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – UNISINOS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2012.

DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Revista Psicol. Reflexões Críticas.*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 1998. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Obras completas, volume 16: Tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011a.

FREUD, Sigmund. *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Obras completas, volume 16: Tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930/1936)*. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. E.S.B., Rio de Janeiro: Imago, vol. 9, 1996. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

GARDNER, R. A. *The parental alienation syndrome: a guide for mental health and legal professionals*. (end ed.). Cresskill, NJ: Creative Therapeutics, 1998.

GAUER, P. I. de S. M. *Alienação parental: as falsas acusações e o efeito alienador na atuação do Poder Judiciário*. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) – PUCRS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GRZYBOWSKI, L. S. "Ser pai e ser mãe como compartilhar a tarefa educativa após o divórcio?" In: WAGNER, A. e cols. *Desafios psicossociais da família contemporânea*. São Paulo: Artmed, 2011.

HOMEM, Maria Lucia. *FAMÍLIA Ep.2: Berço de loucuras?*. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=4FIFeFw8t2M>>. Acesso em: 27 de dez de 2018.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud e Lacan*. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MANNONI, Maud. *A criança, sua "doença" e os outros*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

NASIO, Juan-David. *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

NOVA, C.; COPQUE, H. Cinema e psicologia: Processos psicológicos básicos à luz das teorias cinematográficas. *(Inter)Subjetividades*, p.1-69. Salvador/BA, 2009. Disponível em: <http://revistas.unijorge.edu.br/intersubjetividades/pdf/2009_Artigo2.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2018.

PEDRO, T. “Técnicas cinematográficas e actos mentais: The Photoplay de Hugo Münsterberg”. *Cinema: Revista de Filosofia e da Imagem em Movimento*, v. 2, 2011.

PELOS OLHOS DE MAISIE. Direção: Mc Gehee, S. e Siegel, D. 99min, EUA. DVD, colorido, 2013.

QUINET, Antonio. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

SUAREZ, R. Nietzsche, Schopenhauer e Wagner: Música e Tragédia. A música como linguagem universal. In: LOBO, Rafael Haddock (Org.) *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco; p.125-149, 2010.

SCHAEFER, A. P. *A Alienação Parental e a violação aos direitos da personalidade*. Dissertação (Mestrado em Direito Civil) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

XAVIER, I. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

LITERATURA E SEXUALIDADE NA OBRA O ATENEU: UMA RELEXÃO À LUZ DA PSICANÁLISE

Rosilene Felix Mamedes - PPGL/UFPB
Pablo Machel Nabot Silva de Almeida - Doutorando pela PUCRS
Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues - PPGL/UFPB

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre as problemáticas que somos acometidos na adolescência, colocando-a como fase de transformações marcadas por ebulições hormonais, conflitos, mudanças biológicas e sociais. Até certo ponto, é contraditório pensarmos que outrora éramos apenas uma criança, sem obrigações e sem tantas responsabilidades, e de repente nos encontramos biologicamente “estranhos”, com formas alheias as que tínhamos, com sensações que até então as desconhecíamos. Como nos colocar diante de novos desejos e de novas estruturas sociais?

Como não ser criança e nem adulto, uma vez que somos apenas adolescentes? É em meio a essas inquietudes que alicerçamos a proposta desse trabalho, para isso faremos um percurso sócio-histórico de como a adolescência se configura ao longo da nossa história evolutiva, e a partir disso, buscaremos entender como se efetiva o conflito do desejo e escolha da sexualidade na fase da adolescência. Embora estejamos em fase embrionária da nossa pesquisa, este trabalho é um recorte da pesquisa do doutorado e terá como respaldo teórico a Psicanálise, buscando compreender o mundo do adolescente a partir das pulsões e do desejo, conceitos estes explorados pela Psicanálise, sobretudo pelas teorias freudianas.

Como objetivo geral iremos identificar o que são pulsões para Freud e como a sexualidade se processa na adolescência. Como este artigo é um recorte da pesquisa de doutoramento, usaremos como corpus a obra literária *O Ateneu* de Raul Pompéia, investigando como as pulsões e o desejo são representados nesta obra que se passa em um seminário. Como relevância para a nossa pesquisa, atribuímos como contribuição a possibilidade de ampliar o debate sobre a fase da adolescência, buscando compreender esta fase conflituosa, a partir do sujeito-adolescente e como o seu (in) consciente plasma na escrita de três dos seus diários pessoais, período 1994 -1997, reconhecendo em suas linhas as inquietudes, a descoberta do desejo e as pulsões vivenciadas por uma adolescente que, neste recorte, se insere na faixa etária entre 12 e 14 anos de idade.

É em meio a este contexto de turbilhões hormonais em sentir a necessidade de se fazer parte como pertencimento de grupos, que para ser incluído em uma nova fase- a adolescência, é necessário romper bruscamente com a infância. Neste sentido, o adolescente como sujeito psicanalítico se insere em um contexto social recheado de situações adversas, marcado pela sua própria essência humana que rompe com um mundo infantil e passa abruptamente por mudanças físicas, sexuais e psíquicas. É nesse momento, que o adolescente, muitas vezes, contra a sua própria vontade, rompe com o estado de dependência da infância passa a assumir posturas ditadas socialmente que o obrigam a ter padrões físicos e sociais que, quase sempre, vão de encontro a sua psique ou biótipo.

Na busca desse protótipo do ser ideal, esse sujeito tão antagônico busca se inserir em grupos sociais seja por universos estigmatizados de padrões de belezas, referências musicais, ou até mesmo pressão familiar para a escolha da carreira acadêmica que deverá seguir após o ensino médio. Como se enquadrar ou se reconhecer nesse novo universo? De que forma este adolescente pode encontrar o seu eu ou até mesmo se reconhecer como sujeito social, sim, mas também individual, mas, sobretudo, dono dos seus desejos e de suas escolhas sexuais?

Partindo desses pressupostos elegemos como **Objetivo Geral: Analisar na obra literária O Ateneu** a continuidade e a descontinuidade do comportamento do Eu- adolescente a partir de conceitos psicanalíticos, sobretudo, pela óptica da sexualidade e do erotismo. Como **Objetivos Específicos:** Identificar na psicanálise e na literatura subsídios para compreender as descobertas da sexualidade dos adolescentes protagonista da obra analisada; Compreender como os adolescentes se constituem como sujeito psicanalítico; Discutir à luz da psicanálise conceitos psicanalíticos que emanam de situações que envolvem o erotismo; Compreender os adolescentes como sujeitos repletos de vontades e desejos (conceitos psicanalíticos).

Como aporte teórico para a fundamentação desse trabalho usaremos teóricos da teoria da Literatura e da Psicanálise, tais como: BELLEMINNOEL (1978); COMPAGNON, Antoine (2001); ROUDINESCO, Elisabeth, (1944), além de Freud e Lacan, ambos referências na Psicanálise. No que se refere à **metodologia** este trabalho terá fins qualitativos, e descritivos uma vez que teremos como finalidade analisar uma obra literária para entendermos como universo da adolescência é descoberto e vivenciado em um internato do século XIX.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ser adolescente, hoje, significa possuir determinado estereótipo ditado socialmente, seja por valores ou por comportamentos de determinados grupos sociais, nos quais as escolhas individuais serão reflexos das castrações e interditos que são refratados na identidade dos sujeitos. Tais conceitos psicanalíticos serão tratados em um subtópico que será destinado a debater como a psicanálise colabora com o entendimento da sexualidade no adolescente. Sabemos que há na atualidade um engessamento moldado por rótulos sociais que direcionam os sujeitos a fazerem as suas escolhas, gerando assim conflitos psicossociais de cunho psicanalíticos que propiciam a identidade do sujeito. Assim, essas situações acabam refletindo no comportamento da sociedade como um todo, e, principalmente, nos adolescentes devido à própria situação psicossocial delimitar estes sujeitos como mais propensos, já que se encontra em uma fase de vulnerabilidade psicossocial.

A partir disso, como dizer que o adolescente é dono de suas vontades e desejos? Como não concordar que o inconsciente está imerso inconscientemente aos ditames dessas vontades? Como o adolescente se reconhecer de forma singular pode meio de um mundo tão plural?

Como afirma Adorno (1955, p.181):

(...) em uma sociedade irracional o eu não pode cumprir adequadamente a função que lhe foi designada por essa mesma sociedade. Necessariamente recaem sobre o eu tarefas psíquicas que não podem se unir com a concepção psicanalítica de eu. Para poder se afirmar na sociedade, o eu tem que reconhecer e desempenhar conscientemente suas funções. Para que o indivíduo leve a cabo suas renúncias tão insensatas que lhe são impostas, entretanto, o eu tem que estabelecer proibições inconscientes e, mais ainda, manter-se ele mesmo na inconsciência. (...) Na medida em que tem que representar tanto as necessidades libidinosas como as de autoconservação real, impossíveis de se unir com elas, está submetido iniludivelmente a uma exigência excessiva.

É em meio a todas essas inquietações e pulsões que os adolescentes estão imersos que encontramos os maiores dilemas e desafios tanto para as escolas, como para as famílias, tendo em vista que a cada tempo que passa as relações entre filhos/pais e escola / família se complexificam e ao mesmo tempo, se tornam mais urgentes de serem discutidas em debates sociais. Temos na verdade, um adolescente que enfrenta além de antagonismos psicossociais, da sua própria genética, um ser que é obrigado a lidar com situações adversas às suas vontades e controle, sendo muitas vezes reprimido com imposição de padrões de cunhos sexuais, culturais ou até mesmo em suas ideologias religiosas. Ser adolescente não

é uma tarefa das mais fáceis, pois além de lidar com os demônios interiores é preciso lidar com a obrigatoriedade de (re) significar as suas escolhas e colocar muitas vezes em cheque os seus desejos por meio das imposições e ditames sociais.

Assim,

(...) se impulsos cheios de desejo forem reprimidos, sua libido se transformará em ansiedade. E isto nos faz lembrar que há algo de desconhecido e inconsciente em conexão com a sensação de culpa, a saber, as razões para o ato de repúdio. O caráter de ansiedade que é inerente à sensação de culpa corresponde ao fator desconhecido (FREUD [1913- 1914], p.47/48).

Nessa citação de Freud imprime muito sobre o ser-adolescente, uma vez que por essência, essa fase é constituída de inquietações, oscilações e impulsos. Como não compreender essas vontades e desejos a partir das relações dos signos/significantes (conceitos de Bakhtin e Lacan), uma vez que o eu-adolescente reflete em seu comportamento suas histórias e vivências? Além da dialética social coloca o adolescente, como ser oriundo do meio, mas que devido às suas condições psicossociais acaba agindo a partir de suas inquietações e, principalmente dos impulsos. Assim, segundo Blos (1998, p. 102)

Tanto o menino como a menina como a menina voltam-se agora, com maior vigor, para o objeto extrafamiliar libidinoso, isto é, o processo genuíno de separação dos laços objetais maduras. O caráter marcante da adolescência inicial está na decaetexia dos objetos amorosos e incestuosos; assim, a libido objetual que está solta, livre, clama por novas acomodações.

Embora a nomenclatura catexia tenha sido utilizada por Freud em 1913, já havia referência em suas obras sob a nomenclatura de “suprido de energia”, “carregado de uma soma de excitação”¹. Assim, neste momento suprimisse no adolescente os desejos amorosos e incestuosos, passando, assim, a acomodar essas vontades em outros desejos. Dessa forma, como tudo que é novo é perturbador, esses desejos chegam aos adolescentes como pulsões. Em outras palavras, o superego “entidade controladora cujas funções são inibir e regular a auto-estima, diminui de eficiência, deixando o ego sem orientações simples e permanentes da consciência.” (BLOS, 1998, p. 102).

Como a supremacia do ego sobre o superego, a autoridade deste sobre aquele torna-se inferiorizada, conseqüentemente, afeta “seus esforços próprios para mediar as pulsões” (*Idem*). Com o afastamento dos pais, os conflitos edipianos e a “decaetexia abrange também

¹ O conceito de decaetexia faz menção ao conceito freudiano em que a catexia é a concentração de energia psíquica de um dado objeto.

suas representações objetais e seus equivalentes morais internalizados, que residem no superego.” (*Idem*)

Para Bloss (1998, p. 103),

Nessa idade, os valores, padrões e leis morais adquirem apreciável independência com relação à autoridade dos pais, tornaram-se egossintônicos e operam em parte dentro do ego. Não obstante, na adolescência inicial o autocontrole ameaça entrar em colapso e, em casos extremos ocorre a delinquência.

Dito de outra maneira, o ser-adolescente é banhado por situações de continuidade e descontinuidade que marcam esta fase de transformações em diferentes estágios humanos. É nesse momento, que o comportamento e as pulsões afloram com mais efemeridade e, paradoxalmente, com mais força. As relações com a família recaem para um segundo patamar na escala de prioridade, pois já houve ou estar havendo as rupturas edípicas. Cabe salientar que segundo Bloss (1998, p. 103) “algumas crianças não sentem nenhum conflito em relação aos pais; reprimiram a pulsão sexual, ou essa pulsão é baixa, e, portanto, o ego tem a capacidade de dominá-la.”

Assim, reagimos e agimos por pulsões, e de forma contínua exploramos novos desejos e reconhecimentos por meio da satisfação, para Freud:

O caráter sexual das pulsões parciais, cuja soma constitui a base da sexualidade infantil, define-se, num primeiro momento, por um processo de apoio* em outras atividades somáticas, ligadas a determinadas zonas do corpo, as quais, dessa maneira, adquirem o estatuto de zonas erógenas. Assim, a satisfação da necessidade de nutrição, obtida através do sugar, é uma fonte de prazer, e os lábios se transformam numa zona erógena, origem de uma pulsão parcial. (ROUDINESCO, 1944, p 629)

Embora sejam evidentes as novas descobertas e a fase de intensos conflitos, para o adolescente o novo é assustador, pois além dele lidar com as suas pulsões, entendido, aqui como impulsos, situações internas do seu ser, é preciso conviver com a gama de imposições sociais que vão desde à sua sexualidade até o consumismo, o que é dito como moral e amoral. Portanto, como não pensar este adolescente a partir das suas escolhas? Dos seus vínculos de afetos? Da sua maneira de se comportar na sociedade?

A partir disso iremos discutir esses conceitos psicanalíticos serão discutidos a luz do Ateneu, obra literária que mostra a realidade de um seminário, onde meninos descobrem sua sexualidade e as “impurezas morais” praticadas neste ambiente que servem como pano de fundo para descortinar as orgias e a imoralidade que eram vivenciadas nos regimes dos seminários religiosos.

O PENSAR ADOLESCENTE SOB A ÓPTICA DO ATENEU DE RAUL POMPEIA- A INCLUSÃO DA ADOLESCÊNCIA NA SEXUALIDADE- RITOS E EROTISMO

O Ateneu se insere em uma construção de crítica social a sociedade de 1888, trazendo linguagem rebuscada típica do realismo, procurando buscar por meio do personagem principal- um adolescente e sua rotina vivenciada em um seminário. Além disso, a obra tem como protagonista o menino Sérgio que vai para um internato para atender a autoridade do seu pai, e ao chegar lá se depara com o diretor Dr. Aristarco, que representa uma crítica aos valores capitalistas da época. Sérgio ao longo dos primeiros dois anos no internato registra todas suas descobertas e vivência em um diário, assim, seremos guiados em nossas análises, pelos seus escritos e pelo olhar desse adolescente em transformação que como tal possui um Eu em conflitos hormonais e sociais.

O primeiro contato de Sérgio com o Ateneu é realizado em um dia de festa, em uma visita antes de ser matriculado, e, por este motivo festivo, fez com que atraísse o desse do menino em fazer parte daquele espaço. A ruptura de Sérgio com a infância é estimulada por Dona Ema, esposa do Sr Aristarco - diretor do Ateneu, segundo ela, o corte do cabelo iria introduzi-lo na vida adulta, que ele estava prestes a adentrar. Dona Ema passa a ser uma das raras mulheres que ele passa a ter contato no seminário, aflorando, muitas vezes seus desejos sexuais em relação à heterossexualidade. Já O Ateneu representa uma metáfora para descortinar a sociedade da época, com valores contraditórios tais como: Egoísmo, injustiça, ambição e hipocrisia são alguns dos valores a que Sérgio estará exposto nesse período. Como representado pela fala "*Vais encontrar o mundo [...]. Coragem para a luta*". (O ATENEU). E ainda: "*cada rosto amável daquela infância era máscara de uma falsidade, o prospecto de uma traição*".

Os companheiros de classe eram cerca de vinte; uma variedade de tipos que me divertia, O Gualtério, miúdo, redondo de costas, cabelos revoltos, motilidade brusca e caretas de símio - palhaço dos outros, como dizia o professor; o Nascimento, o bicança, alongado por um modelo geral de pelicano, nariz esbelto, curvo e largo como uma foice; (...) o Negrão, de ventas acesas, lábios inquietos, fisionomia agreste de cabra, canhoto e anguloso..."

Percebemos em tais citações que o autor demonstra por meio da palavra, e da sua escrita, uma forma de se retratar ou de se entender diante do seu passado, uma vez que tal obra é tida como um romance de memórias.

Sérgio é apresentado ao Ateneu pelos olhos de Rebelo, um dos seus colegas, com a seguinte narrativa, mostrando como se comportavam os meninos: "*Os gênios fazem aqui*

dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo”.

E ainda: *“Esse que passou por nós, olhando muito, é o Candido, com aqueles modos de mulher, aquele arzinho de quem saiu da cama, com preguiça nos olhos... Este sujeito... Há de ser seu conhecido”* (REBELO, colega de Sérgio)

Para finalizar, Rebelo aconselha: *“Olhe; um conselho; faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se”* (Idem, p. 14). Candido ganha destaque

Aos poucos Sérgio vai fazendo parte daquele internato e os leitores do Ateneu vai percebendo por meio das suas narrativas como os meninos eram pedagogicamente apresentados à sexualidade e as descobertas impostas e arbitrarias do século XIX.

Senhor Aristarco, tido na obra como um déspota, ao descobri a relação homossexual entre dois meninos os ridicularizando-os, diante de todos os demais, como forma não só de expor, mas sobretudo de dar o exemplo aos demais, como a seguinte exposição:

Tenho a alma triste senhores! A imoralidade entrou nesta casa! Recusei-me a dar crédito, rendi-me à evidência... Ah! Mas nada me escapa... tenho cem olhos. Se são capazes, iludam-me! Está em meu poder um nome de mulher! Há mulheres no Ateneu, meus senhores! (Idem, p. 65, grifo nosso).

O caminhar de Sérgio como ser adolescente e sexuado vai se descobrindo e se reconhecendo diante de várias experiências, e uma delas é sua relação com o menino Egbert, pois nesta relação não havia uma inferioridade entre os pares, já que eles não havia “relação de protegido e protetor”, conforme expresso na obra: *“As ideias da igualdade e da reciprocidade definem a relação entre os amigos”* (POPEIA, O Ateneu, p. 70).

Como ser psicanalítico, Sérgio e seus pares descobrem a sexualidade por meio das pulsões e interditos que os fazem ser sujeitos ora assujeitados em uma sociedade desigual e opressora, e ora sujeito dono do seu dizer e vontades, como representado pelos pares que são colocados como iguais o Sérgio e o Egbert.

Além do caráter da sexualidade está mais a florada, essas pulsões também são direcionadas para o Outro, idealizado, quase sempre para o/a menino (a) na figura de um (a) amigo (a), com “significações e importância até então desconhecida”. É importante salientar que as escolhas objetivas para esta fase, tem como exemplo, o parâmetro narcisista. A figura do amigo é idealizada, de forma que o adolescente passa a desejar certas qualidades

identificadas no amigo, e que ele não possui. Para ele, a qualidade desejada pelo seu eu-adolescente passa a ser de sua propriedade, já que é do seu amigo.

Na adolescência propriamente dita essa busca da de relações objetais assume novos aspectos, diferentes dos que predominaram nas fases da pré-adolescência e adolescência inicial. O encontro de objeto heterossexual, possibilitado pelo abandono das posições narcísica e bissexual, caracteriza o desenvolvimento psicológico da adolescência propriamente dita. Mais precisamente, devemos falar de uma afirmação gradual da pulsão sexual adequada, que entra em ascendência e faz com que a ansiedade conflitual cada vez mais pressione o ego. (BLOS, 1998, p. 118)

Neste sentido, percebemos a clara continuidade do comportamento do adolescente e, como ele vai se adaptando às novas situações e sensações. “Para Freud, a pulsão sexual, diferente do instinto sexual, não se reduz às simples atividades sexuais que costumam ser repertoriadas com seus objetivos e seus objetos, mas é um impulso do qual a libido constitui a energia”. (ROUDINESCO, 1944, p. 629)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de revisitar a obra de Raul Pompei nasceu do fruto de se refletir a literatura como forma de trazer debates sobre gênero, tão atual, e ao mesmo tempo tão histórico, uma vez que O Ateneu é fruto de uma revisitação do próprio autor às suas memórias afetivas recheado por interditos e dramas. Neste sentido, este trabalho teve como objetivo pensar conceitos psicanalíticos em meio a uma obra consagrada dos clássicos literários, como forma de incluir estes alunos interditados, por valores aristocráticos que vem oprimindo, e silenciando tantos adolescentes, por meio de práticas preconceituosas com bullying que estão saindo cada vez mais da prática da violência psicológica para físicas e até chegando o extremo, colocando o Brasil no topo de homicídios por causas de assassinatos com homossexuais.

Como exemplo trazemos neste trabalho o Raul Pompeia vítima de sua própria obsessão por recupera a sua relação objetal, em que passou a ser vítima de intensas críticas, dentre delas com O Ateneu, sendo apontado por um romance de memórias. Ao querer se livrar dos seus dramas de adolescentes, ele se mata, em pleno Natal, deixando uma mandou ao jornal “A Notícia”, Rio de Janeiro, uma nota dizendo: “Declaro que sou um homem de honra”.

Neste sentido, este trabalho propõe trazer a literatura como forma de inclusão para o espaço educacionais como forma de refletir valores humanos, uma vez que somos diferentes, mas iguais como raça humana, independente de escolhas ou patologias.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BEARZOTI, PAULO. In: **SEXUALIDADE UM CONCEITO PSICANALÍTICO FREUDIANO**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anp/v52n1/24>. Acessado em: 16/09/2016.

BELLEMIN-NOEL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978. BLOS, Peter. O ego na adolescência. In: *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*/Peter Blos; tradução de Waltensir Dutra; Revisão Monica Stahel.- 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria – Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

CORDEIRO, Ewerton Fernandes. *O inconsciente em Freud*. In: *Portal da Psicologia*. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0745.pdf>

CROCHIK, J. L. (1998). Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia. In: *Psicologia USP*, 9(2), p.69-86.

EAGLETON, Terry. *Introdução: O que é Literatura?* In: *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009, Calligaris (2000, p.58)

FREUD, S. (1940 [1938]) *Esboço de psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1937) *Construções em análise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1936) Um distúrbio de memória na acrópole. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
LACAN, J. (1946 / 1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

POMPEIA, Raul. (1982), Obras, vol. 5: Escritos políticos, organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/Oficina Literária Afrânio Coutinho.

O PERTENCIMENTO: À LUZ DE CLARICE LISPECTOR E DA PSICANÁLISE

Rosilene Felix Mamedes - PPGL/UFPB

Hermano Rodrigues de França - PPGL/UFPB

Monik Giselle Lira Monteiro - LIGEPSI/UFPB

Pablo Machel Nabot Silva de Almeida - Doutorando pela PUCRS

INTRODUÇÃO

Em diferentes sociedades ocidentais ou orientais há conceitos diferentes que direcionam os seus povos para posturas frente à sociedade que demandam determinadas ações ou valores sejam eles culturais ou sociais. Dessa forma, a inserção do adolescente em sua sociedade dependerá dos valores estabelecidos por ela, e de como ele será moldado para fazer parte do seu grupo. Assim, se estabelece o processo da continuidade e da descontinuidade em que o sujeito, é colocado a fazer parte ao longo do seu ciclo, e como este irá reagir as imposições históricas, culturais e biopsicossociais. Sabemos que somos seres sociais e que somos influenciados pelo meio, em que fazemos parte, da mesma forma, para diferentes povos o ser-adolescente se apresenta de maneiras distintas. Para algumas sociedades determinados preceitos são possíveis e até estipulados socialmente, já para outras chegam até ser abomináveis. Assim, se processa essa tão conflituosa fase humana, repleta de continuidade e (des) continuidade nas mais diferentes esferas.

Em outras palavras, a continuidade e a descontinuidade na adolescência podem ser compreendidas e analisadas por diferentes ópticas, sobretudo, a partir do que se postula em sociedades sejam elas orientais ou ocidentais. Por exemplo, em sociedades tidas como primitivas crianças (do sexo masculino) aprendem a caçar com os adultos, e o dia em que o menino consegue a caça é comemorado, como dia de festa. Ademais, nessas sociedades desde a sua tenra infância a criança é direcionada para o desenvolvimento das suas competências e habilidades a partir das responsabilidades para com ela e para com a sua família, sendo essa responsabilidade colocada para a criança de forma gradual. Em oposição a isso, em nossa sociedade, a fase da infância é rompida de forma brusca para a adolescência, fase que antecede à adulta, trazendo com essa ruptura situações de intensos conflitos e dilemas. O que antes era apenas colocado de forma lúdica, com brincadeiras do universo infantil, de repente a “criança” passa de uma situação de dependências para as exigências sociais que impõem mais responsabilidades, independência, necessitando fazer escolhas, como por exemplo, escolher a sua profissão nos exames para o ingresso à universidade .

Para discutirmos a continuidade e a descontinuidade do comportamento dos adolescentes, teremos como objeto de pesquisa diários pessoais, onde buscaremos por meio da escrita refletirmos sobre as inquietudes, pulsões, emoções, dores e tantas outras condições humanas que plasmas na escrita dos adolescentes neste tipo de gênero híbrido.

Ao longo dos anos a humanidade vem passando por constantes transformações em distintas histórias, paralelamente a essas transformações a escrita também foi evoluindo até chegar no estágio que a conhecemos. Assim, além da necessidade de evoluirmos também possuímos uma série de outras, sejam de caráter individuais ou sociais, dessa forma, uma das necessidades mais urgentes que temos é a de nos comunicarmos, de expressarmos nossas necessidades, emoções, ou até mesmo apenas transmitir uma mera informação a outrem. Talvez seja este o motivo que ao longo dos anos a ciência e pesquisadores vêm procurando compreender mais sobre a fase da adolescência, buscando colaborar e/ou atenuar com os dilemas vividos, não só pelos adolescentes, mas como por todas as famílias, independentes de classes sociais. E é, exatamente, na busca de respostas que alicerçamos as nossas inquietudes, a despeito da continuidade e da descontinuidade. Para isso, este trabalho irá analisar o sujeito adolescente, como ser “pertencente e pertencido” à luz da crônica de *Pertencer* de Clarice Lispector e da Psicanálise.

Como arcabouço teórico, recorreremos aos teóricos da Psicanálise, para compreendermos o universo psicanalítico, em que estes adolescentes vivenciam seus conflitos e inquietações sejam elas de caráter individual ou social e as suas necessidades premente de ser fazer parte de grupos e valores para se sentir parte do Ser pertencente a algo ou alguém.

Como relevância para a nossa pesquisa, atribuímos como contribuição a possibilidade de ampliar o debate sobre a fase da adolescência, buscando compreender o sujeito-adolescente a partir do seu (in) consciente que plasma na escrita dos diários pessoais, reconhecendo em suas linhas a continuidade e a descontinuidade do comportamento humano. Com os diários pessoais encontraremos respostas para compreender os universos do adolescente por meio da Literatura e da Psicanálise, ambas configuradas nesse gênero híbrido, que carrega em suas especificidades uma relação pessoal com o seu “proprietário”. Esta relação discutiremos ao longo do nosso trabalho a partir das relações de pertencimento.

OBJETIVO GERAL: Discutir a continuidade e a descontinuidade do comportamento do Eu- adolescente a partir do texto *Pertencer* de Clarice Lispector, entendendo o ser adolescente por meio das noções de pertencimento.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Identificar na psicanálise e na literatura subsídios para compreender as subjetividades apresentadas nos diários pessoais dos adolescentes; Compreender como os adolescentes se constituem como sujeito psicanalítico

METODOLOGIA

No que se refere à metodologia este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado com fins qualitativos e descritivo, uma vez que tem como finalidade analisar o conceito de Pertencimento a Luz de Clarice Lispector. Desta forma, procuraremos traçar um arcabouço metodológico em que o primeiro capítulo faça um aprofundamento teórico sobre literatura e psicanálise, buscando enquadrar o adolescente como sujeito da pesquisa, de modo que seja alicerçado subsídios para as discussões teóricas.

RELAÇÃO DO SER ADOLESCENTE “PERTENCENTE” COM A CRÔNICA PERTENCER DE CLARICE LISPECTOR

Na adolescência onde eclode com mais ênfase estes tabus e as imposições sociais. O que antes era apenas visto de forma lúdica e mistificada pela figura da família, agora a relação de dependência passa a ser vista de outra maneira. O adolescente precisa ser consciente dos seus atos, responsáveis pelas suas escolhas, e brigar com os seus demônios e medos para que as suas escolhas não afetem a sociedade e nem o seu clã (família). Pensar em convivência social é retomar os primórdios e como o homem é fruto do social, sendo o mesmo passível a sanções sociais por desrespeito às regras estabelecidas pelo seu grupo (clã) social.

Em compensação, os integrantes do clã estão na obrigação sagrada (sujeita a sanções automáticas) de não matar nem destruir seu totem e evitar comer sua carne (ou tirar proveito dele de outras maneiras). O caráter totêmico é inerente, não apenas a algum animal ou entidade individual, mas a todos os indivíduos de uma determinada classe. De tempos em tempos, celebram-se festivais em que os integrantes do clã representam ou imitam os movimentos e atributos de seu totem em danças cerimoniais. (FREUD, 1914, p. 7)

No recorte acima podemos perceber como na visão de Freud as regras sociais são estabelecidas. Para ele o clã (grupo social) impõem tais regras e os pertencentes do grupo precisam segui-las. Uma das regras primordiais é a de que não devemos matar os nossos pares e nem comer as suas carnes. Veja que essa regra é comum na maioria das sociedades,

assim, como é repúdio para a maioria dos povos o incesto (sexo entre pessoas pertencente à mesma família).

Junto com a noção de cultura em Freud, podemos discorrer sobre ideologias e aspectos sociais, mas tão importantes quanto a tais conceitos, para este trabalho, são os conceitos que Freud aborda sobre pulsões (instintos), consciente e inconsciente; ego e superego. Além desses conceitos freudianos traremos alguns conceitos da Psicanálise abordado por Lacan para explorarmos a continuidade e a descontinuidade humana.

Agregadas às discussões do arcabouço da Psicanálise trazemos para esse debate as contribuições sobre a linguagem, uma vez que teremos como corpus diários pessoais e as subjetividades que plasmam em suas linhas. Assim, na mesma época que nascia a psicanálise surgiam outras discussões na busca de se entender características humanas, sobretudo, a linguagem. Em confronto com a Psicanálise e os conceitos do inconsciente de Freud, traçaremos uma breve discussão para situar os estudos da linguagem (BAKHTIN, 2006) em o Marxismo da Linguagem, segundo este autor, o social é o lugar onde há a materialização da linguagem, ou seja, para ele “é na linguagem e pela linguagem que as relações sociais se estabelecem” (2006, p. 112). Uma das maiores contribuições para o estudo da Linguagem foi dada por Bakhtin (2006), que concebe a linguagem como lugar de interação social, onde a linguagem “reflete e refrata outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (2006, p.31). Este conceito de dialética social também é colocado no campo da filosofia, conceito este que em alguns momentos se aproximam da Psicanálise.

Lacan (1946, p.183),

O próprio desejo do homem constitui-se, diz-nos ele [Hegel], sob o signo da mediação: ele é desejo de fazer seu próprio desejo reconhecido. Ele tem por objeto um desejo, o do outro, no sentido de que o homem não tem objeto que se constitua para seu desejo sem alguma mediação, o que transparece em suas necessidades mais primitivas (...), e que encontramos em todo o desenvolvimento de sua satisfação, a partir do conflito do mestre/senhor e do escravo, através de toda a dialética do trabalho. Essa dialética, que é a do próprio ser do homem, deve realizar numa série de crises a síntese de sua particularidade e sua universalidade, chegando a universalizar essa particularidade mesma.

Dessa forma, para Lacan, o que o homem deseja está inserido nas suas vontades a partir dos significados impostos socialmente, assim, mesmo a sua individualidade parte da universalidade. Em outras palavras, os nossos desejos são reconhecidos a partir de outros desejos sociais que são colocados ora como atraentes para os nossos olhos, ora como necessários e urgentes para as nossas aquisições de consumo. Como explicar que

precisamos trocar um bem de consumo, mesmo já tendo um semelhante em pleno funcionamento? Como explicar nossas vontades consumistas que transbordam o nosso poder de compra? Veja que estes signos (Bakhtin) ou significantes (Lacan) são colocados pela sociedade por meio da cultura social (conceito freudiano) e pelas ideologias (conceito bakhtiniano). Dessa forma, temos mais uma aproximação entre os teóricos psicanalíticos e Bakhtin.

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer esta realidade, ser-lhe fiel ou apreendê-la de um ponto de vista específico (BAKHTIN, 2006, p. 32).

Para o autor, o “signo” não é mais visto como algo inerte, estático, não mais abstrato; a língua (gem) é dialética, viva e dinâmica. Para ele, “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (BAKHTIN, 2006, p.32). Outro conceito abordado por Bakhtin é a noção de consciência que é impregnada de conteúdo ideológico. Para Bakhtin, a única definição de consciência é de ordem sociológica.

Dito de outra maneira, o inconsciente, como dizia Freud, é necessário, pois existem lacunas na consciência. Dessa forma, Freud traça o conceito do inconsciente, mas não aborda a noção de sujeito e nem de discurso, conceitos estes abordados pela Psicanálise por Lacan. Para ambos os teóricos psicanalíticos, em suas obras podemos desprender que o sujeito se “constitui e não nasce pronto”. Para Freud a ideia da existência de uma criança já é suficiente para ela existir, pois já existe o desejo, dos seus pais, ela pode não existir na maneira carnal, viva, mas a vontade, o desejo de outros sujeitos já é suficiente para esta criança existir na psicanálise. Em outras palavras, um casal pode não ter filhos, mas de repente a avó pergunta: Cadê meu netinho? Pelo simples fato do desejo, a criança já existe, já está concebida no campo dos desejos de Freud. A teoria de Freud acredita que nossa história de vida nos constitui e, inclusive, nossos traumas na infância, principalmente, são fontes dos nossos problemas de hoje. Tudo o que vivemos é registrado pelo nosso cérebro, mas não recordamos tudo, entretanto, é guardado no nosso inconsciente. Por este inconsciente pode eclodirem situações que são refratadas, no momento atual, de formas positivas ou negativas.

Assim,

(...) se impulsos cheios de desejo forem reprimidos, sua libido se transformará em ansiedade. E isto nos faz lembrar que há algo de desconhecido e inconsciente em conexão com a sensação de culpa, a saber, as razões para o ato de repúdio. O caráter de ansiedade que é inerente à sensação de culpa corresponde ao fator desconhecido (FREUD [1913- 1914],p.47/48).

Nessa citação de Freud imprime muito sobre o ser-adolescente, uma vez que por essência, essa fase é constituída de inquietações, oscilações e impulsos. Como não compreender essas vontades e desejos a partir das relações dos signos/significantes (conceitos de Bakhtin e Lacan), uma vez que o eu-adolescente reflete em seu comportamento suas histórias e vivências? Além da dialética social coloca o adolescente, como ser oriundo do meio, mas que devido às suas condições psicossociais acaba agindo a partir de suas inquietações e, principalmente dos impulsos. Assim, segundo Blos (1998, p. 102)

Tanto o menino como a menina como a menina voltam-se agora, com maior vigor, para o objeto extrafamiliar libidinoso, isto é, o processo genuíno de separação dos laços objetais maduras. O caráter marcante da adolescência inicial está na decaatexia dos objetos amorosos e incestuosos; assim, a libido objetual que está solta, livre, clama por novas acomodações.

Embora a nomenclatura catexia tenha sido utilizada por Freud em 1913, já havia referência em suas obras sob a nomenclatura de “suprido de energia”, “carregado de uma soma de excitação”². Assim, neste momento suprimisse no adolescente os desejos amorosos e incestuosos, passando, assim, a acomodar essas vontades em outros desejos. Dessa forma, como tudo que é novo é perturbador, esses desejos chegam aos adolescentes como pulsões. Em outras palavras, o superego “entidade controladora cujas funções são inibir e regular a auto-estima, diminui de eficiência, deixando o ego sem orientações simples e permanentes da consciência.” (BLOS, 1998, p. 102).

Como a supremacia do ego sobre o superego, a autoridade deste sobre aquele torna-se inferiorizada, conseqüentemente, afeta “seus esforços próprios para mediar as pulsões” (*Idem*). Com o afastamentos dos pais, os conflitos edipianos e a “decaatexia abrange também suas representações objetais e seus equivalentes morais internalizados, que residem no superego.” (*Idem*)

Além do caráter da sexualidade está mais a florada, essas pulsões também são direcionadas para o Outro, idealizado, quase sempre para o/ a menino (a) na figura de um (a) amigo (a), com “significações e importância até então desconhecida”. É importante salientar que as escolhas objetual para esta fase, tem como exemplo, o parâmetro narcisista. A figura do amigo é idealizada, de forma que o adolescente passa a desejar certas qualidades

² O conceito de decaatexia faz menção ao conceito freudiano em que a catexia é a concentração de energia psíquica de um dado objeto.

identificadas no amigo, e que ele não possui. Para ele, a qualidade desejada pelo seu eu-adolescente passa a ser de sua propriedade, já que é do seu amigo.

Na adolescência propriamente dita essa busca de relações objetivas assume novos aspectos, diferentes dos que predominaram nas fases da pré-adolescência e adolescência inicial. O encontro de objeto heterossexual, possibilitado pelo abandono das posições narcísica e bissexual, caracteriza o desenvolvimento psicológico da adolescência propriamente dita. Mais precisamente, devemos falar de uma afirmação gradual da pulsão sexual adequada, que entra em ascensão e faz com que a ansiedade conflitual cada vez mais pressione o ego. (BLOS, 1998, p. 118)

Neste sentido, percebemos a clara continuidade do comportamento do adolescente e, como ele vai se adaptando às novas situações e sensações. “Para Freud, a pulsão sexual, diferente do instinto sexual, não se reduz às simples atividades sexuais que costumam ser repertoriadas com seus objetivos e seus objetos, mas é um impulso do qual a libido constitui a energia”. (ROUDINESCO, 1944, p. 629)

ANÁLISE DA CRÔNICA PERTENCER DE CLARICE LISPECTOR X RELAÇÃO DE PERTENCIMENTO DO ADOLESCENTE

Um amigo meu, médico, assegurou-me que desde o berço a criança sente o ambiente, a criança quer: nela o ser humano, no berço mesmo, já começou. Tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi a de pertencer. Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça. Se no berço experimentei esta fome humana, ela continua a me acompanhar pela vida afora, como se fosse um destino. A ponto de meu coração se contrair de inveja e desejo quando vejo uma freira: ela pertence a Deus. Exatamente porque é tão forte em mim a fome de me dar a algo ou a alguém, é que me tornei bastante arisca: tenho medo de revelar de quanto preciso e de como sou pobre. Sou, sim. Muito pobre. Só tenho um corpo e uma alma. E preciso de mais do que isso. Com o tempo, sobretudo os últimos anos, perdi o jeito de ser gente. Não sei mais como se é. E uma espécie toda nova de "solidão de não pertencer" começou a me invadir como heras num muro. Se meu desejo mais antigo é o de pertencer, por que então nunca fiz parte de clubes ou de associações? Porque não é isso que eu chamo de pertencer. O que eu queria, e não posso, é por exemplo que tudo o que me viesse de bom de dentro de mim eu pudesse dar àquilo que eu pertence. Mesmo minhas alegrias, como são solitárias às vezes. E uma alegria solitária pode se tornar patética. É como ficar com um presente todo embrulhado em papel enfeitado de presente nas mãos - e não ter a quem dizer: tome, é seu, abra-o! Não querendo me ver em situações patéticas e, por uma espécie de contenção, evitando o tom de tragédia, raramente embrulho com papel de presente os meus sentimentos. Pertencer não vem apenas de ser fraco e precisar unir-se a algo ou a alguém mais forte. Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem em mim de minha própria força - eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa. Quase consigo me visualizar no berço, quase consigo reproduzir em mim a vaga e no entanto premente sensação de precisar pertencer. Por motivos que nem minha

mãe nem meu pai podiam controlar, eu nasci e fiquei apenas: nascida. No entanto fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram por eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança.

Mas eu, eu não me perdo. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe. Então, sim: eu teria pertencido a meu pai e a minha mãe. Eu nem podia confiar a alguém essa espécie de solidão de não pertencer porque, como desertor, eu tinha o segredo da fuga que por vergonha não podia ser conhecido. A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: pertencer é viver. Experimentei-o com a sede de quem está no deserto e bebe sôfrego os últimos goles de água de um cantil. E depois a sede volta e é no deserto mesmo que caminho.”

Clarice Lispector³

PERTENCIMENTO X ADOLESCÊNCIA

Falar sobre Clarice Lispector é sobretudo compreender como esta autora concebe o ser humano a partir de suas escritas e da sua subjetividade humana, especialmente, sobre o universo feminino. Sabemos que denominar Clarice é algo imensurável, uma vez que sua obra é vasta e não se restringe a um gênero, ou característica, já que a sua obra, apesar de ser singular, ela é vasta e plural. Dessa forma, os textos clariceanos discorrem sobre infinitos temas da compreensão humana, indo desde a mais fugaz situação do cotidiano a temas mais relevantes que nos fazem refletir sobre o que é ser mulher, ser humano, ou simplesmente-SER. Para este trabalho escolhemos explorar uma de suas crônicas intitulada de PERTENCER que tem como finalidade discutir este verbo em sua pluralidade e porquê não dizermos singularidade, já que reflete sobre a necessidade humana de PERTENCER. Para Clarice “o Pertencer” é uma característica humana, e como ela diz no texto, característica essa, premente, ou seja, urgente, uma vez que, todo e qualquer humano, na verdade, o que se busca é PERTENCER, seja em seu primeiro núcleo social: a família, posteriormente, nos mais diversos núcleos e grupos. Queremos simplesmente, PERTENCER “A ALGO OU A ALGUÉM”.

Para Bloss (1998, p. 103),

Nessa idade, os valores, padrões e leis morais adquirem apreciável independência com relação à autoridade dos pais, tornaram-se egossintônicos e operam em parte

³ Fonte:https://www.pensador.com/clarice_lispector_pertencer/

dentro do ego. Não obstante, na adolescência inicial o autocontrole ameaça entrar em colapso e, em casos extremos ocorre a delinquência.

Dito de outra maneira, o ser-adolescente é banhado por situações de continuidade e descontinuidade que marcam esta fase de transformações em diferentes estágios humanos. É nesse momento, que o comportamento e as pulsões afloram com mais efemeridade e, paradoxalmente, com mais força. As relações com a família recaem para um segundo patamar na escala de prioridade, pois já houve ou estar havendo as rupturas edípicas. Cabe salientar que segundo Blos (1998, p. 103) “algumas crianças não sentem nenhum conflito em relação aos pais; reprimiram a pulsão sexual, ou essa pulsão é baixa, e, portanto, o ego tem a capacidade de dominá-la.”

Na mesma urgência de Pertencer o Ser-adolescente possui a sede das descobertas, do viver o novo, o imediato, dialogando, assim, com o texto Pertencer em que Clarice Lispector diz:

A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: pertencer é viver. Experimentei-o com a sede de quem está no deserto e bebe sôfrego os últimos goles de água de um cantil. E depois a sede volta e é no deserto mesmo que caminho.

Clarice Lispector

Dessa forma, como o adolescente é um ser em descobertas e em constante transformação, muitas vezes o seu “querer pertencer” é, na verdade, impulsos de desejos que nem sempre retratam a fidelidade da sua necessidade. Assim, na adolescência essa necessidade vem com mais urgência, a partir da PREMENTE necessidade da angústia de pertencer, já que esta é uma busca constante e ao mesmo tempo, incompleta, já que somos incompletos e estamos sempre buscando algo ou alguma coisa. Para a Psicanálise mesmo antes de nascermos já somos concebidos como objeto possuído, pois já existirmos no seio da nossa família, pela simples possibilidade de já sermos desejados, mesmo que ainda seja na vontade da nossa simples existência. Na adolescência, fase de conflitos e descobertas o ser-adolescente possui a necessidade de se inserir e ser aceito em grupos sociais, como diz Clarice: A Premente necessidade de Pertencer “Pertencer não vem apenas de ser fraca e precisar unir-se a algo ou a alguém mais forte. Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem em mim de minha própria força – eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O adolescente como sujeito psicanalítico se insere em um contexto social recheado de situações adversas, marcado pela sua própria essência humana que rompe com um mundo infantil e passa abruptamente por mudanças físicas e psíquicas. É nesse momento, que o adolescente, muitas vezes, contra a sua própria vontade, rompe com o estado de dependência da infância e passa a assumir posturas ditadas socialmente que o obrigam a ter padrões físicos e sociais que, quase sempre, vão de encontro a sua psique ou biótipo. Na busca desse protótipo do ser ideal, esse sujeito tão antagônico busca se inserir em grupos sociais sejam eles por universos estigmatizados de padrões de belezas, referências musicais, ou até mesmo pressão familiar para a escolha da carreira acadêmica que deverá seguir após o ensino médio. Como se enquadrar ou se reconhecer nesse novo universo? De que forma este adolescente pode encontrar o seu eu ou até mesmo se reconhecer como sujeito social, sim, mas também individual, mas, sobretudo, dono dos seus desejos e de suas escolhas?

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. Ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. Ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BELLEMIN-NOEL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978. BLOS, Peter. O ego na adolescência. In: *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*/Peter Blos; tradução de Waltensir Dutra; Revisão Monica Stahel.- 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.

EAGLETON, Terry. Introdução: O que é Literatura? In: *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREUD, S. (1940 [1938]) *Esboço de psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913 [1912-13]) *Totem e tabu*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1905) *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. (1960^a / 1998). *Subversão do sujeito e dialética do desejo*. In: *Escritos*.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

LACAN, J. (1960b / 1998). Posição do inconsciente. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Roudinesco, Elisabeth, 1944 — R765d Dicionário de psicanálise/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

REPERCUSSÕES ACERCA DA TRANSEXUALIDADE NO VIÉS PSICANALÍTICO E DAS TEORIAS DE GÊNERO

Stephanie Delany Olimpio de Almeida Silva – UNIPÊ
Monik Giselle Lira Monteiro – LIGEPSI/UFPB

INTRODUÇÃO

Os debates referentes à transexualidade vêm ganhando força ao decorrer dos tempos devido à insurgência dos movimentos sociais que discutem todo reducionismo biológico praticado e levam os debates a uma esfera que traga visibilidade e um pertencimento dentro nas arenas sociais. Adentrar nessa temática é, sobretudo, transcorrer acerca do entendimento hegemônico sobre corpo, sexualidade, identidade de gênero trazendo com isso nossas formas de repensar conceituações rígidas de feminilidade e masculinidade.

A relevância de adentrar a essa temática está em proporcionar uma ampliação do entendimento da transexualidade bem além de um reducionismo biológico para uma busca de reflexões de um componente cultural, mostrar o papel determinante da psicanálise para elevação da compreensão da sexualidade e abrir um campo para vislumbrar como as teorias de gênero foram determinantes para reconstrução de conceitos primordiais como feminilidade e masculinidade. A partir desse contraponto a o grande questionamento proposto dentro do artigo é: Quais são as repercussões para a compreensão da transexualidade dentro da visão dos teóricos da Psicanálise e das Teorias de Gênero?

Dentro de uma abordagem conceitual é possível antever que a compressão da transexualidade possui linhas de variações de acordo com a linha de conhecimento e o campo vivencial prático de cada autor. Uma perspectiva mais biológica atribui essa temática a um ponto de vista mais aproximado do diagnóstico, da patologização tendo poder para determinar o que seria do campo ou não da normalidade. Por outro lado, as ciências sócias produzem reflexões sobre o papel determinante da cultura na definição da transexualidade.

Apesar de todas as críticas existentes devido a um suposto determinismo psicanalítico são inegáveis quantas contribuições ela trouxe na introdução de novos conceitos que proporcionaram aberturas de mentalidades e ao estender o campo da sexualidade bem além dos limites do biológico. Alguns autores discorrem sobre a questão do papel decisivo dos pais nesse processo de formação da sexualidade e outros se detêm as consequências para a constituição do indivíduo como falha no processo identificatório, vínculo à concretude do corpo e a insensibilidade ao jogo da ilusão.

As teorias de gênero adentram na arena dos debates trazem discussões sobre os conceitos de feminilidade e masculinidade afirmando que elas são frutos do aprendizado de funções e que haveria um processo de internalização de componentes representativos presentes na cultura. Segundo Butlher (2010) falar sobre gênero é algo tão complexo é preciso entender que estruturação em torno de gênero é fictícia e a identidade de gênero é ilusória porque se constitui no inacabado.

Esse artigo possui como principais objetivos analisar o processo de construção histórica do conceito de transexualidade, enunciar o entendimento das psicanálises na compreensão do funcionamento psíquico dos transexuais e discorrer sobre as contribuições das teorias de gênero dentro da temática. Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica que é caracterizada segundo Cajueiro (2013) como uma análise e uma proposição de discussão de um referencial teórico de modo a utilizar a bibliografia de autores, literaturas, artigos ou monografia sobre o tema proposto e com a finalidade de conhecer as variadas formas de contribuições científicas acerca de um determinado assunto.

PERCURSOS HISTÓRICOS DO CONCEITO DE TRANSEXUALIDADE: DA PATOLOGIZAÇÃO AO VIVER AUTÊNTICO DA SUBJETIVIDADE

A perspectiva de entendimento do conceito acerca da transexualidade varia de acordo com o referencial teórico-profissional e vivencial de cada área de conhecimento. Dentro da medicina o sexo biológico é o eixo responsável por determinar a identidade sexual dos sujeitos. Sendo assim qualquer desvio na norma vigente é compreendida como transtorno passível de adaptação cirúrgica ao corpo do sujeito. Por outro lado, dentro das ciências sociais, a transexualidade vem sendo abordada como fruto das relações com as normas e inscrita dentro dos valores estabelecidos pelo universo sociocultural.

Dentro da literatura médica foi na década de 40 que Harry Benjamin se tornou o primeiro médico responsável por realizar estudos acerca das pessoas consideradas transexuais que ainda não se encontravam inseridas numa terminologia específica para a época (ATHAYDE, 2001). Assim o termo transexual foi publicado em um artigo científico escrito pelo sexólogo David Caulwell com publicação em 1949 em que fazia o relato de um caso de pedido de transmutação de mulher para homem classificado como um caso de *Transsexualis phychopathia* (SCHILT, 2008).

Sob uma égide biológica, Harry Benjamin em 1953 compreendia que a ideia de sexo tinha uma composição baseada nos componentes genéticos, gonádicos, fenotípico,

psicológico e jurídico, e segundo seu entendimento, o determinante e responsável para a determinação de sexo e do gênero seria o sexo cromossômico (genético). Dentro dessa visão o transexual se sentiria como uma mulher, mas se sentiria atraído por outros homens fazendo com que ele fosse um homossexual se ele fosse diagnosticado com seu corpo. No entanto, ele se autodiagnostica de acordo com seu sexo psicológico feminino (ÁVILA; GROSSI, 2010).

Em 1975, o psicanalista Robert Stoller destaca que o diagnóstico da transexualidade está firmemente associado na relação da criança com a mãe que ao se colocar em uma posição de inveja dos homens, provém um desejo inconsciente de ser como eles e transfere esse desejo para o filho (ÁVILA; GROSSI, 2010).

A entrada da transexualidade no Manual Diagnóstico e Estatístico das Desordens Mentais – DSM III (CASTEL, 2001), no ano de 1987, incluía os indivíduos compreendidos com “disforia de gênero” que apresentassem no período mínimo de dois anos uma decisão contínua de transformar o sexo de seu corpo e em consequência o status do gênero social. No ano de 1994 o DSM –IV chegou com uma alteração de funcionalidade que alterava o termo transexualismo por Desordem de Identidade de Gênero também presente na Classificação Internacional das Doenças – CID -10 e que na última atualização do DSM – V transformou o termo “Desordem” por “Transtorno da identidade de Gênero” (GARCIA, 2009).

A estruturação da transexualidade dentro da perspectiva de um discurso biomédico provocou um fenômeno de patologização tanto do plano físico em que os indivíduos têm o desejo de serem submetidos à cirurgia de redesignação sexual como no plano mental em que as pessoas são classificadas dentro de uma demarcação de transtorno de identidade de gênero e se discorre para um plano jurídico em que as pessoas teriam que se submeter a um aparato médico regulador onde seria necessário realizar uma cirurgia de redesignação sexual para poder conseguir um reconhecimento legal e social de acordo com sua identidade de gênero (GARCIA, 2009). Dentro desse princípio é possível antever que os transexuais são pensados cientificamente como seres onde são os saberes científicos que legitimam uma explicação sobre eles, seus atos individuais e coletivos dispostos nas arenas sociais e políticas (FERRÉ, 2009).

As críticas remanescentes ao longo dos períodos em que o transexual foi denominado e enquadrado pela psiquiatria na ordem de uma patologia contribuiu para com que a sociedade não tivesse um processo construtivo de inclusão dentro das mais diversas arenas ideológicas. O campo da subjetividade foi disposto em segundo lugar e isso contribui

para a visão marginalizada que ele detém atualmente, portanto, o papel de outros campos do conhecimento fez com que eles detivessem sua visibilidade e reconhecimento perante os outros e a si mesmo.

A nova condição de vida da pessoa transexual demanda que ela tenha habilidade para lidar com as emoções conflitantes, sentimentos relacionados à vida afetiva, social e laboral promovendo assim uma maior flexibilização para lidar com essa amplitude de áreas sobrepostas. De acordo com Canguilhem (1990) isso compõe um conjunto de características essenciais à saúde que fazem parte da normatividade que nada diz respeito à adaptação das normas vigentes e sim às possibilidades de construção de um complexo composto por novas normas autênticas de vida.

Segundo Santos (2011) discorrer sobre a transexualidade é focalizar dentro da cultura ocidental toda construção e hegemonia de conceitos como corpo, sexo e sexualidade. Nos últimos anos a temática ganhou ares de maior repercussão dentro da sociedade e através disso está sendo possível promover uma abertura de mentalidade e ampliação das delimitações sobre gênero quando dispostas perante uma dicotomia entre os significantes do masculino e feminino. Desse modo para Bento e Pelúcio (2012), concordar que o gênero continue sendo objeto de diagnóstico no lugar de ser questionado é, sobretudo permitir que os seres sejam construídos como abjetos e dispostos às margens do Estado e do meio social. Essa abertura defendida pelos autores citados acima produz uma construção de novos caminhos de possibilidade onde eles possam se constituir de acordo com o que realmente são, pensam e se sentem e sendo assim é possível visualizar um ser legítimo.

A sustentação do discurso médico coloca em vigência a heteronormatividade e o binarismo de gênero provocando assim um fenômeno que normatiza as condutas sexuais e as definições do que seriam a masculinidade e feminilidade assim como os parâmetros de saúde e normalidade e de doença e anormalidade. Segundo Arán (2009), certos tipos de identidade de gênero são considerados como meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas porque se estabelecem assim contra as normas de inteligibilidade cultural vigente.

Os questionamentos advindos das ciências sociais ganham força ao discutirem o tabu da heterossexualidade compulsória em vigor na cultura. Toda construção a respeito das categorias de homens e mulheres inaugura uma nova forma de produzir gênero em que oportunizou repensar a masculinidade e feminilidade, mas, sobretudo de repensar o humano e as mais diversas formas de expressão da sexualidade humana (SAMPAIO; GARCIA, 2010).

As trocas de conhecimento entre os mais diversos saberes promoveram um cenário em que foi possível adentrar sobre questionamentos que escapavam de uma arbitrária definição seja da psiquiatria ou da normatização da cultura contribuindo assim para a formação de um corpo social marcado por discussões menos engessadas e mais autênticas. A psicanálise desde a sua constituição inicial promoveu uma abertura para que se pudesse adentrar em um diálogo mais relacionado com a subjetividade humana que foi utilizada para campo de aprofundamento posteriormente pelas ciências sociais.

AS VISÕES DAS PSICANÁLISES ACERCA DAS CONTROVÉRSIAS DA TRANSEXUALIDADE

A sexualidade humana apresenta inúmeras formas de manifestação e dentre elas existem algumas que se encontram vetadas de acordo com as normas e os determinantes morais presentes na sociedade. Mediante os estudos das obras de Freud é perceptível que a sexualidade não é um campo fácil de investigação visto que ela se apresenta de forma precoce dentro de um vislumbre de estruturação psíquica dos sujeitos e ela se constitui como parte de um evento traumático.

Mesmo com toda problematização presente na psicanálise com as acusações de normatizações das relações sexuais dentro de modelos estruturados a partir do Complexo de Édipo e do Complexo da Castração é inegável que essas discussões foram responsáveis por uma ampliação do campo de debate e introdução das concepções que adentram a sexualidade muito além de manifestações pertencentes exclusivamente ao campo biológico. Dessa forma é importante destacar determinantes importantes da sexualidade: desvios dos comportamentos, objetos e objetivos sexuais, bissexualidade infantil, diferenças entre anatomia e destinos sexuais e passagem pelo Complexo de Édipo (SOUTO; ETAL, 2016).

O conceito de identidade de gênero foi conceituado por Stoller (1968) como um comportamento com motivação psicológica que não tem uma relação direta com o sexo biológico e sim com a presença de elementos mesclados de feminilidade e masculinidade no indivíduo. De acordo com essa linha de pensamento as convicções são sentidas por aqueles que a possuem, com origem na atitude dos pais conjuntamente com o fundamento biológico do indivíduo. Sendo assim a coerência entre sexo e identidade de gênero eram indicadores de saúde enquanto a incoerência de patologia.

De acordo com Phillys Greenacre (1969 apud ARGENTIERI, 2009) o processo de pensamento do transexual mesmo que se disponha limitado no núcleo da identidade de

gênero fica vinculado à concretude do corpo onde está apreendido na realidade e insensível ao jogo da ilusão. Dessa maneira a obstinação de solucionar sua questão no nível biológico caracteriza um sintoma de falha de acesso ao simbólico e está originado dentro da área pré-simbólica composta por uma separação incompleta entre self e não-self.

Lacan instaura de 1985 que o corpo tem sua inscrição realizada através do desejo e dessa maneira as ideias do que seriam um homem ou uma mulher seriam apenas significantes. De acordo com Jorge (1997), o sujeito não teria um sexo e sim o sujeito seria o sexo e sendo assim ele habitaria os lugares intervalados entre os significantes do homem e da mulher. Mediante isso a aflição causada por não corresponder ao seu desejo seria substituída pela redesignação sexual que recebe status de autenticação pelo Outro para validação de sua imagem corporal.

A francesa Agnes Oppenheimer (1991) estabeleceu um direcionamento para estabelecer um diagnóstico e uma etiologia de caráter mais rigoroso em relação à transexualidade. De acordo com seu ponto de vista os transexuais são dignos de desconfiança, apresentam uso abusivo de mentiras, compreendem a diferença entre os sexos de maneira estereotipada, tratam seus problemas como se pertencesse a ordem trivial e desmentem por completo sua homossexualidade. O benefício da análise, portanto para esse paciente seria dissipar as defesas mais rígidas e os pensamentos mágicos e proporcionar que as suas ansiedades se tornassem menos arcaicas e intensas.

Ao discorrer sobre a identificação necessária ao desenvolvimento de todo indivíduo, Ceccarelli (1998) afirma que o transexual masculino se estabelece no equilíbrio entre uma estreita relação com a mãe e um sofrimento de uma ausência paterna que provoca uma impossibilidade de identificação com o masculino e as vivências de conflito do Édipo. Nesse sentido já que poderia se apresentar como o falo da mãe então ele se veria identificado com o feminino.

De acordo com Winnicott (2000) esses pacientes estão apreendidos em falsos selfs e sendo assim nunca experimentaram uma vida tranquila, sua sexualidade é estruturada mediante constantes acting-outs e possuem a ilusão que eles devem ser idênticos as suas mães.

De acordo com Cordeiro et al (2012) existe uma falha no processo identificatório do transexual que faz com que ele busque ser reconhecido socialmente, troque seu nome a fim de se tornar simbolicamente o seu próprio pai para exercer a função paterna que o nomeia. Segundo esse entendimento podemos concluir que a exclusão de figura paterna pode se apresentar como uma negação extremada que funciona dentro uma funcionalidade psicótica.

O transexual estaria convencido dentro de uma lógica delirante que pertence a outro sexo e viveria dentro de uma realidade em busca dessa transformação.

De modo geral, Cekarrelli (2003) realiza a proposição de que todos os seres precisam passar por um processo em que eles venham a se tornar subjetivamente homens ou mulheres para que possam ser considerados participantes subjetivos do sexo. A disposição de toda essa lógica de sexuação não possui um eixo estruturado como uma lógica binária e sim precisa existir uma escolha do sujeito para se inscrever na função fálica assinalando sua posição em relação ao gozo do Outro sob o fantasma da relação não-sexual.

As discussões proporcionadas pela psicanálise e relacionadas com a sexualidade humana contribuíram para uma abertura de uma arena social de modo a poderem destrinchar as fronteiras entre a estruturação, os caminhos e as possibilidades de exercício do desejo. Dessa forma as Teorias de Gênero vieram propor que a disposição dos debates sobre a transexualidade poderia habitar meandros que escapassem de uma patologização para habitar em questões de ordem subjetiva, se propondo a gerar visibilidade e adentrando em uma visão humanitária da psique.

DISCUSSÕES DAS TEORIAS DE GÊNEROS A RESPEITO DAS EXPRESSÕES DA TRANSEXUALIDADE

O estudo relacionado ao gênero vem ganhando uma força considerável através da expressão do movimento feminista que fundamentada por autoras advindas das ciências sociais procuravam uma maior compreensão da posição subordinada da mulher em relação ao homem dentro da sociedade atual. Nos estudos iniciais o conceito de gênero era firmemente atrelado à mulher, mas dentro das pesquisas e estudos atuais é perceptível uma expansão que adentra em uma melhor compreensão da subjetividade masculina, uma separação entre as categorias de gênero e até mesmo uma rejeição das simplificações biológicas.

Segundo Heilborn (2004), os estudos sobre gênero focalizam em uma escolha por uma visão cultural em detrimento de um reducionismo biológico a fim de compreender as diversas formas de expressões que o feminino e o masculino assumem dentro das culturas. Dessa forma os modelos apreendidos de masculinidade e feminilidades são frutos do aprendizado das funções e da internalização das representações desempenhadas pela cultura.

O surgimento das metanarrativas modernas enfatiza o particular em detrimento do universal e dessa maneira surgem uma maneira de racionar contestadora acerca da produção de verdades absolutas. O império da subjetividade e da relativização conjuntamente com uma fuga das naturalizações permite que os modelos atrelados à feminilidade e masculinidade e identidades de gêneros sejam revistos e, sobretudo reconstruídos de acordo com a singularidade dos seres.

Dentro de uma perspectiva universalista Simone de Beauvoir tem o mérito por ser uma das primeiras autoras a desnaturalizar a condição da mulher, mas falha quando tenta dispor o gênero dentro de uma lógica baseada em posições binárias mesmo que dentro de uma perspectiva de uma construção histórica. Seu erro foi pressupor que existem características unificadoras dentro das categorias de homem e mulher que façam com que eles sejam dois grupos distintos e que sejam participantes homogêneos. Essa visão não considera as diferenças que existem entre os integrantes de cada grupo e da disposição das diversas formas de subjetividade (BENTO, 2006).

Joan Scott (1986apud SAMPAIO, 2010) possui uma nova proposta para pensar o gênero baseado em um pensamento relacional e que as categorias construídas são definidas uma em relação ao outra e precisam ser pensadas sob uma ótica sistêmica. Para ele as categorias em torno do homem e da mulher são vazias pela justificativa de que não possuem um significado definido e são transbordantes porque não se apresentam como fixas visto que possuem muitos elementos negados ou reprimidos. A crítica presente dentro dessa abordagem é de que ela ainda fica marcada por uma lógica binária que exclui as sexualidades desviantes porque ele engessa uma forma modelar e heterossexista de entendimento da sexualidade. (BENTO, 2006).

Esse modelo das divisões antitéticas bem características do pensamento moderno é excludente visto que produz um entendimento que somente existem dois tipos opostos de expressão de gênero colocando assim a margem todos os movimentos de minorias dentro da sociedade e ainda estabelece uma normatização arbitrária dos indivíduos, pois ao homogeneizar as categorias dispensam assim toda riqueza de diversidade que faz parte da natureza humana.

A representante da tendência plural é a Judith Butler (1990 *apud* SAMPAIO, 2010) que procurou superar as delimitações pelos estudos de gênero baseados no heterossexismo e devido a isso conseguiu criar meios que amparassem uma legitimação de outras formas de subjetividades. A autora defende a ideia de que o gênero é composto por tamanha complexidade que não poderá jamais caber em uma conjectura estruturada então dentro

dessa visão o gênero passa a ser compreendido como uma ficção e a identidade de gênero seriam ilusórias. Ao intervir sobre a pluralidade do gênero ela inaugura uma nova era onde é preciso repensar o feminismo, os problemas de gênero em busca de uma reconstrução da feminilidade e da masculinidade.

A fim de realizar uma composição sobre a sua ideia de concepção de gênero, Butler (1990) se apoia na teoria foucaultiana para afirmar que a construção da identidade é sempre ilusória porque visto que o corpo possui marcas históricas e a mesma é descontínua então ele nunca poderia ser estável. Dentro as mais diversas marcas que a cultura impõe aos corpos, o gênero se caracteriza como uma inscrição primeira sendo, portanto definido como inauguradora do processo de subjetivação. Segundo o seu entendimento o gênero seria compreendido como uma parte fundamental de construção que recebe a marca do inacabado.

Butler (1990) afirma que a identidade de gênero só se construiria através da repetição insistente das performances prototípicas do sexo sendo assim ela repudia a ideia de uma pré-concepção de essência tanto masculina como feminina. De acordo com a autora ser homem ou mulher seria resultado de processo de cunho imitativo de performances masculina e feminina instruídos pela cultura. Neste sentido, estabelecer fronteiras para o corpo seria tentar tornar a dar poder a política para fabricar uma visão sem contestação das normas e das garantias de uma suposta continuidade e coerência do gênero a fim de provocar uma diminuição de possibilidade de contestação das divisões de papéis e baseada na naturalização das relações entre os sexos.

As contribuições dessa teórica sobre as discussões de gênero ultrapassaram os modelos binários até então predominantes e toda visão universalizante do pensamento ocidental acreditando assim que ao inventar os papéis sociais de modo arbitrário acabariam provocando a constituição de seres fechados em si mesmo pelas concepções biologizantes. Ao abrir mentalidades ela coloca um empoderamento para que tanto os homens como as mulheres possam assumir seu próprio destino e assumam os papéis masculinos ou femininos de acordo com sua subjetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adentrar em questionamentos pertinentes a transexualidade é perceber que todos os componentes constitutivos como biológicos, socioculturais e psicanalíticos se tornaram instrumentos para que essa categoria pudesse tomar uma visibilidade dentro das arenas

sociais independente dos fins e conclusões levantadas. Essa visibilidade trouxe uma possibilidade de se repensar às delimitações sobre gênero, criticar toda uma lógica de inteligibilidade cultural vigente e repensar primordialmente o componente humano, singular e rico que existe dentro das mais diversas formas de se expressar a sexualidade.

Assim como todos os indivíduos independentes do gênero precisam passar por uma construção de um processo subjetivo para se considerarem participantes subjetivos do sexo pode-se entender que acima de tudo a transexualidade é uma conquista marcada por um processo de descoberta contínuo em que eles lutam, sobretudo por não serem mais submetidos e legitimados por um terceiro e sim por se empoderarem para exercer sua existência singular e a sua subjetividade criativa.

A questão proeminente em ampliar o campo de debates e conseqüentemente a abertura de mentalidades é fornecer um contraponto sob a perspectiva política justificada na naturalização das relações entre sexos e na coerência de gênero que acaba por provocar a diminuição das possibilidades de contestação das divisões papéis na sociedade. Então a transexualidade recebe a marca de uma força contestatória que exige estar dentro das arenas sociais com poder para se definir e influenciar decisivamente o mundo a sua volta.

REFERÊNCIAS

ARAN, M. **A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero.** *Ágora*, v.9, n.1, p.49-63, 2006.

ARGENTIERI, **Simona. Travestismo, transexualismo, transgêneros: identificação e imitação.** *Jornal da Psicanálise*, São Paulo. p.167-185, dez. 2009.

ATHAYDE, A. **Transexualismo masculino.** *Arq Bras Endocrinol Metab.* v 45, n. 4, p. 407-414. ago. 2001.

ÁVILA; G. **Transexualidade e Movimento Transgênero na perspectiva da diáspora queer,** 2010.

BENTO, B. **Estudos de gênero: o universal, o relacional e o plural.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, B.; PELÚCIO, L. **Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas.** *Rev. Estud. Fem., Florianópolis*, v. 20, n. 02, ago. 2012.

BULAMAH, L; KUPERMAN, D. **A psicanálise e clínica de pacientes transexuais,** n.5, v.1, maio. 2016.

CAJUEIRO, R. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos,** 2013.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CASTEL, Pierre-Henri. **Algumas reflexões para estabelecer a cronologia “fenômeno transexual”**, Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, n. 41, p. 77- 111, 2001

CECCARELLI, P. R. **É possível mudar de sexo?** A construção da masculinidade. Percurso, vol. 19, p. 49-56, 1997.

CECCARELLI, P. R. **Transexualismo e caminhos da pulsão**. Reverso: Revista do Círculo Psicanalítico, v. 50, p. 37-49, 2003.

CORDEIRO; SOUSA; YOSHIDA. **Transexualismo – uma visão psicanalítica**. p. 92-112, 2012.

FERRÉ, J. V. **A transexualidade na ordem do gênero**. Sociológica, n. 69, p. 61-78, 2009.

GARCÍA, F. V. **A subjetividade dos transgêneros e os limites do construtivismo**. n.1, p. 63-68, 2009.

HEILBORN, M.L. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

JORGE, M. A. **Sexo e discurso em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LACAN, J. **O Seminário 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

OPPENHEIMER, A. **O desejo de uma mudança de sexo: um desafio para a psicanálise**, p. 221–231, 1991.

SAMPAIO, R. **Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero**. Psicologia em Revista, v.16, n.1, p 81-102, abr, 2010.

SANTOS, M. F. L; ARÁN, M. **A construção do dispositivo da transexualidade: saberes, tessituras e singularidades nas vivências trans**, 2013

SCHILT, K. **"Transsexual."** *Encyclopedia of Gender and Society*. 2008. SAGE Publications. [online] Disponível em http://www.sageereference.com/gender/Article_n427.html. Acesso 24 Abr. 2010.

SOUTO ET AL, **As vias da transexualidade sob a luz da psicanálise**, Rio de Janeiro, v.38, n.34, p187-206, 2016.

STOLLER, R. **Sex and gender**. London: Karnac, 1968.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

AS VISSICITUDES DO AMOR: A DEVASTAÇÃO DE EROS NA EROTOMANIA

Ivanildo Santos Silva - PPGL/UFPB
Monik Giselle Lira Monteiro - LIGEPSI/UFPB

RESUMO: A erotomania consiste na convicção delirante por parte do sujeito de que outra pessoa está secretamente apaixonada por ela. Denominado pela psiquiatria como "Paranoia Erótica", ou "Síndrome de Clérambault" descrita primeiramente pelo psiquiatra francês Gaëtan Gatian De Clérambault (1872-1934) e segundo ele, se desenvolve em três fases clássicas: A esperança, o despeito e, finalmente, o rancor. O erotomaníaco constrói esses delírios a fim de satisfazer suas necessidades. A pessoa realmente acredita ser amada por aquela outra, acredita ser desejada sexualmente por esse "parceiro imaginário". A origem dos delírios seria passional, sendo assim o desenvolvimento da idéia de que, o objeto de amor, é quem ama mais, ou ainda quem ama sozinho. Diante dessa temática, levantou-se o seguinte questionamento: Como pode ser sofredor a relação de um erotomaníaco com o seu objeto de amor? Sendo assim, a escolha do presente tema justifica-se pelo fato da necessidade de melhor conhecer a erotomania e a devastação que ela provoca na vida das pessoas envolvidas nessa doença do amor. Identificando suas fases, sua etiologia e possíveis tratamentos. Questiona-se que muitos dos erotomaníacos são pouco atraentes e solitários, e que buscam compensar sua realidade por meio de construções delirantes projetadas em pessoas mais "valorizadas" socialmente. Questiona-se também, motivos orgânicos para o desenvolvimento da erotomania, assim como, acredita-se que a privação sexual seja um fator que impulse o desenvolvimento da patologia. O trabalho proposto busca analisar a relação devastadora do erotomaníaco com o seu objeto de amor, levando em consideração as repercussões da erotomania na vida da pessoa vítima do erotômano e identificar os tratamentos específicos relacionados a erotomania de acordo com a Psicologia. Desse modo, é necessário conhecer as concepções que os estudos revelam sobre esse assunto, que servirão para ampliar o conhecimento sobre o tema.

Palavras-Chave: Amor. Erotomania. Psicopatologia

INTRODUÇÃO

A erotomania por definição é a convicção do sujeito que o outro o ama. Antes de ser cognominado de erotomania pelo psiquiatra francês Gaëtan Gatian de Clérambault (1872-1934) este delírio foi batizado por, Jean-Etienne Esquirol de: Delírio de "monomania erótica" ou "a loucura do amor casto" outro nome foi dado pelo também psiquiatra francês Agustín Benedict Morel que preferiu tão somente chamá-lo de: "Delírio de amor".

A síndrome erotomaníaca de Clérambault é formada por uma série de ideias e interpretações delirantes da realidade que surgem de modo súbito como o amor à primeira vista. É formada por três fases. A primeira compreende um período otimista e em outros períodos pessimistas. O período otimista é a primeira fase, ou seja, a fase da esperança, quando o sujeito crê ser amado de forma convicta, inabalável. A segunda fase é a do despeito, quando o sujeito tem pelo objeto, ao mesmo tempo, sentimentos de conciliação e

de vingança, baseados em seu orgulho ferido, pelo fato do objeto não estar correspondendo ao que o erotômano espera dele. E a terceira e última fase é a do rancor, ou da reivindicação, quando o sujeito passa a sentir ódio do objeto e a fazer-lhe falsas acusações e ameaças de vingança, assim como a se sentir ameaçado e perseguido pelo objeto.

Em todos os lugares, épocas, povos, textos e contextos, o amor se fez/faz presente como sentimento propulsor da vida em sociedade. Pode-se encontrar suas manifestações em diversas abordagens históricas como novelas, mitos, estórias, teatro, literatura, filmes, entre outras. Mas o que é amor? Será possível explicar em palavras esse termo completamente subjetivo? Questiona-se isso, pois mesmo com tantos conceitos positivos a respeito do amor, nos deparamos na experiência da vida com casos em que se considera que amar demais se tornou maléfico à saúde, ou seja, quando ocorre falta de controle e de liberdade de escolha sobre a conduta de amar, “de modo que ela passa a ser prioritária para o indivíduo, em detrimento de outros interesses antes valorizados, será caracterizado como um problema denominado amor patológico” (SOPHIA et.al, 2007).

Desse modo, a escolha do presente tema tem o objetivo de investigar a devastação que a erotomania provoca na vida das pessoas envolvidas nessa doença do amor. Identificando suas fases e sua etiologia. Até onde pode chegar à manifestação de um amor patológico?

PERCURSO HISTÓRICO DO AMOR

Até o século XVIII, o amor era considerado uma doença, um devaneio, pois, era responsável pela desonra das moças de família, causa de dor e melancolia para os boêmios, etc. Para Paiva, Aranha e Bastos (2008), o sujeito está em permanente busca de algo que preencha o vazio e a angústia, revelando na expectativa de encontrar, por via do amor, a resposta para a felicidade. Freud defende que essa busca daquilo que nos falta está relacionada à castração, não no sentido da angústia em si, mas sim, pelo medo de perder o objeto amado.

Ellis (1971) em a Psicologia do Sexo enfatiza que a palavra amor é usada para significar qualquer manifestação do impulso sexual. Para se entender essa estruturação do amor é necessário que compreender o seu significado desde origem da humanidade. Talvez a única certeza que se pode ter em relação ao amor é que sobre ele parece não termos nenhum controle. Passa-se assim a vida em busca daquela metade que nos complete e que traga sentido a nossa existência, conforme dito por Foucault (1984), o ser humano é um

ser binário por constituição, sendo feito para viver a dois, necessitando de uma relação que lhe garanta uma decência e que lhe permita passar a vida com um parceiro.

As discussões acerca do amor e desse eterno devir que representa a busca pelo mesmo é descrito desde a antiguidade através de mitos. A posteriori passou a ser expresso pelos cancioneiros e trovadores na idade média. A forma de vivenciar esse sentimento sofreu mudanças ao longo dos anos, porém, ao mesmo tempo sempre foi atribuído o sentido de buscar a metade que nos falta.

O amor na antiguidade foi inicialmente representado pelos gregos através de sua mitologia. Os gregos por sua vez utilizavam os mitos como uma forma de expressar-se e de compreender o mundo a sua volta. Em relação aos sentimentos não seria diferente. Um dos primeiros mitos que temos conhecimento da cultura grego-romana é o mito de Eros e Psique, representado por um dualismo entre a razão e a paixão, sendo Eros, representado até nos dias atuais como o Deus do amor, aquele chamado de Cupido que flecha os corações dos humanos.

Conforme May (2012) foi Platão quem publicou o primeiro tratado sobre o amor, o qual foi traduzido para a língua portuguesa como a obra, *O Banquete*. a autora afirma que o mito do Banquete de Platão expressa a realidade, a busca humana mais profunda, pois ainda é um discurso comum nosso enfatizar que nos encontramos e nos sentimos inteiros ao nos depararmos com a nossa outra metade, ou seja, ainda acreditamos que existe alguém perfeito para nós, o nosso encaixe perfeito. (MAY, 2012)

A posteriori se pode citar como fato de suma importância o surgimento do amor cortes e do amor romântico. O amor cortês é representado na Idade Média como um amor inalcançável, um amor puro, livre da luxúria e dos prazeres da carne. Lins (2013) aborda que o amor cortês foi à primeira manifestação do amor como conhecemos como uma relação pessoal na atualidade. O amor cortês era gentil e respeitoso com a mulher amada, essa por sua vez era honrada e idealizada pelo homem que a admirava e a desejava de forma sublime. Lins (2013) relata que o amor entre marido e mulher, bem como qualquer sexualidade contida nessa relação de afeto, era visto como algo impuro, bestial e não espiritual. O mundo era até então dividido entre as forças dualistas do bem e do mal. Sendo um casamento tradicional, de acordo com os preceitos da época, algo celeste e abençoado por Deus. E o contato físico, carnal, o desejo entre o casal algo pecaminoso. A libertação dos prazeres da carne era tida como algo demoníaco.

Sendo assim, esses tipos de amor podem ser expressos através do amor platônico ou romântico. O amor tipo Eros é o amor romântico e platônico, citado inicialmente em *O*

Banquete, de *Platão*, onde se faz um elogio ao amor que se estrutura na virtude, que se mobiliza pela falta do objeto amado, pelo sofrimento (MAY, 2012). Para a Psicanálise, o amor é sentimento e ação de investimento de energia psíquica (libido) sobre um objeto. A ligação da libido com o objeto participa de (pelo menos) dois processos essenciais no psiquismo: a satisfação parcial do desejo (por exemplo, no prazer erótico do encontro sexual) e o contínuo trabalho psíquico de lapidação do eu na relação com o outro. O amor é fonte de prazer e alicerce da construção permanente da identidade. O seu fracasso pesa sobre essas duas condições básicas para o bem-estar psíquico humano. De certa forma, toda escolha apaixonada de objeto de amor revela uma captura narcísica inconscientemente, vejo no outro o que eu sou, o que eu fui, o que eu gostaria de ser ou o que eu gostaria de possuir (FREUD, 1914/ 2015).

Pode-se compreender que a forma de sentir e vivenciar o amor depende da estrutura psíquica do sujeito e da sua relação com o objeto de amor, ou seja, o seu objeto de desejo. Para Freud (1905/2015) a neurose consiste em um resultado de um conflito entre o id e o eu, já a psicose é um análogo de um distúrbio entre o eu e o mundo externo. Mundo externo este tido como resultado do desejo materno, das pulsões e do simbólico Pai, que viria a surgir durante o Complexo de Castração e o Complexo de Édipo, em torno dos cinco anos da criança.

Quando essa função paterna não é representada de forma ideal através da angústia de castração durante os Complexos de Édipo e o Complexo de Castração, faz com que o sujeito não o simbolize, sendo a eles atribuída uma representação real, o que gerará a posteriori conflitos para o sujeito. Ainda de acordo com Freud (1917/2015) esse desinvestimento do simbólico pelo real pode influenciar na relação do sujeito com os seus objetos de desejo:

A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o eu. Ali, contudo não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o eu, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetal se transformou numa perda do eu, e o conflito do eu e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação (Freud, 1917/ 2015.p.281-282).

Assim, o homem e mulher passariam a amar de formas diferentes, para o homem o objeto de amor é sexual, para as mulheres o seu objeto de amor é narcísico, baseado naquilo

/ aquele que falta. O que Santos e Sartori (2007) ao citar Freud distingue da seguinte maneira:

O objeto de amor do homem é anaclítico, isto é, um objeto sexual. O objeto de amor da mulher é narcísico: é ela mesma, aquilo que ela foi, uma parte de si ou aquilo que gostaria de ser. O objeto de amor do homem é cindido entre a mulher de má reputação e a mulher dignificada. O desejo do homem é localizado e cifrado no fantasma. Dizendo de outro modo, ele é – (pai) – versamente orientado. O desejo da mulher se orienta para o falo que ela precisa localizar no corpo de um homem, sua finalidade é, entretanto passiva, ela deseja ser amada por aquele que o possui e pode dá-lo (SANTOS; SARTORI, 2007, p.16).

Freud (1926/2015) define paixão amorosa através do termo *Verliebtheit*, sendo a essa palavra atribuída a ideia de amor relacionado a uma perturbação de amor. O apaixonado, portanto, não ama conforme os demais, a paixão amorosa é uma das formas de amar. O sujeito vive uma relação amorosa com o seu objeto de amor assim como um toxicômano pela sua droga de preferência. O amor patológico em si, se caracteriza pelo comportamento de prestar cuidados e atenção, de maneira repetitiva e sem controle, ao objeto de amor (parceiro) com a intenção (nem sempre revelada) de receber o seu afeto e evitar sentimentos pessoais de menos valia.

Aliás, parece ser tênue a separação entre a paixão e a perda da razão, uma vez que a pessoa apaixonada costuma perder alguma porção de sua crítica e da capacidade em avaliar verdadeiramente a realidade. Quando deixa de haver controle no amor, quando se compromete a liberdade de conduta ou quando esse sentimento passa a ser absoluto e em detrimento de outros interesses e atitudes antes valorizadas, podemos estar diante de um quadro chamado Amor Patológico (Norwood, 1985). Nessa patologia do amor a obsessão em pensar seguidamente na pessoa amada faz sofrer muito, principalmente diante de tudo aquilo que dificulte, impeça ou atrapalhe a vivência de seu amor.

A clínica psicanalítica, através da teoria das pulsões remete ao princípio de que essas formas de amar tem relação com a libido investida nos objetos, sendo que a libido por sua vez não é só investida no ego, mas é nele que primeiramente é investida. Assim, ao lado da libido objetal, torna-se presente a libido do ego. Por este motivo não só investimos no nosso objeto de amor/ desejo, mas também em nós mesmos, fazendo com que nos tornemos também nosso objeto de amor. Esse investimento do Ego na primeira infância é o narcisismo infantil, onde nesta fase a criança por sua vez se identifica com seus pais, gerando a ilusão de que se torna onipotente diante da sensação de desamparo, até o momento que essa onipotência é confrontada pelo Princípio da Realidade. (NASIO, 1999). O Ego ideal estruturado nessa fase pode vir a ser projetado em figuras substitutivas dos pais. O

apaixonado acaba projetando ou transferindo para o seu objeto de amor as suas idealizações / ilusões narcísicas da infância. A paixão pode ser analisada como um resgate, uma reconquista do paraíso narcísico da infância.

Diante da idealização do objeto de desejo amoroso, a paixão pelo mesmo passa a ser uma necessidade ímpar do sujeito. Daí surge a paixão como Pathos e suas vicissitudes. O objeto amado torna-se único e por ele é necessário fazer qualquer sacrifício em nome desse amor. Junto com a idealização do objeto de amor, também há uma supervalorização sexual desse objeto, o que também deriva do narcisismo originário infantil. O objeto supervalorizado torna-se um fetiche de fato, procurando transpor a falta da castração. (FREUD, 1914/2015).

De grosso modo, subentende-se que o objeto de amor passa a ser uma espécie de “deus”, onde nele se projeta todo o Ego Ideal. Todavia para Freud (1917/2015) quanto mais o objeto é investido, mais o ego se empobrece, gerando assim uma recusa da própria personalidade e encontra apenas uma fantasia. Na teoria da Libido e Narcisismo, Freud (1916/2015) cita que:

Via de regra, o objeto sexual atrai para si uma parte do narcisismo do Ego, e isso se torna visível naquilo que se conhece como supervalorização sexual do objeto. Se, além disso, existe uma transposição altruísta do egoísmo para o objeto sexual, o objeto se torna extremamente poderoso; é como se ele tivesse todo absorvido o ego. (FREUD, 1916/2015. p.403)

Na paixão patológica, passa então a relação passional a ser predominante, o sujeito (eu) passa a ser anulado pelo objeto de desejo. Ao se falar da erotomania tem que se levar em consideração a teórica psicanalítica ao abordar através de seus vieses a formação da estrutura psíquica do sujeito e sua relação de amor com o objeto de afeto, existindo assim diferenciações ao que remete a uma estrutura neurótica ou psicótica. Inicialmente a psiquiatria do século XIX, atribuiu a Erotomania uma ligação com a neurose narcísica e aos estados de melancolia, através do delírio de amar e de ser amada. Sendo mais comum essas patologias surgirem mais em mulheres do que nos homens, tendo em vista a relação entre o narcisismo feminino e o eu, o ideal projetado através da maternagem realizada na primeira infância. (SANTOS; SARTORI,2007).

A forma com que nos apegamos a alguém e lhe atribuímos afeto está relacionada às nossas relações com os nossos objetos primeiros de amor, ou seja, a nossa mãe, ou a figura substituta que venha a exercer a função materna que o bebê necessita no início de sua vida. Na esfera dos amores patológicos, pode se levar em consideração que essa figura na qual se

dirige o nosso afeto nunca se torna suficiente. A segurança que seria primordial para desenvolvermos uma relação de companheirismo com o outro se torna inexistente, havendo a necessidade de posse do outro.

No caso específico da erotomania, essa necessidade de afeto não é saciada, o outro por sua vez possui um lugar idealizado, fantasmático, constituído na fantasia do sujeito erotômano. Reforçando a ideia de que o objeto de desejo e o amor para o erotômano é meramente fictício, tendo como base um ego fragilizado, uma falha durante a vida arcaica dos cuidados maternos. Trata-se, na verdade, de uma ilusão na qual a pessoa pensa que outra, está apaixonada por ela.

Assim como outras psicoses, a erotomania também adquiriu novas roupagens na contemporaneidade, porém está sempre caracterizada pela necessidade de excessos. A paixão do erotômano perde a razão de fato, o Ideal do Ego perde sua função crítica o que ocasiona formas ilusórias da idealização do Ego ideal em relação às manifestações patológicas da paixão, ou seja, pode assumir o viés da psicose passional. O delírio do erotomaníaco torna-se um dos destinos da paixão patológica. Lima (2002) afirma que “O delírio do amor” conforme foi denominado por Morel (1860), e por Esquirol (1938) como a monomania erótica, segue uma ordem, uma evolução através dos estágios de esperança, do despeito e do rancor.

Devemos salientar também que os delírios erotomaníacos servem como recursos compensatórios, uma espécie de gratificação narcísica em confronto com a realidade. O que apenas reforça a ideia de que o erotômano apaixonado procura um objeto de amor fictício, um substituto o Ego Ideal infantil conforme foi dito anteriormente, e frequentemente acredita que o outro (objeto do delírio) iniciou a relação fictícia. Bressanelli e Teixeira (2009) ao falar a respeito da Síndrome Erotomaníaca relata que:

Na descrição da Síndrome Erotomaníaca, é preciso destacar o elemento fundamental, que Clérambault aponta como gerador da Erotomania, que seria o Postulado Fundamental: a certeza de estar em comunhão amorosa com um personagem eleito, isto é, a convicção do sujeito de que o outro o (a) ama. O Postulado, por definição, é uma proposição assumida e utilizada fora de demonstração (um termo equivalente ao de axioma). É o elemento que une todos os outros e é aquele em torno do qual giram as interpretações delirantes, determinante de todos os raciocínios, atos e comportamentos. Funcionando como um núcleo estrutural do delírio, é a partir dele que toda a construção delirante a respeito da relação amorosa estabelecida pelo sujeito se dará. (BRESSANELLI E TEIXEIRA, 2009, p.440).

Além do Postulado Fundamental, Bressanelli e Teixeira (2009) apresenta outras características da Síndrome Erotomaníaca, como o fato do erotômano ter a ilusão de que

todas as atenções são voltadas para o mesmo, que o seu objeto de amor não pode ser feliz sem o erotômano e que não há sentido na vida sem o seu objeto de amor, muitas vezes podendo dar origem a uma relação de amor e ódio por parte do erotômano em relação ao seu objeto de desejo. Os elementos imaginários do delírio do erotômano se sobrepõe a razão, ao ponto de em seu delírio fantasiar que seu objeto de desejo é livre, não havendo a existência de relacionamentos amorosos do objeto de amor.

Bressanelli e Texeira (2009) divide a Síndrome da Erotomania em dois tipos: o primeiro tipo consiste na Erotomania Pura, e é um subtipo de intensidade passional calcada no Postulado Fundamental. Onde se verifica com clareza a definição e a evolução do quadro. A segunda seria a Erotomania Mista ou associada, que se apresenta de forma complexa, geralmente associada a outros fenômenos.

A Erotomania é compreendida (por Clérambault) juntamente com os Delírios de Reivindicação e de Ciúme dentro do grupo dos Estados Passionais Mórbidos. Este agrupamento é consequência de uma dissociação do bloco das paranoias, no qual encontrávamos, de um lado, as psicoses passionais; de outro, o caráter paranoico e os delírios de interpretação e de imaginação. Nas síndromes passionais, há uma ideia diretriz, um núcleo delirante a partir do qual se desenvolvem as elaborações delirantes ulteriores. O passional constrói seu delírio a partir de um estado emocional, ou seja, há um nó ideofetivo desencadeador, mas que não compromete toda a personalidade. Os delírios interpretativos, ao contrário, dizem respeito ao caráter paranoico, que compromete a personalidade do sujeito de forma global. Não há ideia diretriz, nem nada equivalente ao Postulado, seu início não pode ser tampouco determinado. As convicções são secundárias às inúmeras interpretações. (BRESSANELLI E TEIXEIRA, 2009, p.441).

Freud (1911/2015) observa ainda que as principais formas de paranoia são representadas por derivações da proposição única “eu (um homem) amo (um homem)” e seriam convertidas em três formas principais: os delírios de perseguição, a erotomania e os delírios de ciúme. Para Kauffmann (1996) na análise da paranoia do Presidente Schreber foi formulada uma hipótese de regressão ao estágio narcísico, desinvestindo no amor objetual e retomando um modo de satisfação auto-erótica infantil. Neste caso o sujeito ama um objeto parecido com ele mesmo. De acordo com Bressanelli e Teixeira (2009):

No primeiro caso, ele acredita que a afirmação “eu amo” seria contraditada e sofreria a transformação para “eu odeio”. Como o mecanismo de formação dos sintomas na paranoia não permite que essa afirmação emergja ao consciente dessa forma, já que as percepções internas devem ser transformadas em externas, a contradição da primeira frase seria transformá-la em “Eu não amo — eu odeio — ele me odeia, porque ele me persegue”. A eleição de um perseguidor seria fruto desta construção delirante. E obviamente trata-se de alguém que foi outrora amado. (BRESSANELLI E TEIXEIRA, 2009, p.441).

No caso da erotomania, a asserção “eu o *amo*” sofreria uma denegação e se transformaria em “eu *a amo*”. Através do mecanismo de projeção (em que aquilo que foi abolido internamente retorna desde fora), esta segunda sentença seria então transformada em “Eu *a amo*, porque *ela me ama*”, contradizendo assim o próprio objeto. Chama-nos a atenção o fato de que esses sentimentos começam sempre não por qualquer percepção interna de amar, mas por uma percepção externa de ser amado. É importante assinalar que não se trata de um mecanismo de projeção tal como ela se daria na neurose. Essa “projeção” não consiste em imputar ao outro, características que são próprias ao sujeito, mas em fazê-las advir de fora, de um outro no qual o sujeito não se reconhece (FREUD, 1911/2015). A projeção na psicose diz respeito a algo que retorna de fora, que está preso na foraclusão, “o que foi posto fora da simbolização geral que estrutura o sujeito” (LACAN, 1955-56/1985). A terceira forma de contradição da proposição original seria o delírio de ciúme. Nesse caso, “eu *o amo*” se transforma em “Não sou *eu* quem ama o homem — *ela o ama*”, e, assim, o sujeito suspeita da mulher em relação a todos os homens que ele mesmo possa amar. Nas mulheres, o mecanismo funciona de forma análoga: “Não sou *eu* quem ama as mulheres — *ele as ama*”, de forma que ela suspeita do homem em relação a todas as mulheres que ela mesma possa amar.

Na erotomania, aquilo o que me falta, como um objeto virtual, real, perdido ou invisível, pode ser lugar da simbolização do objeto parcial, como suporte da significância do desejo, ou seja, são mulheres e homens que não teriam passado pela fase fálica de forma suficientemente estruturante. O que realmente importa no trabalho de Freud (1913/2015) no que se refere à Erotomania, não se restringe, entretanto, a essa acepção gramatical tal como ela se mostra na paranóia. Importa sim, sua forma de perceber o amor, muito antes de Lacan, como algo gerador de impasse: esse embaraço, essa reticência que se apresenta quando entra em jogo a sexualidade.

Lacan (1932/1987) também não se utiliza da Erotomania como entidade nosográfica autônoma, como fazia Clérambault. A primeira referência de Lacan à Erotomania acontece na publicação de seus primeiros escritos sobre a paranoia, em 1932, em sua tese de doutorado “Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade”, na qual analisa o conhecido Caso Aimée. Apesar de fazer menção ao fenômeno erotomaniaco algumas vezes em sua obra, Lacan dedica a maior parte dessas referências a pontuar elaborações já produzidas por Freud e Clérambault. No caso de erotomania relatado por Lacan (1932/1987), Aimée, estabelece uma relação fantasiosa de amor. Para Lacan (1932/1987) o

retorno ao conceito de transferência foi o que permitiu inaugurar a clínica da psicose, fazendo assim distinções consideráveis em relação a clínica da neurose.

Para o psicótico não há uma barreira simbólica que produza uma imaginação, uma simbolização propriamente dita, sendo assim importante para uma análise com o sujeito psicótico o manejo da transferência no setting clínico, manejo este com base no imaginário alcançável através das condições do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A erotomania de acordo com o viés da clínica possui formas de tratamento para o erotômano, na condição de um sujeito psicótico, como síndrome de Transtorno Delirante Persistente. Sendo um transtorno delirante, pode responder de forma eficaz ao tratamento psicoterápico e psicofarmacológico. No aspecto clínico, o amor é necessário dentro do fenômeno da transferência. A psicanálise freudiana possui como técnica analítica o manejo desse amor dentro da transferência.

No caso da psicose a grande questão atribuída ao mesmo, é como fazer o manejo do setting terapêutico. A transferência erótica por sua vez, dificulta o analista no processo de análise com seu paciente, pois caso o paciente passe a ter impulsos libidinais direcionados ao analista, pode fantasiar assim que o ama. O passo a passo do processo analítico depende para a psicanálise de que forma ocorre a transferência entre analista e analisando.

Outro ponto importante da análise é a valorização da realidade externa que consiste em uma técnica Kleiniana importante, pois visa priorizar os conflitos interiores, referentes às fantasias primitivas inconscientes e aos objetos parciais introjetados do indivíduo. Ainda é preciso reconhecer seu dizer, dar lugar à palavra, é permitir que alguma amarração seja possível, algo que faça um ponto de basta no deslocamento infinito de significação. Assim, esse lugar ocupado pela palavra permite ao sujeito uma solução outra para além da passagem ao ato.

REFERÊNCIAS

BRAZ, A. L. **Origem e significado do amor na mitologia greco-romana**. Estudos de Psicologia. São Paulo, 2005.

BALLONE, G. **Complicações do Amor**, 2007. Disponível em www.psiqweb.med.br/. Acesso em: Jun/2016.

BORGES, M. L. **Amor**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BRESSANELLI, J; TEIXEIRA, A. **Erotomania: os Impasses do Amor e uma Resposta Psicótica**, 2009.

CALIL, L; TERRA, J. **Síndrome de Clerambault: Segundo Relato de um caso em Português. Uma Revisão Bibliográfica**. Rev. De Psiquiatria, Rio Grande do Sul, 2005.

CAMPBELL, J. **O poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1995.

CLEMENTE, E; DEMONQUE, C; HANSEN, L. **Dicionário Prático de Filosofia**. Lisboa: Ed. Terramar, 1997.

DSM IV. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. São Paulo: Artes Médicas, 1996.

ELLIS, H. **Psicologia do Sexo**. São Paulo: Ed. Brugueira, 1971.

FREUD, S. (1905). **Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2015.

FREUD, S. (1911-1913), **Observações Psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 2015.

FREUD, S. (1914), **Sobre o Narcisismo: Uma introdução**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 2015.

FREUD, S. (1915), **Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago; 2015.

FREUD, S. (1916-1917), **Conferências Introdutórias a psicanálise**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XV. Rio de Janeiro: Imago, 2015.
FREUD, S. (1926). **Inibições, Sintomas e Angústia**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 2015.

FOUCAULT, M. **Historia da Sexualidade - o Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

LACAN, J. **O Seminário: livro 3, As psicoses**. Trad. Aluísio Pereira de Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

LIMA, D. **Freud e a Paixão Amorosa (Verliebtheit)**. Rev. de Neurobiologia da Universidade de Pernambuco, 2002.

LINS, R. **A cama da varanda**. Rio de Janeiro: Bestseller, 2013.

KAUFFMAN, P. **Dicionário Enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud a Lancan.** Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

MAY, S. **Amor uma História.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

NORWOOD, R. **Mulheres que Amam de Mais.** Tarcher Press: Los Angeles, 1985.

Paiva, V.; Aranha, F.; Bastos, F. Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. **Revista de Saúde Pública**, 2008.

RIBAS, A; MOURA, M. **Responsividade Materna e Teoria do Apego: Uma discussão Crítica do Papel de Estudos Transculturais.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 2004, p.315-322.

SANTOS, T; SARTORI, A. **Loucos de Amor! Neuroses Narcísicas, Melancolia e Erotomania Feminina.** Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro V.39, P.13-33, 2007.

SOLER, C. **Fenômenos e Estrutura da Erotomania.** Trad. Elena Lopes Cólb, in: Artigos clínicos. Salvador: Fator, 1991.

SOPHIA, E; TAVARES, H; ZILBERMAN, M. **Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico?** Revista Brasileira de Psiquiatria, vol.29, n.1, pp. 55-62, 2007.

ZIMMERMAN, D. **Fundamentos Psicanalíticos. Teoria, técnica e Clínica.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

AS ÁGUAS TURVAS DA MORTE: O INVENTÁRIO DO IRREMEDIÁVEL NA POÉTICA DE CAIO F. ABREU

Ivanildo da Silva - UFPB
Monik Giselle Lira Monteiro-UFPB

RESUMO: A morte afigura-se como um sentimento de extrema dor, afetando o enlutado naquilo que mais estima seu objeto amado. O processo de luto insere os sujeitos num esvaziamento do seu mundo externo, tornando-se incapaz de sentir interesse pelas atividades corriqueiras. A perda do objeto amado nos aproxima mais deles, contudo, sua presença é sentida pela silenciosa presença de um “fantasma” que nos rodeia. Destarte, pretendemos analisar as representações da morte na tessitura literária, especificamente no conto *A morte dos girassóis*, do escritor Caio F. Abreu. Na trama, nos deparamos com um narrador-personagem, que encerra sua existência no jardim cuidando das plantas. Os cuidados que tinha para com as flores, perfazem-se numa metáfora da terra, vislumbrando-a como um útero materno, do qual podemos fertilizar a vida, e também conhecer a morte. Utilizamos, como arcabouço teórico, os estudos psicanalíticos desenvolvidos por Sigmund Freud (1915/2013) e J. D. Nasio (2007), e os estudos psiquiátricos de Colin Parkes (2009).

Palavras-chave: Morte- Literatura- Luto

INTRODUÇÃO

O processo de luto está interligado às demandas entre dois extremos da existência humana: a vida e a morte. O luto é um sentimento de extrema dor, afetando o enlutado tanto na mente, como na alma. Sua dor não distingue da dor de amar, pois a perda do objeto se configura como uma ruptura traumática do corpo e alma, relegando ao indivíduo uma dor incomensurável. Necessitando representá-lo, nomeá-lo e refleti-lo para realizar o luto dele. Mas que *também para que, ao falar dele, ao nomeá-lo e representá-lo, eu seja capaz de me angustiar* (NASIO, 2007, p.68).

Através do luto, reconhecemos que o outro está morto fora de nós, e que mesmo assim permanece dentro de nós. É vivermos com a dualidade de um apego que perpassa o caos pulsional da morte e vida. O luto é a preservação desse morto dentro de nós, como uma imagem-fantasma que dia após dia, diremos que “ele não está aqui”, e também “ele não está dentro de mim”. No entanto, resta ao enlutado desligar-se do morto e, apenas, preservar em si toda a nobreza proveniente de sua relação com o indivíduo falecido, sendo o amor uma mola propulsora de todo o apego. O luto não se limita apenas a morte de um ente querido, mas a perdas reais e simbólicas ao longo do nosso desenvolvimento, perpassando pelas dimensões físicas e psíquicas.

Partimos do pressuposto de que a Psicanálise tomará o lugar do mediador (analista), da dor traumática do paciente que precisa ser ouvida, desgastada em lágrimas e

ressignificada. Utilizaremos as contribuições de Sigmund Freud (1915), Parkes (2009) e Nasio (2007), para analisarmos o conto A morte dos girassóis, de Caio F. Abreu para observarmos o desamparo iminente de um sujeito consciente de sua morte, e das angústias referentes à degradação do seu próprio corpo físico e psíquico diante da confirmação metafórica de seu próprio falecimento.

LITERATURA E PSICANÁLISE

Abrir-se ao domínio do Inconsciente que é o primeiro e antes de tudo o seu inconsciente, condição essencial para falar do inconsciente dos outros, nem que sejam os dos textos literários.

JEAN BELLEMIN- NOEL

Quando pensamos nas relações estabelecidas entre literatura e psicanálise, delimitamos dois campos de conhecimento exclusivos, distintos e peculiares, embora haja possíveis diálogos, sobre certas premissas. Desde as primeiras formulações freudianas há uma aproximação dos estudos psicanalíticos e as análises literárias. É importante destacarmos a articulação existente entre as possibilidades do reencontro da teoria psicanalítica no texto literário, trocas provenientes das descobertas de um diálogo estabelecido como uma condição de relançamento da escrita através da intertextualidade. Nos textos de Sigmund Freud encontramos as impossibilidades e possibilidades desta relação entre estes dois eixos do conhecimento humano. Todavia, deparamos com alguns impasses iniciais, os pesquisadores e estudiosos que tentam delimitar um espaço e conceito para ambas, pois a psicanálise não é considerada como ciência, e a literatura permanece, em alguns momentos, rodeada de conceitos flexíveis e insolucionáveis.

Mas em que a literatura “instrui” a psicanálise? E o que a psicanálise “explica” a literatura? Para o poeta e o escritor, o seu ofício, é a escrita. É através de um jogo comparável à criança que, em sua dedicação ao brincar, cria seu próprio mundo transpondo as coisas concretas da realidade para uma ordem que mais a agrada, investindo muito afeto. E o poeta e o escritor fazem o mesmo que a criança: reinventam um mundo de fantasia e o tomam com seriedade, mesmo provendo muita afetividade a sua ocupação, conseguem o separar do real. Eles atendem uma demanda de uma expressão, sublimam sua pulsão. E com este desejo de expressão, utilizam as palavras como se estivessem envolvidos em um jogo, fazendo da linguagem e estética literária seus objetos e instrumentos para por seu intermédio, mostrarem-se. Por este motivo, o mestre vienense, Sigmund Freud (1908/1996), alia a

prática literária e a escrita ao ato de brincar de uma criança, pois “os escritores, não menos, já que criam um mundo de fantasias, que por sua vez também é revestido de cargas de emoção elevadas, bem como sabem perfeitamente distinguir o mundo exterior do por eles criado”. Como uma expressão do inconsciente, a literatura estimula a livre associação e o imaginário do leitor. Ela aguça a curiosidade do leitor que, instigado pela leitura de um poema, romance ou demais expressões literárias, buscará os discursos que estarão além, no nível do não dito na escrita. Esta tarefa assemelha-se ao trabalho de um analista, que buscará os significantes das histórias contadas por seus pacientes, apreendendo o que não está no enunciado. Mas a literatura com suas concepções superiores proporciona aos sujeitos uma consciência de sua humanidade. A escrita exerce uma função de “formadora”, enquanto a fala restringe, apenas a informa-nos. Só através de algo como a literatura que o homem questiona sobre si mesmo, seu universo, seu passado histórico e desempenho social e mental. Como afirma Jean Bellemin-Noël (1978), a literatura “deforma-nos necessariamente, já que o que foi escrito

nos vem de outro lugar, longe ou perto na ausência e de um outro tempo, de outrora ou de há pouco: nunca daqui e de agora, onde falar é o suficiente”. (p.12) Desta forma, a relação entre psicanálise e literatura não é algo recente.

Pois Sigmund Freud, fundador da psicanálise, desde sua infância apreciava a literatura. Seu meio social permitiu que tivesse acesso aos mais variados autores de seu tempo e antes dele, inclusive com nacionalidades distintas. Com isto, o pai da psicanálise adquiriu sua formação intelectual a partir de autores como, Dostoievsky, Shakespeare, Schiller, Hoffmann, Goethe, Cervantes e outros contemporâneos de sua época. Na obra de Freud, encontramos várias conexões com estes autores, pois o fascinava como seus textos conseguiam prever e explicar muitas inquietações humanas. Além de utilizar diversas citações para tornar seus textos mais claros, é visível a admiração que sentia em notar a proximidade das narrativas ficcionais a seus conceitos teóricos, desenvolvidos e elaborados na sua desafiante experiência clínica.

Destacamos que a relação literatura e psicanálise não se trata de interpretações literárias e muito menos da vida do autor, mas acompanhar as peculiaridades e proximidade entre o trabalho do escritor e analista, pois ambos desejam desvendar a complexidade dos conjuntos de discursos particular do humano, pois “tudo isto se encontra alojado em nós, no nosso pensamento, na nossa linguagem” (NOEL,1978,p.12). Eles buscam os sentidos do imprevisível e desconhecido, nas paixões, desejos, triunfos, contradições, tentando chegar mais próximos do enigmático e obscuro inconsciente. Já que “os escritores são homens que, escrevendo, falam, sem o saberem, de coisas que literalmente “eles não sabem”. O poema

sabe mais que o poeta.” (NOEL,1978, p. 12).

A presença destes autores influenciaram muitos dos estudos teóricos de Freud sobre a formação do sujeito, como por exemplo, o Complexo de Édipo, inspirado na obra sobre o mito do Rei Édipo, de Sófocles. O contato pessoal com a literatura proporcionou a Freud uma base para sua produção a respeito do que se ocupam os escritores na escrita e produção literária. Sendo assim, encaminhou-se em pesquisar as motivações e a capacidade de elaboração do autor para a criação de suas obras, pois compreendia a literatura como “uma linguagem diferente, que não dizia apenas, nem exatamente nem verdadeiramente, o que parecia dizer” (NOEL,1978, p.12).

Sem querer, enveredar por uma teorização sobre a capacidade criativa literária do autor em suas obras, porque a literatura, como resultado da subjetividade e como meio sublimatório da pulsão, proporciona elementos que constituem uma mensagem com mais de um sentido evidente. Ele sempre admitiu que a arte e a literatura sempre prenunciavam e corroboravam com as investigações da clínica psicanalítica.

É neste momento que surge uma das linhas de diálogos entre literatura e psicanálise, devido “o fato literário só vive de receptor em si uma parte de inconsciência, ou de inconsciente” (NOEL,1978, p.13). A psicanálise empenha-se a assimilar o excedente fluxo de sentidos que o texto possui, tentando desvendar o interior dos personagens, investigando seus conflitos, paixões e desejos.

A psicanálise apropria-se de referências, extraindo metáforas proporcionando aos literatos um maior aprofundamento para o processo criativo, ou seja, de liberação do inconsciente. As obras literárias oferecem um conjunto essencial para compreender a realidade do homem e seu meio, apresentando discursos que deixam revelar partes do inconsciente. A psicanálise e seus conceitos procuram aprofundar um maior conhecimento do psiquismo humano, através de análises que buscam reconstruir este “inconsciente” e seus efeitos. Desta maneira, a aproximação entre ambas torna-se evidente, pois agem como “instrumentos de interpretação”, funcionando como leituras, já que “literatura e psicanálise “lêem” o homem na sua vivência cotidiana tanto quanto no seu destino histórico” (NOEL,1978, p.13).

Por muito tempo, Freud se dedicou a investigar as diversas manifestações do inconsciente. Nesta perspectiva, ele se preocupou com o desenvolvimento da sexualidade humana, encontrando explicações para o imprevisível e o desconhecido no indivíduo na sociedade, na cultura e no desenvolvimento da psique. Nessa esteira investigativa, inicia seus estudos sobre o desenvolvimento do fenômeno amoroso, afirmando inclusive que bem antes de sua puberdade “já está desenvolvida na criança a capacidade de amar” (FREUD apud

RAVANELLO & MARTINEZ, 2013, p.160). Deste modo, Freud possibilita a psicanálise uma abordagem sobre o tema do amor, articulando sexualidade e amor na constituição de sua teoria. No seu texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), o amor dar-se a partir da escolha de objeto. Em *As pulsões e suas vicissitudes* (1915) é exposto segundo as dicotomias e relações com as pulsões. Já em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), Freud apropria-se dos conceitos de identificação e idealização para diferenciar dois tipos de amor, entre outros textos ao longo da constituição de sua teoria. Mesmo que as inquietações dos filósofos, poetas e escritores a respeito da natureza do amor fossem evidentes no enaltecimento em seus versos e frases, em torno do contentamento e da dor de amar. Os estudos desenvolvidos no campo freudiano procuraram evidenciar um olhar mais aguçado sobre os enigmas e fantasias que cingem o amor. Assim, Freud tornou o tema amoroso relevante para sua teoria psicanalítica. Sua preocupação com o tema é demonstrado significativamente em seus textos. Ele estende a diferentes campos da natureza humana, um assunto em que a literatura exerceu forte influência.

Neste cenário, o conceito de amor, na teoria freudiana, circunscreve-se próximo de conceitos como gozo, desejo, pulsão, sexualidade, libido, afeto e outros. O mito do amor ainda é conservado. Um exemplo é o grande sucesso das telenovelas que seguem a estrutura clássica do folhetim romanesco: lamentações, incidentes e final feliz. O amor estimula a busca pela verdade (conhecimento) mais que qualquer outra coisa. Em seus seminários, Lacan defendia a estreita conexão entre amor e verdade, explicando que, entre ambos, existe uma estrutura de ficção, ou seja, são elementos que possuem a função de erguer um muro diante dos enigmas sem solução. Por isso, o amor apresenta-se na figura do enigmático e indecifrável sentimento.

A DOR DE UMA FERIDA ABERTA E NUNCA CICATRIZADA

O luto é um estado caracterizado pelo sentimento de perda do objeto amado e um esvaziamento do mundo externo. Na maioria dos casos, o enlutado é consciente do rompimento de seu elo significativo entre uma pessoa ou objeto, portanto o luto possui um período determinado. Há semelhanças entre o luto e a melancolia, com a diferença que, no enlutado, existe uma consciência de qual objeto teria sido perdido, enquanto no melancólico o objeto não dispõe um caráter definido. Na melancolia, esta perda se faz em caráter mais ideal, o sujeito sabe que perdeu e quem perdeu, mas não o que se perdeu de si, no outro. Ou seja, a perda para o este segundo é completamente inconsciente, portanto,

resultará em um trabalho interno e o qual será responsável pela inibição melancólica. No luto é o mundo que se torna pobre e vazio, na melancolia é o próprio ego.

O processo de luto não se resume a morte, mas também aos confrontos com perdas reais e simbólicas ao longo do nosso desenvolvimento humano. Destarte, perpassa pela dimensão física e psíquica, entre laços afetivos de caráter pessoais, profissionais, sociais e familiares dos sujeitos.

Em *Luto e Melancolia* (1915/2011), Freud compreende o luto como um comportamento referente à perda, não necessariamente ligado à morte de alguém de estima do enlutado, porém um sentimento de profunda tristeza capaz de tomar as mesmas proporções, sendo uma demanda constante e natural durante o desenvolvimento humano. Para o mestre vienense, o enlutado sabe exatamente aquilo que perdeu, ou seja, não existe nada de inconsciente a respeito de sua perda. Outrossim, o luto é um mecanismo natural para elaboração da perda, que é superado após um tempo indeterminado, e por mais que possua uma caráter patológico, não é considerado uma doença, sendo assim, não há necessidade de interferências externas para sua cura.

O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc. Sob as mesmas influências, em muitas pessoas se observa em lugar do luto uma melancolia, o que nos leva a suspeitar nelas uma disposição patológica. É também digno de nota que nunca nos ocorre considerar o luto como estado patológico, nem encaminhá-lo para tratamento médico, embora ele acarrete graves desvios da conduta normal da vida. Confiamos que será superado depois de algum tempo e consideramos inadequado e até mesmo prejudicial perturbá-lo. (FREUD, 1915/2011, p. 47)

Durante nosso desenvolvimento passamos por perdas constantes que nos seriam protótipos de estados psíquicos que incorporamos na mente, e que poderão ser revividos em experiências ulteriores. Sigmund Freud (1926) explica- nos que as primeiras experiências traumáticas constituem os modelos das disposições afetivas, e quando nos deparamos com situações semelhantes são revividos. Em *Inibições, Sintomas e Angústias* (1926), o autor disserta a respeito da ansiedade de castração, proveniente da fase fálica do desenvolvimento psicosexual, que é a angústia da perda de um objeto de extremo valor, no caso o falo. O superego elimina a possibilidade de unir-se a mãe (ato da copulação), fazendo que o sentimento de separação da mãe seja renovado, criando uma tensão desagradável de rememoração do ato de nascer (separação da mãe).

Diante disso, o ego arcaico do indivíduo se vê diante do perigo de vida e perda de objeto até a primeira infância.

No seu livro *A Dor de Amar* (2007), J.D. Nasio diz que os enlutados passam por um processo de dor extrema devido ao esvaziamento do eu e desinteresse pelas palavras de consolo,

pois a superação do luto é realizada pouco a pouco e com grande investimento de energia. Ao relatar seu trabalho analítico com sua paciente Clémence, expõe toda a travessia da dor sofrida no corpo e mente daqueles que sofrem a perda do objeto amado.

Seu corpo encarnava perfeitamente o eu exangue do ser sofredor, um eu prostrado, suspenso à lembrança muito viva do filho desaparecido, lembrança martelada por uma pergunta obsessiva: “De que ele morreu? Por que, como ele morreu? Por que aconteceu comigo?” Sabemos que esse estado de extrema dor, que perpassa o enlutado, essa mistura de esvaziamento do eu e de contração em uma imagem-lembrança, é a expressão de uma defesa, de um estremecimento de vida. Também sabemos que essa dor é a última muralha contra a loucura. No registro dos sentimentos humanos a dor psíquica é efetivamente o derradeiro afeto, a última crispação do eu desesperado, que contrai para não naufragar no nada. (NASIO, 2007, p. 9)

Nasio (2007) atribui um valor simbólico a dor no processo de reestruturação do paciente enlutado, porque ao vivermos a dor da perda do objeto amado como uma experiência fortalecedora, a dor acabará sendo gasta em lágrimas e ressignificada em palavras. Pois *a pessoa amada é para o eu tão essencial quanto uma perna ou um braço*. (NASIO, 2007, p. 24)

Sigmund Freud (1915), em *Luto e Melancolia*, o autor evidencia que o luto é um processo extremamente doloroso. No processo de luto ocorre inibição de atividades que não se relacionem diretamente a “imagem-lembrança” do objeto perdido, por causa da catexia do objeto que tende a continuar aumentando, esvaziando o ego. Essa inibição é uma demonstração de total devoção afetiva do enlutado ao seu objeto amado perdido não se permitindo possuir outros interesses.

Em *Sintomas, Inibições e Angústia* (1926), Freud apresenta a Inibição, como sendo um restringimento da função do ego sendo uma medida de resguardo derivada do embrocamento de energia libidinal. A psicanalista Maria Rita Kehl (2011) diz: *é um trabalho de paulatino desligamento da libido em relação ao objeto de prazer e satisfação narcísica que o ego perdeu, por morte ou abandono* (p.13).

A IMANÊNCIA DA MORTE DOS GIRASSÓIS QUE NUNCA SE PERMITEM DESFALECER

Na mitologia grega, a flor de girassol teria surgido de uma antiga lenda. A ninfa Clítia estava perdidamente enamorada por Hélio, o deus do Sol. No entanto este preferiu Leucotéia. Ao ver-se desprezada, abandonada e rejeitada em seu amor, Clítia começa a definhar em uma enorme tristeza. Ela sentava-se no chão, sem comer, sem beber e com frio, apenas, se nutrindo de suas próprias lágrimas. Durante o dia o Sol estava no céu, e Clífi não desviava o olhar dele,

porém durante a noite se prostrava para o chão continuando a chorar copiosamente. Com o passar do tempo, seus pés ganharam raízes e a sua face se transformou em uma flor, e continuou seguindo o sol. Assim nasceu o primeiro *Helianthus annuus*, cujo significado é “flor do sol”.

O conto *A Morte dos Girassóis* (2014), do escritor Caio Fernando Abreu, apresenta um narrador-personagem que perdido no cultivo, e preparo da terra de seu jardim não se mostra apreensivo com a morte de seu corpo físico. Pois seu encontro com o vizinho demonstra sua total naturalidade para os processos de vida e morte, não negando ao amigo vivo que esteja no mundo dos mortos.

O conto inicia com a imagem do narrador olhando para o anoitecer como um contraste a toda a vida que se formava ao seu redor no jardim, pois existia somente vitalidade além dele no jardim *tanto que cheguei a me virar para trás, quem sabe alguma coisa além de mim no jardim. Mas havia apenas os brincos- de-princesa, a enredeira subindo tonta pelos cordões, rosas cor-de-rosa, gladiolos desgrehados*. O jardim é seu objeto amado, por isso mesmo morto possui um espelho interior do outro dentro de si, *é um ser misto, composto ao mesmo tempo por esse ser vivo e definido que se encontra diante de mim e pelo seu duplo interno impresso em mim*. (NASIO, 2007, p.32)

O espaço do jardim é uma metáfora para a identificação do narrador- personagem para com sua dinâmica constante entre a angústia de todo desamparo psíquico causado pelas ambivalências de seu desespero de está morto-vivo, por isso *a dor exprime a turbulência das pulsões no domínio do isso*. (NASIO, 2007, p.30). O narrador sempre tenta preencher seu caos e vazio interior com o cultivo da terra fértil do jardim, já que com suas mãos ele possui o poder de tirar da terra a vida e a morte. O seu jardim é o seu “eleito indispensável”.

Mas como preservar essa carência essencial? E ainda, sendo essa carência necessária, como mantê-la nos limites do suportável? É justamente aí que intervém o nosso parceiro, o ser do nosso amor, porque é ele que faz o papel de objeto insatisfatório do meu desejo, e por isso mesmo de pólo organizador desse desejo. Como se o buraco de insatisfação no interior estivesse ocupado pelo meu eleito no exterior; como se a carência fosse finalmente um lugar vacante, sucessivamente ocupado pelos raros seres ou coisas exteriores que consideramos insubstituíveis e cujo luto deveríamos realizar caso desaparecessem. (NASIO, 2007, p.30)

Segundo Parkes (2009), o amor é um laço psicológico estabelecido entre duas pessoas que é comparável a um elástico, pois quanto maior o risco da perda iminente mais forte é o vínculo. Há uma relação de amor entre o jardim e seu dono morto, pois estabeleceram uma singularidade, necessidade e persistência vital. Ou seja, *em outras palavras, capta as imagens de mim mesmo, refletidas nesse espelho (interior), que é a imagem interiorizada do meu*

amado. (NASIO, 2007, p. 37) Além disso, jamais poderemos calcular o valor do objeto amado para o enlutado

Outro importante componente do amor é sua “monotropia”, o amor é um vínculo com uma pessoa específica apenas. Não há como existir substituto para pai, filho ou parceiro amoroso que tenha sido perdido. É verdade que um tanto da dor do luto pode ser mitigado se um novo vínculo for criado. Pais enlutados podem ter outro filho, uma pessoa divorciada pode ser casar novamente, mas as pessoas não são substituíveis e cada novo relacionamento será único, por si. Por esse motivo, o valor de cada pessoa que amamos é incalculável. Não podemos avaliá-las como fazemos, com objetos utilitários ou passíveis de reposição. Podemos criticar quem amamos por não nos ajudar ou não atingir dado padrão de beleza, mas são exatamente as coisas que criticamos que compõem o que há de único nessas pessoas, a quem amamos pelo que são. (PARKES, 2009, p.13)

A representação da flor de girassol vem prestar homenagem aos dois paradoxos da existência desse sujeito um sentimento de intensa alegria de viver, como também o reconhecimento de um intenso desejo pulsional de aniquilamento (pulsão de morte). Inicialmente, o narrador-personagem argumenta que exteriormente os girassóis parecem ser flores simples, devido seu rudimentar desenvolvimento. Sendo assim, (1) é uma flor aparentemente simples, mas complexos, (2) demora a estar pronto e (3) enfrenta inimigos.

Os girassóis, por exemplo, que vistos assim de fora parecem flores simples, fáceis, até um pouco brutas. Pois não são. Girassol leva tempo se preparando, cresce devagar enfrentando mil inimigos, formigas vorazes, caracóis do mal, ventos destruidores. Depois de meses, um dia pá! Lá está o botãozinho todo catita, parece que já vai abrir. (ABREU, 2014, p. 15)

A flor de girassol aparece como sendo o símbolo das ambivalências que permeia entre a sua identificação tanto com a o sentimento de se estar morto, porém fisicamente “vivo”. As escolhas de objeto amado do narrador-personagem sempre pairam sobre elementos representativos que configurem o seu estado melancólico, posto que *o objeto não é algo que realmente morreu, mas que se perdeu como objeto de amor* (FREUD 1915/2011, p. 51).

Porque tem outra coisa: girassol quando abre flor, geralmente despenca. O talo é frágil demais para a própria flor, compreende? Então, como se não suportasse a beleza que ele mesmo engendrou, cai por terra, exausto da própria criação esplêndida. Pois conheço poucas coisas mais esplêndidas, o adjetivo é esse, do que um girassol aberto. (ABREU, 2014, 15)

O amarelo dos girassóis é a representação do nascer do sol (amanhecer) personificando a vida, e o morrer do sol (anoitecer) exprimindo a morte. A cor amarela pode designar no estado melancólico do narrador-personagem no enredo do conto os emblemas do seu vazio de existir. O amarelo vivo da flor é o simulacro desempenhando pelo girassol em retirar da energia solar sua vida e morte, no cotidiano cíclico de ressuscitar e desfalecer todos os dias numa

relação de total investimento no outro. Podemos pensar as dicotomias referentes ao desenvolvimento da flor de girassol ao “surgimento da angústia de “empobrecimento” sofridas pelo narrador-personagem. O girassol sempre precisará desse outro (o sol), assim como o narrador-personagem sempre necessitará de seu jardim para sustentar-se e não despencar no seu particular desamparo. O personagem principal do romance *Demian* (2014), de Herman Hesse, Emil Sinclair, diz: *esses acontecimentos que ninguém percebe, é que se nutre a linha axial interna de nosso destino. A falha, a rachadura se fecham mais tarde, podem cicatrizar e cair no esquecimento, mas em nossa câmara secreta mais recôndita nunca cessam de sangrar.* (HESSE, 2014, p. 32)

No final do conto, o narrador-personagem infere sua certeza de morte e vida coabita, quando ele corta um girassol fragilizado devido uma tempestade, diante de um Buda sorridente com as mãos quebradas. Ambos sendo um reflexo da deterioração do nosso corpo físico, e inclusive as debilidades da humanidade.

Na manhã seguinte, juro, ele havia feito um giro completo sobre o próprio eixo e estava com a corola toda aberta, iluminada, voltada exatamente para o sorriso do Buda. Os dois pareciam sorrir um para o outro. Um com o talo torto, outro com as mãos quebradas. Durou pouco, girassol dura pouco, uns três dias. Então peguei e joguei-o pétala por pétala, depois o talo e a corola entre as alamedas da sacada, para que caíssem no canteiro lá embaixo e voltassem a ser pó, húmus misturado à terra, depois não sei ao certo, voltasse à tona fazendo parte de uma rosa, palma-de-santa-rita, lírio ou azaléia, vai saber que tramas armam as raízes lá embaixo no escuro, em segredo. (ABREU, 2014, p.16)

No seu cultivo o narrador-personagem da terra retira a vida, enquanto assisti o desabrochar da rosa da última rosa do seu jardim, não lhe sobra tempo para perceber seu próprio aniquilamento, morte e declínio. No entanto, o solo é o que recebe a putrefação do corpo morto, todavia dos restos recria a vida. Nesse jardim a morte já mais é decretada, já que *ah, pede-se não enviar flores. Pois como eu ia dizendo, depois que comecei a cuidar do jardim aprendi tanta coisa, uma delas é que não se deve decretar a morte de um girassol antes do tempo, compreendeu?* (ABREU, 2014, p.16)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos toda a dor enfrentada pelo indivíduo enlutado, e todas as dificuldades de redirecionamento de seus investimentos libidinais em novos objetos. Sua dor é extremamente dolorosa, entretanto varia de pessoa para pessoa, e os fatores que determinaram quem terá um bom resultado e quem terá um mau ao fim do processo de luto será o apego do

enlutado a seu objeto perdido. A singularidade da relação de apego é complexa, pois o amor é um vínculo estabelecido entre duas pessoas que dificilmente é afrouxado. O laço é resistente a rompimentos, inclusive alguns estudos afirmam que mesmo separados alguns sujeitos partilharam por toda a vida com os resquícios de suas relações ulteriores.

A psicanálise fornece uma possibilidade de convivência e ressignificações das dores humanas mais complexas, posto em vista que o amor e a dor da perda do objeto amado são processos que escapam as razões científicas das relações humanas, já que é algo que é regido pela nossa subjetividade.

Conseqüentemente, fazem necessários maiores abordagens sobre os fatores determinantes dos estados que levam o enlutado a desenvolver um luto de caráter mais patológico.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Pequenas Epifanias**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014.

BELLEMIN-NÖEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1983.

FREUD, Sigmund. **A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund. **Inibições, Sintomas e Ansiedade (1926[1925])**. In:_____. Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e outros trabalhos (1925-1926). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-171.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id (1923)**. In:_____. O Ego e o ID e outros trabalhos (1923-1925). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 33-40.

FREUD, Sigmund. **Sobre o Narcisismo: uma introdução**. In: Freud, S. Obras Completas, V. 14. Rio de Janeiro. Imago. 1974.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Tradução, introdução e notas: Marilene Carone. São Paulo. Cosac Naify. São Paulo. 2011.

NASIO, J. D. **A dor de amar**. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2007.

PARKES, Colin Murray. **Amor e Perda: As raízes do luto e suas complicações**. São Paulo. Summus. 2009. Tradução Maria Helena Pereira Franco.

MASCULINIDADE HEGEMONICA NA CONTEMPORANEIDADE E SUA RELAÇÃO COM OS PAPEIS DE GÊNERO

Monik Giselle Lira Monteiro - LIGEPSI/UFPB

Resumo: No que refere-se as discursões sobre identidade de gêneros e aos papéis atribuídos ao feminino e ao masculino na atualidade, podemos levar em consideração que estamos atravessando uma constante transformação e assim, abordando as novas subjetivações dos sujeitos ao que se remete a sexualidade humana. O presente trabalho tem como objetivo abordar através da interdisciplinaridade entre a sociologia e a psicanálise, a representação do que podemos citar como referencial de masculinidade através de um conceito hegemônico. Conceito este, atribuído às relações de poder, onde o homem hegemônico possui um lugar diferenciado na sociedade. Todavia, a paternidade sociológica tradicional está em decadência, gerando abertura para as crises de subjetividades, consequentemente, as crises da masculinidade do homem contemporâneo. Ao pensarmos sobre crise da subjetividade ou da masculinidade, devemos compreender que o homem quanto sujeito é constituído por tudo aquilo que lhe é apresentado, ou seja, o indivíduo é formado pela influência da própria cultura, cultura esta que valoriza (ou) o indivíduo possuidor do pênis como o detentor do poder, porém, este mesmo poder atua de forma feroz como um algoz faminto em busca de saciar-se incansavelmente.

Palavras-chave: Masculinidade; Pênis; Psicanálise.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Batista (2003), o mesmo aborda que o pênis, antes o símbolo máximo da virilidade e da identidade masculina, passa a ser o questionador da masculinidade, pois as relações de poder e hierarquia existente socialmente (relações de gênero) em muito contribuem para se repensar a relação homem-mulher-filhos, a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a família, a sexualidade, a saúde reprodutiva e as políticas de saúde. A crise da masculinidade vem da fragilização das relações de poder,

Lyra e Ridenti (1996) apud BATISTA (2003) cita que a principal discussão apresentada (...) parece residir, então, na polêmicas entre os modelos do ‘novo pai’ versus ‘pai tradicional’. O primeiro envolvido no cuidado das crianças, dividindo o poder familiar com a esposa e adotando para si mesmo um conceito de masculinidade mais abrangente, em contrapartida ao ‘pai tradicional’, que não se envolve no cuidado das crianças, detém o poder sobre sua família e cujo conceito de masculinidade é mais restrito.

A paternidade tradicional, na contemporaneidade, passa por uma séria crise (...). O novo lugar que ocupa, aparentemente secundário, medíocre e desvantajoso, retirando-o da condição de único provedor e, por isso mesmo, único mártir, leva-o a dialogar com as forças plurais que

o cercam e o questionam, conduzindo-o a uma atitude que, longe de negar a sua busca de identidade, procura construí-la em detrimento das identidades de outros grupos em nome dos quais egoística e autoritariamente falava (LYRA; RIDENTI 1996 apud BATISTA,2003)

É perceptível que as novas identidades masculinas estão se reconstruindo e se resignificando diante das novas práticas sociais do contemporâneo e frente à independência feminina. Observa-se que as novas configurações familiares e as necessidades de reflexões a respeito dos papéis dentro das relações homem-mulher (visão tradicional) e filhos geram grande desafio para essa reconstrução da masculinidade na sociedade atual (CECARELLI, 2013).

Alguns autores como Connel (2005) atribuem a essa mudança das identidades masculinas o que porventura vieram a chamar de Crise da Masculinidade, o que poderia ser chamada também de Crise de Subjetivações de acordo com o conceito de Foucault quando o mesmo aborda que:

Deve-se, antes de tudo, pensar em uma crise do sujeito, ou melhor, da subjetivação: numa dificuldade na maneira pela qual o indivíduo pode se constituir enquanto sujeito moral de suas condutas, e nos esforços para encontrar na aplicação de si o que pode permiti-lhe sujeitar-se a regras e finalizar a sua existência. (FOUCAULT, 1999, p.101).

Ao pensarmos sobre crise da subjetividade devemos compreender que o homem quanto sujeito é constituído por tudo aquilo que lhe é apresentado, ou seja, o indivíduo é formado pela influência da própria cultura, ou como dizem os lacanianos pelo grande Outro.

Partindo dessa crise da subjetividade, podemos também associar as ideias de Foucault (1999) à crise da masculinidade, quando o mesmo defende que existem três tipos de luta:

Contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); contra as formas de exploração que se separam os indivíduos daquilo que lhes produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros (luta contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão . (FOUCAULT, 1995, p.235)

Essas lutas estão presentes nas construções das identidades das masculinidades no momento atual, para compreender essas masculinidades é necessário levar em consideração as vinculações existentes entre a vida pessoal e as estruturas sociais na qual o sujeito está inserido.

As relações de gênero são divididas de acordo com Connel (2005) em três dimensões. A primeira está relacionada às relações de poder, destacando-se pelo fato de existir uma subordinação feminina e uma dominação masculina gerando uma divisão de poder entre os gêneros.

A segunda dimensão diz respeito às relações de produção, onde por mais que o mercado capitalista tenha aberto as portas para as mulheres, ainda há uma disparidade relacionada à ordenação e a divisão de tarefas entre homens e mulheres. E por fim, a última dimensão está ligada ao investimento emocional nas relações, onde o desejo e as práticas sexuais atuam como objeto de investimento emocional.

Podemos relacionar essas dimensões propostas por Connell (2005) como uma análise das posições que os sujeitos ocupam na sociedade, levando também em consideração que esses papéis são de suma importância para compreendermos as masculinidades e suas estruturas sociais. De acordo com Kimmel (1998) a masculinidade não é uma essência inata que é revelada em virtude de uma condição biológica, é uma ideia construída a partir de aspectos culturais e sociais. Por ser compreendida como um projeto construído e mantido socialmente.

Segundo Connell (1995), A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero (...). Falar de posição dos homens significa enfatizar que a masculinidade tem a ver com relações sociais e também se refere a corpos – uma vez que homens significam pessoas adultas com corpos masculinos. Não devemos temer a biologia, nem devemos ser tão refinados ou engenhosos em nossa teorização de gênero que não tenhamos lugar para corpos suados (CONNELL, 1995).

Ao caráter biológico, ao papel masculino e à construção social do homem verificam-se discursos de que “ser homem” é ser viril, forte, trabalhador, chefe de família, agressivo, firme, honesto, responsável, inteligente, competitivo e de uma sexualidade ativa e incontrolável, sendo esta a construção social tradicional acerca do o que é ser homem. De acordo com Bourdieu (1995), esquece-se que este homem forte, ativo e também opressor é, contudo, uma criança que brinca de ser homem, com base no imaginário acerca do simbolismo do falocentrismo.

Esta *illusio* originária, termo utilizado pelo autor – que caracteriza o homem verdadeiramente homem e que pode ser designada como senso da honra e virilidade –, é o princípio indiscutido de todos os deveres para consigo mesmo, o motor ou o móvel de todas as ações que alguém se deve, isto é, que se deve realizar para estar em dia consigo mesmo, para permanecer digno diante da ideia (recebida) de homem (BOURDIEU, 1995).

Nolasco (1995) nos traz a ideia de que o conceito do homem feminino e a mulher masculina remetem, na realidade, à ausência de conceitos que possam operar de forma mais eficiente nas arguições a respeito do que seria caracteristicamente um homem e uma mulher, ou seja, não há uma definição concreta das características do que seria o masculino e o feminino.

O patriarcado, segundo Therborn (2006), resistiu durante o séculos e adentrou no século XXI com uma nova roupagem, a falocentria e a desigualdade de gênero, sendo de suma

importância compreender a ideia de patriarcado no sentido de hierarquia e não necessariamente à relação de poder do homem sobre a mulher, como também relacionado ao poder do homem sobre as crianças e outros homens.

Por sua vez, O patriarcado foi construído através de um contexto histórico relacionado à religião cristã. Fávero (2010) ao analisar os signos históricos atribuídos ao patriarcado defende que o termo em si vem de Hieros, que significa pai. Ou seja, todos na ordem, na família, na sociedade estão sujeito a uma força superior, ao pai.

O que reforça a ideia de Gilligan (2003), a qual considera que o patriarcado é uma ordem de vida, onde os homens são separados dos meninos e os meninos como as mulheres são submetidos a este grande homem, o pai. Essa divisão da origem as oposições atribuídas aos gêneros, onde ao homem socialmente foi atribuído garbosamente o poder em relação aos demais.

Na atualidade, podemos verificar a existência de um patriarcado moderno, que tem como arcabouço a sociedade capitalista no tempo vigente. Esse patriarcado moderno surge em detrimento da não existência mais de uma relação de poder absoluto um pai sobre os demais. Para Paterman (1993), o patriarcado do século XVII consistia num discurso estruturado em diferenças biológicas e poderes políticos, o que hoje não existe mais. Daí então as novas roupagens do patriarcado surgem, dando origem ao patriarcado contemporâneo.

Esse patriarcado contemporâneo ou moderno possui ainda, de forma mais leve uma dominação das relações de poder e de autoridade, porém, o que antes era tido como honra e poder para os homens, se tornou o seu próprio algoz. Tendo o homem a obrigação de ser masculino cada vez mais em suas funções.

Para Fávero (2010) ao citar Bourdieu (1990), a mesma menciona que:

O homem de honra era, por definição um homem no sentido de vir e que todas as virtudes que o caracterizavam eram indissociáveis dos poderes, das faculdades, das capacidades e dos deveres e nas quais as qualidades eram, portanto, atributos propriamente masculinos (FAVERO, 2010, p. 84).

O termo ideologias masculinas é, atualmente, utilizado pelos autores em sua pluralidade para enfatizar a existência de diversos padrões de masculinidades, sendo assim, diversas dimensões do masculino em si. Alguns autores ainda fazem uso desse termo como forma de se opor a ideia de uma masculinidade única, ou seja, a masculinidade hegemônica. As masculinidades não são apenas diferentes, porém também sujeitas as mudanças (CONNEL; MESSERSCHMIDT,2005).

As ideologias masculinas acabam sendo fruto de mensagens culturais que ditam padrões a serem seguidos. Ao masculino é atribuída à força, a ação, a atividade. Ao feminino a passividade, as emoções, a sensibilidade. Aos homens que são tidos como macho, como masculinos lhes são vistos como viris e dominantes, aspecto este semelhante ao homem caçador e reprodutor no início da humanidade.

Dentro do cenário das divisões da masculinidade, podemos verificar a existência de quatro padrões principais, no caso, padrões que estão em evidência na sociedade ocidental. São elas: a masculinidade hegemônica, a subordinada, a cúmplice e a marginalizada.

Vitelli (2011) cita que a ideia de masculinidade subordinada é pautada nas relações de dominação entre grupos de homens em relação as suas expressões sexuais, é caracterizada pela crença da superioridade e dominação dos homens heterossexuais em relação aos homens homossexuais, incluindo muitas vezes práticas de violências como discriminação, abuso sexual e psicológico.

Para Connell (2005) a masculinidade tida como cúmplice é a masculinidade pela qual os homens se unem, se conectam com projetos e ideologias presentes na masculinidade hegemônica, porém não seguem todas as suas práticas a rigor. Podemos citar como exemplo o casamento e a paternidade, que para alguns homens torna-se um compromisso com outrem e não uma relação de dominação e subordinação.

A marginalizada por sua vez, consiste em uma relação entre grupos étnicos e subordinados. Para Vitelli (2011) a mesma se apresenta como:

A marginalização relaciona-se com o poder que a masculinidade hegemônica exerce sobre os outros grupos. Deve ficar claro que os termos usados por Connell não constituem tipos fixos de caracterização, mas sim configurações de praticas construída e mutáveis (VITTELLI, 2011. p.126)

Por último, a masculinidade hegemônica atua com uma maior legitimação no domínio das outras masculinidades. Opera como um ideal social, construído historicamente com normas e padrões a serem seguidos pelos homens, gerando assim estilos de vida tipicamente masculinos.

De acordo com Connell(1995) os estudos pioneiros foram sistematizados no artigo “A nova sociologia da Masculinidade” ,que criticou a literatura sobre o papel sexual masculino e propôs um modelo de masculinidades em múltiplas relações de poder, o que por sua vez, gerou um modelo que foi integrado à uma teoria de gênero ligado à sociologia o que a posteriori tornaram - se a fonte mais citada para o conceito de masculinidade hegemônica.

O conceito de masculinidade hegemônica foi primeiro defendido em estudos de campo sobre desigualdade social baseado nas diferenças de gênero nas escolas da Austrália, trazendo uma discussão conceitual relacionada à construção das masculinidades e referente ao papel dos homens na política sindical australiana.

Para tanto foi elaborado um projeto nas escolas no qual forneceu as evidências de gênero e ao mesmo tempo de classe de forma empírica para o aprofundamento das construções ideológicas à respeito do gênero. Essas referências às ideologias masculinas e a masculinidade hegemônica nos remete a grande crise masculina da atualidade, o papel do homem. O homem recebe privilégios por esse papel de dominante ao mesmo tempo em que se torna vítima dele mesmo e do próprio sistema que o criou.

Vitelli (2011) cita que se analisarmos as condições de defesa do patriarcado na atualidade, a dominação hegemônica da masculinidade torna-se mutável, pois pode ser gradualmente desconstruída pelas novas roupagens que homens e mulheres estão assumindo na contemporaneidade.

A hegemonia proposta por esse tipo de masculinidade faz com que haja uma cumplicidade entre os homens que se encaixem nesse padrão ideológico, discriminando e excluindo os homens tidos como fracos, ou femininos. Gera por sua vez uma hierarquia entre a masculinidade hegemônica e as demais masculinidades.

Para Kaufman (1987) o homem pratica violências contra outros homens, contra as mulheres e contra eles mesmos, através de discursos machistas, sexistas, homofóbicos, racistas, impessoais, entre outros. Sendo essa forma de dominação da masculinidade uma espécie de deslocamento de suas necessidades reais, uma forma de repressão e de expressão do homem masculino.

Pina Cabral (1993) nos relata que a hegemonia acaba tornando-se uma forma de dominação em que o dominado participa de sua própria dominação, ele se transforma em seu carcereiro. A hegemonia ao dar importância a objetos e a sujeitos específicos deixa outras realidades fora do contexto, gerando assim uma posição dualista entre a masculinidade hegemônica, tida como a dominante e as não dominantes.

Para Gomes (2008) a masculinidade hegemônica se baseia em modelos culturais, onde o gênero atua sempre como estruturador de pensamentos, afetos e condutas voltadas para a identidade do ser quanto homem. Quanto mais os homens se aproximam desse modelo cultural pré-estabelecido, mais ele é aceito nos grupos, mais outros homens se aproximaram, pois sua masculinidade está de certa forma atestada.

É importante ressaltar que para que isto aconteça de fato, a masculinidade hegemônica sempre se colocará como totalmente dominante em relação à ordem de gênero como um todo. Assim, basicamente estruturada acima de dois eixos: o da heterossexualidade e da dominação.

Comumente é possível verificar discursos discriminatórios enfatizados pelos homens que fazem parte desse grupo dominante em relação às mulheres e a outros homens. Marcus Junior, Gomes e Nascimento (2011) constatam que a masculinidade hegemônica, além de espelhar a figura do homem branco e heterossexual de classe média alta, pode estimular outros padrões como a força sobre os mais fracos (mulheres e outros homens), a coragem, a atividade (ideia contrária a passividade, incluindo a sexual), a potência (virilidade), a resistência, entre outras qualidades idealizadas pelo masculino.

Outro aspecto importante trata-se que o Connel (1995), ao dar origem ao termo de Masculinidade Hegemônica, o mesmo defende que esse termo dar mais abertura para os estudos das masculinidades e da história dos homens como uma forma também de contribuir para as discussões da ideologia feminista.

Nós consideramos que a pesquisa sobre a masculinidade hegemônica agora necessita dar maior atenção às práticas da mulher e à interação histórica entre as feminilidades e as masculinidades. Nós, sugerimos, portanto, que nossa compreensão sobre a masculinidade hegemônica precisa incorporar um entendimento holístico da hierarquia de gênero, reconhecendo a função dos grupos subordinados tanto quanto o poder de grupos dominantes e o condicionamento mútuo das dinâmicas de gênero e outras dinâmicas sociais. Nós pensamos que isso tenderá, como tempo, a reduzir o isolamento dos estudos do homem e enfatizar a relevância das dinâmicas de gênero para os problemas – desde os efeitos de globalização até os debates sobre a violência e a paz – explorada em outros campos da ciência social. (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2005. p.848).

Assim, podemos compreender que para o autor os estudos sobre a masculinidade hegemônica é uma maneira de dar origem a novos conceitos de masculinidade fazendo com que se democratizem as relações de gênero e passe a abolir as relações de poder. Dando origem assim a uma masculinidade mais aberta a igualdade com o feminino.

A masculinidade hegemônica ao estabelecer padrões de comportamento, pensamento, corporais e sexuais, reproduz ainda um ideal antigo de masculinidade que foi construído ao longo dos tempos. Daí pode compreender o que hoje temos como crise da masculinidade, ou até mesmo a crise da subjetividade retomando as ideias de Foucault (1999), quando o mesmo cita que a crise da subjetividade está relacionada a desconstrução a identidade do sujeito em questão.

Com a emancipação feminina, tanto econômica quanto em relação a sua sexualidade e também com a autonomia dos homossexuais em trabalhar, casar-se, construir uma família e

manter um padrão de vida que é comum à maioria das pessoas, esse grande homem idealizado pela masculinidade hegemônica vem perdendo o seu lugar de dominante na sociedade.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal contentamento ocorre na atualidade tendo em vista que os padrões sociais mudaram, tendo em vista que o poder capitalista, a liberdade sexual feminina e dos homossexuais, as novas configurações familiares, sendo hoje as mulheres chefes de suas famílias, a estética corporal, entre outros modelos que vem surgindo, surgem como contraponto para a masculinidade originalmente patriarcal.

A masculinidade hegemônica ainda persiste como um movimento enraizado que se estabelece na oposição a essas mudanças, todavia o patriarcado não apresenta-se de forma tão dominante e repressora como antes. É comum testemunhar comportamentos discriminatórios e de violência proferidos pelo discurso da masculinidade hegemônica de forma mais polida.

Na aurora das novas subjetividades e identidades dos sujeitos, os estereótipos do masculino e do feminino estão em processo de mutação, muitas vezes se fundindo e não mais como forças opositoras, remetendo ao conceito psicanalítico de que masculino remete a ação e feminino a passividade. Assim, no contexto atual, podemos afirmar que independente das construções pré-concebidas a respeito dos gêneros, o masculino e o feminino torna-se comum a ambos os gêneros.

Verifica-se que o poder do masculino tem como base uma construção histórica e social, tendo uma forte contribuição da teoria psicanalítica, que por sua vez, atribui o poder do falo, ao pênis, sendo o mesmo o seu legítimo representante simbólico.

REFERÊNCIAS

ABDO, C. **Mosaico Brasil**. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo Projeto Sexualidade (ProSex),2008. Disponível em:
<http://sites2.uai.com.br/tva/ja2/projeto_mosaico_brasil_coletiva_rj_mg.pdf>. Acesso em: Out, 2016.

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

BATAILLE, G. O Erotismo. Porto Alegre: Autentica, 2014.

BATISTA, L. **Desigualdades, diferença em saúde. Entre o biológico e o social: homens, masculinidade e saúde reprodutiva.** *O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde.* Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2003.

BONUMÁ, T. Com vocês, O Pênis. **Rev. Super Interessante.** Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/com-voce-o-penis/>>. Acesso em: Nov,2016.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** *Educação e Realidade.* Vol IV, 1995.

_____. **Uma ciência que perturba.** In: *Questões de Sociologia.* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

BRIEN, R. **O Pênis.** Loveland, 1980.

CECCARELLI, P. **Reflexões sobre a sexualidade masculina.** Belo Horizonte: Reverso, 2013.

CONNELL, R. **Políticas da masculinidade.** *Educação e Realidade,* 1995.

_____. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** Estudos Feministas, Florianópolis,2013.

EISLER, R. **O Cálice e a espada.** Rio de Janeiro: Imago,1998.

FAVERO, M. **Psicologia do Gênero. Psicobiografia, cultura e transformações.** Curitiba: UFPR, 2010.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder.** In H. Dreyfus, P. Rabinow, Michel Foucault, *uma Trajetória Filosófica: Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica,* Rio de Janeiro, Forense Universitária, pp. 231-249,1995.

_____. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Vozes,1999.

FREUD, S. **Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos,** 1905.

_____. **Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade. In: Obras psicológicas completas:**Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FRIEDMAN, D.M. **Uma Mente própria: A História Cultural do Pênis.** Rio de Janeiro: Objetiva,2002.

GILLIGAN, C. **O nascimento do prazer.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

GOMES, R. **Sexualidade Masculina,Gênero e Saúde.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

GOMES, R; MARQUES JUNIOR, J; NASCIMENTO, E. **Masculinidade Hegemonica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS,**2011.

JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos.** Harper Collins,2008.

- KARDOUS, P. **A neurose do homem**. Revista Psique. N 111, 2014.
- KAUFFMAN, P. **Dicionário Enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud a Lançan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n.9, outubro de 1998.
- LACAN, J. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- LIMA, T. C; MIOTO, R.C. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Rev. Katál. Florianópolis ,2007.
- LINS, R. **A cama da varanda**. Rio de Janeiro: Bestseller,2013.
- LYRA, J.; RIDENTI, S. **Mãe presente, pai ausente? Reflexões preliminares sobre as funções parentais nos anos noventa**. XX Reunião da Anpocs, Grupo de Trabalho Família e Sociedade. Caxambu, 1996.
- MARCAL, E. **Desenvolvimento Psicosssexual**. 2014. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/39697/desenvolvimento-psicosssexual>>. Acesso em Nov,2016.
- MACHADO, L. **Masculinidades e Violência . Gênero e mal estar na Sociedade contemporânea**. In: **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo,2004.
- MAZAREM, P. **Uma Breve História do Culto ao Falo**, 2014.
- MOSSE, G. L. **Masculinidade e Decadência** IN PORTER, Roy & Teich, Mikulás (orgs.) **Conhecimento Sexual, Ciência Sexual: a história das atitudes em Relação à Sexualidade**. São Paulo: UNESP/Cambridge University Press, 1988.
- MURIBECA, M. **Das Origens da sexualidade feminina ao feminismo nas origens da psicosssexualidade humana**. Estudos de Psicanálise, 2010.
- NASIO, J-D. **O prazer de ler Freud** /J.-D. Nasio; [tradução, Lucy Magalhães; revisão técnica, Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- NOLASCO, S. **A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero**. In: NOLASCO, S. (Org.) **A Desconstrução do Masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1993.
- PINA CABRAL, J. A lei e a paternidade: as leis de filiação portuguesas vistas à luz da antropologia social. **Análise Social**, v. XXVIII, n. 123-124, p. 65-88, 1993.
- ROSITO, C. **Feminilidade, individualização e Autonomia**. 1996.
- SANTNER, E. **A Alemanha de Schreber**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

STARHWAK. **A dança cósmica das feiticeiras.** São Paulo: Nova Era, 1997

SHERMAN, Z. **O Gozo em-cena. Sobre o Masoquismo e a mulher.** São Paulo: Escuta, 2003.

SCHPUN, M. (org) **Masculinidades.** São Paulo: Boitempo, 2005.

SILVA, G. S. **Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos,** 2001.

THERBORN, G. **Sexo e poder: a família no mundo.** São Paulo: Contexto, 2006.

VITELLI, C. **Representação das Masculinidades Hegemônicas e Subalternas no Cinema.** Analise Social. Vol.XLVI, 2011.

O HOMEM E O FALOCENTRISMO: UM ESTUDO EPISTEMOLÓGICO SOBRE A HISTÓRIA DO PÊNIS

Monik Giselle Lira Monteiro – LIGEPSI/UFPB

RESUMO: Seja como símbolo de poder, de domínio ou virilidade, o pênis sempre ocupou posição de relevância na cultura em todas as civilizações, sendo inegável o fascínio que o pênis exerce sobre a humanidade desde os tempos mais remotos. O pênis foi representado através de várias formas de acordo com a cultura de cada povo, de cada região e época em que o homem vivia. Essas diversas representações sobre o órgão sexual masculino formaram um imaginário coletivo que ultrapassou o senso comum e tornou-se objeto de estudo da ciência. Elemento fundamental na construção da identidade e das representações atribuídas ao masculino, a forma como o pênis é visto no contexto social e a atribuição de valor que esse masculino projeta no órgão sexual determinam, através de sua posse, o desenvolvimento da sua estrutura psicosexual. O pênis passa a ser o órgão definidor do sexo masculino, pois constitui a mais evidente diferença física entre homens e mulheres. O proposto trabalho tem como objetivo analisar através de uma construção epistemológica e psicanalítica o simbolismo do pênis, juntamente com a relação de poder atribuído ao mesmo. Foram levantados aspectos históricos ao longo da história da civilização, levando em consideração a ascensão do patriarcado sobre o feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade; Psicosexual; Falocentrismo.

INTRODUÇÃO

Segundo Farias (2012), apud Bonumá (2016), o pênis para os primatas possui cinco funções: atrair fêmeas, delimitar território, estabelecer hierarquia, intimidar o inimigo e fecundar. Ou seja, todas as funções essenciais para a sobrevivência das espécies. O mesmo cita que quando um macaco se sente ameaçado, fica em pé e tem uma ereção. Como uma forma de demonstrar que está pronto para o ataque, procurando assim intimidar o outro predador.

O homem, por sua vez, ainda mantém o registro desse comportamento primitivo relacionando ao pênis uma forma de impor o poder do macho em questão. Na atualidade, vários pesquisadores têm se dedicado a investigar a masculinidade a partir da sua construção histórica e cultural, tendo como base o simbolismo do Pênis nas sociedades primitivas até os dias atuais, sendo assim, o falo é o fundante da masculinidade na sociedade.

Para compreendermos a relação do homem e o simbolismo atribuído ao pênis, se faz necessário apossar-se de um estudo epistemológico sobre o mesmo, tendo em vista que esta construção não é meramente biológica ou genética, mas também é resultado de uma construção de papéis e funções entre o masculino e o feminino ao longo dos tempos.

Friedman (1995) cita que a veneração do pênis como símbolo de poder, força, coragem e uma espécie de síntese das virtudes masculinas é muito antiga e vem sendo continuamente atualizada e adaptada de acordo com os costumes de cada época. Partindo desse princípio, retomaremos ao início da história da humanidade onde mitos e rituais eram associados ao mistério da vida e da morte. Os homens não compreendiam a sua função do nascimento de crianças, sendo assim atribuídos à mulher o poder de gerar uma vida humana, juntamente com a fertilização das plantações.

De acordo com Lins (2013), a ideia de casal não existira, cada mulher pertencia igualmente a todos os homens da comunidade e os homens também pertenciam aos mesmos. Ainda para esse autor, a ideia de casamento era comunitária, ou seja, o compromisso de cada indivíduo era com sua tribo como um todo. A função materna, por sua vez, era algo específico das mulheres, pois uma criança poderia ter vários pais tendo em vista essa construção social primitiva o que se tornou conhecida como matrifocalidade.

Sendo assim, os símbolos femininos foram venerados, estátuas de mulheres nuas foram feitas como símbolo não do erotismo, do sexual, mas sim como uma representação do divino, do sagrado. Símbolos esses que possuíam uma expressão corporal de mulheres com seios fartos, quadris largos e grandes fendas vaginais.

Para Lins (2013), em 6500 a.c, os homens se tornaram ausentes nas comunidades devido à longos períodos de caça, a agricultura tornou-se o principal recurso para a sobrevivência humana e os animais que antes eram abatidos, passaram a serem domesticados e utilizados como instrumento de força nas tarefas diárias.

Como consequência dessas mudanças, surge então a primeira crise do masculino, pois, não era mais necessário que os homens se arriscassem na caça para conseguir alimento para a sua tribo, o que contribuiu para que a força viril do homem passasse a não ter tanto significado para a época (LINS, 2013). Os cultos aos Deuses mantiveram-se politeísta, porém a força maior geradora da vida e dona da morte ainda era a mulher, representada pela Deusa-Mãe.

A Deusa-Mãe, também conhecida como a Deusa Tríplice, tinha como símbolo as fases da lua. Cada fase representa uma fase da vida, um ciclo da agricultura, as estações do ano, etc. Essa Deusa-Mãe, também ficou conhecida como a senhora dos mil nomes, foi adorada por vários povos antigos (Starhwank,1997).

Ainda que evocada por vários nomes diferentes, a Deusa-Mãe representava o princípio criador e simbolizava a origem de toda vida na terra, sendo sempre o símbolo central das estatuetas e pinturas e tendo ao seu lado um homem como seu consorte, animais e plantas ao

seu redor (LINS,2013). Seu culto perdeu a força e foi paulatinamente substituído, inicialmente, pelos deuses guerreiros e a posteriori por um Deus Único.

A domesticação dos animais e a convivência diária com os mesmos contribuíram para que, com o passar dos tempos, o homem compreendesse através de observações a necessidade do macho na procriação. Segundo Lins (2013), o carneiro, após cobrir a ovelha, dava origem aos filhotes. Sendo assim, um carneiro apenas poderia emprenhar mais de cinquenta ovelhas, o que por ventura viria a fertilizar as fêmeas seria um líquido que o macho depositara na mesma: o sêmem do macho.

A associação simbólica do arado com a força de arar a terra e prepara-la para a semeadura constitui um paralelo com o pênis. O órgão masculino rapidamente assume uma posição preponderante. O homem se vê transformado em fertilizador da terra. Afirmado a vida no útero da mulher, o homem passou a considerá-la uma simples caverna protetora. Sua função era propiciar a germinação e o crescimento da vida até estar pronta para vir ao mundo (LINS, 2013.p.32)

O homem então redescobre o seu papel, gerando assim, com o passar dos tempos, uma mudança ideológica na sociedade (EISLER, 1998). A Deusa-Mãe passa a ser destronada e Deuses masculinos surgem. Deuses estes que, segundo Eisler (1998), são conhecidos até hoje através da mitologia grega, egípcia e que a posteriori dariam origem aos Deuses do patriarcado na atualidade: Alá, Maomé, o Deus cristão, entre outros. Um sistema de quase cinco mil anos, passou a ser regido por um Deus masculino, com suas criaturas feitas a sua imagem e semelhança, criados para serem originalmente divinos, ordenados a governar mulheres, crianças e o resto da natureza (EISLER, 1998).

A descoberta da paternidade deu origem ao culto ao falo associado à criação, a fertilidade, a religião (MARZEREM, 2014) O Falicismo ou culto fálico é um dos cultos mais antigos da humanidade e de extrema importância aos pagãos. O pênis representa a força, o início, o Deus Sol, o poder e existe em todas as religiões. Contudo, o feminino e o masculino se separam, o pênis passa então a ser representado através de esculturas e pinturas, bem como verifica-se o surgimento dessa dicotomia entre forças antagonistas, na qual a força e potências masculinas são valorizadas. Na contemporaneidade, conforme Lins (2013), tal valorização ainda permanece.

As civilizações antigas desconheciam o conceito de obscenidade. Por mais que as imagens de órgãos sexuais femininos e masculinos fossem exageradas e distorcidas, eram encaradas com naturalidade. Muitos santuários espalhados pelo mundo mostram representações de vulvas e falos, inclusive com deuses possuidores de falos monumentais. Essa valorização do pênis ereto de grandes proporções permanece bastante atual em nossos dias. O comprimento, grossura e a rigidez do pênis, assim

como o desempenho sexual, são causas de constante preocupação, e não raro, sofrimento para o homem atual (LINS, 2013, p.34)

A adoração ao *phallos* disseminou-se por todo o mundo antigo. Friedman (1995), ao abordar a história cultural do Pênis, cita que o mais antigo ritual de culto ao falo surgiu por volta de 275 a.c, onde a população de Alexandria construía um monumental falo dourado com 55 metros de comprimento, enfeitado com uma estrela na ponta, e o levavam pela cidade, onde meio milhão de pessoas entoava poemas em homenagem ao astro da festa, suas qualidades e beleza ímpar (FRIEDMAN, 1995).

Utú era o Deus-Sol dos Sumérios, também era um deus fálico. Era representado com um capacete com chifres, uma lança com uma ponta arredondada (pênis), na outra mão uma arma onde duas grandes pedras (testículos) amarradas juntas, poderia ser arremessada contra os inimigos, sua bebida favorita era vinho de frutas fermentadas e misturadas ao esperma de guerreiros. Dizia-se que, para vencer as guerras, os guerreiros precisavam banhar-se no sêmen de Utú.

Algumas tribos africanas também cultuavam o pênis, não somente através de Èsù ou Ògún, deus mensageiro e deus da guerra, respectivamente, mas também em outros cultos internos. Centenas de imagens de pênis com asas foram encontradas na Itália e na Grécia. Nessa direção, Kaufmann (1996) afirma que:

A ereção de imagens fálicas é um símbolo de poder gerador e pensamos que este é chamado a fecundar o mundo; é por isso que, em sua maioria, essas imagens são consagradas à primavera, quando precisamente o conjunto do universo recebe dos deuses a geração de todas as criaturas (KAUFMANN, 1996. p. 191).

De acordo com os historiadores, um dos mais antigos símbolos do pênis é o Ankh (JUNG, 2008). É uma representação do falo que aparecem nas mãos dos faraós, podendo ser encontrado nos túmulos e templos egípcios. Mitos e religiosidade foram diretamente relacionados ao pênis durante a Antiguidade, a ele era atribuído à representação das forças criadoras e fecundas do Universo, o poder gerador da natureza.

Na cidade de Pompéia, no antigo Império Romano, era comum colocar uma imagem fálica na porta de entrada das casas, ao lado da frase: “Aqui mora a felicidade”, a fim de atrair sorte e afastar os espíritos das trevas. O pênis aparecia em peças decorativas e artísticas sem um contexto erótico, mas como um símbolo das virtudes masculinas (KANTOR, 2005).

No Butão, país do sul asiático, o culto ao pênis é muito importante, sendo muito comum encontrarmos figuras penianas penduradas nas portas e janelas, como amuletos para atrair

proteção e trazer fertilidade, sendo a fertilidade associada a um entendimento não apenas sexual, mas também a fortuna e abundância.

Na Grécia, se fazia comum os tutores ejacularem em seus jovens a fim de transmitir todo o conhecimento adquirido ao longo de suas vidas, apenas os homens seriam capazes de compreender o outro homem e, assim, haveria a disseminação dos conhecimentos passados. Também na Grécia, o pênis passou a ser exibido como arma de sedução para conquistar as donzelas, era comum a prática de exercícios físicos nas arenas esportivas sem a utilização de vestes, o pênis em sua anatomia passou então a ser admirado.

O mito grego de Príapo reforça esse poder atribuído ao falo. Príapo, seria o filho de Afrodite, o mesmo possuía uma deformação física que seria um pênis volumoso e permanentemente ereto. Tal pênis exercia um poder de atração sobre as mulheres, fazendo com que as mesmas se apaixonassem por ele.

De acordo com o mito de Príapo, os homens da ilha de Lampsaco tinham inveja do enorme sucesso do deus com as mulheres e conseguiram expulsá-lo da ilha. Não esperavam, entretanto, ter de enfrentar a paixão das mulheres por Príapo. Elas rezavam um uníssono aos deuses e, como resultado, todos os homens da ilha foram atacados por uma doença nos órgãos genitais. Consultando o oráculo de Dedona, foram avisados de que o único meio de conseguirem recuperar a saúde e o êxtase sexual seria convidar Príapo a voltar para o meio deles. Não tendo outra alternativa, os homens cederam. Em memória da doença e para homenagear Príapo, moldaram imagens fálicas para si mesmos. Príapo voltou a ilha e ali recebeu as funções de “deus dos jardins”, ficou encarregado de afastar os ladrões, o mau olhado e garantir, dentro do recinto do pomar, a fecundação prometida à população (LINS, 2013, p.34).

Brien (1980) cita em seu livro, *O Pênis*, que alguns templos da antiguidade eram dedicados a divindades fálicas. O deus era esculpido em madeira, recebia visitas com frequência por mulheres estéreis, ao ponto que o pênis da divindade se desgastava com o manuseio, beijos, fricções e sucções a que era submetido (BRIEN, 1980). Como uma forma de solucionar esse desgaste, os sacerdotes fabricavam outro falo que surgiria por trás da estátua.

Na Umbanda e no Candomblé, o culto ao pênis está diretamente relacionado a representação do Deus Èsù (Exú) e do deus da Guerra Ògún. No culto a Ifá, o símbolo fálico está presente na umbanda e em diversas religiões pagãs, neo pagãs e até as cristãs, as mesmas estão repletas de símbolos fálicos, representando o poder, seja de Deus, seja do masculino (LINS, 2013).

Com o surgimento do Cristianismo, a ideia de crescer e multiplicar-se passou a ser vontade divina. Porém, qualquer outra prática sexual que não era feita com o objetivo de procriação passaria a ser recriminada. O pênis que até então era tido como belo e mágico, a ele foi atribuído à ideia de sujo, de pecado.

Para Friedman (1995) em uma sociedade na qual a cultura da virgindade como simbolismo de pureza, o pênis era algo maléfico, destruidor. Ainda para esse autor, o próprio Cristo teria sido gerado sem a participação do pênis, sendo Santo Agostinho um porta-voz dessa crença onde: o pênis é a gargalheira poluída por onde emerge o mais obsceno dos eflúvios, o sêmen, escreveu o célebre pensador da Igreja (FRIEDMAN,1995).

Recentemente, é possível verificar que ao pênis foi retomado o conceito de virilidade e afirmação de poder contrapondo a ideia do século V, onde a Igreja impunha ao órgão masculino o simbolismo de instrumento facilitador do pecado.

No século XXI, a exibição dos corpos e o erotismo ao qual envolve essa ideia da masculinidade fazem uma alusão à supervalorização do pênis assim como ocorria no período clássico, trazendo novamente a representação do pênis de Príapros, de tamanho descomunal e sempre ereto, como modelo de afirmação do masculino para todos os homens e objeto de desejo para todas as mulheres. O Corpo não é mais interdito e o pênis torna-se objeto de poder e de desejo novamente. De acordo com Ceccarelli (2013):

No século XVIII, com a Revolução Industrial, esse modelo começa a mudar, esse passou a diferenciar homens e mulheres no nível tanto anatômico quanto fisiológico. Mas, mesmo nessa nova perspectiva, os homens continuaram a ditar o certo e o errado em termos de sexualidade, sobretudo a da mulher. Ao mesmo tempo, nos países onde as mulheres gozavam de maior liberdade ocorreu, desde o século XVII, o que poderíamos chamar de “crises simbólicas”: O surgimento de questionamentos sobre a posição dos homens e das mulheres preparando, assim, as mudanças significativas que se concretizaram nas décadas seguintes e traduziram a necessidade de repensar as referências dominantes e os valores considerados, então, como evidências, pois eram apresentados como “naturais”. (CECCARELLI, 2013.p.86)

O erotismo e a sensualidade do órgão sexual masculino, na atualidade, recebem uma carga social e histórica muitas vezes advinda da estética do exagero. O pênis grande e dentro dos padrões estéticos está relacionado à virilidade masculina, juntamente com a sua posição de passivo e ativo na prática sexual, ocasionando idealizações de masculinidades excessivas baseadas na estética corporal e na conduta de comportamento que deverá ser exclusiva do “macho” (BATAILLE, 2004).

Desde o início da civilização ocidental, o pênis foi muito mais que uma parte do corpo: foi uma ideia, uma medida-padrão conceitual do lugar do homem masculino no mundo. Isso porque os aspectos culturais e sociais entram em cena para confirmar a hegemonia do macho, o que implica dizer que o pênis foi, ao longo de toda a história da humanidade, investido de grande valor material, estético e psíquico. Foi divinizado pelas culturas pagãs do mundo antigo, endemoniado pela Igreja Romana em seus começos, e mais adiante, secularizado por anatomistas como Leonardo da Vinci (1425-1519). (MURIBECA, 2010.p.105).

Esse simbolismo atribuído ao pênis desde o início dos tempos faz com que passemos a compreender a relação do homem com o seu órgão sexual, sendo o pênis objeto de adoração e de ostentação de poder para o mesmo. A sua representação, a estética do pênis, juntamente com a forma de uso do mesmo na prática sexual, serve como um arcabouço e referencial para masculinidade através da afirmação da virilidade do homem.

É a presença ou ausência do pênis que, ainda no período da gestação, define não apenas o sexo biológico, mas também a forma com que todos irão interagir com a criança, juntamente com a forma que a mesma deverá se comportar através dos papéis que são atribuídos a partir da definição de seu sexo. No caso do menino, é comum receber uma atenção especial relacionada ao poder de seu genital, o genital do menino passa a ser valorizado. De outro modo, quando trata-se de uma menina, é atribuído uma ideia de proteção de seu genital.

Segundo a teoria psicanalítica, o desenvolvimento sexual infantil ocorre em três fases: oral, anal e fálica (MARCAL,2013). Antes de atingir a fase adulta ou genital, a criança passa por um período de latência, que se estende até a puberdade. Nas fases oral e anal não existe qualquer diferenciação no desenvolvimento de meninos e meninas, enquanto na fálica, por volta dos três aos cinco anos de idade, há um direcionamento da libido para os genitais, nessa fase as diferenças entre os sexos tornam-se mais nítidas (MARCAL,2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a teoria freudiana, a compreensão infantil é de que o homem tem algo que falta à mulher, sendo natural a associação de certa superioridade dele sobre ela. Ter pênis é entendido como atributo de valor dos meninos e elemento fundamental da identidade masculina. É na fase fálica que os modelos de relação entre homens e mulheres são organizados, e o menino tem no sexo oposto a obtenção de satisfação de seus desejos.

A partir dessa explanação, podemos compreender a importância do pênis na estruturação de uma criança. Esse símbolo fálico reverenciado pela cultura como um todo também, é um estruturante da psiqué infantil. A forma com que a criança, tanto o menino, quanto a menina lida com o simbolismo do poder do falo através da representação do pênis, seja através da castração ou da inveja, é determinante em sua vida. Sua estrutura psicológica, a forma com que lidará com as pessoas nas quais serão destinados o seu afeto e seu desejo, sua identidade de gênero, sua expressão sexual, até mesmo suas práticas sexuais passam a ser definidas através da forma com que esse simbolismo é elaborado pela criança.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, G. O Erotismo. Porto Alegre: Autentica,2014.

BATISTA, L. **Desigualdades, diferença em saúde. Entre o biológico e o social: homens, masculinidade e saúde reprodutiva.** *O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde.* Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2003.

BONUMÁ, T. Com vocês, O Pênis. **Rev. Super Interessante.** Disponível em : <<http://super.abril.com.br/historia/com-voces-o-penis/>>. Acesso em : Nov,2016.

CECCARELLI, P. **Reflexões sobre a sexualidade masculina.** Belo Horizonte : Reverso, 2013.

EISLER, R. **O Cálice e a espada.** Rio de Janeiro: Imago,1998.

FRIEDMAN, D.M. **Uma Mente própria : A Historia Cultural do Pênis.** Rio de Janeiro: Objetiva,2002.

GILLIGAN, C. **O nascimento do prazer.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos.** Harper Collins,2008.

KARDOUS, P. **A neurose do homem.** Revista Psique. N 111, 2014.

KAUFFMAN, P. **Dicionário Enciclopédico de psicanalise. O legado de Freud a Lançan.** Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n.9, outubro de 1998.

LACAN, J. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

LIMA, T.C ; MIOTO, R.C. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** Rev. Katál. Florianópolis ,2007.

LINS, R. **A cama da varanda.** Rio de Janeiro: Bestseller,2013.

LYRA, J.; RIDENTI, S. **Mãe presente, pai ausente? Reflexões preliminares sobre as funções parentais nos anos noventa.** XX Reunião da Anpocs, Grupo de Trabalho Família e Sociedade. Caxambu, 1996.

MARCAL, E. **Desenvolvimento Psicosexual.** 2014. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/39697/desenvolvimento-psicosexual>>. Acesso em Nov,2016.

MACHADO, L. **Masculinidades e Violência . Gênero e mal estar na Sociedade contemporânea.** In: **Masculinidades.** São Paulo: Boitempo,2004.

MOSSE, G. L. **Masculinidade e Decadência** IN PORTER, Roy & Teich, Mikulás (orgs.) *Conhecimento Sexual, Ciência Sexual: a história das atitudes em Relação à Sexualidade*. São Paulo: UNESP/Cambridge University Press, 1988.

MURIBECA, M. **Das Origens da sexualidade feminina ao feminismo nas origens da psicosexualidade humana**. Estudos de Psicanálise, 2010.

NASIO, J-D. **O prazer de ler Freud** /J.-D. Nasio; [tradução, Lucy Magalhães; revisãotécnica, Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

NOLASCO, S. **A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero**. In: NOLASCO, S. (Org.) *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PINA CABRAL, J. A lei e a paternidade: as leis de filiação portuguesas vistas à luz da antropologia social. *Análise Social*, v. XXVIII, n. 123-124, p. 65-88, 1993.

ROSITO, C. **Feminilidade , individualização e Autonomia**. 1996.

SANTNER, E. **A Alemanha de Schreber**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

STARHWAK. **A dança cósmica das feiticeiras**. São Paulo: Nova Era, 1997

(DES)CAMINHOS DA PULSÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O CONSUMO DE ALCOOL EM PACIENTES PÓS-BARIÁTRICOS

Monik Giselle Lira Monteiro LIGEPSI/UFPB

RESUMO: Desde o nascimento do indivíduo é possível verificar o seu constante conflito com as ideias que são inseridas através da cultura, onde a mesma impõe ao sujeito a necessidade de adaptar-se subjetivamente ao mundo que lhe é ofertado. À medida que os valores culturais se transformam, as manifestações do sofrimento psíquico também assumem novas formas, portanto, novos desafios para a clínica psicanalítica em questão. Segundo Freud (1930), o mal-estar no ser humano é estrutural e consiste no preço a ser pago por sermos seres de cultura manifestando-se como novos sintomas contemporâneos, entre eles os transtornos alimentares e a obesidade mórbida. O presente trabalho propõe como objetivo apresentar sob o olhar da psicanálise um caso clínico, no qual relata a relação de afeto de uma paciente obesa com a comida, onde após o seu pós-operatório, a sua compulsão passa a ser direcionada para o álcool, desenvolvendo uma dicção. Como método foram utilizados os relatos clínicos das sessões, onde a fala foi expressa através da associação livre. Os resultados e discursões são apresentados com base nas falas da paciente em questão, apresentando as mudanças de comportamentos sociais e alimentares da mesma e ressaltando através do enfoque psicanalítico a forma com que a obesidade se torna um reflexo de sintomas psicológicos, ligados as pressões das pulsões. Conclusão: a obesidade deve ser tratada de forma interdisciplinar, buscando assim uma ressignificação do paciente obeso, fazendo com que o mesmo passe a lidar com suas pulsões de maneira mais elaborada, fazendo com que ele suporte as suas angústias psíquicas.

PALAVRAS-CHAVE: Pulsão; Psicanálise; Obesidade.

INTRODUÇÃO

A compulsão alimentar apresenta-se como um sintoma significativo na clínica contemporânea, podendo ser diagnosticada no DSM-IV (2002), como um transtorno que requer a presença de episódios recorrentes de compulsão alimentar, sendo que um episódio de compulsão alimentar é caracterizado por ambos os seguintes critérios: a ingestão, em um período limitado de tempo (por exemplo, dentro de um período de duas horas), de uma quantidade de alimentos definitivamente maior do que a maioria das pessoas consumiria em um período similar, sob circunstâncias similares ou um sentimento de falta de controle sobre o episódio (por exemplo, não conseguir parar ou controlar o que ou quanto se come). Uma das consequências da compulsão alimentar é a obesidade, que por sua vez para o indivíduo obeso o alimento torna-se um caminho suportável para que o mesmo enfrente as angústias as compensações orais geradas através das pulsões, para desviar aquilo o que o sujeito não consegue elaborar. O alimento passa a ter outro sentido, passa a ser uma defesa egóica para um sujeito fragilizado.

O crescimento progressivo de obesos tornou-se um problema grave na saúde pública e como forma de combate surgiram as cirurgias bariátricas como um recurso para a diminuição da obesidade mórbida na atualidade. Tal patologia é considerada como uma síndrome multifatorial, diagnosticada assim pelo Instituto Brasileiro Interdisciplinar da Obesidade, onde foram classificados fatores principais da obesidade mórbida: a genética, o metabolismo, o ambiente e a situação sócioeconômica do indivíduo.

A cirurgia bariátrica, também conhecida como gastroplastia ou cirurgia de redução de estômago, é utilizada em pacientes com caso de obesidade mórbida com insucessos recorrentes relacionados as tentativas frequentes de perda de peso. A cirurgia se torna um método complementar para o combate à obesidade, quando o paciente em questão possui o índice de massa corporal (IMC) superior a 40 ou abaixo de 40, porém com comorbidades como: pressão arterial alta, diabetes, problemas renais, doenças do fígado, comprometimentos vasculares, doenças pulmonares, etc. A obesidade por ser considerada uma patologia deve ser tratada de forma clínica, portanto, se faz necessário uma reeducação do paciente na forma física, psicológica, social e nutricional. Para a psicanálise, devemos levar em consideração os conflitos desenvolvidos pelo sujeito que podem corroborar para o desencadeamento de um corpo obeso.

CASO CLÍNICO

Karla, 32 anos, filha única, se submeteu a cirurgia bariátrica há quatro anos. Fez acompanhamento psicológico durante seis meses, após esse período foi submetida a uma avaliação psicológica onde foram aplicados os testes projetivos: HTP e Palógrafico. Também foi realizada uma entrevista semiestruturada para averiguar a possibilidade de a paciente realizar a gastroplastia. A psicóloga responsável foi favorável à realização da mesma, a equipe multidisciplinar também foi favorável em seus laudos, a cirurgia foi realizada com sucesso. Recebo uma ligação em uma quarta-feira à tarde, era a Karla, solicitando um horário com urgência, em sua fala era notável sua necessidade de ser ouvida: “Boa tarde, Doutora! Relutei bastante em me submeter à um acompanhamento psicológico novamente, não queria enfrentar a minha fraqueza, mas, atualmente preciso muito de uma ajuda, preciso de um freio, pois estou me destruindo”, “sou paciente bariátrica e estou adoecendo”. No dia seguinte, recebo a paciente em meu consultório, apresenta-se bem-vestida, possui um discurso coerente, fazendo um bom uso das palavras, iniciamos a sessão com a mesma falando um pouco sobre sua vida e tudo de importante que antecedeu o seu processo cirúrgico. A paciente relatava que sua mãe é obesa e

que faz tratamento para depressão há anos. Seu pai é alcoolista, sempre teve várias mulheres, passando dias ausentes de casa, “teve uma época em que meu pai foi o meu maior inimigo, quando ele estava em casa era uma tortura, tinha muito medo das reações dele, pedia a Deus que ele morresse para que eu e minha mãe pudéssemos ser felizes”. A paciente relatou que durante a sua adolescência atravessou fases muito difíceis com seu pai sempre ausente devido à bebida e as outras famílias que possuía e sua mãe depressiva. “lembro que quando meu pai chegava a casa, eu me trancava no meu quarto com medo de apanhar sem motivos ou de vê-lo batendo em minha mãe, muitas vezes dormia com fome, ou esperava que ele dormisse para que eu fosse comer, às vezes isto acontecia durante a madrugada.” A paciente em questão relatou que “tudo o que sentia, eu descontava na comida, tive fases onde eu estava magra de mais, com aspecto de doente, depois de alguns meses eu me dava conta que tinha engordado de dez a quinze quilos, isso era horrível Dra., pois nunca consegui me ver como uma pessoa bonita, sempre oscilava da cadavérica à obesa”. Karla tornou-se uma advogada bem-sucedida, porém me relatou que sua realização era apenas profissional, nunca conseguira sair de casa, pois se preocupava em deixar a sua mãe sozinha cuidando de seu pai. Seu pai teve complicações devido ao alcoolismo, sofrera de cirrose e teve três acidentes vasculares encefálicos, hoje é completamente depende dos cuidados da esposa. A paciente afirmou ter tido um relacionamento onde depositara toda a esperança de ter uma vida nova. “Ele era tudo para mim, me dava o cuidado que eu sempre precisei e que nunca tive por parte da minha família”. O seu namorado a incentivou a fazer a gastroplastia, a paciente pesava 135 quilos e chegou a perder 62 quilos um ano após o processo cirúrgico. Com o término de seu namoro, a paciente alega ter tido mudanças de comportamento, tais mudanças que a fizeram buscar um acompanhamento psicológico. “Quando nós terminamos, eu estava me sentindo bonita, mas a falta dele era grande. Passei a me envolver com vários homens, pois agora eu era notada por estar magra, eu precisava transar muito para me sentir feliz e desejada. Muitas vezes após o sexo me vinha a sensação de desespero, eu me perguntava o que eu estava fazendo naquele motel, muitas vezes com um homem que tinha acabado de conhecer, mas eu precisava transar quase todo dia”. A paciente relatou que passou a gastar muito dinheiro com roupas e tratamentos estéticos, procurando uma imagem ideal para o seu novo corpo. Passou a sair de casa e frequentar bares com maior frequência, o que corroborou para o consumo demasiado de bebidas alcoólicas. “Quando eu começava a beber, não tinha mais limites, já cheguei a sair às quedas de bares, era um vazio, uma vontade imensa de beber, nada para mim era mais divertido se não tivesse a bebida”. “Um dia me dei conta que só era feliz quando bebia, deixei de me cuidar, de ir para a academia, falto ao trabalho alegando que estou doente, mas, na realidade acordo para beber. A

sensação que eu tenho é que tudo o que eu não consegui resolver na minha vida, eu desconto na bebida, minha autoestima, a falta de amor, a incapacidade de me relacionar de forma saudável, o pior de tudo ainda está por vir, estou engordando novamente, tendo medo de voltar a ser obesa e ficar igual a minha mãe, gorda e depressiva. Porém, hoje percebi que estou alcoólatra feito o meu pai, o pai que sempre odiei”. Os apontamentos com ênfase na técnica e clínica psicanalítica segue conforme abaixo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A psicanálise valida a obesidade partindo da relação do sujeito, as suas pulsões, o corpo representado pelo mesmo a os aspectos relacionados à função materna, pois a origem da doença e seu desenvolvimento possui influências diretas do desenvolvimento psíquico do obeso, assim como nos casos de histeria, onde o sintoma psíquico passa a ter uma relação direta com o adoecimento do corpo. Para Roudinesco e Plon (1998) na obra freudiana, a Interpretação dos Sonhos, o conflito psíquico inconsciente é que foi reconhecido por Freud como a principal causa da histeria, onde juntamente a uma realidade material, existira a realidade psíquica do sujeito.

A paciente permanece em acompanhamento psicológico duas vezes semanalmente. Muitos pacientes obesos apresentam alterações psicológicas e comportamentais após a realização da cirurgia bariátrica, muitas vezes atribuídas ao desvio das pulsões que geram novos sintomas relacionados à compulsão e/ou distorção da autoimagem corporal, o corpo psíquico perde a referência de seu corpo biológico (soma), o que gera distorções graves no que se trata de um autorreconhecimento após a perda de peso.

Alguns aspectos atribuídos à obesidade demonstram ter início na infância, através de históricos de transtornos alimentares e casos de depressão infanto-juvenil. No caso da paciente em questão é possível verificar que tais sintomas manifestam-se desde a aurora de sua puberdade, fato explícito no discurso da paciente quando a mesma relata que “Lembro que quando meu pai chegava à casa, eu me trancava no meu quarto com medo de apanhar sem motivos ou de vê-lo batendo em minha mãe, muitas vezes dormia com fome, ou esperava que ele dormisse para que eu fosse comer, às vezes isto acontecia durante a madrugada.”

Para o sujeito obeso, o valor atribuído ao alimento se modifica ao longo da vida, deixando o propósito da nutrição para torna-se um depósito compensatório de seus conflitos e suas angústias. De acordo com Esteves (2009), os indivíduos com excesso de peso, tem uma

função de impulsividade diante da comida, apresentando dificuldades em relação à obtenção de insights e enfrentamento da realidade, classificando-se, portanto, como uma psicopatologia. O que é reforçado pela fala da paciente no trecho seguinte: “Tudo o que sentia, eu descontava na comida, tive fases onde eu estava magra de mais, com aspecto de doente, depois de alguns meses eu me dava conta que tinha engordado de dez a quinze quilos, isso era horrível Dra., pois nunca consegui me ver como uma pessoa bonita, sempre oscilava da cadavérica à obesa”. O sujeito obeso possui uma dinâmica pulsional que objetiva o preenchimento de um vazio pré-existente. O obeso porta dentro de si um vazio imensurável e ao buscar o seu abarrotamento, relaciona-se com os objetos de desejo de maneira excessiva, para além do princípio do prazer, onde segundo Freud (1920) a pulsão atua como um limiar entre o psíquico e o somático, a força da pulsão, por sua vez, é constante e insaciável, sempre à procura de novos destinos libidinais, consequentemente de novos objetos de desejo. Laplanche e Pontalis (2004) definem no Vocabulário de Psicanálise que o objeto possui dois aspectos principais: uma está diretamente ligado a satisfação da pulsão e a outra correlativa ao amor, em que se trata da relação da pessoa total, ou da instância do ego, com um objeto idealizado. Esses objetos de desejo aos quais são destinadas as pulsões, por serem mutáveis podem assim assumir outras formas, da comida para o sexo, do sexo para o álcool. Esses objetos tornam-se uma compensação para a frustração do Amor (simbólico), visando uma substituição. “Quando nós terminamos, eu estava me sentindo bonita, mas a falta dele era grande. Passei a me envolver com vários homens, pois agora eu era notada por estar magra, eu precisava transar muito para me sentir feliz e desejada. Muitas vezes após o sexo me vinha a sensação de desespero, eu me perguntava o que eu estava fazendo naquele motel, muitas vezes com um homem que tinha acabado de conhecer, mas eu precisava transar quase todo dia”. Para Carneiro (2005), a comida e o sexo são duas fontes de prazeres similares, sendo um fundamental para a nutrição diária dos indivíduos e dependendo da forma em que o sujeito em questão associa sua libido a esses prazeres do gozo psíquico torna-se semelhante para ambos, reproduzindo o prazer vivenciado na fase oral. De acordo com Laplanche e Pontalis (2004) a fase oral é a primeira fase da evolução psicosssexual para Freud, libidinal, o prazer oral está direcionado a excitação bucal, onde a relação de amor com a mãe é marcada pelos significados de comer e ser comido, do amor e desamor. A paciente em questão ao ver a construção de um novo corpo, de um corpo ideal, apresentou um comportamento de repetição, sua compulsão assumira novos moldes e outros vícios, demovendo-se da comida, para o cuidado com o corpo, para o sexo e a posteriori para o álcool. O que corrobora com Seixas (2009) quando a mesma diz que tornar o amor algo existente, na obesidade, o sujeito passa infinitamente a consumir os seus objetos de desejo a fim de compensar a ausência do Outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o caso clínico acima abordado, é possível verificar a importância do acompanhamento psicológico no pós-operatório de pacientes que se submeteram ao processo da gastroplastia devido ao fato de ocorrer uma mudança fisiológica no corpo do paciente, porém, caso não seja trabalhada a sua compulsão alimentar de forma ética e significativa, a mesma pode apresentar-se de outra forma, como um descolamento de sintoma afetando de maneira grave a qualidade de vida do paciente em questão. É necessária uma avaliação minuciosa da história familiar a fim de investigar outras comorbidades associadas à obesidade que podem por sua vez acentuar-se após a cirurgia, dando uma maior atenção aos pacientes com quadros de depressão e alterações de comportamentos significativos ao longo da vida. Cabe ao psicoterapeuta fazer com que o paciente encontre uma forma saudável de lidar com as suas pulsões, compreender qual o significado da comida em sua vida, para que essa mudança ocorra de maneira eficaz garantindo uma melhoria da qualidade de vida para o mesmo.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-IV. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre : ARTMED, 2002, 4a. ed
- CARNEIRO, H. Comida e sociedade: Significados sociais na história da alimentação. História: Questões e Debates, Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005.
- ESTEVES, G. Fatores psicológicos do excesso de peso. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/nutricao-artigos/fatores-psicologicos-do-excesso-de-peso1111426.htm>> Acesso em: 12 Abril, 2018.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J.B. Vocabulário da psicanálise. LAGACHE, Daniel (Dir.); TAMEN, Pedro (Trad.). 4. ed. 2ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROUDINESCO, E ; PLON M. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SEIXAS, C, M. Comer, demandar e desejar: considerações psicanalíticas sobre o corpo e o objeto na Obesidade. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro: 2009.

DEVASTAÇÃO FEMININA: UM ESTUDO DO PERCURSO DO DESEJO NA VIOLÊNCIA

Stephanie Delany Olimpio De Almeida Silva

Monik Giselle Lira Monteiro – LIGEPSI/UFPB

INTRODUÇÃO

O entendimento do feminino sempre despertou interesse dentro das psicanálises⁴ sendo caracterizado como continente negro⁵, interrogado em seu desejo e ainda em muitas ocasiões sendo visto em comparativo a um eixo masculino. O debate acerca da violência como mulher, por sua vez, também traz com ele muitas interrogações sobre a natureza do assujeitamento psíquico, da permanência e falta de adesão aos esforços em prol da promoção de políticas públicas que promovem tanto ajuda como cuidados a esses sujeitos.

A relevância de abordar essa temática está em lançar bases que proporcionem um melhor entendimento da construção do desejo feminino com vias de poder prestar um trabalho clínico e de produção teórica mais abrangente nas quais seja possível auxiliar essas mulheres no processo de encontro com seu lugar de desejo e de subjetividade. Dentro desse prospectivo a questão norteadora do eixo desse trabalho é: Como se constrói o desejo das mulheres que se encontram em situação de violência?

Freud em 1932 através de seu método de análise através da fala criou vias para que pudesse ser construído uma identidade feminina. Na psicanálise contemporânea, a psicanalista Maria Rita Kehl (2003) aponta que pelo fato de a mulher ser um sujeito desejante pode ter várias saídas pulsionais, construir o seu desejo através de um local de fala e ainda substituir objetos perdidos. Assim esse artigo contém como principais objetivos produzir formulações a respeito do desejo feminino, abordar algumas origens acerca do fenômeno da violência contra a mulher e trazer a visão psicanalítica sobre a mulher no lugar de objeto de devastação. Os postulados do feminino no contexto da violência da mulher trazem novas possibilidades em que o sujeito anteriormente marcado por uma insígnia de negação da via do desejo poderá ascender a uma reinvenção de um nome através de um espaço terapêutico que proporcione um lugar subjetivo no mundo, mediante assim como estudos mais aprofundados acerca do desejo humano

⁴ O conceito faz referência à pluralidade de linhas teóricas que a compõe e que ao contrário do que alguns críticos pensam que isso gera um enfraquecimento acaba garantindo uma riqueza de interlocuções que ao discordarem acabam se complementando e se aprofundando.

⁵ Para Sigmund Freud (1926), o continente negro seria justamente o mundo pouco explorado e misterioso que encobria a sexualidade feminina.

produz respaldo que incide em possíveis reformulações das políticas públicas que impulsionam na oferta de tratamento mais compreensivo, humanizado e eficaz com esse público.

A história do feminino está versada em tentativas de fazer com que elas habitassem em espaços pré-determinados e que servissem a especulações de entendimento e por isso em muitas vezes foram tidas como continentes obscuros como em submissão a um discurso de um masculino que desde as suas origens oprime ao ponto de em algumas sociedades até anularem a subjetividade por total para conseguir se firmar sendo assim é instalar um calar para conseguir para se ter voz. Firmar-se no feminino desde sempre foi e continua sendo um ato de resistência onde ser já é uma grande ameaça para todo um constructo hegemônico.

Através da clínica da histeria, Freud, lançou os postulados para desenvolvimento da sua ciência, deu um lugar de fala e de desejo dentro da psicanálise, foi a partir desse discurso que ele moldou a sua técnica e o seu método propondo um tratamento com base na palavra. Freud ao adentrar em seus questionamentos acerca da feminilidade e baseado em sua experiência clínica com as histéricas trouxe o entendimento da sexualidade para o viés dos processos psíquicos. Dessa maneira o conceito de feminilidade dentro da psicanálise percorreu um amplo processo de indagações entendendo-se que ela iria bem além dos posicionamentos sobre gênero e dos processos de sexuação (ALONSO, 2002).

Freud (1932/1996) levanta questionamentos acerca de uma característica psicológica presente nos constructos em torno da feminilidade que o levava a considerar a hipótese de uma preferência a fins passivos. Ainda nessa linha de pensamento ele faz um paralelo entre a feminilidade à vida instintual fazendo uma análise acerca da internalização de sua agressividade:

A supressão da agressividade das mulheres, que lhes é instituída constitucionalmente e lhe é imposta socialmente, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que conseguem, conforme sabemos ligar eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro. Assim, o masoquismo, como dizem as pessoas, é verdadeiramente feminino, Mas, como, acontece tantas vezes, se os senhores encontram masoquismo em homens, que lhes resta senão dizer que tais homens mostram traços femininos muitos evidentes? (FREUD, 1932, p.125).

A castração⁶ na mulher segundo Freud (1932/1996) é um marco dentro processo constitutivo do desenvolvimento na mulher, pois seria a partir dele que poderiam se apresentar três vertentes principais de desenvolvimento que seria a condução para uma inibição sexual ou para neurose, uma modificação em direção a um complexo de masculinidade e por último a uma feminilidade compreendida como normalizante.

⁶ Para Freud, o complexo de castração juntamente com o complexo de Édipo compõe a base responsável pela fundação da estrutura do desejo determinando a forma em que o sujeito opera a sua relação com o mundo e o exercício de sua subjetividade.

A construção do desejo da mulher, para Freud, anda lado a lado com o desejo por um falo e sendo assim o caminho inicialmente entendido por ele atrelava a feminilidade a um surgimento de um filho como um substituto. O atravessamento do feminino em si faz com que a menina precise superar a inveja do pênis e esse processo recebe uma marca de uma ferida narcísica em que a mulher estrutura a sua forma de escolha de um objeto amoroso e que em sua grande parte é de um modo narcísico onde ela busca ser amada por ele (FREUD, 1932 apud SOUZA 2011). Pode-se observar o desencadeamento da inveja do pênis quando ele trata sobre a inferioridade sexual original:

A inveja do pênis tem em parte, como efeito, também a vaidade física das mulheres, de vez que elas não podem fugir a necessidade de valorizar seus encantos, do modo mais evidente, como uma tardia compensação por sua inferioridade sexual original. A vergonha, considerada uma característica feminina, por excelente, contudo, mais do que se poderia supor, sendo uma questão de convenção, tem, assim acreditamos como finalidade a ocultação da deficiência genital (FREUD, 1933, p. 140).

De acordo com Freud (1932/1996) a constituição do feminino acontece mediante um longo trabalho psíquico. A sexualidade é compreendida dentro um patamar de construção e não algo que é dado naturalmente à mulher. Segundo Alizade (2008) no decorrer de seu desenvolvimento, a feminilidade se estruturaria de forma primária através da fusão com a mãe para posteriormente ser de modo estrutural como resultante do complexo de Édipo.

A feminilidade entra em cena nesse período de mudança de objeto de investimento e seu próprio sexo, pois a menina vivencia um período de intensa solidão e humilhação nesse intervalo entre o abandono materno e a busca pelo pai onde também acontece o abandono do clitóris como zona erógena inicial para uma futura descoberta da vagina. A menina tenta resgatar seu narcisismo ferido se voltando para o pai e é nisso que ela entra no Édipo (NÁSIO, 2005).

A mulher na teoria freudiana é definida através de sua sexualidade e isso faz com que os questionamentos provenientes da sexualidade humana sejam continuamente voltados para o campo da sexualidade. Kehl (2000) afirma que a psicanálise foi marcada fortemente por uma égide de um discurso que tinha como objetivo trazer revisões e recontextualizações acerca de sexualidade humana partindo do pressuposto de que a origem do desejo sexual é de ordem psíquica e dessa maneira Freud desnaturalizou tanto o conceito de sexo como o processo de sexuação humana. O desejo sexual tomou ares de uma compreensão onde era originado através de um processo cultural marcado por uma linguagem e que a verdadeira estruturação da

identidade se dá através do lugar em que ocupamos frente ao desejo de nossos pais e o modo em que os seres se estruturam ao passar pelo Édipo

Lacan (1956/1995) aborda a questão da sexualidade feminina a partir de um eixo marcado pela oposição entre o gozo fálico e o gozo suplementar. Nos seus questionamentos pertinentes a identidade feminina ele adentra em um retorno na postulação freudiana de sobre o primado do falo como o representante do entendimento da diferença dos sexos no funcionamento inconsciente e faz uma demarcação de que não existiria o significante d' A mulher (MARCOS, 2001).

A afirmativa lacaniana de que ‘‘a mulher não existe’’ está fundamentada no fato de que ela não possui um significante que a represente como acontece com o masculino através do falo sendo assim ela não formaria um conjunto ou algo que defina um traço, pois não há definição que caiba. Em decorrência disso as mulheres deveriam ser tomadas no uma a uma, pois, ao não existir, a mulher precisa se fazer existir dentro de sua própria singularidade (KOPENZINKI, 2014).

Para Kehl (2003) uma mulher não poderia aceitar com consternação a condição feminina que foi alicerçada na versão imaginária de uma castração absoluta. Apesar de que a falta está na condição do desejo e da forma do relacionar com o outro isso não cria vias de impossibilidade para o estabelecimento de um viver pleno mesmo recebendo as marcas constitutivas do humano. É por ser mulher e ter os recursos fálicos assim como os homens que ela tem capacidade de colocar palavras em relação ao seu desejo, ter variadas saídas pulsionais, sublimar e substituir objetos perdidos. Ela é capaz de viver dentro da égide de um sujeito desejante em diferentes posições e dentre elas a posição de objeto do desejo que sustenta a condição feminina dentro da ficção da relação sexual.

CONCEITUAÇÕES DA VIOLÊNCIA PELA PSICANÁLISE

As bases da violência estão firmadas em um eixo delimitado em grande parte no discurso sustentado e conjuntamente produzido pela estruturação de subjetividade erguida no berço da civilização. Existem algumas repercussões na cultura que se apresentam como efeitos de fenômenos como o declínio da função paterna, um simbólico cada vez mais fragilizado, a hipervalorização do imaginário e proliferação do sem-sentido e dos excessos. A partir desse eixo é proveitoso antever que dentro da violência ocorre um gozo sem mediação que visa à aniquilação do outro assim como o rompimento dos laços sociais. Isso corrobora com a

afirmação Freudiana de que a violência é considerada como a antítese da civilização (FREUD, 1933/ 1996).

Na violência contemporânea acontece uma particularidade, na qual ela se encontra um pertencimento em condições demarcadas pelo declínio do referencial simbólico e pelas exigências imperativas do gozo. O referencial simbólico tem uma importância primordial, pois é através dele que organizamos o mundo através tanto da linguagem como no arcabouço das leis que são justamente elas que programam dentro da subjetividade humana uma barreira torno o gozo pleno como impossível. Para a psicanálise em linhas gerais essa barreira é determinada pela castração sendo o agente desse processo a figura paterna então alterar esse funcionamento traz consequência que podemos ver nos tempos atuais.

No declínio da função paterna é que podemos compreender como o sujeito fica a mercê de uma promoção da violência que teria um funcionamento revelado por uma promoção do sem-sentido que estaria localizado fora da linguagem e do pensamento inconsciente e estaria demonstrando um fracasso dos recursos simbólicos frente ao real que é compreendido como a instância onde não seriam reconhecíveis os limites, como o impossível e o que não cessa de se inscrever (LACAN, 1972/ 1995).

Dessa maneira é possível observar que a busca por um gozo sem limites antes compreendido como algo excêntrico hoje é aceito como a própria norma ou como uma regra vigente. Nesse ponto, a situação da violência seria um sintoma da contemporaneidade que adentra as esferas sociais e subjetivas. Pode-se fazer o paralelo compreendido como um sintoma (FREUD, 1926/1996) porque atravessaria o sujeito, provoca um mal-estar e ainda o coloca em situações de repetição e insistência.

A problemática que se encontra mais especificamente na violência contra a mulher é que ela acontece de uma maneira onde essas relações amorosas recebem a marca de um tipo de gozo no qual a figura do Outro tem vias de significação de um tudo. As mulheres que estão submetidas a essas situações não conseguem romper com esse ciclo por não poderem renunciar ao Outro. Dentro da estruturação delas existe uma forte marca de uma busca insaciável pelo Outro que ocorre em vias do deslocamento metonímico da mãe para o homem onde o sujeito fica no lugar de objeto rebotalho. Diante desses moldes a violência receberia de um amor onde à mulher gozaria na posição de devastação.

Dentre as questões que mais se destacam na problemática em torno de mulheres em situação de violência está o quadro composto por uma adesividade ferrenha em prol de uma manutenção de sua situação. Alguns recursos como uma assistência jurídica adequada ou ainda estratégias em torno da saúde psíquica se mostram pouco eficazes na realidade indicando assim

um caminho que recebe a marca de um assujeitamento. Para Freud isso não se trata de uma repetição de um destino maligno e sim está versado e determinado por influências infantis primitivas (FREUD 1926/1996, p. 35).

Em “*Além do princípio do prazer*” Freud (1920/1996) ao elaborar a teoria sobre compulsão a repetição desenvolve seu pensamento determinado pela existência de algo que sobrepõe o princípio do prazer sendo assim elas estão também incluídas na pulsão de morte. A ideia de uma repetição de um gozo indizível abre o pensamento de que a violência contra a mulher seria uma impossibilidade de fazer uma barreira com excesso inominável.

Em *O problema econômico do masoquismo* Freud (1924/1996) conceitua três expressões primordiais: o masoquismo erógeno que é considerado como uma mescla pulsional entre Eros e a pulsão de morte, o masoquismo moral relacionado às exigências culturais e a consequência do efeito de culpa inconsciente advindo dos desejos incestuosos e o masoquismo feminino que corresponderia ao modelo de perversão masoquista. A marca do “masoquismo feminino” assume contornos de materialização no relacionamento com o outro onde existe uma posição de humilhação frente ao objeto amoroso mediante uma encenação masoquista com ele.

O masoquismo compreendido como “autenticamente feminino” (FREUD, 1924/1996) encontra meios de expressão nas fantasias infantis revelando assim alguns nuances da sexualidade feminina que serão por sua vez são o fundamento das escolhas amorosas. A fantasia acontece em três tempos com a presença de um adulto representado na figura de um pai que bate em uma criança identificada em certo momento no lugar de quem fantasia. Nessa cena fica perceptível a presença inconsciente da violência na afetividade envolta do amor edípico da menina entendido como uma fonte de gozo que une em termos afetivos ao pai.

Ao evocar as encenações dos homens masoquistas, Freud afirma que o masoquismo coincide com uma posição feminina significando assim que ao introduzir uma noção de masoquismo feminino ele o define como uma expressão de ser mulher. Estar em uma posição na qual se sentencie que o masoquismo é feminino faz com que seja imprescindível retratar que as normas sociais e suas formas de funcionamento são responsáveis por obrigar que a mulher esteja em um lugar que ela precise recalcar os seus instintos agressivos (SOLER, 2005). O postulado de que a agressividade é constituída como sendo exclusivamente pertencente ao campo do masculino é refutado nesse ponto vista que é o social que faz com que a mulher não possa ter as mesmas saídas sendo assim bem antes de ser considerado algo anunciado a um gênero específico ele é algo produzido pelo humano em geral funcionando a mercê de conjecturas e permissões sociais.

Segundo Eliane Schermann (2003) em consonância com o conceito lacaniano de devastação ela levanta o questionamento dentro dessa problemática “Por que, para uma mulher, um homem pode ser pior que um sintoma, podendo até mesmo ser uma devastação?” (p.194). Ela responde ao afirmar que o homem reencena um mal-estar inexorável que coloca em ato tudo aquilo que recebe a marca de não ter conseguido assumir a forma de sintoma fazendo com que o corpo assuma um emblema de um gozo devastador que provoca uma perda subjetiva.

Outros estudos vão além dessas proposições iniciais e se detém a uma visão mais apurada sobre a inegável presença incessante da compulsão à repetição que marca a ordem de um assujeitamento indicando outros caminhos que ultrapassem a uma mera ordem do sintoma e da produção de fantasias masoquistas. O sintoma possui uma marca de uma busca por interpretação que está regido por uma produção de linguagem. Na compulsão à repetição reside no inexorável mal-estar presente na sexualidade que constata a presença de algo que resiste em ser nominado (BRANCION, 1996).

Nos postulados lacanianos o espelho recebe significado de uma metáfora do olhar do Outro e, portanto para que a mulher encontre-se dentro da posição feminina é preciso que por muitas vezes ela se sinta olhada, desejada e recebe margem mediante o desejo de um outro que a faça sentir única. Lacan produz questionamentos que o fazem pensar: “o que acontece com o amor, ou seja, com essa imagem de si de que o outro reveste você e que a veste, e que quando desta é desinvestida a deixa? (LACAN, 1956/1995, p. 101).

Soller (2005) no livro *O que Lacan dizia das mulheres* faz uma caracterização do que seria a posição feminina apontando que ela se produziria como sendo o falo para o Outro e segundo isso a mulher nunca seria o falo em si mesma e sim que ela concordaria em ser tomado como objeto do desejo do outro. A forma pelas quais as mulheres conseguem se estruturar para dar conta da posição feminina se demonstra nos cuidados com o corpo, na sua valorização e de como ela se firmam em um momento de se falicizar o que consiste em uma tentativa de fazer uma suplência com algo que elas não tem.

Fuentes (2012) remonta o paralelismo presente em Lacan que reflete acerca do mal-estar com vias de significação a dor de existir que acontece quando o lugar de endereçamento do desejo fica ocupado pelo da pulsão de morte e isso caracterizaria o que ele entende como “a dor do inexistir” de feminino que seria compreendida como uma sensação de perda não localizada antes experimentada na mulher que quando perde o amor faz com que ela tenha o sentimento de perder a si mesma assim como o sentido de sua existência.

Dentro da visão desses teóricos foi possível desconstruir a visão de que o masoquismo seria estritamente ligado ao campo feminino e ainda produz reflexões sobre o modo de

construção dessa par-sintoma entre o masculino e feminino para uma melhor compressão de como se estruturam os papéis que sustentam a violência contra a mulher. Após isso discutiremos como é estruturado esse lugar da mulher no objeto devastação, a influência da origem com a relação primitiva com a mãe e como se dá a construção do sentimento de não existência em relação a si e ao mundo iremos adentrar quais e como se dão as consequências dessa estruturação na vida dessas mulheres.

No campo pertencente ao âmbito do significado da palavra devastação pode compreendê-la como arrasar, destruir ou arrebentar que são nuances do que se nomeia aquilo que por vezes é proclamado como amor. Dentro do pensamento de Lacan (1972/1995) a palavra devastação é considerada com uma experiência subjetiva primordialmente expressada na relação da mãe com a filha, na relação amorosa da mulher com o homem e tanto presente na sua expressão de como se relaciona com o seu corpo. As mulheres que se encontram em situação de violência erguem tanto na maneira de estabelecer relações como em sua estruturação de vida uma marca de subjetividade com a presença de uma avassaladora passividade em que são permitidas condições psíquicas que sustentem o domínio das forças pulsionais através dos processos de simbolização e dessa forma elas são submetidas a uma intensidade traumática que gera uma devastação subjetiva. Essas forças pulsionais criam engendramentos que remete a um gozo indizível que resiste e insiste em não ter condições de ser traduzido pelo funcionamento da linguagem. Por meio dessa conjectura compreende-se que a violência coloca em ato o que há de traumático que impediu a constituição do ser em torno de um nome próprio (NAVES, 2014).

A problemática que compõe essa temática aponta para a época em que foram formadas condições primárias que não possibilitaram a realização de um desrincamento pulsional fazendo com que se formasse uma conjuntura de uma passividade à frente de um assujeitamento um real devastador. A origem dessa formação de subjetividade pode estar presente em um impasse na relação primitiva com a mãe que no lugar de produzir condições para que ela tivesse se inscrito dentro dos enredamentos edípicos que trariam consequência em sua feminilidade acabou assumindo um lugar de fixação em uma relação marcada por um além do desejo e tendo sua sustentação em um gozo que não tem significação (NAVES, 2014).

A metonímia presente na devastação está endereçada ao modo de se relacionar com a mãe que provoca um espelhamento na forma de constituir as escolhas amorosas da filha sendo assim na ausência do amor a marca substitutiva é a devastação. O homem-devastação seria aquele que adere a uma ilusão de engodo que ele acredita ser tudo que a parceira precisa ser para existir como um objeto mesmo sendo com característica de rebotalho. Quando ele faz uso

da violência para e obtém um gozo perverso ele provoca nela um gozo com tipologia de devastação, pois para ela a violência possui significado de amor (SANTOS, 2009).

Dentro de uma historização clínica das mulheres que estão numa posição submissa é possível notar as agressões direcionadas ao corpo o colocando em um estatuto de estar representado como objeto do gozo do Outro. Nesse caso estão presentes duas questões: a ausência de um pai que não teve capacidade de assegurar um lugar para um indivíduo fora desse eixo de um gozo excessivo da mãe e por parte da mãe ela não conseguiu assegurar a possibilidade de ter um reconhecimento do seu corpo como desejante. Winnicott (1975/2005) fala disso ao tratar do conceito de continuidade pessoal de existência ao dizer que o rosto da mãe representa um espelho e quando ela não suporta devolver “o olhar” que traga do senso de existência isso traz respaldos no processo de representação de um corpo que pode vir a se tornar perturbado e marcado por um excesso.

Nesse momento da teorização é preciso enfatizar que nas escolhas amorosas a mulher tem como objetivo ocupar uma posição marcado por um objeto mais-de-gozar dentro da fantasia do homem, mas que isso não implica que ela não se coloque em uma posição de luta constante para que não se torne novamente uma extensão de objeto de gozo na existência de Outro assim como foi primitivamente despendido na relação com o Outro materno (SOUZA, 2011).

Apesar de não se ter respostas precisas sobre a famosa questão do querer da mulher é certo de que onde quer que elas estejam elas estaria enlaçadas numa busca pelo amor (SOLER, 2005). O tanto que se sabe da temática do feminino está atrelado a tudo aquilo que falta é conduzido através de um direcionamento do Outro para vias de preenchimento da mesma aqui destacando que versa a participação no constructo do casal.

O resultante de uma relação com insígnia de devastação é estar diante de um gozo caracterizado como ilimitado e que se encontra apartado do Eros e que não possui vias para escoar em fome de sintoma tendo sua composição realizada mediante o relacionar com a mãe e posteriormente com a figura do homem levando a questionamentos em torno de qual seria a posição subjetiva que a mulher está disposta quando se trata de situações de violência. Sobre isso a autora Marie-Helène Brousse (2004) aponta que nessa relação:

O sujeito é despossuído do seu lugar. Esse lugar que não existe mais pode ser declinado como fala, o sujeito sendo então reduzido “ao silêncio”; como corpo, o sujeito não passa de um ‘corpo em excesso’, ou uma carne desfalicizada que é um ‘buraco negro’; como errância, fenômeno de despersonalização, de auto-eliminação (BROUSSE, 2004, p.65).

O conceito de arrebatamento, como sendo constitutivo de uma operação lógica subjetiva, o ser é produzido em sua relação com o corpo em contraposição ao estágio do espelho que é marcado pela identificação narcísica. Durante o estágio do espelho o infans passa por um processo em que se percebe um acolhimento no desejo do Outro e por isso ele pode tomar posse do seu corpo e de sua existência dando contorno ao seu Eu e já na conceituação da devastação o que acontece é uma expulsão do sujeito do seu corpo e isso é responsável pelas sensações conhecidas de inexistência que caracteriza as mulheres que estão ocupando esses lugares (FUENTES, 2012).

A mulher devastada fica a mercê de desestruturação o que só vem a confirma o papel primordial dos semblantes e do imaginário assim como apontam para a relevância da alienação ao significante e ao Outro dentro do processo de construção do feminino. Desde a análise mais apurada da histeria era possível adentrar que seria na ameaça do existir que faria com que a mulher fosse direcionada para a tomada do corpo composta por uma falta. Dentro de outro ponto é esse mesmo risco que pode fazer com que a mulher ofereça o seu corpo recebendo a insígnia da passividade para que ela possa fazer um laço com o outro em vias de tentar suprir a sua falta.

Em casos como esses existe uma falha pungente na identificação imaginária que acontece devido a uma dificuldade materna em promover condições suficientes para que o filho pudesse alcançar uma imagem integrada de si mesmo. A relação primitiva de devastação com as suas mães foi sustentada pela falta de um olhar de materno que alicerçasse uma imagem global de seu corpo que seria uma base para a estruturação do eu. Baseado nessa falta do Outro é possível vislumbrar que como a condição de sujeito ficará associada a uma servidão em relação ao Outro levando a um movimento de uma busca sem cessar pela onipresença do outro como uma forma de equilibrar justamente essa posição insustentável do sujeito. (NAVES, 2014).

Dentro desse processo que acarreta em uma destituição narcísica que é constituída devido à falta de constituição de uma unidade imaginária provoca no sujeito no corpo dele uma expenciar de um corpo movido por forças pulsionais que é reavivado em nas repetidas agressões sofridas. O desejo se apresenta como uma absoluta expressão de pulsão recebe o marco de um desamparo e ausência de recursos que poderiam promover uma mudança nessa posição subjetiva.

Uma mulher devastada está tomada por um gozo que não obtém pertencimento ao que está registrado como fálico e em decorrência disso carrega um dor em seu cerne que desencadeia em uma perda de si mesma que se traduz em um apagamento de sua subjetividade e que mesmo

sendo estruturado assim a satisfaz. A autora Colette Soler (2005) destaca que podem surgir vários efeitos dessa configuração como desde uma pequena desorientação até os níveis severos de angústia, mecanismos de evitação ou fuga, frigidez chegando até nas extremidades que consiste em abolir-se no outro enquanto sujeito.

Para além das produções teóricas que apontam para a culpa, nas tentativas de determinar as origens da violência, sobre o questionamento da posição da vítima ou ainda sobre as gratificações narcísicas o que se pode destacar mais enfaticamente é o complexo despojamento de si mesma. Elas não conseguem se construir em termos de uma constituição autêntica do ser por estarem demarcadas por um vazio subjetivo extremo, um desamparo e uma falta de reconhecimento do Outro.

As faces que constituem a devastação são múltiplas e produzidas em enredamentos em que os sujeitos bem antes de estarem assujeitados diante de um parceiro se encontram desapossados da sua subjetividade e isso traz consequências aterradoras na sua forma de estabelecer escolhas amorosas, de se portar perante o mundo ainda em conviver com a sociedade pois são muitos os desafios em torno de um sujeito sem nome.

CONSEQUÊNCIAS PARA A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DAS MULHERES

O significante da devastação que por vezes pode vir a se inscrever na relação da mãe com a filha desencadeiam muitas consequências destruidoras para a subjetividade feminina. Nesse processo acontece o que se entende por uma desamarração da pulsão segundo Shermann (2003) levando em perspectiva que a devastação é uma das formas de que o gozo absoluto encontra para se deparar com o limite do fantástico.

A primeira configuração está relacionada com a formação de um corpo atravessado por uma excitação pulsional que recebe a marca do indizível que tem como plano de fundo uma experiência traumática e é na forma primordial de ataque ao corpo que é perceptível a gravidade da violência perpetrada que pode aparecer na forma de traumas, cortes ou cicatrizes que são consideradas como marcas de um pulsional que evita uma inscrição desejante.

Outra configuração psíquica pode estar disposta em torno da constituição de um supereu que se estabelece como tirânico e implacável em situações em que as mulheres se encontram em situação de violência. Isso pode ser observado em manifestações em que aparece uma culpa de um parecer devastador, na forma de renúncias e sacrifícios infindos e ainda na presença de uma melancolia de caráter crônico ou ainda quando submetidas ao processo terapêutico acabam desenvolvendo uma reação terapêutica negativa.

De acordo com Didier – Weil (1997 apud NUNES, 2011) afirma que a falta de posicionamento do sujeito aponta para a disposição de um imperativo superegoico absoluto que justamente “a palavra de ordem” é configurada em “nem uma palavra”. Nas situações de violência os agressores ocupariam o lugar dessa voz advinda de um superego absoluto que produziriam sentenças onde elas estariam dispostas em um lugar de decadência e por consequência adentradas em uma impossibilidade de se dizer. Dessa maneira, a relação com o agressor está alicerçada numa alienação primordial e recebe a insígnia de uma maldição silenciosa.

As dificuldades em que as mulheres possuem na denúncia dos agressores revelam três parâmetros: a subordinação, a obediência e à proibição da palavra. O aniquilamento da palavra é o que foi construído diante de um superego primordial na figura da mãe que fez com o sujeito se confrontasse com um gozo indizível. Esse gozo pode ser visto nas atuações dos corpos devastados pela violência, nas palavras mal-dita e também nas silenciadas e em tantos casos em vidas completamente perdidas.

Segundo Zalcberg (2012) a devastação presente na mulher seja causada dentro de seu ponto de vista por uma decepção amorosa ou por um rompimento amoroso aponta para um viés que acarreta três possíveis destinos: uma dificuldade pungente em encontrar um semblante que produza respaldos e sustente seu senso de existência, de poder se assegurar de uma barreira que sustente o seu gozo que a proteja inclusive da ameaça ferrenha da pulsão de morte e a limitação que consiste na sua incapacidade de encontrar fórmulas em que ela possa se estruturar para tornar-se Outra para ela mesma.

As consequências clínicas vão de estágios causados desde uma desorientação proeminente de uma angústia profunda passando por todos os graus possíveis de extravios até a depressão que marca da nossa modernidade justamente pela procura incessante de tentar correlacionar o desejo com gozo sem equacionar as falhas presentes. Algumas mulheres produzem a crença em uma forma de amar que beira a loucura que está na configuração do que existe de desmedido em seu gozo e outras optam por nada ceder reivindicando uma solidão que nada engana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o que foi exposto, discorrer sobre os postulados do feminino no contexto de devastação é repensar as questões das políticas públicas que se mostram pouco eficazes em seus atendimentos, que são alvos de julgamentos pelo caráter de desistência dessas mulheres e pelo

pouco tato em relação à resistência esperada nas ofertas de tratamento. Muito se fala do grande questionamento de Freud sobre ‘o que quer uma mulher?’ e podemos transpor essa interrogação para nosso tema respondendo que é preciso que as equipes multidisciplinares compreendam que bem antes das medidas a serem tomadas é preciso saber acolher o desencontro que existem nesses sujeitos.

Na devastação o gozo que tem sua inscrição fundamentada em um sem nome faz com o que o corpo fique entregue a violência e acrescentando isso aos vazios na linguagem do sujeito. Mesmo diante desse cenário o sujeito tem chances de reinventar ‘um nome’ que produza direcionamentos para auxiliar nas dificuldades de proteção de uma zona real concernente aos conflitos da fala. O sujeito inicialmente que recebe uma insígnia de negação da via do desejo pode entrar em um processo de reconstrução fantasmática através da fala que abra espaço para que se erga o seu lugar subjetivo no mundo.

As implicações que perpassam essa temática trazem inquietações que respaldam no viés psicanalítico, pois as mulheres precisam ser atendidas na clínica do acolhimento porque pode ser através dela que elas encontrem um alento para suportar se depararem com a inquietude da falta, do desposamento, do assujeitamento e do senso de inexistência de sua subjetividade. É através desse suporte transferencial com o analista que ela pode refazer-se como sujeito e tomar posse de si.

REFERÊNCIAS

ALIZADE, A. Feminilidade primária: feminilidade estrutural. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.44, n.2, p. 153-160.

ALONSO, S. L. Interrogando o feminino. In: BREYTON, Melanie Danielle, **Figuras clínicas de feminino no mal-estar contemporâneo**. São Paulo: Escuta, 2002, p. 15-29.

BIRMAN, J. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999.

----- . **Feminilidades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

BRANCION, M. Haverá um irreduzível do sintoma? In: **Letra Freudiana, do sintoma ao sintoma**. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

BROUSSE, M. Uma dificuldade na análise das mulheres. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DFREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer.. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XV, 1996.

- FREUD, S. (1924). A Dissolução do Complexo de Édipo. . In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, p. 191- 202.
- FREUD, S. (1932) Feminilidade.. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v.XXIII, p.113-134, 1996.
- FREUD, S. (1933). Por que a guerra? In: **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XXII, p. 235-259, 1996.
- FUENTES, M. **As mulheres e os seus nomes: Lacan e o feminino**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.
- KEHL, M. O desejo da realidade. In: NOVAES, A. **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 363- 382.
- KEHL, M. **Deslocamentos do Feminino: uma mulher freudiana na passagem da modernidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- KEHL, M. **Sexualidade recontextualizada**, 2000.
- KEHL, M. **O peso da feminilidade**, 2003.
- LACAN, J. (1956). **Seminário 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- LACAN, J. (1972). **Seminário 20: Mais ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- MARCOS, C. Considerações sobre o feminino e o real na psicanálise. **Psicologia em Estudo**. Maringá. v.16, n 1, p.149-156. Jan. 2001.
- MIRANDA, C; RAMOS, J. “Uma mulher é espancada”: a violência doméstica contra a mulher na luz da psicanálise. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v.4, n.1, 2014.
- NÁSIO, J. **Édipo: o Complexo da qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- NAVES, E. **A mulher e a violência: uma devastação subjetiva, Subjetividades**. Fortaleza .p.454-462, 2014.
- NUNES, S. Afinal, o que querem as mulheres? **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.23, n.2, p.101- 115, 2011.
- QUEIROZ, P. O desafio do feminino no século XXI. **Estudos da psicanálise**, Minas Gerais, n.47, p. 141-148, julho. 2017.
- SCHERMANN, E. **O gozo em-cena: sobre o masoquismo e a mulher**. São Paulo: Escuta, 2003.
- SILVA, R **Sexo, gênero e poder: um olhar sobre o processo de construção das identidades no cotidiano escolar**, 2016.
- SOLLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- WINNICOTT, D. (1966). **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

WINNICOTT, D. (1975) **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ENTRE MEMÓRIAS E RENOVAÇÃO: A SOLENIDADE DESAMPARADA EM “O PERU DE NATAL”, DE MÁRIO DE ANDRADE

Mariana Pinheiro Ramalho - LIGEPSI/UFPB

INTRODUÇÃO

Em frente a tanta confusão acerca de si e do outro, o ser humano acaba por ficar imensamente perdido acerca de diversas respostas para “simples” perguntas, que, desde os primórdios, os filósofos tentavam responder incessantemente, sem obter nada de objetivo ou concreto naquilo que era encontrado. No decorrer do tempo, a literatura surge com o papel de trazer respostas mais vívidas para aquilo que constantemente se busca no desafio diário: o autoconhecimento. Trazendo na ficção elementos narrativos que fazem o leitor se sentir identificado com o que está escrito, o mundo literário conseguiu respostas mais aceitáveis para a dúvida e o dilema do ser humano de ser ele mesmo. Jean Bellemin-Noël (1978) traz em seu texto *Psicanálise e Literatura* que é apenas com o literário que o homem é capaz de interrogar sobre si mesmo, sobre seu destino, sua história e seu papel em sociedade⁷. Ninguém melhor do que o próprio escritor para trazer esses questionamentos à tona, fazendo com que o ser humano desperte para certas sensações que ainda não tinham sido levadas em consideração, ou, se tinham, acabaram por passarem despercebidas quando comparadas com tantas experiências que são vividas diariamente.

Diante da criação do poeta e dessa importância ao levantar questionador feito pela Literatura, Sigmund Freud (1908), em seu artigo “O poeta e o fantasiar”, compara a criação literária com uma brincadeira de criança e diz que o escritor “cria um mundo de fantasia que leva a sério, ou seja, um mundo formado por grande mobilização afetiva, na medida em que se distingue rigidamente da realidade”⁸. O leitor, se deparando com o conto de Mário de Andrade (1947), “O peru de Natal”, pode enxergar a tentativa do autor de atingir diretamente o pilar patriarcal tão presente entre os séculos XIX e XX, dando voz e lugar a um posicionamento feminino diante de uma família regida sempre pelo pai. Frente à uma sociedade regrada e cheia de tabus e formações enquadradas, Mário de Andrade se propõe a enxergar as consequências sofridas pelo subconsciente diante de uma quebra de costumes não esperada pelo indivíduo.

⁷ BELLEMIN-NOËL, 1978, p. 12.

⁸ FREUD, 2018, p. 54.

AMPLIANDO “O PERU DE NATAL” (1947)

Os contos foram e continuam carregando a finalidade de serem representativos de aspectos da vida cotidiana, de modo que propõem a retratar realidades por meio do ficcional. Enquanto estrutura textual, esse gênero é centrado em uma só ação, tudo caminha para o *clímax*, sendo assim uma narrativa breve, imediatista, de poucas personagens. Tal estrutura corresponde ao objetivo para qual este gênero fora criado historicamente, tendo surgido na tradição oral, cuja prática dava-se pela percepção do mundo, através de lembranças e de memórias colhidas ao longo das experiências vividas. O conto aqui analisado integra a obra *Contos Novos* (1947) do escritor modernista Mário de Andrade (1893-1945), conhecido por apresentar no teor das suas narrativas o revisitar de memórias, de lembranças, utilizando-se de objetos usuais como elementos desencadeadores de suas histórias⁹.

Em “O peru de Natal”, o narrador abre um leque de diálogos consigo mesmo, no intuito de compreender o que representa a figura do pai no contexto da família tradicional e conservadora. Ao longo da narrativa, vai desnudando a sua interioridade, ao passo em que constata as imperfeições da própria família, regida e regrada por normas e preceitos patriarcais. A narrativa gira em torno da ceia de Natal, na qual a família ainda de luto pela perda recente da figura paterna resolve comemorar a data festiva da noite de 24 de Dezembro, por influências do filho Juca, tendo eles a oportunidade de se reunir na ceia e realizar a degustação do peru natalino. Esse ensejo em questão tinha uma válida representatividade, tendo em vista que nos Natais anteriores a família oferecia o peru apenas para os convidados, ficando para eles apenas as sobras da ave, sendo essa a maior das justificativas para que Juca quisesse oferecer à família uma ceia nunca tida.

Temos, neste conto, a presença de um narrador intradieético, que narra a história de dentro, ao mesmo tempo em que participa dela. O narrador rememora o Natal mesquinho e encaixotado que era preparado por sua figura paterna antes de falecer.

Era costume sempre, na família, a ceia de Natal. Ceia reles, já se imagina: ceia tipo meu pai, castanhas, figos, passas, depois da Missa do Galo. Empanturrados de amêndoas e nozes (quanto discutimos os três manos por causa do quebra-nozes...), empanturrados de castanhas e monotonias, a gente se abraçava e ia pra cama (ANDRADE, 1947[2017], p. 86).

⁹ SOUSA; SANTOS, 2017, p. 4846.

Desvelando a narrativa, Juca apresenta um perfil acerca do pai, figura que será lembrada durante toda a história, sendo o principal causador das consequências que o conto nos mostra durante o seu desenrolar.

devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, duma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora um bom errado, quase dramático, o puro-sangue dos desmancha-prazeres (ANDRADE, 1947[2017], p. 85).

Diante das impressões do narrador, desponta o caráter materialista e faz questão de enumerar os objetos pelos quais o pai tinha apego, acentuando seu caráter dramático, compreendido com esse adjetivo por querer ter tido e teve sempre o controle das situações, comportamento típico do “chefe da família”. Frente ao desenrolar da ceia, podemos perceber o apego que certos membros da família – não sendo Juca, o narrador, inclusive neles – sentiam muita falta ou eram próximos do pai. Apesar do sentimento de perda e luto, a família consegue vivenciar um jantar farto, e os filhos possibilitam o início do matriarcado com o afastamento da mãe do lugar de subalterna.

A CONVERSA ENTRE DESAMPARO PARENTAL E PSICANÁLISE

De início, a temática do desamparo aparece já nas primeiras experiências de vida como resultado da incompletude do organismo, de sua necessidade de realizar trocas com o mundo e da extrema dependência da ajuda de outros. O desamparo se revela, também, como uma experiência estruturante da subjetividade e da condição humana. O pai da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), articulou o desamparo ao inconsciente quando pontuou, em seu artigo de título “Uma dificuldade da psicanálise” (1917), sobre as três feridas narcísicas sofridas pelo indivíduo¹⁰. Segundo ele, “falamos de narcisismo do bebê e atribuímos ao intenso narcisismo do homem primitivo o fato de ele crer na onipotência de seus pensamentos e de querer influir no curso dos eventos do mundo mediante a técnica da magia”¹¹. De acordo com o texto do psicanalista pernambucano Zeferino Rocha (1928-2016), *Desamparo e Metapsicologia* (1999), a descentralização do sujeito, caracterizada pelas definições das três feridas narcísicas dadas por Freud, foi uma das primeiras manifestações de desamparo perceptíveis individual e

¹⁰ Sobre as feridas narcísicas, podemos destacar que o mestre vienense trouxe à tona algumas descobertas feitas pela ciência que colocaram o homem fora do centro das atenções. São elas: o heliocentrismo de Nicolau Copérnico, a teoria da evolução de Charles Darwin e, por fim, a descoberta do inconsciente pela psicanálise, pelo próprio Sigmund Freud.

¹¹ FREUD, 1917, p. 182.

socialmente. Diante da queda dos pilares que sustentavam a centralidade e soberania humana como imutável, o homem se viu perdido em si mesmo, como se nenhuma das suas crenças fosse mais confiável ou aceitável depois de sofrerem uma decepção tão profunda ao enxergarem que nem tudo se tratava do egocentrismo humano.

O desamparo (*Hilflosigkeit*) freudiano refere-se, primeiramente, ao estado em que se encontra o recém-nascido, completamente impossibilitado de poder ajudar-se a si mesmo com seus próprios recursos. O recém-nascido precisa de ajuda alheia para promover a ação específica de que necessita para sua sobrevivência. A ajuda necessária será encontrada na figura de um adulto que passará a responder aos sinais de apelo do bebê. O sentimento de desamparo, portanto, se dá já nas primeiras experiências da vida, como resultado da incompletude do organismo, de sua necessidade de realizar trocas com o mundo e da extrema dependência da ajuda de outros.

De acordo com Freud, em seu artigo “Inibição, sintoma e angústia” (1926), o fator biológico está na origem das primeiras situações de perigo (*Gefahrssituationen*) e cria a necessidade de ser amado, que não abandonará jamais o ser humano. Sem dúvida, esta incapacidade biológica é um dado inevitável, tem a força de uma predeterminação e marca a condição humana, desde o início, com o selo do desamparo. O perigo sentido pela criança, segundo o mestre vienense, é o de perder o objeto protetor e de ser abandonado por aquele que a livra da situação de desamparo psíquico e motor. A criança precisa de ajuda do outro para sua própria sobrevivência, pois quando se perde o amor do outro, surge a angústia do abandono. A dependência da criança não é só uma dependência biológica, ela é, sobretudo, uma dependência de amor e desejo.

A psicanalista paulista contemporânea, Marion Minerbo, em seu artigo *Ser e sofrer, hoje* (2013), propõe que a modernidade, que obteve seu apogeu durante o século XIX e início do século XX, qualificou-se pela gigantesca ligação dos indivíduos com as grandes instituições, marcadas pela estabilidade, as quais levavam consigo a oportunidade de impor leis sobre a vida de seus membros, determinando o modo de pensar e a subjetividade do sujeito, ou seja, seu modo de sentir e agir no mundo. Sendo assim, existia uma necessidade de que o indivíduo se esforçasse para adaptar-se à limitação das normas impostas. A psicanalista pondera que, se, por um lado, a forte presença castradora das grandes instituições propiciavam referências identitárias sólidas e confiáveis ao sujeito, por outro, o desvio da norma era vivido como sofrimento psíquico e culpa¹².

¹² OLIVEIRA et. al., 2014, p. 23.

Porém, diante do período pós-moderno, a analista afirma que existe uma caracterização de enfraquecimento dessas instituições citadas anteriormente, que foram pilares na fundação da sociedade ocidental. Por causa disso, o sujeito se encontra novamente diante de uma situação de dualidade: por um lado, possui maior liberdade para encontrar a verdadeira essência de si e do outro; por outro, encontra-se frente a frente com uma situação de desamparo, diante da incerteza e insegurança que tal estado pode trazer. Tal cenário, portanto, mostra-se fecundo para o desenvolvimento do desamparo enquanto modo de subjetivação. As instituições, assim como a função dos pais, apesar de seu caráter de repressão ofereciam tal continência aos sujeitos instituídos e, hoje, é a liberdade e possibilidade de viver de maneira criativa que se torna paradigmática.

Perdendo a possibilidade de encontro com o passado, o indivíduo se priva de sua originalidade¹³. O período atual, que traz como principal característica a flexibilidade, traz maiores questionamentos e sensações de falta diante do enfraquecimento da Lei. Freud (1886-1889) nos mostra que “o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais”. Chega-se à conclusão de que a situação é paradoxal: como vemos, instituições excessivamente fortes produzem um mal-estar na civilização, e instituições excessivamente frágeis produzem outro tipo de mal-estar¹⁴.

ENTRE AS LINHAS DE MÁRIO DE ANDRADE

O escritor paulista Mário de Andrade é, até hoje, considerado um dos maiores escritores modernista da literatura brasileira. Sendo um dos participantes da Semana de Arte Moderna de 1922 e autor de *Macunaíma* (1928)¹⁵, ele dedicou parte da sua obra ao gênero conto, talvez pelo caráter conciso que comporta, ou por seu caráter imediatista, com número reduzido de personagens, girando em torno de uma única ação o que possibilita um contato mais rápido com o leitor.

Após o resumo do conto escolhido para análise e da teoria proposta para complementar o corpo do nosso trabalho, trazemos aqui o conceito sociológico de *sociedade familiar*. As famílias são consideradas grupos primários, nos quais as relações entre os indivíduos são pautadas na subjetividade dos sentimentos entre as pessoas. A família é um grupo informal, no qual as pessoas estão ligadas por afeto e afinidade, e que por conta deste sentimento criam

¹³ OLIVEIRA et. al., 2014, p. 29.

¹⁴ MINERBO, 2013, p. 32-33.

¹⁵ Romance que se destacou por sua considerável contribuição ao retratar as qualidades e defeitos de um brasileiro comum, obra tida como uma das representativas dessa vanguarda literária.

vínculos que garantem a convivência - em um mesmo local de residência, por exemplo -, além da cooperação econômica.

Tendo clara definição de família como uma sociedade, podemos ver que os pontos retratados por Sigmund Freud e Marion Minerbo sobre desamparo conversam entre si, já que o primeiro dos pilares sociais de um indivíduo é o meio familiar, tendo o papel principal centrado na figura de poder da família em questão. No caso de “O peru de Natal”, temos um regime patriarcal que se sobressai na família de Juca, sendo o pai o principal pilar de sustento daquele ambiente social. Porém, o objetivo do conto é nos mostrar as consequências sofridas por aquela sociedade a partir do momento que aquele maior pilar é desmembrado do restante da construção, ou seja, o que acarretou subjetivamente para aqueles personagens após a morte da figura paterna.

A ruptura do regime patriarcal possibilitava, a partir da revisitação ao passado, a definição de um novo presente. Ambos redescobriam os prazeres que, no passado, eram-lhes negados. No entanto, é importante destacar, assim como nos traz a teoria psicanalítica, que, ao mesmo tempo em que a quebra do vínculo com a instituição de poder traz a possibilidade de vivência com novos ares e horizontes, no fundo, temos uma espécie de perdição e desamparo sendo sentida por aqueles que fazem parte desta sociedade familiar. Esse sentimento desamparado fica bem explícito no momento de explosão emocional da narrativa, durante a ceia. Todos estão de luto, como é de conhecimento do leitor, mas até aquele momento, não vemos nenhuma expressão de falta de rumo naquela família, até que um simples gesto desencadeia um misto de sensações em todos os presentes.

Foi quando ela não pôde com tanta comoção e principiou chorando. Minha tia também, logo percebendo que o novo prato sublime seria o dela, entrou no refrão das lágrimas. E minha irmã, que jamais viu lágrima sem abrir a torneirinha também, se esparramou no choro. [...] Todos se esforçavam por sorrir, mas agora é que a alegria se tornara impossível. É que o pranto evocara por associação a imagem indesejável do meu pai morto. Meu pai, com sua figura cinzenta, vinha pra sempre estragar o nosso Natal (ANDRADE, 1947[2017], p. 89-90).

Na ocasião da ceia retratada no conto, o pai tomava outra forma, era rememorado a partir das ameixas pretas, pela associação do sabor, da relação com a velhice, aquilo que esteticamente não era bonito, em suma, não era doce, não era agradável. Assim, a figura do pai brigava com a presença do filho por querer, mesmo ausente, se fazer presente, na mesma ocasião singular, contraposta a partir do discurso construído pelo narrador contra as memórias paternas. A figura do pai foi oportunizando a felicidade da “nova” família. O peru era o marco de um novo tempo, assim como a ideologia cristã atrela ao Natal a simbologia de recomeço. O esquecimento é

necessário, já que faz parte do processo, próprio da memória, é preciso esquecer-las para seguir o novo trajeto. E esquecer não significa excluir, mas deixar de lado, em suspensão¹⁶. O narrador apresenta, finalizando a narrativa, uma dissociação dos objetos com a figura do pai. Era a partir daquele momento o início de um novo regime, agora matriarcal, marcado por uma nova felicidade, sem a recorrência memorialística traumática da figura cinzenta que vinha estragar todos os bons momentos.

A família, por sua vez, dá espaço a um novo início, porém, como bem coloca Sousa & Santos (2017), o “esquecimento” não é por completo, mas colocado em uma gaveta de lembranças que poucas vezes será revisitada. Ou seja, o sentimento de desamparo estará sempre no inconsciente do indivíduo, e vez ou outra poderá vir à tona. Porém, é algo que não estará com frequência no cotidiano da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta a análise do conto feita durante o nosso desenvolvimento, podemos enxergar na obra de Mário de Andrade – não só nesta escolhida para o desenvolver do nosso trabalho – os diversos traços presentes no movimento ao qual o escritor paulista estava vinculado: o Modernismo. Visando quebrar os parâmetros que guiavam a sociedade, o conto em questão, “O peru de Natal”, acabou por atingir um dos maiores pilares da nossa sociedade, o instituto familiar, e, principalmente, a imagem patriarcal como soberana no âmbito da família.

O conto também nos proporcionou constatar que a revisitação ao passado é uma tentativa de compreensão daquilo que já fora vivido, e isso é possível a partir da distância temporal entre os acontecimentos em si e o momento da rememoração. Nesse caso, a ceia sem o pai e a fartura de um peru em fatias grandes, acompanhado de cervejas, foram circunstanciais para a superação dos bloqueios vividos pela família. A figura do pai remetia a lembranças familiares, ao passado regrado, sofrido, marcadamente duro, a rigidez da tradição e do regime patriarcal. A ceia de natal é, para Juca, um rito de passagem. Para tanto, a ocasião é entrecortada por imagens de natais anteriores, que enquadram a infância, cujo “desamor” pelo pai toma a cena. Era hora de redescobrir a vida, e nada melhor que aproveitasse, pelo sentido e significações, do momento e da ceia de natal vivenciada no presente.

¹⁶ SOUSA; SANTOS, 2017, p. 4853.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **O peru de Natal (1947)**. In: Contos Novos. São Paulo: Novo Século Editora, 2017.

BELLEMÍN-NOËL, Jean. **Psicanálise e literatura**. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia (1926)**. In: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **O futuro de uma ilusão (1927)**. In: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **O poeta e o fantasiar (1908)**. In: Arte, literatura e os artistas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

_____. **Uma dificuldade da psicanálise (1917)**. In: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MINERBO, Marion. **Ser e sofrer, hoje (2013)**. Ide, 35(55), 31-42. Recuperado em 17 de dezembro de 2013, de < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000100004&lng=pt&tlng=pt. > Acesso em 26 mar de 2020.

OLIVEIRA, Adriana Aparecida Almeida de; RESSTEL, Cizina Célia Fernandes Pereira; JUSTO, José Sterza. **Desamparo Psíquico Na Contemporaneidade**. Rev. Psicol. UNESP, Assis, v. 13, n. 1, p. 21-32, jan. 2014.

RIBEIRO, Paulo Silvino. **Família: não apenas um grupo, mas um fenômeno social**. Brasil Escola. Disponível em < <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/familia-nao- apenas-um-grupo-mas-um-fenomeno-social.htm> >. Acesso em 26 de mar de 2020.

ROCHA, Zeferino. **Desamparo e Metapsicologia: Para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana**. Síntese - Rev. de Filosofia. Belo Horizonte, v. 26, n. 86, p. 331-346, jun. 1999.

SOUSA, Rayron Lennon Costa; SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. **O peru de Natal: uma análise da memória familiar a partir da figura do pai**. In: Anais eletrônicos do XV Congresso Internacional da ABRALIC - 07 a 11 de agosto de 2017, p. 4845-4855.

DO PACTO TRANSFERENCIAL À ONIPOTÊNCIA DA FICÇÃO: LEITURAS DA SUBJETIVIDADE EM VALTER HUGO MÃE

Letícia Simões Velloso Schuler - LIGEPSI/UFPB
Hermano de França Rodrigues - PPGL/UFPB

RESUMO: O processo de escrita e leitura é, por vezes, carregado de lembranças e significados. Aquele que se permite enveredar por esses caminhos está sujeito a reviver fantasias de sua infância. A partir dessas reflexões, o presente trabalho, numa conexão entre a literatura infanto-juvenil e a psicanálise, pretende examinar, em *O rapaz que habitava os livros*, que compõe a obra *Contos de cães e maus lobos*, publicado em 2015, do escritor português Valter Hugo Mãe, as fantasias e desejos que são despertados durante o processo de leitura, de decifração de um texto, que, segundo Sigmund Freud, o pai da psicanálise, o poeta consegue transpor para o papel, sentimentos que pertencem à essência humana em geral. Tal situação é constante durante toda a narrativa, ou seja, percebemos que o mundo da fantasia proporcionado pelo contato com os livros, demanda grande mobilização afetiva. Na esteira de diálogo, aqui proposta, debruçaremos sobre os trabalhos de Freud (1908) e contemporâneos.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil; Psicanálise; Valter Hugo Mãe.

INTRODUÇÃO

A leitura é tida por muitos como a porta de entrada para um caminho que devemos percorrer, a fim de nos tornarmos sujeitos críticos, autônomos e ativos. É um processo que, na maioria das vezes, inicia-se ainda na infância ou adolescência e que, naturalmente, tem como ferramenta principal, o texto literário. A formação de jovens leitores é um percurso que nos leva a outras realidades, desperta a imaginação, coloca-nos frente ao que há de mais cru da natureza humana, tornando-nos seres pensantes, capazes de argumentar, dialogar e criticar.

Com base nessa dinâmica e ressaltando a importância, principalmente, da literatura infantil e juvenil, nossa proposta para esse trabalho é, a partir do diálogo entre a literatura e a psicanálise, propor uma leitura daquilo que não se mostra de maneira tão clara no texto, mais especificamente, buscaremos dissertar acerca daquilo que pode ser despertado no sujeito quando este entra em contato com a literatura, ou seja, quando ele se propõe a percorrer o caminho que o processo de leitura exige.

Para isso, pretende-se nos a analisar o conto *O rapaz que habitava os livros*, do escritor português Valter Hugo Mãe, tendo como arcabouço teórico os trabalhos desenvolvidos por Sigmund Freud. A nossa discussão está dividida em dois momentos: primeiramente, discutiremos as reflexões do pai da psicanálise sobre a relação que estabelecemos com os livros,

a escrita, e as fantasias que podem ser despertadas durante esse processo; além de capturar o que todos esses elementos nos revelam em relação ao comportamento do personagem.

Em seguida, partiremos para uma breve abordagem acerca do processo transferencial, que, como iremos analisar na última parte de nosso trabalho, é algo recorrente ao longo do conto escolhido. Essas manifestações, percebidas a partir do que é relatado pelo personagem durante a narrativa, dialogam diretamente com o inconsciente, nos mostrando desejos que não podem ser concretizados, mas, que encontram um meio de ter a satisfação.

Diante disso, é válido destacar que, conforme aponta Jean Bellemin-Nöel, em sua obra *Psicanálise e Literatura*, a teoria psicanalítica é uma das peças fundamentais durante processo de decifração e transformação do texto literário, ou seja, temos por finalidade “descrever os princípios e o leque de meios que a psicanálise colocou à nossa disposição para nos permitir ler melhor a literatura.” (BELLEMIN-NÖEL, 1978, p. 13). Enveredar por esses aportes é ler com outros olhos, noções; é se permitir entrar nas páginas de uma maneira subjetiva; é fugir do óbvio.

ENTRE O BRINCAR E O FANTASIAR

Em *O poeta e o fantasiar*, texto escrito em 1908, Freud tece relações acerca do processo de criação poética, das lembranças e fantasias que são lembradas pelo poeta, as quais exercem forte influência na escritura de um texto. Além disso, é válido pontuar que o brincar se estabelece enquanto importante elemento na constituição do psiquismo. A reflexão parte do questionamento de como o poeta é capaz de escrever sobre temas capazes de despertar em nós, leitores, emoções nunca antes sentidas, já que o próprio é capaz “de reduzir a distância entre o que lhe é singular e a essência humana em geral; ele nos assegura (...) que em cada um existe um poeta escondido e que o último poeta deverá morrer junto com o último homem”. (FREUD [1908] 2017, p. 53)

Num segundo momento, Freud (1908) resgata a atividade que mais agrada as crianças, o brincar, e a relaciona com os primeiros indícios de uma atividade poética, pois, elas criam o seu próprio mundo e o organizam na sua ordem, da maneira que mais lhes agradam e o levam a sério, o que mobiliza grande quantidade de afeto. Diante disso, verificamos que a brincadeira é uma atividade em que a criança direciona boa parte de seu tempo.

O brincar infantil organiza a realidade tendo como base a realidade psíquica do indivíduo além de estar diretamente relacionado com a capacidade criativa. É em decorrência desse superinvestimento, por mais ilógico que possa parecer, que a criança consegue distinguir

entre o mundo real e seu simulacro fantasístico, assim como faz o poeta. E, “é precisamente essa capacidade de separar a realidade de criação que diferencia o brincar do fantasiar” (FERREIRA, 2018, p. 160).

A linguagem é um importante aliado durante esse processo, na medida em que mantém a aproximação entre a brincadeira infantil e a criação poética, pois, a disciplina do poeta, “que necessita do empréstimo de objetos concretos passíveis de representação, é caracterizada como brincadeira/jogo”, que pode ser uma comédia, uma tragédia, e aqueles que as representam são os atores. É importante destacar ainda que, muito daquilo que é representado artisticamente, a partir da irrealidade do mundo poético, causa um gozo que só o jogo da fantasia permite, pois, se aquilo que estivesse representado no texto poético, se aproximasse da realidade, não seria para o ouvinte ou espectador uma fonte de prazer.

As construções elaboradas pelo sujeito desde o início de sua vida, ou seja, seu psiquismo infantil, é mantido na fase adulta, e é expressado de forma inconsciente sob a constituição de um conteúdo imaginário, o qual denominamos fantasia, termo que nos propomos a investigar, ainda que não sejam reveladas. A oposição entre realidade e brincadeira permite ainda uma compreensão acerca dos reflexos que o crescimento da criança, momento em que ela abandona momentaneamente as brincadeiras e passa a se preocupar em compreender a realidade da vida com a seriedade exigida.

O adulto pode (...) se lembrar com que grande seriedade ele conduziu suas brincadeiras infantis e, na medida em que equipara suas pretensas ocupações sérias com estas brincadeiras de criança, se desfaz de todas as pesadas opressões e alcança o maior ganho do prazer, o do humor. (FREUD [1908] 2017, p.)

Relembrar esses momentos do passado, de ganho de prazer advindo das brincadeiras infantis, que em certa medida foram renunciados, é algo totalmente benéfico. Quando alguém substitui esse prazer que um dia vivenciou, para dar lugar aos objetos reais, nada mais faz a não ser substituir a brincadeira pela fantasia. A atividade de fantasiar é mais difícil de se observar do que a brincadeira das crianças. Assim, compreende-se que a essência das fantasias dos adultos trata-se de uma herança infantil, mas, diante daquilo que a sociedade e o mundo real exigem, que se abra mão das brincadeiras e fantasias, não são reveladas.

É interessante destacar a relação temporal existente entre os sujeitos e suas fantasias, já que, os conteúdos destas são afetados pelas experiências vividas anteriormente. Se tomarmos como exemplo uma criança e um idoso, vamos perceber que a perspectiva de futuro para ambos se estabelece de maneira distinta. Diante da proximidade da morte, um indivíduo mais velho tem sua capacidade de fantasiar afetada e conseqüentemente, de desejar. Diferentemente

daquele que é mais novo, que se encontra numa idade em que os desejos advindos de seu inconsciente ocorrem com mais frequência.

O rumo da discussão proposta por Freud (1908) torna-se um pouco mais específico na medida em que ele se propõe a relatar algumas características do fantasiar. Primeiramente, o psicanalista afirma que apenas os desejos insatisfeitos possuem forças que impulsionam as fantasias, visto que toda fantasia é a realização de um desejo, um alívio de tensões; uma correção advinda de uma realidade que não proporciona ao indivíduo uma satisfação.

Essa possibilidade é viável por meio do próprio funcionamento do psiquismo, que cria estas fantasias como uma defesa vital e plena de sentido para justificar a existência, o que torna possível afirmar que os devaneios são o lugar onde repousa a tão aspirada felicidade. E não há como negar serem eles que, diante de situações aflitivas e cruéis, produzidas por certas realidades, criam um canal de escoamento para o sofrimento pela via da ilusão, de um sonhar acordado, de um sonhar diurno. (FERREIRA, 2018, p. 169)

O fenômeno descrito acima merece uma maior atenção em relação às suas funções e o modo como ele ocorre no psiquismo. Ele ocorre a partir da satisfação parcial dos desejos do sujeito, que podem ser, por exemplo, de ambição ou eróticos, eles se desenrolam através da reprodução da realidade por meio da substituição de uma cena real impossível por uma situação fantasiada possível, são premissas básicas para entendermos aquilo que Freud denominou de “realidade psíquica”. Assim, concluímos que a fantasia tem papel fundamental na vivência daquilo que é proibido.

A relação existente entre o sonho e a fantasia é digna de um breve destaque, já que nossos sonhos noturnos são nada menos que esse segundo termo que nos propomos a explicar, ou seja, nossos desejos também são ativados enquanto dormimos. É preciso entender também que as cenas construídas nas fantasias não são vistas, mas sim sentidas, mesmo que a sensação seja a de que estivéssemos participando ativamente da cena criada.

Retomando as relações entre o poeta e sua criação literária e adicionando o entendimento das fantasias:

Uma forte vivência atual deve despertar no poeta a lembrança de uma vivência antiga, em geral uma vivência infantil, da qual então parte o desejo que será realizado na criação literária; a própria criação literária permite que se reconheçam tantos elementos de acontecimentos recentes quanto também antigas lembranças. (FREUD, [1908] 2017, p. 62).

Assim, fica claro que os efeitos causados pela criação poética, em nós, leitores, tem total relação com as fantasias vivenciadas pelo poeta. O prazer estético criado pelo artista e a

libertação das tensões de nossa psique, possibilitam uma verdadeira fruição da obra poética. O poeta nos coloca em situações que nos possibilita “gozarmos com nossas fantasias sem censura e vergonha” (FREUD, [1908] 2017, p. 64).

A LITERATURA E O FANTASIAR

Trabalhar com as narrativas de Valter Hugo Mãe é ter a oportunidade de, a cada leitura, encontrar personagens em estágio de falência e de enveredar por processos que abarcam a subjetividade do indivíduo, estejam eles relacionados à morte, ao desamparo, à solidão, ao amor, ou ao “simples” ato de leitura. Ele nos coloca frente ao interno do sujeito e nos incita a entender-lo. O autor português publica em 2015 sua primeira coletânea de contos voltada ao público infantil e juvenil, *Contos de cães e maus lobos*. Porém, a primeira frase escrita para a “nota do autor” é a afirmação de que ele não sabe escrever para crianças. E, talvez, ao lermos a obra pela primeira vez tenhamos a mesma impressão. São narrativas que possuem uma grande poeticidade, o que nos faz questionar se a mensagem poderia chegar ao seu destinatário. Mas, ainda de acordo com Mãe (2017), “as crianças precisam de não ser vistas como incapazes. Quanto melhor esperamos delas melhores serão, maiores serão as suas capacidades e a segurança com que enfrentarão o mundo”.

O conto selecionado tem como título *O rapaz que habitava os livros*. Logo nas primeiras linhas, o narrador nos expõe a sua atitude clandestina durante as noites, no momento em que as luzes se apagavam e ele ia em direção ao corredor para fazer aquilo que mais lhe despertava prazer, ler. É nítido o apreço, cuidado e intimidade que ele tem por esses objetos.

Percebemos, a partir da simples observação do título, a profunda relação que o personagem estabelece com os livros, objetos que para alguns não merece tanta importância, mas que para ele eram os seus “queridos livros”, aqueles que no momento em que olhava, sentia como se estivessem vivos, pudessem sofrer e também entristecer. Sentia-os como se fossem objetos vivos, que “pulsam, mudam, têm intenções, prestam atenção. Lidos profundamente, eles estão incrivelmente vivos. Escolhem leitores e entregam mais a uns do que a outros” (MÃE, 2017, p. 94). Em boa parte da narrativa há a descrição da relação com os livros e com a leitura, uma relação que nos possibilita caminharmos para dentro de nós mesmos.

O personagem dialoga com esses objetos, nos faz ter a certeza de que a leitura não é uma via de mão única, não é apenas o leitor que exerce um papel ativo durante essa atividade, mas sim de mão dupla. Quando lemos, os livros estão nos observando, nos reconhecendo, segundo a visão do menino. E desde seu primeiro contato com essas páginas repletas de palavras

impressas, ele notou que elas conversavam silenciosamente conosco e todo o efeito desse diálogo acontecerá dentro de nós, pois, esse é o final desse percurso com a leitura, o nosso interior.

Ao passo que percebemos toda a caracterização dessa íntima relação, observamos que ela não é reconhecida pelos colegas do garoto, que não reconhecem a leitura como algo significativo e apenas o enxergam como aquele que perde o horário de dormir.

O ponto de maior significância da narrativa acontece durante uma brincadeira com uma amiga, de brincar de “à beleza das coisas que se pensam, como as que se lêem” (MÃE, 2017, p.95), já que essas, segundo o menino, precisam ser pensadas, percebemos o desenvolvimento de sua fértil imaginação. Eles começam a descrever os pequenos detalhes que compõem seu cotidiano, criavam seus próprios mundos e os construía de modo que fossem maravilhosos, belos e despertassem bons sentimentos, como é bem descrito no conto.

Naturalmente, essa possibilidade de imaginar situações incomuns, de fantasiar, surge, ou é melhor desenvolvida, a partir do contato com os livros juntamente com a pureza e ingenuidade infantil. Para o personagem, a leitura era sempre o momento mais aguardado do dia, era a ocasião em que ele entendia o que era felicidade, e, passado esse momento, era hora de voltar para a realidade.

As fantasias que nos são apresentadas nos permitem elaborar entendimentos e conclusões em relação ao garoto, além de nos fazer perceber que elas nem sempre são algo benéfico ou ameno, mas podem ser orientadas de maneira agressiva. Percebemos, logo no início do conto, sua condição de solidão e isolamento, ponto que colabora para a apreensão e interpretação desses fenômenos expostos.

A fuga de uma realidade, consideração que fizemos no tópico anterior desse trabalho, é o motivo que nos impulsiona a fantasiar. Para o menino, ler, é fugir, é se proteger, então, no momento em que seus livros são retirados de seu quarto, ele espera o momento do dia para dar vazão a seus desejos infantis, que proporcionam a ele uma tolerância para lidar com tudo e todos. É uma forma de acabar, mesmo que momentaneamente com sua solidão e incompreensão daqueles que o cercam. Tomemos, portanto, o seguinte trecho da narrativa como comprovação: “(...) passo os dias à espera dos intervalos para ler um bocadinho” (MÃE, 2017, p. 96).

A fim de complementar tal consideração é válido retomarmos o fato de que quando sonhamos, nossos desejos também são ativados, então, quando o personagem nos revela que sonha que está lendo, percebemos sua real vontade.

A reflexão que a leitura desse conto nos incita é a de que fantasias e desejos são despertados durante a decifração de um texto, de que há uma grande demanda de mobilização

afetiva. Para compreendermos de que modo esse texto poderia acordar esse processo, uma vez que ele é construído com base em questões ligadas à infância.

Todas essas relações que tecemos anteriormente entre fantasia, brincadeira e realidade dialogam diretamente com aquilo que nos é descrito em *O rapaz que habitava os livros*. Ao entrar em contato com toda a criação poética que lhe é oferecida, mesmo que restrita e sem o reconhecimento de seu valor por parte dos outros, emoções são despertadas no garoto, sua imaginação é aguçada, a importância do texto literário é reconhecida por ele e a realidade dá lugar às brincadeiras. Brincadeiras essas que no futuro serão transformadas em fantasias. E a ocorrência dessas situações nos mostra a descarga de tensões, a realização daquilo que não pode ser atendido pela realidade.

Assim, somos capazes de perceber, além da satisfação dos desejos inconscientes, o processo transferencial que ocorre entre o garoto e os livros, no momento em que ele os habita, e que nos permite ler sua subjetividade. É digno de nota, portanto, a caracterização desse processo que acontece com os indivíduos e que somente ao final da análise percebemos que a dinâmica construída entre o garoto e o livro se assemelha àquilo que Freud denominou de *A dinâmica da transferência* (1912). Esse processo nos revela de que maneira os instintos necessários para que o amor se estabeleça, a partir de experiências vividas durante a infância ou a partir de uma disposição inata, são conduzidos.

Além disso, a transferência abrange atitudes positivas, de afeição. E esse objeto a quem se destinam os impulsos libidinais, no conto, por exemplo, é o texto literário. A fim de tornar essa premissa mais clara, voltemos ao que Freud descreve:

Nossas observações mostraram que somente uma parte desses impulsos que determinam a vida amorosa perfaz o desenvolvimento psíquico; essa parte está dirigida para a realidade, fica à disposição da personalidade consciente e constitui uma porção desta. Outra parte desses impulsos libidinais foi detida em seu desenvolvimento, está separada tanto da personalidade consciente como da realidade, pôde expandir-se apenas na fantasia ou permaneceu de todo no inconsciente, de forma que é desconhecida para a consciência da personalidade. (FREUD, [1912] 2010, p. 135)

Além disso, o diálogo entre a literatura e a psicanálise nos permite uma leitura do texto literário com uma maior profundidade, ler o que não está dito. As aproximações entre elas são muitas e é relevante citar algumas delas a fim de compreendermos de que forma a abordagem psicanalítica se desenvolve no campo da literatura. É nítido que ambas apresentam leituras do homem na sua vivência, o que nos permite entender suas relações com a sociedade e perceber sua subjetividade. Nos possibilita também a aventura em terras desconhecidas sem nos

perdermos, com a certeza de que mesmo que entremos em contato com outras realidades saberemos a melhor maneira de lidar com elas e entendê-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho destinou-se a vasculhar o interno do sujeito, colocando em foco discussões acerca das fantasias e desenvolvendo questões que dialogassem com a subjetividade do personagem. Ao discorrer sobre o protagonista e seus comportamentos, deparamo-nos com alguém que, a partir do contato com os livros e do hábito da leitura, teve suas fantasias despertadas em seu inconsciente.

Sendo assim, todos esses sonhos em dias luminosos, como descreve Freud, são reflexos dessa insatisfatória realidade que instiga esse garoto a transpor as situações para seu próprio mundo, de forma que o agrada, ocasionando em brincadeiras infantis que demandam grande afetividade e refletem seus mais íntimos desejos, construídos inconscientemente.

Uma defesa da realidade que o circunda colaborou para que menino, a partir das brincadeiras infantis, adentrasse nos livros e formulasse fantasias que refletiam seus desejos, proporcionou uma nova organização da sua percepção do mundo real a partir da realidade psíquica. Sua capacidade criativa é posta em primeiro plano e a introdução dos elementos durante a brincadeira numa ordem que lhe agrada, proporciona uma forma de obter maior prazer. Esses elementos se estruturam no conto a partir da atividade de “brincar de ver à beleza das coisas que se pensam”, que o personagem desenvolve com sua amiga.

Ao mesmo tempo, pudemos perceber toda a solidão, todo o cenário, de certa forma, melancólico que o circunda, a indiferença por parte dos outros colegas de sua escola, o que nos direciona para o entendimento do motivo que o levou a construir essa relação com aquele objeto “cheio de palavras impressas”.

O rapaz que habitava os livros, de Valter Hugo Mãe compõe uma coletânea destinada, principalmente, ao público infantil e juvenil. Trás, em seu enredo, a proposta de discutir acerca da leitura enquanto possibilidade de enveredarmos por caminhos nunca antes percorridos, de imaginar e criar situações novas e inusitadas.

Destacamos, assim, a importância desse tipo de abordagem não apenas como uma possibilidade de analisar um texto a partir do viés psicanalítico, nosso principal objetivo, mas também como uma literatura que colabora para a formação do jovem leitor ao destacar a importância do livro nas situações cotidianas vivenciadas pela criança.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Carlos Alberto de Mattos. **Freud e a fantasia: os filtros do desejo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência. *In: Obras completas volume 10*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar. *In: Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MÃE, Valter Hugo. **Contos de cães e maus lobos**. Porto: Porto Editora, 2017.

NASIO, Juan-David. **Fantasia: o prazer de ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar,

DA INSURGÊNCIA SIMBÓLICA À TRANSGRESSÃO DO REAL: ESPECTROS DO REALISMOS MÁGICO EM AS ACADEMIAS DE SIÃO, DE MACHADO DE ASSIS

Matheus Pereira de Freitas - LIGEPSI/UFPB
Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues -LIGEPSI/UFPB

INTRODUÇÃO

A literatura fantástica, tal qual a conhecemos hoje como *gênero*, surgira a partir do século XIX. Contudo, fora a partir do movimento do romantismo europeu, final do século XVIII, que a literatura fantástica conseguira viabilizar-se em contornos mais nítidos. Sabemos que autores como o francês Jacques Cazotte (1772) antecederam uma estética que se desenvolveria melhor alguns anos mais tarde. Desgarrando-se da mitologia, das fábulas e dos relatos em que o sobrenatural invade a narrativa, o relato fantástico surgia como um elemento intrusivo na realidade compartilhada entre o personagem e o leitor. Desse modo, não apenas o evento sobrenatural bastará para evidenciarmos as diretrizes do fantástico, mas o efeito que o acompanha deverá ser central para o enredo. Segundo as diretrizes do próprio Todorov (1970), o que consideraríamos como gênero literário apenas surgiria com a obra do ucraniano Jan Potocki (1805), *Manuscrito encontrado em Saragoça*. Para o crítico literário russo, a obra de Potocki coroaria, pela primeira vez, a condição do fantástico exigida pelo gênero, a *vacilação* entre o real e irreal (TODOROV, 1970).

Com o desenlaçar do século XIX, grandes escritores surgiram como bastiões do fantástico, sobretudo na Alemanha, com E. T. A. Hoffman (1776-1822), e nos Estados Unidos com Edgar Allan Poe (1809-1849), ambos mestres do gênero conto. Todavia, com o alvorecer do século XX, novas configurações do fantástico emergiam em território europeu e americano. Os teóricos, incluindo o próprio Todorov, acreditam que Franz Kafka (1915) foi quem primeiro modificou as diretrizes do relato fantástico, já que, desde o início da narrativa, Gregor Samsa anuncia-se metamorfoseado em barata, configurando uma quebra na vacilação e na própria manifestação fantástica que geraria o clímax na estrutura do texto. Com esse desligamento dos matizes referenciados por Todorov¹⁷, o gênero do fantástico remodelar-se-ia a partir de uma nova lógica. Autores como Jorge Luis Borges (1949), Júlio Cortázar (1951) e Gabriel Garcia Márquez (1967), surgiram como os novos nomes dessa mudança.

¹⁷ O próprio autor afirmara que “Eis aqui, em uma palavra, a diferença entre o conto fantástico clássico e os relatos de Kafka: o que no primeiro mundo era uma exceção se converte aqui na regra” (TODOROV, 1970, p. 129)

Contudo, ainda no final do século XIX, Machado de Assis (1839-1908) enveredava pela literatura fantástica em seus escritos. Celebrado por seus romances, sobretudo os realistas, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1888) e *Dom Casmurro* (1889), Machado de Assis ficara mundialmente reconhecido como um dos principais nomes da literatura brasileira. Além de sua confecção romanesca, dez obras no total, o escritor oitocentista compôs uma vasta gama de contos, entre eles, alguns enveredando pelo território do fantástico. Nessa esteira, destacam-se obras como *A mulher pálida* (1881), *O imortal* (1882) e *As academias de Sião* (1884), o *corpus* desta monografia.

O FANTÁSTICO EM MACHADO

As academias de Sião fora publicado, primeiramente, no jornal *Gazeta de notícias* em, 6 de junho de 1884, e, posteriormente, foi incluso no livro *Histórias sem Data*, no mesmo ano. A coletânea compõe-se de dezoito contos, sendo que apenas dois deles, como afirma o próprio autor, não são datados, o restante corresponde à mesma data de publicação, 1884. Dentre os textos desta publicação, incluindo o escolhido para a análise deste trabalho, podemos inferir três de literatura fantástico.

O primeiro deles é o conto que abre a coletânea machadiana, *A igreja do diabo* (1884). Na narrativa, deparamo-nos com uma proposta do próprio diabo de criar sua igreja, além da figura diabólica, diálogos com figuras celestiais são estabelecidos com o personagem principal da narrativa. Nessa construção, o sobrenatural impõe-se na realidade, materializando-se nas figuras religiosas cristãs. Contudo, considerando a categoria escolhida, a temática religiosa apresenta-se como problemática na conceituação proposta pelo teórico David Roas (2013), já que as prerrogativas culturais e simbólicas cristalizam a própria estrutura da narrativa literária. O texto que abrange figuras religiosas, muitas vezes, funcionaria como uma parábola religiosa.

O segundo texto, *A segunda vida* (1884), trabalha com um tópico já abordado na tradição do fantástico europeu, o renascimento. De fato, podemos averiguar nele a conceituação de fantástico, já que a própria concepção do fantasma tradicional, o *renevant*, aquele que retorna, está presente nesta narrativa machadiana, o que incide nas próprias raízes folclóricas do gênero. Na trama, acompanhamos o personagem Maria José, que retorna à vida e é dado como louco pelo Monsenhor Caldas, até que, no final, este é violentado por José num ataque de fúria.

O conto escolhido corresponde a uma das únicas incursões de Machado de Assis no campo da literatura fantástica, visto que, no Brasil, a literatura fantástica teve início com as influências estéticas do romantismo europeu, em meados do século XIX. Autores como Alvares

de Azevedo (1855) beberam da fonte estética do fantástico alemão, contudo, até o início do século XX, o gênero permaneceu sem grandes publicações. É então que, em pleno realismo brasileiro, encontramos obras singulares na prosa de um dos grandes nomes da literatura nacional. *As academias de São* impõe-se como uma de suas maiores incursões na estética fantástica.

Com relação à categoria analítica, a escolha deu-se pelas incursões de Machado no território fantástico. Pensar que o gênero passava por intensas mudanças entre a passagem dos séculos, como afirma Todorov, é também identificar um entrelugar, uma instância entre o fantástico e o *neofantástico*, posicionamento que Machado de Assis ocupa em seu conto de 1884.

No que tange à fundamentação teórica, a preferência se baseou na primeira teoria acerca do gênero fantástico. Tzevan Todorov, em sua *Introdução à literatura fantástica* (1970), envereda pelas questões fundamentais dessa estética, argumentando desde suas origens até a sua classificação entre o *maravilhoso* e o *estranho*. Em contrapartida, as considerações teóricas de David Roas, em sua obra *A ameaça do fantástico* (2011), viriam como um contraponto diante das conceituações taxativas de Todorov, como a incapacidade de distinguir o fantástico após a insurgência da estética kafkiana. Por essas razões, investigar o fantástico por essas duas vertentes, seria recorrer a duas interpretações acerca do gênero.

DA INSURGÊNCIA SIMBÓLICA À TRANSGRESSÃO DO REAL

Na esteira teórica do fantástico, Tzevan Todorov (1970) com sua obra *Introdução a literatura fantástica*, o escritor búlgaro tornou-se o grande nome deste espectro da literatura. Iniciando suas conjecturas, o autor reflete acerca do que constitui o texto fantástico, assumindo-o como gênero literário. Rememorando, a narrativa de Jan Potocki (1805), *Manuscrito encontrado em Saragoça*, o escritor búlgaro elucida-nos sobre a possível manifestação de seres sobrenaturais, fantasmas e demônios, mas que no final do enredo deixam-nos em dúvidas acerca do ocorrido. Assim, exemplificando-se com as primeiras narrativas desta estética, século XIX, Todorov articula a prerrogativa máxima para que o texto pertença à categoria do fantástico: a dúvida que percorre um evento fantasístico da narrativa, ou seja, a incerteza entre o *real* e o *sobrenatural*. Nas palavras do teórico literário:

Chegamos assim ao coração do fantástico. Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Que percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma

ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário, ou existe realmente, como outros seres, com a diferença de que rara vez o encontra (TODOROV, 1970, p.22-23).

Dessa forma, quando seres ou acontecimentos sobrenaturais comparecem a nossa realidade, sem que estes a dominem de certezas (como é o caso dos contos de fadas e das epopeias gregas), entramos na possibilidade do fantástico, ou seja, dependemos das interpretações destes acontecimentos. As narrativas que privilegiavam um evento permeado pela fantasia, mas que continuam atreladas a realidade, sem admitir com certezas ambas as possibilidades, caracteriza a literatura fantástica. Para o crítico, caso admitirmos que o evento é sobrenatural, estaríamos no território do *maravilhoso* e, caso admitirmos que o evento fora real, estaríamos no terreno do *estranho*. Com isso, o estatuto do fantástico torna-se a própria dúvida, lançada tanto aos personagens quanto ao leitor. Podemos inferir que para Todorov, o fantástico estaria no entrelugar da hesitação e da credulidade.

Levando em consideração estas reflexões teóricas, podemos observar características específicas para classificarmos o gênero fantástico. Destarte, ao debruçamo-nos nas primeiras linhas do conto *As academias de Sião*, percebemos uma clara falta de compromisso com a realidade, já que o narrador descreve a seguinte situação: “Conhecem as academias de Sião? Bem sei que em Sião nunca houve academias: mas suponhamos que sim, e que eram quatro, e escutem-me” (ASSIS, 1884, p.140). O monte Sião corresponde a uma localização geográfica existente, entretanto, o conto já se compromete com a irrealidade ao anunciar que em Sião nunca houveram academias, problematizando o próprio título da obra. Nesse sentido, já teríamos informações suficientes para classificar, segundo as definições de Todorov, o conto como *maravilhoso*. Seguindo as explicações de Todorov, no contexto do gênero maravilhoso: “os elementos sobrenaturais não provocam nenhuma reação particular nem nos personagens, nem no leitor implícito. A característica do maravilhoso não é uma atitude, para os acontecimentos relatados a não ser a natureza mesma desses acontecimentos” (TODOROV, 1970, p.44).

Para tanto, os eventos irrealis não se limitam apenas ao espaço da narrativa, a fantasia apresenta-se em outros elementos do conto, criando uma atmosfera próxima da mitologia: “Uma noite, foram em tal quantidade os vaga-lumes, que as estrelas, de medrosas, refugiaram-se nas alcovas, e eles tomaram conta de uma parte do espaço, onde se fixaram para sempre com o nome de via-láctea” (ASSIS, 1884, p.140). Os eventos fantásticos são capazes de afetar não somente os personagens, mas a própria realidade do enredo. Não obstante, na história,

acompanhamos o constante questionamento, formulado pelas quatro academias de Sião, “por que é que há homens femininos e mulheres masculinas?”. As academias dividem-se entre aquelas que acreditam na alma sexual, um indivíduo poderia ter um corpo masculino, mas apresentar uma alma feminina, e na alma neutra, não existiria diferenças entre o interior e o exterior. Será então que os personagens principais personificarão a dualidade descrita pelos acadêmicos de Sião: Kalaphangko, rei de Sião, e Kinnara sua concubina que “assim como o rei era o homem feminino, ela era a mulher máscula — um búfalo com penas de cisne” (*Ibidem*, p.142). Alicerceados nessa lógica, em busca de confirmar a perspectiva da alma sexual e, com as magias de Kinnara, ambos personagens conseguem trocar de corpo um com o outro, alimentando suas almas, aparentemente trocadas.

À guisa deste resumo, percebemos que a narrativa de Machado, ampara-se num evento irreal, a mudança principal do enredo é quando os personagens decidem trocar de corpos. Contudo, longe do nós afastar da lógica do real, como é o caso das fábulas, o fio condutor do enredo é uma questão íntima da realidade, amparada inclusive com um discurso cientificista. Desta forma, Machado de Assis não destoa das pretensões do Realismo (1880-1889), todavia, reconhece o valor da fantasia, como fizera em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), quando é ela, e não as academias de Sião (a ciência), que revelam uma experiência próxima da verdade para os personagens e o leitor.

Segundo Todorov, a partir dos escritos de Franz Kafka (1915) tornou-se impossível tracejar a literatura fantástica já que a fantasia se misturou peremptoriamente com a fantasia, “Em Kafka, o acontecimento sobrenatural já não produz vacilação pois, o mundo descrito é totalmente estranho, tão anormal como o acontecimento ao qual serve de fundo” (TODOROV, 1970, p.128) A prerrogativa da dúvida não mais existe a partir da literatura de Kafka, já que o sobrenatural presentifica-se como existente desde o início da narrativa: “Eis aqui, em uma palavra, a diferença entre o conto fantástico clássico e os relatos de Kafka: o que no primeiro mundo era uma exceção se converte aqui na regra” (*Ibidem*, p.129). Assim, para o teórico búlgaro fica claro a falta de definição de uma literatura fantástica, já que esta perdera seus contornos com a realidade, evidenciando uma clara aproximação da estética do maravilhoso. Em suas palavras:

Por outra parte, não é possível dizer que a falta de vacilação, e inclusive de assombro, e a presença de elementos sobrenaturais, localize-nos em outro gênero conhecido: o maravilhoso. O maravilhoso implica estar imerso em um mundo cujas leis são totalmente diferentes das nossas; por tal motivo, os acontecimentos sobrenaturais que se produzem não são absolutamente inquietantes. Pelo contrário, na metamorfose se trata de um acontecimento chocante, impossível, mas que, paradoxalmente, termina por ser possível. Neste sentido, os relatos da Kafka derivam de uma vez do

maravilhoso e do estranho, são a coincidência de dois gêneros aparentemente incompatíveis. O sobrenatural está presente, e não deixa entretanto de nos parecer inadmissível (*Ibidem*, p.125)

A partir dessas considerações, ficaremos frente a frente com as transformações da literatura latino-americana novecentista. Autores como Jorge Luis Borges (1899-1986), Julio Cortázar (1914-1984) e García Márquez (1927-2014), arquitetaram seu fazer literário sob uma nova lógica, a do realismo-fantástico. Nesse corolário, a fantasia se dilui na realidade sem que seus integrantes a estranhem, muito mais que um assombro irreal, a fantasia apenas evidencia uma realidade conflitante. À guisa dessa interpretação, podemos tecer aproximações entre a nova face do fantástico e a estética do fantástico em Machado. Como reflexo dessa similaridade, o presenciamos o instante da permuta entre os corpos do rei e da concubina, averiguamos, de uma vez por todas, a quebra da realidade. Nas palavras do contista:

– Desculpe Vossa Majestade a indignidade da minha pessoa... Mas a alma do rei não ouviu o resto. Lépidia e cintilante, deixou o seu vaso físico e penetrou no corpo de Kinnara, enquanto a desta se apoderava do despojo real. Ambos os corpos ergueram-se e olharam um para o outro, imagine-se com que assombro [...] ao passo que os meus dois heróis, uma vez trocados, continuam a falar e a viver juntos — coisa evidentemente mais dantesca, em que me pese à modéstia. — Realmente, disse Kalaphangko, isto de olhar para mim mesmo e dar-me majestade é esquisito. Vossa Majestade não sente a mesma coisa? Um e outro estavam bem, como pessoas que acham finalmente uma casa adequada. Kalaphangko espreguiçava-se todo nas curvas femininas de Kinnara. Esta inteiriçava-se no tronco rijo de Kalaphangko. Sião tinha, finalmente, um rei (ASSIS, 1884, p.143)

Neste excerto, a via de acesso ao sobrenatural é totalmente permitida, não causando dúvidas ou estranhamentos, as definições todorovianas não conseguem caracterizar o conto como fantástico. Aparenta-nos que o texto machadiano, no final do século XIX, utilizara-se de uma estética que só viria a iniciar-se a partir do século seguinte. Entrementes, o próprio Todorov determina que este território limita sua teoria, para ele o fantástico teve seu fim com os escritos de Franz Kafka. Em contrapartida o teórico espanhol David Roas (2013), propõe uma nova leitura do fantástico, além de evidenciar uma aproximação entre a literatura fantástica do século XIX e seus desdobramentos do século XX, algo que o próprio Todorov foi incapaz de perceber. Primeiramente, o autor realça que as definições do crítico búlgaro não conseguem abarcar outras manifestações do fantástico, a vacilação não pode ser o paradigma de caracterização (ROAS, 2014). Para o crítico hispânico, a prerrogativa do fantástica se dará a partir da transgressão do real. Deste modo, nas palavras do autor:

para que a história narrada seja considerada fantástica, deve-se criar um espaço similar ao que o leitor habita, um espaço que se verá assaltado pelo fenômeno que transtornará sua estabilidade. É por isso que o sobrenatural vai supor sempre uma ameaça à nossa realidade, que até esse momento acreditávamos governada por leis rigorosas e imutáveis. A narrativa fantástica põe o leitor diante do sobrenatural, mas não como evasão, e sim, muito pelo contrário, para interrogá-lo e fazê-lo perder a segurança diante do mundo real (ROAS, 2014, p.31)

Por essa esteira, Roas aponta para um novo paradigma para a caracterização do gênero fantástico. A simples aceitação ou recusa do sobrenatural não consegue designar a definição que antes era clara a Todorov. Para o crítico hispânico, a desestabilização do real e de suas leis, apontam para a sua própria revelação, ou seja, o sobrenatural evidenciará a realidade a partir de sua transgressão. Assim, o gênero não estaria subordinado a uma dúvida ou inquietação do personagem e do leitor, a primazia do relato fantástico seria o próprio desvelamento da realidade. É, necessariamente, essa característica que presenciamos no enredo machadiano. Em *As academias de São* o fantástico está intimamente baseado num questionamento real, assente a nossa realidade¹⁸, Machado desestabiliza as barreiras da realidade para acessar uma verdade que o real não dá conta de explicar, cabe a ficção sugerir uma resposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, a narrativa fantástica machadiana demonstrou-se além das interpretações teóricas todorovianas, a clara revelação da fantasia, aliada a falta de assombro entre os personagens, acabam por tornar real a própria irrealidade. Machado aproxima-se mais das vias kafkianas do que os autores fantásticos do século XIX. Para o teórico David Roas, essas interpolações são possíveis a partir da transgressão e desestabilização do real, algo que o fantástico carrega independente dos períodos históricos que separam seus desdobramentos. Com isso, conclui-se que Machado de Assis, encontrando-se num entrelugar estético, adentrava no terreno de Borges e Cortazar, antes mesmo de se considerar uma nova face para a literatura dita fantástica.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Todos os contos, Volume II*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

ROAS, David. *A ameaça do fantástico*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

¹⁸ Vale destacar que no final do século XIX, os estudos acerca da sexualidade estavam em efervescência, sobretudo com os estudos de Sigmund Freud (1856-1939) e o nascimento da ciência psicanalítica.

Palavras e seus múltiplos sentidos: Psicanálise e suas interface

TODOROV, Tzevan. Introdução à literatura fantástica. Trad. Maria Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

OS (DES)CAMINHOS DA CIVILIZAÇÃO: QUANDO A METÁFORA PATERNA SE FAZ POSSÍVEL EM A CASA DO GIRASSOL VERMELHO, DE MURILO RUBIÃO

Matheus Pereira De Freitas – LIGEPSI/UFPB
Prof. Dr. Hermano De França Rodrigues – PPGL/UFPB

RESUMO: Na aurora das escrituras psicanalíticas de 1897, quando Sigmund Freud (1856 – 1939) debruçara-se na liturgia do corpo histórico feminino, as primeiras teorias do inconsciente emergiram-se de seus relatos clínicos, estes foram igualados a uma estética literariamente narrativa. A literatura por sua vez, afirmando as constelações do pensamento freudiano, (re)interpreta a psicanálise a partir de sua estética própria. Deste modo, atestando esse entrelaçamento, propomo-nos a analisar as arquiteturas literárias firmadas com a lógica psicanalítica, no conto “A casa do girassol vermelho” do autor mineiro Murilo Rubião (1916 – 1991) que, com uma produção profícuo de 33 contos, interpola sua estética *neofantástica*, século XX, com os cenários urbanos de um Brasil insólito, tornando-o um dos grandes nomes da literatura fantástica brasileira. Na narrativa, acompanharemos uma dinâmica familiar aos moldes arcaicos, na qual as pulsões dominam os corpos à revelia de um supereu primitivo. Para tanto, utilizaremos os escritos psicanalíticos de Freud (1913) e de Jacques Lacan (1958), além do aporte teórico do crítico Todorov (1970) e de outros grandes nomes da literatura fantástica.

INTRODUÇÃO

No início do século XIX, uma nova estética literária surgia filiada ao movimento romântico iniciado por Goethe (1774), em território europeu, era o fantástico que adquiria contornos. Em seu ensaio, *Do fantástico em literatura* o escritor Charles Nodier (1780-1844), debruça-se nas origens da literatura dita fantástica, em suas palavras, “a literatura fantástica surgiu, como o sonho de um moribundo, em meio às ruínas do paganismo” (NODIER, [1989], p.23). Esse templo em destroços que o fantástico surge, é nada menos que as obras magnas do gênero *Maravilhoso*, o pantaleão de Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*, bem como os contos místicos de sherazarde em *As mil e uma noites*, são alguns dos clássicos dessa estética de ambos os polos do globo. Entretanto, como inferir a separação entre ambos os gêneros do maravilhoso e seu descendente direto, o fantástico.

Para o crítico literário Tzevan Todorov (1970), em sua obra *Introdução a Literatura fantástica*, o estatuto do fantástico se daria pelo seu efeito de ambiguidade, uma balança que sustém a realidade e o sobrenatural, cujo (des)equilíbrio se daria pela própria dúvida, seja ela criação dos personagens, seja ela do leitor. Para o autor, “O fantástico implica, pois, uma integração do leitor com o mundo dos personagens; define-se pela percepção ambígua que o

próprio leitor tem dos acontecimentos relatados” (TODOROV, 1970). Desse movimento, pende-se: o a) *Maravilhoso*: próprio do universo mitológico de Homero e Ovídio, em que os deuses e suas crias celestes caminhavam (des)conjuntados sobre a terra. Por essas veredas, a fantasia caminha sem limites, misturando-se com a própria realidade; e b) O *Estranho*: gênero que se consagra a partir dos maiores avanços científicos do século, a obra *Frankstein* da inglesa Mary Shelly (1818) é quem coroa uma estilística elucidativa, o sobrenatural é destruído/criado pela mão científica do homem (TODOROV, 1970).

Fundamentando-se nessa lógica, o território do fantástico florescera nas narrativas sortidas de E.T.A Hoffmann (1776-1822), principal nome do fantástico alemão que, segundo Italo Calvino, “se considerarmos a difusão da influência declarada de Hoffmann nas várias literaturas europeias, poderemos dizer que, pelo menos no que diz respeito à primeira metade do século XIX, ‘conto fantástico’ é sinônimo de ‘conto à la Hoffmann” (CALVINO, 2004, p.8). Além do grande autor do *O homem da areia* (1816), a estética fantástica fora lar de um dos grandes autores americanos, o gótico Edgar Allan Poe (1809-1849) que no estertor lancinante de suas, *Histórias Extraordinárias* (1859), lança seus leitores numa atmosfera mórbida e catártica. Coerentemente, o mestre do horror americano fora responsável por atualizar e manipular a estrutura da narrativa curta, segundo o próprio autor, “No conto breve, ao contrário [do romance], permite ao autor desenvolver plenamente seu propósito [...] Durante a hora da leitura, a alma do leitor permanece submissa à vontade daquele” (POE, 1844). Por esse viés, Poe configurava em seus relatos um efeito catártico singular, já que toda estrutura narrativa culminava num evento único, um insólito propriamente dito. Percebemos esse efeito em contos como o *Gato preto* (1943) e o *Coração delator* (1943), em que ambos os relatos se findam numa revelação atroz e é nesse instante último que o fantástico é coroado. Destarte, notemos como as modulações do fantástico geraram, não apenas, uma concretização de uma estética própria, mas, ela mesma, influenciara os caminhos da literatura moderna.

Nesse tracejar da narrativa fantástico, com o alvorecer do século XX, o surgimento de um autor austríaco abalara os alicerces nebulosos desse gênero oitocentista. Em 1915, Franz Kafka (1883-1924), publicara *A metamorfose*, rompendo com as diretrizes da literatura que privilegiava a ambiguidade entre a realidade e a fantasia, anunciada desde o início do enredo “Ao despertar Gregorio Samsa uma manhã, depois de um sonho intranquilo, encontrou-se em sua cama convertido em monstruoso inseto” (KAFKA, 1915, p. 15). Agora, com Gregor Samsa assumindo sua carapaça (ir)real, os contornos que delimitam a realidade comprometem-se, nesse cenário, realidade e fantasia diluem-se. Ao debruçarmo-nos na escrita ovidiana e em suas *metamorfozes*, vemos que o estatuto dos personagens míticos metamorfoseados nas narrativas,

configuravam um entre-lugar, já que, a pena capital dos deuses para a transgressão de suas leis, não era simplesmente a morte, mas sim, uma (im)posição da forma. Vemos que o castigo de Narciso é o de sobreviver nas anáguas da história à revelia de sua própria imagem, metamorfoseado em flor, o personagem personifica não apenas a metáfora mitológica, mas o castigo divino da forma.

No romance kafkiano, vislumbramos essa modelagem da matéria na própria realidade, na qual, a narrativa fantástica configura-se num novo olhar acerca da fantasia, diferentemente dos seus antecessores, personagens e leitores não se surpreendem com aparições ou eventos sobrenaturais. Agora, o fantástico denuncia mais do que nunca a realidade, desnudando-a com a fantasia. Vislumbramos o efeito desse novo fantástico nas obras latino-americanas do século XX, autores como Gabriel García Márquez (1967), Jorge Luiz Borges (1944) e Julio Cortázar (1951) são filhos dessa nova estética. Com relação a essas novas configurações, a escritora argentina Rosabra Cambra nos revela:

A função do fantástico, tanto hoje como em 1700, ainda que por mecanismos bem diferentes – e que indicam as transformações de uma sociedade, de seus valores, em todas as ordens –, continua sendo a de iluminar por um instante os abismos do incognoscível que existem dentro e fora do homem, de criar assim uma incerteza em toda a realidade (CAMPRA, 1985, p.191)

Avistamos nessas elucubrações teóricas, no concernente as transformações do fantástico, um elo indissociável entre a nova estética do século XX e seu antecessor, um compromisso com o desmembramento do real nas esferas mais íntimas e contraditórias. É por esta proposição que o mineiro Murilo Rubião (ano) dedicou sua carreira literária, alçando-se como um dos grandes nomes da literatura fantástica brasileira. Será por seu conto *A casa do girassol vermelho* (1978) que nos guiaremos nessas novas dimensões do fantástico. Destarte, contradizendo, duplamente, as impressões fatalistas de Todorov - já que este argumentara que a “psicanálise substituiu (e por isso mesmo voltou inútil) a literatura fantástica” (TODOROV, 1970, p.119) - procuraremos investigar, a partir dos novos olhares teóricos de David Roas (2014) e, principalmente da ciência psicanalítica, o significados paternos ocultos na narrativa rubianesca.

TEORIA

No final do século XIX, quando Sigmund Freud (1856-1939) debruçara-se sobre o enigma do corpo histérico feminino, pôde inferir, a partir do tratamento de suas pacientes, que a histérica sofre de *reminiscências* (FREUD, 1895). Nos relatos de suas pacientes e, com o

abandono da técnica de hipnótica e a incorporação da *associação livre*, Freud pôde suspeitar de uma consciência oculta, que se faz escorregadia para o próprio sujeito e, principalmente, resguarda o desejo. Essa descoberta fora o que permitiu os avanços de uma nova ciência, cujos esforços teóricos e clínicos, culminaram com a obra que inaugurou o pensamento científico do novo século, *A interpretação dos sonhos* (1900). Em suas investigações acerca do universo onírico, o mestre vienense pôde determinar que todo o sonho corresponde a uma realização de desejo, novamente, o inconsciente manifestava-se em seus contornos nebulosos.

Nesse intercurso, ao analisar os *sonhos sobre a morte de pessoas queridas*, que o pai da psicanálise inferiu uma trajetória subjetiva partilhada com toda a humanidade, o complexo edípico. Recuperando a obra de Sófocles, *Édipo Rei* (426 a.C), em que a querela entre amor e ódio sobre as figuras paternas estão em jogo, Freud articula uma passagem estrutural que todos deverão sucumbir, o cegar-se perante o interdito do incesto, ato que o próprio Édipo concretizou em si mesmo, a *castração*. Com este movimento, ganharíamos uma instância psíquica regida pela lei, o *supereu*. Ao desenvolver esses postulados teóricos, Freud rompia com os pensamentos cientificistas e sociais de sua época, admitir o complexo edípico, era vislumbrar a criança como ser desejante, subjetiva e sexualmente.

Dando prosseguimento aos estudos do *supereu*, em seus trabalhos de 1912 à 1913, culminados no texto *Totem e tabu*, o psicanalista vienense aprofundara-se nas fontes dessa instância psíquica, que segundo o dicionário psicanalítico da francesa Elisabeth Roudinesco, “mergulha suas raízes no isso e, de uma maneira implacável, exerce as funções de juiz e censor em relação ao eu” (ROUDINESCO, 1997, p.744). Apoiando-se nas pesquisas antropológicas das primeiras civilizações, incorporadas em sociedades tribais da Austrália, o mestre vienense fomentará uma interpretação mítica que resguarda as primeiras incorporações da lei e da religião, ambas justificadas pelo horror ao incesto. Nessa narrativa, as tribos arcaicas eram dominadas por uma figura superior paterna, o *urvater* (o grande pai), este gozava de todas as bonanças da tribo, inclusive de todas as mulheres. Seus filhos, eram dominados pelo medo e admiração perante seus dotes e precedentes, logo, o ódio e ambição dominara-os e o assassinato desse grande pai fora inevitável. Assim, Sigmund Freud descreve o desfecho do mito da *horda primitiva*:

Eles odiavam o pai, que constituía forte obstáculo a sua necessidade de poder e suas reivindicações sexuais, mas também o amavam e o admiravam. Depois que o eliminaram, satisfizeram seu ódio e concretizaram o desejo de identificação com ele, os impulsos afetuosos até então subjugados tinham de impor-se. [...] O morto tornou-se mais forte do que havia sido o vivo; tudo como ainda hoje vemos nos destinos humanos. Aquilo que antes ele impedira com sua existência eles proibiram então a si mesmos, na situação psíquica da “obediência a posteriori”, tão conhecida nas psicanálises. Eles revogaram seu ato, declarando ser proibido o assassinio do

substituto do pai, o totem, e renunciaram à consequência dele, privando-se das mulheres então liberadas. Assim criaram, a partir da consciência de culpa do filho, os dois tabus fundamentais do totemismo, que justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo (FREUD, 1913, p.143)

Desse modo, após a incorporação de um totem paterno, as primeiras civilizações abriram mão de suas incursões sexuais entre os membros de sua própria família, estabelecendo o *tabu* do incesto, que logo será reinventada na tragédia de Sófocles. Contudo, o desejo incestuoso, como afirmara Freud, continua a habitar no desenvolvimento infantil de todo sujeito, nunca a abandonamos de fato, a partir das manifestações do inconsciente (sonhos, chistes, atos falhos, fantasias), podemos cartografar como falhamos em barrar completamente esse desejo infantil. Nesse cenário, a castração e a incorporação do superego no percurso psíquico dos *neuróticos* – já que essa estrutura será a que melhor assimilara os preceitos da castração, em contrapartida do *perverso* que operará negando-a e do *psicótico* que a foraclui¹⁹ – serão cruciais para assimilação não apenas do interdito do incesto, mas das normas que constituem as civilizações. Em consequência desse arrefecimento das pulsões, o homem civilizado está condenado a um *mal-estar* constante, provocado principalmente pelo medo que a instância superegoica impõe ao sujeito, o controle social e a evolução cultural dependem desse desagrado psíquico (FREUD, 1930). Para o pai da psicanálise, em seu estudo *Mal-estar na civilização* (1930), é esse sentimento amedrontador, aliado a culpa, que movimentará os andaimes de uma civilização minimamente organizada. Freud, relata-nos, “a cultura obedece a um impulso erótico interno, que a faz unir os homens em uma massa intimamente ligada, só pode alcançar esse fim mediante um fortalecimento cada vez maior do sentimento de culpa. O que teve início com o pai se completa na massa” (FREUD, 1930, p.67).

Ao volvermos nossos olhares sob a palavra freudiana, percebemos como a instância literária personifica-se em seu discurso, para alçar-se nas veredas da subjetividade humana, o psicanalista busca amparo na literatura. Desse modo, o dizer literário resguardava um (des)conhecimento subjetivo análogo ao do sujeito debruçado no divã, saberes ocultados por seus próprios criadores. Como assinala o teórico, Jean Bellemin-noel (1978), em sua obra *Psicanálise e literatura*, “Compete-nos assinalar que ler com os óculos de Freud é ler numa obra literária – como atividade de um ser humano é como resultado desta atividade – aquilo que ela diz sem o revelar, porque o ignora” (1978, p.19). Atravessando essas veredas, o mestre

¹⁹ “Conceito forjado por Jacques Lacan para designar um mecanismo específico da psicose, através do qual se produz a rejeição de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito*. Quando essa rejeição se produz, o significante é foracluído. Não é integrado no inconsciente, como no recalque, e retorna sob forma alucinatória no real* do sujeito. No Brasil também se usam “forclusão”, “repúdio”, “rejeição” e “preclusão” (ROUDINESCO, 1977, p.246)

vienense encadeou conceitos alicerçados em verdadeiros clássicos da literatura ocidental, dentre eles, o *Inquietante* (1919) destaca-se pelo vínculo entre o dizer freudiano e a estética do fantástico. No desenvolver de nossa pesquisa, buscaremos desenvolver essas pontes estabelecidas pelo próprio Sigmund Freud.

ENREDO

Em a *Casa do girassol vermelho*, texto de Murilo Rubião, escrito em 1978, acompanhamos uma família isolada da sociedade, constituídos por três casais, Xixiu e Belsie (irmã de Surubi), Nanico e Belinha (irmã de Xixiu), Marialice (irmã de Xixiu) e Surubi (narrador da história). No início da narrativa, os personagens gozam de uma bonança libertina, os membros gozam das carícias uns dos outros, além de que, os impulsos agressivos são descarregados sem o mínimo de censura. Entretanto, recorrentemente, ao avistar os absurdos de sua família, Xixiu evoca o nome do velho Simeão em tom ameaçador: “Ah, se o velho Simeão fosse vivo!”. Nessa atmosfera, os personagens seguem seu cotidiano que beira o bestialismo, até que, Xixiu após lancinar impropérios contra a imagem do velho Simeão, desaparece na curva de um rio. É então que Surubi, recorda os tempos de terror em que Simeão era vivo.

Pai adotivo dos seis personagens, o velho Simeão governava seu território com a mesma rigidez que governava seus filhos. Os meninos eram separados das meninas e, mesmo após o casamento de Xixiu e Belsie, Simeão não permitia o casal dormir na mesma cama. A tensão que vigorava entre pai e filhos piorara com a morte da esposa do patriarca, este tornou-se livre para aumentar os castigos e dificultar a felicidade dos jovens. Certa vez, Xixiu iniciara uma briga violenta com seu pai, este após nocautear seu agressor, é derrotado por Nanico e, em sequência, todos os seis filhos dançaram sob o corpo humilhado de seu pai. Logo, Simeão trama sua vingança e, contratando dois empregados, espancou o filho que o havia derrotado, além disso, passara três anos andando armado e na companhia de um empregado, deixando Nanico na espera de uma oportunidade de vingança. É neste período de maior tensão que o velho Simeão é acometido por um ataque cardíaco e vem a óbito, assim, os antigos funcionários do patriarca foram espancados e expulsos da Casa do girassol vermelho.

Assim, os casais relatam seus dias após a derrota de Simeão, “Isto fora na véspera. Agora a alegria era desbragada. Pisávamos na memória do velho Simeão, escarrando no passado. No dia anterior cuspiamos no seu rosto defunto” (RUBIÃO, 1978, p. 102). A narrativa segue a cronologia do início, Xixiu acabara de desaparecer no rio e, com o passar das horas, todos

entenderam que ele fora batalhar mais uma vez com seu velho pai, mais uma vez morrera alguém na casa do girassol vermelho. No final do conto, desamparados os cinco personagens avistam um trem em movimento, havia mais gente no mundo além deles. É nesse instante de tristeza que Belinha mostra um pequeno girassol vermelho nascendo de seu ventre.

ANÁLISE

“Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra coisa se há de salgar?” (Mateus, V, 13). Seguindo a sua própria tradição, Murilo Rubião inicia sua narrativa com um excerto bíblico. Nessa passagem, avistamos indícios das discussões que irão dar contornos ao conto, fala-se de um pai e de seu papel. Como já discutido anteriormente. Para a psicanálise freudiana, a figura paterna irá exercer uma grande influência no desenvolvimento infantil, mais que uma figura amorosa, o pai é a recorrente lembrança da impossibilidade do desejo, uma figura que remete a castração edípica. Ora, caso sua função, intimamente ligada com o interdito, não se prontificar no universo psíquico infantil, a criança correrá grandes riscos de não se adaptar ao aparato social, que só pode funcionar com a prerrogativa da lei. O versículo referenciado por Rubião, remete-nos para o próprio mecanismo do interdito.

No decorrer do relato inventivo de Murilo Rubião, conseguimos demarcar na figura paterna de Simeão uma relação com o grande pai do mito da *horda primitiva* do texto freudiano. Nessa articulação, Simeão está no âmbito da lei, o discurso da moral influenciado pelo discurso civilizatório, na verdade, reproduz o cerceamento das pulsões, cuja incumbência, no palco psíquico, é do supereu. Além dessa análise da figura paterna o próprio espaço da narrativa, leva-nos ao isolamento e afastamento da sociedade, o que possibilita um retorno a sociedade primitiva. Um outro fator que corrobora para nossa análise, é a impossibilidade de definir o período histórico do enredo, de fato, só conseguimos inferir uma noção temporal, quando o trem se apresenta para os cinco personagens no final do conto. Desse modo, essa atmosfera tribal predomina, necessariamente, o início da história, os irmãos, que não sabemos serem adotivos ou sanguíneos, relacionam-se entre si numa liberdade desgovernada, bem como dispõe de uma agressividade violenta. Percebemos esses pormenores, quando Belinha sugere uma troca de casal entre ela e seus irmãos. O narrador personagem nos relata:

— Vamos trocar, Surubi, você fica comigo e o besta do seu irmão se ajunta com a hipócrita da minha irmã. [...]
A troca foi feita sem comentários, enquanto Xixiu, arrastando Belsie pelas mãos, saía da Casa soltando estilhaços
— Minhas irmãs não são isso que vocês imaginam, corja de salafrários! Ah, se o velho Simeão fosse vivo!

E, exaltado, gargalhava:

— Pouca-vergonha! Pensam que elas são iguais à sua?!

Momentaneamente os estilhaços me feriram e lhe atingi o rosto com um soco que levava todos os meus noventa quilos de peso. Caiu rindo no chão. Despudoradamente, Belsie ria também. Rimos todos — Belinha cerrou a minha boca com o seu riso e seus beijos (RUBIÃO, 1978, p. 97)

A partir deste excerto, percebemos como as relações entre os casais estão pautadas na lógica do desejo, neste cenário, as agressões físicas e o intercuro sexual ocorrem sem ressalvas, não há interditos que barrem suas vontades. Contudo, fica proeminente na fala de Xixiu a única referência de lei que a família (re)conhece, pautada na lembrança ressonante do velho Simeão. É no segundo momento da narrativa que, ao vislumbrarmos o patriarca da família ainda em vida, deparamo-nos com as frustrações e revoltas dos órfãos. Ora, na instância psíquica do *id* (território dominado pelas pulsões como Freud definira) o supereu está a todo momento invadindo e estabelecendo barreiras em nosso desejo pulsional. Os jovens casais incorporam esse querer, todavia, são recorrentemente invadidos pela instância superegoica de Simeão, este apresenta-se como figura indesejada a todo momento do enredo.

Em nossa discussão teórica, vimos como as civilizações arcaicas, em sua relação prototípica com o culto religioso, elegiam uma imagem totêmica, uma representação simbólica do sagrado que, na performasse de seus ritos, revelavam um respeito. O pai, no primeiro momento, antes e durante o complexo edípico, é necessariamente, uma das representações mais medonhas e odiosas para a criança, contudo, ao passo que a castração se compactua com o discurso do interdito, a figura paterna se alçará a uma representação da lei *necessária* e, para a criança, está em consonância com essa lei é uma posição de gozo. Seguindo essa discussão, o psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981), em seu retorno à literatura freudiana, fundamentou sua metapsicologia numa lógica em que o inconsciente se estrutura enquanto linguagem. Neste arranjo, nosso plano psíquico interpela os registros do *real* (Impossível, daquilo que não cessa de não se escrever), do *simbólico* (Contingente, daquilo que cessa de não se escrever) e do *imaginário* (Necessário, daquilo que não cessa de se escrever)²⁰.

Na aurora dos primeiros tempos, a criança mantém uma relação fusional com sua mãe. Aliada à configuração estruturante do reconhecer-se esboço de sujeito, à guisa de sua imagem espalhada, o infante deve lidar com outro dilema, a ambivalência ontológica do “Ser ou não ser/Ter ou não ter”, isto é, continuar servo do enlace umbilical materno ou adentrar na dinâmica *desejante*. Mantendo-se então fiel ao desejo materno, a criança busca “fazer-se desejo de desejo, poder satisfazer o desejo da mãe, quer dizer: ‘to be or not to be’ o objeto do desejo da mãe (...)

²⁰ COUTINHO, Jorge; **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, As bases conceituais**; Rio de Janeiro: Zahar, 2005;

Para agradar a mãe (...) é preciso e basta ser o falo”²¹. Seguindo esta lógica, o bebê nunca poderia *ter*, já que a condição de *ser o falo* o protege da castração edípica, logo, da Lei.

Para abrir mão de *ser o falo* e adentrar na dimensão de tê-lo um dia, é necessário que o pai perturbe os pilares dessa relação primordial. Com o aval materno, a relação paterna faz-se símbolo da lei na metáfora do *Nome-do-Pai*. Seguindo esse curso estruturante, a lógica do desejo passará da dimensão do *imaginário*, para a alçada do *simbólico*. Destarte, o complexo de Édipo estaria condenado ao seu “fim”. Reverberando os ensinamentos de Jacques Lacan, o psicanalista Joël Dor (1989) discorre acerca dessa metáfora paterna tão cara à neurose, “endereçoada ao reconhecimento de uma função simbólica, circunscrita no lugar de onde se exerce a lei. [...] O Nome-do-Pai é o novo significante (S2) que, para a criança, substituiu o significante do desejo da mãe” (DOR, 1989, p. 92).

Após a inscrição do Nome-do-Pai na cadeia significante da criança, seu desejo, arqueado na palavra, terá condições de estar em consonância frente à demanda sociocultural. Todavia, faz-se necessário ressaltar que o comprometimento dessa metáfora poderá arremessar o sujeito ao campo das psicoses, por meio da *forclusão* do Nome-do-Pai, ou das perversões, a partir de sua *negação*. Sendo assim, no arcabouço lacaniano, “O pai é um significante que substitui um outro significante. E aí está o alcance, o único alcance essencial do pai ao intervir no complexo de Édipo” (LACAN, 1958).

Desse modo, Simeão configura-se como metáfora paterna, essa incorporação do significante torna-se mais nítida quando, mesmo após sua morte, o seu discurso e sua lei continuam vivos. O interessante é perceber que após o desaparecimento de Xixiu, há uma nova morte do significante paterno, já que esse filho era o único que nomeava o interdito e a ameaça de castração, “Ah, se o velho Simeão estivesse vivo”. O cenário atroz dos personagens aumenta, o surgimento do trem e, conseqüentemente da civilização, terminam por arrebatar a casa do girassol vermelho e toda a sua arquitetura arcaica. Nanico conta-nos:

Um trem apitou ao longe e, ao passar por nós, deixou uma esteira de fagulhas. Dos carros, que seguiam velozes, saltavam quadradinhos prateados. Cheios de gente. Além de nós, havia no mundo mais alguém [...] Aos poucos minha voz foi amortecendo. Olhavam-me mudos, os rostos sem esperança. (Xixiu morrera mesmo.) Dei-me por vencido. Não adiantava lutar. Tudo se quebrara. (RUBIÃO, 1978, p. 104)

Assim, no último momento da narrativa, Belinha nos presenteia com a metáfora *fantástica*, um pequeno girassol vermelho, brotava de seu ventre. Um último descendente de uma estirpe tribal germinava na personagem.

²¹ 1. Lacan, Jacques **Les Formations de L'inconscient**, op. cit., seminário de 22 de janeiro de 1958.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A narrativa de Rubião não se projeta para extraordinários reinos distantes, exilados em planetas ou eras intangíveis, nem se vale de uma coleção de seres incogitáveis, de cuja existência estaríamos à segura distância, defendidos” (SCHWARTZ, 2016, p.259). Na fala do crítico Jorge Schwartz, a estética do fantástico rubianesco colore-se. Neste trabalho, vislumbramos o quanto a narrativa da *Casa do girassol vermelho* esconde uma verdade esquecida na etiologia das civilizações e no amadurecimento psíquico do supereu. Na medida em que Rubião nos traz um mundo atravessado pelas construções fantasísticas, ele o faz de maneira possível, uma lógica que partilha, no mínimo de uma realidade psíquica que a humanidade compartilha. De certa forma, o conto estudado representa um entre-lugar, uma fronteira entre nossa gênese tribal e o surgimento abrupto da civilização. Para os órfãos, a morte de seus dois líderes, Simeão e Xixiu, significam um amadurecimento terrorífico, quicá impossível.

REFERÊNCIAS

- BELLEMIN-NÖEL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. 1981; São Paulo: Editora Cultrix;
- DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*, 1985. Editora Artes Médicas, Porto Alegre 1989;
- FREUD, S. Totem e tabu. *ESB*, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977;
- NODIER, Charles. *Du fantastique en littérature*. Paris: Chimères, 1989 [Barbe bleue, collection dirigée par David Gravier, Anne Wickers], pp.9-38
- POE, Edgar Allan. *Histórias Extraordinárias*, 1859; São Paulo: Tordesilhas, 2013
- RUBIÃO, Murilo. *Obra completa/ textos críticos de Jorge Schwartz e Carlos de Brito e Mello* - São Paulo: Companhia das Letras, 2016;
- TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

DA PUTREFAÇÃO DA CARNE À INSURGÊNCIA DO DESEJO: MORTE E GOZO EM ÁLVARES DE AZEVEDO

Matheus Pereira de Freitas – LIGEPSI/UFPB
Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues – PPGL/UFPB

INTRODUÇÃO

A realidade é imposta ao sujeito a partir de sua gênese. Ao nascer, o corpo do bebê é bombardeado por sensações estranhas, o ar queima ao adentrar os pulmões virgens do recém-nascido. Na infância, no entanto, experimentamos o prazer do brincar. Criamos e destruimos mundos, interagimos com realidades fictícias, capazes de atenuar a dor do real²². No texto, *Escritores Criativos e Devaneio* de 1908, o pai da psicanálise Sigmund Freud, relaciona as brincadeiras infantis com a criação literária. Em ambas as atividades, o sujeito permite-se fantasiar e criar suas próprias realidades.

Para a psicanálise, a fantasia corresponde a um espaço criado pelo inconsciente do indivíduo, capaz de aplacar suas dores e os desejos que o cerca, apesar de, muitas vezes, alargarem devido à revelia do desejo. Diante disso, percebemos que, nos discursos de vários escritores, a criação literária surge a partir de anseios e tentativas de se externar uma angústia, tormentos inomináveis. Nessa esteira, a escritora Lya Luft destaca: “Nós tentamos em parte fazer pela arte uma catarse de nossas angústias existenciais, em parte falando por todos...”. A arte e, conseqüentemente a fantasia, surge como uma necessidade humana, uma tentativa de exteriorizar e de dar forma às moções pulsionais que perturbam a psique e percorrem o corpo.

Diante dessas considerações, nesse trabalho, buscamos delinear os contornos fantasiosos do personagem Solferi, da obra *Noite na Taverna* (1855), do escrito romântico Álvares de Azevedo. Utilizaremos uma abordagem histórica que vislumbra o discurso sexual e suas determinadas práticas, a fim de alcançarmos as bases históricas da psicanálise. A ciência da psique humana será nossa base teórica. Abordaremos a teoria das pulsões, da realidade psíquica e das perversões sexuais. Esperamos, dessa forma, trilhar uma análise que contemple a ponte estabelecida entre a literatura e a psicanálise, por Freud na gênese da sua ciência.

²² Termo empregado como substantivo por Jacques Lacan, introduzido em 1953 e extraído, simultaneamente, do vocabulário da filosofia e do conceito freudiano de realidade psíquica, para designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar (ROUDINESCO, 1998);

A BUSCA

O sexo é inerente ao ser humano e, conseqüentemente, acompanha-o desde a aurora da civilização. No Paleolítico, a Vênus de Willendorf²³ fora talhada e esculpida à imagem da fertilidade e sensualidade. Na Grécia Antiga, o culto a Baco era um torpor de orgias e vinhos; o sexo era necessariamente ritualístico. Todavia, com o advento do Cristianismo e sua dissipação territorial, o sexo fora restringindo à procriação, *crecei e multiplicai-vos* é o aforismo bíblico, mas somente com a prerrogativa do casamento.

No século XVII, após o Concílio de Trento, o sacramento da confissão fora disseminado com veemência. Em *História da Sexualidade* (1976), Michel Foucault aponta como essa prática, originalmente monástica, converte-se num discurso sexual e impele uma discricção minuciosa do ato, a fim de que a moral atingisse a privacidade do sujeito pelo crivo da palavra. O filósofo destaca: “não somente confessar os atos contrários à lei, mas procurar fazer de seu desejo, um discurso [...] A pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo pelo crivo interminável da palavra” (FOUCAULT, 1976, p.27). Apesar da repressão veemente, é nesse mesmo século que a literatura sadiana irá surgir. Mesmo sobre os grilhões da bastilha e das outras prisões, Sade consagra-nos com uma literatura luxuriosa e libertina, trazendo para a ordem do discurso as mais variadas práticas e requintes que o gozo blasfemo pode proporcionar. Nas palavras de Georges Bataille, para Sade, “a vida era, a procura do prazer; e o prazer era proporcional à destruição da vida” (BATAILLE, 1957). Na escritura do Marquês, o sexo reivindica seu valor subjetivo e identitário, subvertendo as barreiras morais e religiosas de sua época.

No século XVIII, a interdição do discurso e práticas sexuais se dará por outra vertente. Foucault (1984) aponta para uma Polícia do sexo, um discurso social e político que impõe ao sexo uma *utilidade*²⁴, seja para procriação, por um estado de saúde ou mesmo para a análise de dados. Todavia, um paralelo pode ser traçado a partir das práticas utilitárias. Fora a primeira vez que uma população, de maneira constante, inferiu que seu futuro e fortuna estavam ligados com a maneira como cada qual usa seu sexo²⁵. Um outro ponto interessante abordado por Foucault (1984), nesse período, é como as instituições de ensino infantil regulavam a sexualidade dos infantes pelo silêncio, pelas disposições e construções arquitetônicas das salas e corredores. Começara-se, a partir desses moduladores, uma preocupação pública com a intimidade dos infantes. Com efeito, professores, familiares, médicos e pedagogos se

²³ Estatueta feminina data em 28 000 e 25 000 anos antes de Cristo;

²⁴ *História da Sexualidade*, Michel Foucault, 1976 p. 31;

²⁵ *Ibidim*, p. 32

dispuseram a impor uma série de preceitos, valores e pareceres. Entretanto, outro cenário era vivenciado por Saltzmann²⁶ (1776), em seu pensamento sobre a educação e sua relação com a sexualidade infantil. Para o autor, a criança não seria meramente um espectador de sua subjetividade, por isso: “impunha-se-lhe um certo discurso razoável, limitado, canônico e verdadeiro sobre o sexo – uma espécie de ortopedia discursiva” (FOUCAULT, 1976, p.35).

A era seguinte ficara marcada pelos grandes avanços científicos. A medicina crescia e difundia uma grande política de “higienização” social e individual, conseqüentemente, o sexo deveria ser reflexo desses preceitos. O sexo higiênico tornara-se uma prerrogativa médica e moralmente aceita. A família burguesa deveria ser preservada de qualquer tipo de *degradação*, e, para tanto, erigiu-se uma verdadeira crença na centralização do genital. A psiquiatria preocupava-se em catalogar todo tipo de variação sexual que fugisse dessas prerrogativas estabelecidas, criando uma verdadeira gama de vocábulos e terminologias técnicas, que insinuavam uma deterioração para seus significantes. A terminologia das “perversões sexuais” entra para o vocabulário da psiquiatria, como aponta Ferraz: “As perversões sexuais adentraram o vocabulário da psiquiatria como anomalias ou aberrações da conduta sexual” (FERRAZ, 2000, p.22) Em *Psychopathia sexualis*²⁷, de 1866, Richard von Krafft-Ebing afirmara que a existência dos perversos era uma prova indelével da vitória animalesca perante a sociedade. Descrevendo e catalogando uma série de práticas consideradas desviantes e patológicas, ele escreve um apelo à ciência, a fim de normalizar e resguardar a humanidade de uma *desenvolução*.

A psicanálise surgirá a partir desse terreno tortuoso, Sigmund Freud dedicará sua vida e obra para analisar as intempéries e vicissitudes da subjetividade humana. A obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, de 1905, fora uma marca para a ciência recém-criada, dentre as considerações e teorizações dos ensaios sobre as reverberações da sexualidade infantil, reeditadas na subjetividade adulta. Freud também aponta para uma descentralização da genitalidade. São os desvios em relação à *meta sexual*. Com isso, o mestre vienense caracteriza o caráter polimorfo da sexualidade humana. Dessa forma, as ditas práticas perversas representam um novo itinerário simbólico. A descentralização genital seria uma travessia neurótica rumo a uma experiência sexual, suas práticas seriam, dessa forma, múltiplas representatividades da subjetividade do homem. Freud (1905) arquitetou um novo discurso do sexo e sua relação intrínseca com a subjetividade do sujeito. A psicanálise torna-se uma ciência

²⁶ Organizador do *Philanthropinum*; “Aí ocorreu a primeira comunhão solene do sexo adolescente com o discurso racional [...]” (*Ibidem*, p. 35)

²⁷ Richard von Krafft-Ebing, *Psychopathia sexualis: étude médico-légale à l’usage des médecins et des juristes* (Stuttgart, 1886)

capaz de investigar verdadeiros tabus sociais e desmitificar preconceitos e dizeres que iam de encontro com a individualidade expressiva do homem.

Por esses e outros motivos, o diálogo entre literatura e psicanálise torna-se possível, pois ambas discutem e anseiam buscar o que é intrínseco à humanidade, a sua subjetividade. Na obra *Psicanálise e Literatura* (1979), Bellemin-Nöel dedica seu estudo para “a finalidade da investigação que se torna então esta: descrever os princípios e o leque de meios que a psicanálise colocou à nossa disposição para nos ler melhor a literatura” (BELLEMIN-NÖEL, 1979).

O ESCULPIR DO INCONSCIENTE

Em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), Sigmund Freud discorrerá acerca das pulsões [*Trieb*] e seu caráter inato na psique humana. As pulsões comportam-se como potências motrizes, capazes de direcionar a *meta sexual*, ou seja, a ação à qual o instinto impele. O mestre vienense discorrerá que se considera como meta sexual normal “a união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário do arrefecimento do instinto sexual” (FREUD, 1905, p. 40). Todavia, o autor argumenta, em seguida, que, no cenário sexual mais comum, já se nota desvios em relação a essa meta, práticas que, se desenvolvidas, geraram as perversões, conseqüentemente, as práticas ditas perversas não serão necessariamente patológicas.

As perversões, segundo Freud são: “a) *extensões* anatômicas das áreas do corpo determinadas para a união sexual; b) *permanecimentos* nas relações intermediárias com o objeto sexual²⁸” (FREUD, 1905, p. 41) *A utilização da mucosa dos lábios e boca, a utilização do orifício anal*, são exemplos ilustrados pelo pai da psicanálise. A intitulação de patologia referente às perversões se dará, para Freud, apenas quando o anseio ao *fetichê* se torna a própria meta sexual, desprendendo-se do parceiro que seria o seu objeto sexual. O fetichê torna-se o único objeto sexual. Portanto, distanciando-se das conceituações e generalizações atribuídas para uma sexualidade dita patológica. Freud (1905) abordará a sexualidade como sendo propriamente desviante, procurando nos escombros da psique, entender e analisar os múltiplos semblantes da subjetivação humana. Deparamo-nos com a realidade psíquica, esfera distorcida da realidade, em que as pulsões são parcialmente difratadas pelo inconsciente. A fantasia se inscreve diante dessa realidade do psiquismo.

Participando da conjuntura psíquica, a fantasia é uma artimanha do inconsciente. Ela é o resultado de um desejo imperioso que não pode ser saciado na realidade. Dessa forma, o

²⁸ A pessoa da qual vem a atração sexual;

inconsciente forja uma realidade psíquica, capaz de refratar, parcialmente, o desejo. Segundo o psicanalista, Juan – David Nasio, a fantasia consiste em: “modelar a realidade segundo uma representação parasita que nos tiraniza, ou melhor, segundo uma ação dramática interior que se impõe incessantemente. Interpretamos nossa realidade segundo roteiro das nossas fantasias” (NASIO, 2007, p.17). Há sujeitos que não têm consciência de que suas relações e subjetivações, são influenciadas por suas fantasias mas, essa intimidade ocorre graças ao inconsciente que opera incessantemente. Algo que poderíamos destacar, nesse instante, é o aforismo do psicanalista Jacques Lacan: “não há relação sexual”²⁹. Nasio revisita essa célebre frase expondo que a fantasia individual dos parceiros é operante no momento do ato sexual:

Não existe criatura capaz de amar outra criatura tal como ela é. Pedimos ao nosso amado para se adaptar à fantasia que sobre ele projetamos. Talvez o auge do amor partilhado consista no furor dos parceiros em se transformar um ao outro segundo suas respectivas fantasias (NASIO, 2007, p.19).

Entretanto, há determinados sujeitos que têm plena consciência de determinadas fantasias, utilizando-as a seu bel-prazer, incitando o seu próprio desejo. Dessa forma, o sujeito orchestra sua realidade psíquica na realidade propriamente dita. Ele busca saciar o que a psique tentou apaziguar em sua mente. Podemos interpretar da seguinte forma a exterioridade da fantasia. Nasio aponta que a fantasia é como um véu que reveste a nossa realidade. Para o sujeito que não vai ao ato, podemos imaginar o véu sobre os seus próprios olhos. Ele enxerga a realidade deformada sob o véu da sua fantasia. Todavia, para o sujeito que tem consciência de sua realidade psíquica e vai propriamente para o ato, ele reveste o *outro* com seu véu, comungando a realidade com sua própria fantasia. Ele cria um cenário ideal (mas não perfeito) para seu desejo saciar-se momentaneamente.

Com isso, podemos destacar duas situações vivenciadas pelos sujeitos que conseguem comungar a realidade com seu fantasiar íntimo. Nasio (2007) distingue a fantasia operante no neurótico e no perverso. Para ele, no que concerne à fantasia, o neurótico sonha em ser perverso indo ao ato até certo limite que o recalque permitirá. Dessa forma, o neurótico brinca de ser perverso, inserindo, em suas narrativas sexuais, arranjos que “apimentam” a relação, mas que não serão o ápice do seu gozo. A fantasia não será a prerrogativa de sua satisfação. Para o dito perverso, essa fantasia se dará de informa imperiosa. O sujeito encontra satisfação momentânea apenas quando o arranjo moldar o ato sexual. Segundo Nasio: “O perverso é, portanto, aquele que põe em prática, até o fracasso humilhante, a fantasia perversa do neurótico” (2007, p.48). Diante dessas considerações, levantamos um questionamento. A fantasia concretamente

²⁹ Jacques Lacan, Seminário de 1971-72, ...Ou pior, p. 546;

realizada será, necessariamente, perversa ou será vislumbrada exclusivamente na estrutura psíquica perversa?

A psicanalista neozelandesa Joyce Mcdougall fará uma leitura em que vislumbra esses questionamentos. Em sua obra *As Múltiplas Faces de Eros* (2001), a autora discorre acerca das *neo-sexualidades*³⁰, um conceito que busca separar práticas, conquanto de natureza desviante, classificadas anteriormente como perversas (doravante sem conotação patológica), de outras que realmente se sustentam numa quebra da alteridade e corresponde, de fato, a uma perversão. Para Mcdougall (2001), o que podemos chamar de perversão está intimamente ligado com a quebra da alteridade, impondo o desejo e uma fantasia a outro que não consentiu (como o estupro, o voyeurismo e a necrofilia) ou que não tem responsabilidade sobre si mesmo (uma criança ou um adulto mentalmente perturbado). Ela conclui:

Talvez, em última análise, só os relacionamentos possam ser adequadamente intitulados perversos; este rótulo se aplicaria então a trocas sexuais nas quais o indivíduo perverso é totalmente indiferente às necessidades e desejos do outro (MCDUGALL, 2001, p. 192).

Este pensamento *neo-sexual* seria uma forma de entender as mais diversas sexualidades e suas respectivas práticas sexuais, como atestado da individualidade do ser humano e sua imensa capacidade de subjetivação.

Buscamos, dessa forma, analisar o nosso *corpus*, levando em consideração a gama teórica que a psicanálise nos dispõe para lermos melhor a obra. Tentamos identificar, nos escombros de um inconsciente deixado por Álvares de Azevedo, a fantasia imperiosa de Solfieri e como ela se impõe de tal forma que o direito do outro é negado pelo desejo.

A FORMA DA VÊNUS

A obra de Álvares Manuel de Azevedo “Noite na Taverna” foi publicada, postumamente, em 1855, sendo o único livro de contos do autor. A obra transborda os contornos delimitados pela Segunda Geração Romântica ou Ultrarromântica. Azevedo, sob influência byroniana, consagra-nos com narrativas orgásticas e dilaceradoras. A construção da ficção se dá a partir do encontro de cinco amigos que, aquecidos pelos vinhos e pelas sinestesias que as orgias lhes proporcionaram, irão narrar histórias singulares, em que a morte e o desejo serão os fios condutores de seus relatos.

³⁰ “Para enfatizar o caráter inovador e a intensidade dos investimentos envolvidos, refiro-me às heterossexualidades desviantes e às homossexualidades desviantes como “neo-sexualidades.” (MCDUGALL, 2001, p. 188)

O conto em análise, “Solfieri”, trata da peregrinação desse personagem em busca de seu desejo, revestindo seus contornos com o véu da fantasia. De forma concatenada, Solfieri nos mostra sua fixação pela figura estática e pálida da mulher adormecida. A frase byroniana que inicia a narrativa já demarca a atração do narrador: “Yet one kiss on your pale clay/And those lips once so warm – my heart! my heart!”³¹ (ÁLVARES, 1855 p. 18). O conto segue com a consagração dos vícios que a Roma proporcionou para o personagem, fora *um requintar de gozo blasfemo*, numa noite em que a lua ia *sonolenta*. Ele se depara com uma forma branca, uma face de mulher tal qual *uma estátua pálida à lua*. Solfieri segue a aparição até o cemitério, onde ela se dissipa. Novamente, em Roma, o narrador, ao sair de uma orgia, depara-se com a Condessa Bárbara adormecida em seu leito: “Dei um último olhar àquela forma nua e adormecida com a febre nas faces e a lascívia nos lábios úmidos, gemendo ainda nos sonhos como na agonia voluptuosa do amor.” (ÁLVARES, 1855, p. 20).

Incrustados nas palavras do escritor, o desejo de Solfieri se forma. A palidez tal qual a luz lunar, a figura estática e adormecida da mulher; a Vênus imortalizada no mármore, esculpida pelas artimanhas do inconsciente. A fantasia de Solfieri é vislumbrada após essa singela observação da Condessa Bárbara adormecida, todavia, o narrador não se contentará em apenas observar, ele dará um passo adiante no piso templário de seu desejo.

Após a orgia, Solfieri adentra numa igreja e depara-se com um caixão entreaberto, o ímpeto o leva a abrir o sarcófago. Dentro, ele vislumbra um cadáver, a sua reação primeva fora de cerrar as portas da igreja e avançar para seu deleite blasfemo. Essa atitude contempla o discurso idealista romano presente no início do texto³². A seguir, uma ideia baseada na execução de Maria Stuart³³ passa-lhe na cabeça. É nesse momento que ele toma o cadáver em seus braços:

Tomei-a no colo. Preguei-lhe mil beijos nos lábios. Ela era bela assim: rasguei-lhe o sudário, despi-lhe o véu e a capela como o noivo as despe à noiva. Era uma forma puríssima. Meus sonhos nunca me tinham evocado uma estátua tão perfeita. Era mesmo uma estátua: tão branca era ela. A luz dos tocheiros dava-lhe aquela palidez de âmbar que lustra os mármore antigos. O gozo foi fervoroso – cevei em perdição aquela vigília (ÁLVARES, 1855, p. 20 e 21).

Nesse instante, a realidade comungou com a fantasia. Solfieri abraça seu desejo ao despir a defunta e compará-la concretamente com a forma da *estátua* perfeita e pura, a tal modo que mesmo os seus sonhos foram incapazes de esculpi-la. Com isso, atestamos que Solfieri vai

³¹ “Contudo um beijo em sua pálida porcelana e em seus lábios uma vez ardentes – meu coração! meu coração!”;

³² “Roma e a cidade do fanatismo e da perdição: na alcova do sacerdote dorme a gosto a amásia, no leito da vendida se pendura o Crucifixo lívido. É um requintar de gozo blasfemo que mescla o sacrilégio a convulsão do amor, o beijo lascivo à embriaguez da crença! era em Roma”;

³³ Rainha da Escócia durante os anos de 1542 a 1567, ela fora condenada a execução em 1587, durante o ato o executor erra o golpe do machado e a rainha morrera, em agonia, após o terceiro golpe;

propriamente ao ato, sendo o carrasco e anulando o direito do cadáver de descansar. Ele goza ao encobrir suas ações com o véu da sua fantasia, mas, apesar disso, seu fervor nunca será pleno. Pois, para Nasio, “Uma fantasia é a encenação no psiquismo da satisfação de um desejo imperioso que não pode ser saciado na realidade” (NASIO, 2007, p.10). Portanto, mesmo que o personagem viabilize a concretude de seu desejo, trilhando um caminho diretamente ao ato, ele jamais estará saciado.

Ao despertar, o personagem atesta que a mulher em seus braços voltara a vida, atribuindo um diagnóstico de catalepsia, afirmando que o corpo dela estava inerte pela doença. Solfieri leva seu fardo para sua casa. A dama, ao acordar de seu torpor, entra em um profundo devaneio, rindo fervorosamente por duas noites e morrendo definitivamente. A esse respeito, narrador expõe: “Não houve como sanar-lhe aquele delírio, nem o rir do frenesi. Morreu depois de duas noites e dos dias de delírio” (ÁLVARES, 1855, p. 22).

As últimas ações de Solfieri apresentam outra ilustração de seu inconsciente refratado na ação representativa simbólica. O personagem sai em busca de um escultor capaz de eternizar a imagem da sua falecida amada. Solfieri constrói o túmulo da defunta sobre o seu leito, ele beija pela última vez os lábios da amada e a deposita sobre as lajes que preencherão o piso de sua própria cama: “Fechei-a no seu túmulo e estendi meu leito sobre ele” (ÁLVARES, 1855, p. 23). Ele sonhará sob o mausoléu de sua falecida amada durante um ano, até que o estatuário trouxe a obra prometida. Solfieri encerra seu relato jurando a sua veracidade e mostrando uma grinalda de flores murchas que carrega em seu pescoço: “Abriu a camisa, e viram-lhe ao pescoço uma grinalda de flores mirradas. – Vede-la murcha e seca como o crânio dela” (ÁLVARES, 1855, p. 24). O seu deleito acompanha o seu corpo não apenas na memória, mas em contato constante com a sua pele.

Não há como atestarmos a veracidade do relato; poderíamos inferir que a moça se encontrava nesse estado cataléptico e acordara após ser violada. Outra leitura seria considerarmos a premissa de que “Noite na Taverna” é uma obra fantástica, portanto, o compromisso com o mundo dos sonhos e do inimaginável é estabelecido, sendo possível um cadáver voltar a vida, algo muito comum nessa vertente literária, como aponta Todorov: “preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados.” (TODOROV, 2008, p.39). O conto “O Elixir da Longa Vida” (1830), de Honoré de Balzac, seria um exemplo em que as barreiras da vida e da morte são reeditadas. Entretanto, não nos atentamos a discutir tais questões, direcionamo-nos diante da fantasia de Solfieri e sua passagem concatenada para o campo da ação, o que culminou na

ausência da alteridade. O personagem tivera relações com um corpo inerte, incapaz de atestar suas vontades e imperativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tessitura literária de Álvares de Azevedo, deparamo-nos com aspectos singulares e discussões que superaram as linhas demarcadas pela vertente Romântica da Segunda Geração; a idealização do feminino permanece, mas com uma imagem singular, em que a morte, a angústia e a luxúria invadem o espaço da mulher inalcançável. Os personagens retratados por Azevedo perdem-se nos transbordamentos de seus desejos – seja por sua realização, seja pelas veredas das consequências de sua busca incessante pelo gozo inalcançável. É o que retratamos ao vislumbrar os diálogos em *Macário* (1854); a metáfora sombria do Cavaleiro Negro e seu desejo incessante no poema *Meu Sonho* (1853); é o que analisamos na fantasia, talhada e petrificada em mármore, no conto *Solfieri* (1855).

Na tentativa de contornar o desejo imperioso do personagem, que retumba incessantemente no martelar do inconsciente, buscamos a fantasia de Solfieri. A análise teve como objetivo acompanhar a fantasia do narrador. Relatamos como ela encobriu a realidade com o seu véu, moldando o seu desejo. Verificamos, desde o início do relato orquestrado por Solfieri, uma fixação pela *palidez*, pela *Vênus estática*, pelo retorno *nostálgico* e *blasfemo* à Roma. Presenciamos, a partir dos olhos de Solfieri: *a busca, o esculpir do inconsciente e a forma da Vênus*.

A psicanálise direcionou nossa leitura e permitiu-nos enxergar, nos entrelaces da psique humana e em seus atos mais vis, um sentindo, uma causa motriz que acompanha o sujeito e suas ações no que é de mais seu, sua subjetividade fantasmática.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de, 1831 – 1852. *Noite na Taverna*. Porto Alegre: L&PM, 2016.

BATAILLE, Georges, 1957 – *O Erotismo*; 2014 tradução de Fernando Scheibe – Belo Horizonte: Autêntica.

BELLEMIN-NOEL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade* 1: A vontade de saber. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FREUD, Sigmund. *Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MCDUGALL, Joyce. *As múltiplas Faces de Eros*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ENTRE EROS E THANATOS: RESABIOS DE MORTE DO SER MELANCÓLICO EM PSICOLOGIA DE UM VENCIDO, DE AUGUSTO DOS ANJOS

Flávia Valéria Salviano Serpa Rojo – PPGL/UFPB

RESUMO: Da mitologia grega Freud se apropria dos nomes de Eros e Thanatos para exemplificar as teorias das pulsões, que explica a formação psíquica de todos os indivíduos. Eros e Thanatos correspondem, conseqüentemente, ao desejo erótico e a atração pela morte, coexistindo simultaneamente. A pulsão de vida equivale a toda a demanda interna que nos leva a buscar o prazer, a criar e a realizar projetos enquanto que a pulsão de morte obedece à demanda que nos conduz a busca pelo isolamento, pela estagnação e pelos atos de destruição e morte. Nesta perspectiva, o princípio do prazer pode ser entendido como um motor para a pulsão de vida, e age atenuando situações dolorosas fazendo que o ser humano aja desde o princípio de vida. Porém os indivíduos melancólicos tendem a evocar repetidamente, situações de dor extrema, de modo que se para o indivíduo neurótico o princípio do prazer busca amenizar ou zerar o desprazer, para o melancólico, o princípio de morte cumprirá a mesma função. Augusto dos Anjos é sem sombra de dúvida um dos poetas brasileiros mais originais. O pessimismo e a angústia que recobre toda sua escrita nos transportam para um lugar de observância das misérias humanas e é nessa observância que estabelecemos os objetivos para o nosso trabalho. Pretendemos então, desenvolver uma análise crítica do poema Psicologia de um vencido, de Augusto dos Anjos, observando os traços melancólicos existentes no poema e como estes traços evocam a pulsão de morte, descrita por Freud.

PALAVRAS-CHAVE: Melancolia; Psicanálise; Teoria das Pulsões.

INTRODUÇÃO

Augusto dos Anjos é sem sombra de dúvida um dos poetas brasileiros mais originais. Com seus poemas singulares, permeados de palavras que a simples vista estariam longe de serem poéticas, a sua escrita é ao mesmo tempo uma escrita que choca e encanta. O surpreendente estilo de Augusto dos Anjos marcado por um aparente mau gosto em relação à seleção do vocabulário escolhido para compor seus poemas traz o homem para um plano orgânico no qual a tristeza é uma matéria putrefata passível de decomposição.

Para Freud a melancolia está relacionada com a perda do objeto amado no plano ideal. Esta conceituação nos leva ao entendimento de que o melancólico perdeu algo que não sabe nomear, porém é consciente de sua perda. Na visão de Freud, o melancólico é um indivíduo que insiste em pôr em evidenciar suas falhas, desmascarando-se, como se o ato de evidenciar os seus defeitos cumprisse a função punitiva para sua existência. Neste sentido Uma das

características principais do melancólico é a insatisfação do próprio ego e por isso a autodepreciação e tão constante e recorrente na personalidade melancólica.

Na poesia de Augusto dos anjos a melancolia se materializa desde a dimensão cósmica ao plano científico. Em *Psicologia de um Vencido*, que é um de seus poemas mais famosos, podemos observar como a dor de existir é trazida ao plano orgânico. E não é por menos que com este poema, no qual o eu lírico expressa sua angústia desde uma dimensão cósmica até a miséria da carne em putrefação, que Augusto dos Anjos ganhou epíteto de “Poeta da morte”.

O pessimismo e a angústia que recobre toda sua escrita nos transportam para um lugar de observância das misérias humanas e é nessa observância que estabelecemos os objetivos para o nosso trabalho. Pretendemos então, desenvolver uma análise crítica do poema *Psicologia de um vencido*, de Augusto dos Anjos, observando os traços melancólicos existentes no poema e como estes traços evocam a pulsão de morte, descrita por Freud.

Para a elaboração deste estudo, apreciamos como metodologia, etapas que nos encaminham ao modelo de pesquisa bibliográfica, com o qual desenvolvemos a análise do texto literário em questão, orientado sob a luz da Teoria das Pulsões. Para tal estudo, utilizamos os pressupostos teóricos de Freud em relação a pulsão de vida e pulsão de morte bem como a melancolia e sua relação com a pulsão de morte.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Afrodite, deusa do amor, da beleza e da sexualidade, responsável pela perpetuação da vida, do prazer e da alegria, uniu-se a Ares, deus da Guerra selvagem, da sede de sangue e da Matança. A paixão entre os dois deuses representa o dualismo entre amor e ódio e dela nasce Eros, um menino alado, munido de arco e flechas de amor que quando disparadas a mortais e imortais lhes outorgam o amor eterno. Afrodite ao notar que seu filho não cresce queixa-se a Temis, deusa da prudência, que sabiamente a aconselha, afirmando que Eros não cresce por sentir-se solitário e que ela desse a ele um irmão. Afrodite então tem outro filho ao qual o chama de Antero que posteriormente torna-se conhecido como deus amor mútuo. Depois do nascimento de Antero, Eros começa a crescer, torna-se forte, robusto e de uma beleza inigualável. Sendo filho da deusa do amor e do deus da guerra, Eros além de ser considerado o deus do amor erótico é também considerado a energia que organiza e unifica, de modo que tudo que se encontra em estado caótico, Eros estabelece uma condição cósmica que ordena o espaço.

Nix, filha de Carros é a deusa que personifica a noite, os segredos, os mistérios e astros noturnos. Hora simboliza a beleza da noite e hora, a maldição que castiga com o terror noturno.

De Nix nasce Thanatos, deus que personifica a morte. Filho sem pai, Thanatos é representado como um jovem alado de olhos e cabelos prateados, que em uma nuvem prateada arrebatava a vida dos mortais.

Da mitologia grega Freud se apropriou dos nomes de Eros e Thanatos para exemplificar as teorias das pulsões, teoria esta que explica a formação psíquica de todos os indivíduos. Assim, Eros e Thanatos correspondem conseqüentemente ao desejo erótico e a atração pela morte. Ambas coexistem de modo que a força da vida e a força da morte equivalem à dualidade formadora dos indivíduos.

Freud, precursor da Psicanálise, desenvolveu teorias a respeito da construção psíquica humana. Para Freud, todos os nossos processos mentais se dão forma encadeada, isso significa que nenhum dos nossos pensamentos ou lembranças acontecem de forma isolada. Existirá sempre um elo que liga os eventos mentais atuais a outros que ocorreram anteriormente. De acordo com Freud, a vida mental se desenvolve em uma linha contínua ainda que os indivíduos não estejam conscientes dessa continuidade. Isto porque, é no inconsciente que se armazenam lembranças, experiências ou sensações que por alguma razão foram reprimidas. Deste modo, o inconsciente corresponde à parte mais profunda da nossa consciência, onde ocorrem processos mentais que nunca foram conscientes e que nunca poderão ser acessados pela consciência, a menos em situações excepcionais.

No inconsciente também ficam guardadas informações que foram excluídas do consciente e que não podem ser lembradas. Estas informações foram reprimidas ou censuradas porque no processo mental, tais informações foram entendidas como lembranças traumáticas ou experiências incapazes de ser suportadas, de modo que foram enviadas para o inconsciente e desde onde permanecerão influenciando ainda que indiretamente a vida mental do indivíduo sem que jamais sejam lembradas novamente. E é também no inconsciente que residem as pulsões que nos direcionam a um determinado fim.

As pulsões foram organizadas por Freud em dois campos, que correspondem à pulsão de vida e pulsão de morte. Inicialmente ele descreveu uma unidade conhecida como pulsão de vida e acreditava que esta unidade era responsável por explicar grande parte do comportamento humano. Posteriormente ele chegou à conclusão de que só estes extintos de vida não eram capazes de explicar todo o comportamento humano. Freud então observou que todos os instintos se dividem em duas unidades principais; os instintos de vida e os instintos de morte. Os instintos de vida são representados pelo deus grego Eros, o deus do amor. Já os instintos de morte são representados pelo deus da morte Thanatos.

A pulsão de vida equivale a toda a demanda interna que nos leva a buscar o prazer, a criar e a realizar projetos. Os instintos de vida também são referidos como os instintos sexuais.

São aqueles que lidam com a sobrevivência básica e a reprodução. Esses instintos são importantes para sustentar a vida do indivíduo bem como a continuação da espécie. Ainda que eles sejam frequentemente chamados de instintos sexuais, nessa unidade também se incluem a necessidade de saciar a sede e a fome, bem como evitar a dor.

Já a pulsão de morte obedece a demanda que nos conduz a busca pelo isolamento, pela estagnação e pelos atos de destruição e morte. Os instintos de morte foram descritos inicialmente em Além do Princípio do Prazer. Nele, Freud propôs que o objetivo de toda a vida é a morte. Ele observou que após um evento traumático, as pessoas experimentam um desejo inconsciente pela morte, porém, à medida que o tempo vai passando, esse desejo é amplamente atenuado pelos instintos de vida.

Essas pulsões que sustentam a vida e que evocam a morte residem em todos os indivíduos, em um conflito permanente que não pode ser resolvido, e a maior parte de nossas ações e de nossos pensamentos são resultantes não só de uma dessas forças, senão que corresponde à combinação das duas pulsões. Nasio (1999) ao debruçar-se sobre os estudos de Freud afirma que:

Freud propõe então reagrupar os movimentos libidinais, que incidem tanto no eu quanto nos objetos sexuais, sob a expressão única pulsões de vida, opondo-a à expressão pulsões de morte. O objetivo das pulsões de vida é a ligação libidinal, isto é, o atamento dos laços, por intermédio da libido, entre nosso psiquismo, nosso corpo, os seres e as coisas. As pulsões de vida tendem a investir tudo libidinalmente e a garantir a coesão das diferentes partes do mundo vivo. Em contrapartida, as pulsões de morte visam o desprendimento da libido dos objetos, seu desligamento e o retorno inelutável do ser vivo à tensão zero, ao estado inorgânico. (NASIO, 1999 p. 69-70)

Tomando como ponto de partida esta afirmação, é possível dizer que tanto a pulsão de vida quanto a pulsão de morte têm fontes de energia distintas. A fonte de energia da pulsão de vida é a libido que equivale à energia empregada para a manutenção da vida. A pulsão de morte assim como a pulsão de vida também tem uma fonte de energia específica, no entanto não lhe foi dado um nome em particular. É comum que acreditemos que a pulsão de morte se refere exclusivamente aos instintos violentos, no entanto Nasio (1999) esclarece que a pulsão de morte não necessariamente tem uma relação direta com a violência.

No tocante a isso, esclarecemos que a “morte” que rege essas pulsões nem sempre é sinônimo de destruição, guerra ou agressão. As pulsões de morte representam a tendência do ser vivo a encontrar a calma da morte, o repouso e o silêncio. É verdade que podem também estar na origem das mais mortíferas ações, quando a tensão busca aliviar-se no mundo externo. Entretanto, quando as pulsões de morte permanecem dentro de nós, elas são profundamente benéficas e regeneradoras. (NASIO, 1999, p. 70)

Pelo fato de que somos constituídos por estas duas pulsões, há em nós uma tendência natural a transitar entre elas de modo que sempre que há uma dedicação a construir algo ou a levar adiante um projeto importante, há um emprego de grande parte da libido nesse projeto e enquanto houver o envolvimento e a empolgação com esse projeto, a quantidade de libido empregada nele torna-se indisponível para outros objetivos. Isso não quer dizer que nada mais seja importante na vida desse indivíduo, visto que é possível empregar diferentes níveis de libido para diferentes objetivos. Porém, quanto mais interesse em determinados projetos maiores níveis de energia estão sendo investidos nele. Por essa razão, em situações de luto nas quais a pessoa enlutada perde completamente o interesse por suas ocupações normais, observa-se uma retirada de libido dessas atividades para uma aplicação extrema de libido na pessoa que foi perdida. Assim, em momentos positivos experimentamos com maior intensidade os efeitos da pulsão de vida enquanto que a medida que atravessamos momentos dolorosos ou traumáticos, se aciona mecanismos da pulsão de morte. Ambos tentam estabelecer um equilíbrio

Para além de sua diferença, tanto a pulsão de vida quanto a pulsão de morte visam restabelecer um estado anterior no tempo. Seja a pulsão de vida, que, ligando os seres e as coisas, aumenta a tensão, seja a pulsão de morte, que aspira à calma e ao retorno a zero, ambas tendem a reproduzir e a repetir uma situação passada, quer tenha sido agradável ou desagradável, prazerosa ou desprazerosa, serena ou agitada. (NASIO, 1999, 70-71)

Considerando esta dinâmica, numa estrutura normal de luto, observa-se que os instintos de morte, de destruição bem como o investimento de energia no próprio luto vão aos poucos sendo substituídos pelos instintos de vida e gradualmente ocorrerá o investimento de energia em novas atividades. No entanto, em um processo patológico, em lugar de ocorrer uma passagem da pulsão de morte para a pulsão de vida, ocorre um investimento no desejo de repetição da dor.

Em suma, o novo conceito introduzido por Freud com a segunda teoria das pulsões foi o da compulsão à repetição no tempo. A exigência de repetir o passado doloroso é mais forte do que a busca do prazer no acontecimento futuro. A compulsão a repetir é uma pulsão primária e fundamental, a pulsão das pulsões; já não se trata de um princípio que orienta, mas de uma tendência que exige voltar atrás para reencontrar aquilo que já aconteceu. (NASIO, 1999, p. 71)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Princípio do Prazer pressupõe uma busca pelo prazer que corresponde a uma tendência em buscar atenuações para situações desagradáveis. Já o princípio de realidade inibe

os prazeres entendidos como perigosos, o que implica no deslocamento desses prazeres para o inconsciente. O princípio do prazer pode ser entendido como um motor para a punção de vida, ou seja, a busca por atenuações das situações dolorosas nas quais o ser humano tende a agir desde o princípio de vida, no entanto, há indivíduos que evocam repetidamente, situações de dor extrema. Freud caracteriza este comportamento como uma instância para além do princípio do prazer, assinalando uma neurose, ou seja, um desejo de repetição da dor, que por sua vez vai implicar no princípio de morte.

O desejo ativo do passado, mesmo que o passado tenha sido ruim para o eu, explica-se por essa compulsão a retomar o que não foi concluído, com vontade de completá-lo. [...] Por isso, a compulsão à repetição seria o desejo de retornar ao passado e rematar, sem entraves e sem desvios, a ação que ficara em suspenso, como se as pulsões inconscientes nunca se resignassem a ser condenadas ao recalçamento. (NASIO, 1999, 72)

Neste contexto o melancólico apresenta um comportamento no qual há uma permanente evocação da dor. Ele não é apenas um indivíduo que perdeu seu objeto de amor, senão um indivíduo marcado por uma sucessão de perdas. Por esta razão pode-se dizer que o melancólico é um cemitério de interioridades mortas. Um acontecimento doloroso para o melancólico é um detonante de outras dores passadas que evocam uma falta do objeto, falta esta que não pode ser preenchida, já que na melancolia há uma questão narcísica na qual o melancólico é o próprio objeto. Mendes ao retomar os pressupostos teóricos de KEHL (2019) afirma que:

A desesperança no melancólico está relacionada com o fato de o Outro, em sua primeira versão imaginária (materna), não ter conferido ao recém-nascido um lugar em seu desejo. Assim, o melancólico ficou preso num tempo morto, no qual o Outro deveria ter comparecido, mas não compareceu. (MENDES, 2014, p. 428)

Deste modo o indivíduo melancólico se vê preso em um ciclo de repetição. O melancólico ao estar estagnado na pulsão de morte, não consegue encontrar alguma satisfação ao longo de sua vida. Se para o indivíduo neurótico o princípio do prazer busca amenizar ou zerar o desprazer, de acordo com a dinâmica do melancólico, o princípio de morte cumprirá a mesma função.

Por conseguinte, podemos afirmar que a compulsão a repetir no tempo é ainda mais irresistível que a de buscar o prazer. A tendência conservadora — a de voltar atrás — própria às pulsões de vida e de morte prevalece sobre a outra tendência, igualmente conservadora, regida pelo princípio de prazer — a de reencontrar um estado sem tensão. Por isso, Freud considerou a compulsão à repetição como uma força que ultrapassa os limites do princípio de prazer, que vai além da busca do prazer. Não obstante, o par de pulsões de vida e de morte continua a ser regido pela ação conjunta desses dois princípios fundamentais do funcionamento mental: encontrar o passado e encontrar o prazer. (NASIO, 1999, p. 71-72)

A melancolia é essa dor constante que está adormecida em algum lugar perdido no mais íntimo do ser. É uma dor aguda, certa que passa muito tempo submersa, mas de repente um detonante qualquer como uma palavra que mina o terreno como explosivo mortífero, um gesto que nos faz retornar às dores vividas, as dores primeiras, a dor do existir. O melancólico sofre e sabe que sofre. Sofre porque perdeu aquilo que o iluminava, perdeu o seu objeto de desejo, aquilo que tanto atesourava. O melancólico sofre porque sabe da ameaça da perda, sofre porque os outros são essas ameaça.

Os outros são este grande ser que rouba o seu objeto de amor, o seu tesouro. O mundo exterior é este grande outro ameaçador que lhe modifica, que lhe faz reviver todas as perdas de todos os seus tesouros. O mundo é para o melancólico um grande ladrão que leva embora à surdina aquilo que lhe mantinha de pé. O melancólico sofre, não porque perdeu algum bem material como o carro, a casa ou cônjuge. Ele sofre porque, ainda que inconscientemente, sabe que uma vez que lhe tirem seu objeto de amor, jamais voltará a ser como antes.

O melancólico sofre não porque seu cônjuge se foi, mas sim porque nunca mais poderá ser a simbiose emocional com este outro. O objeto de amor do melancólico é aquilo que o mantém ligado ao externo, porém, este mesmo mundo externo o empurra ao sofrimento, o ameaça. O melancólico padece da pior dor, ele padece da nostalgia, da dor da volta. Da volta de todas as dores, da volta a todas as perdas, da volta à dor que o expulsou do Oceano, do paraíso. A nostalgia é este barco que leva o melancólico de volta àquilo que foi irremediavelmente perdido, por isso melancólico é incapaz de substituir seu objeto de amor perdido e retoma para si a imagem desse objeto perdido, porque não há como haver uma substituição para essa perda primeira, essa perda primitiva que marcou irremediavelmente o seu ser.

O melancólico caminha sobre a corda bamba. O desejo de morte o compõe, os instintos de morte são esse fio condutor que o conecta constantemente com destruição. A nostalgia também é esse retorno à morte, a destruição, ao despedaçamento de si. O meio exterior lhe conduz a esta aniquilação de sua existência. O melancólico é um ser entregue ao desamparo. Esse olhar que não o atravessou, que não o viu, que não o reconheceu em seus primeiros anos, converteu-se em seu viver posterior, em seu verdugo, em uma entidade destrutiva que o despedaça.

É possível fazer uma leitura psicanalítica do poema *Psicologia de um vencido*, de Augusto dos Anjos, tomando como base teórica a Teoria das pulsões, o seja a teoria de pulsão de vida e pulsão de morte, de Freud. Para a nossa análise consideraremos os traços melancólicos que dão indícios para que trabalhemos a pulsão de morte na composição literária desta obra. No poema é notável como os traços da pulsão de morte são presentes e constituintes do eu

lírico. Mendes ao relacionar o comportamento melancólico com a pulsão de morte menciona que:

O sentimento de culpa e o desejo de punição presentes na melancolia estão associados a ambivalência de sentimentos vivenciados em relação as figuras parentais ainda no decorrer do complexo de Édipo. O indivíduo desejou a morte da figura parental por isso ele se culpa. O melancólico é atacado pelo seu próprio supereu. O eu do melancólico é extremamente auto-crítico, ele se julga o pior dos seres humanos e se condena a morte. Humilha-se diante de todos, colocando-se como uma pessoa indigna. Ao delírio de inferioridade, junta insônia, a inapetência e as pulsões de autodestruição. As autoacusações do melancólico têm um sentido; revelam o seu estado patológico e o predomínio da pulsão de morte. (MENDES, 2014, p.427)

O universo do melancólico é pantanoso, é obscuro. O homem é dor e a dor é da natureza humana. A natureza humana é melancólica e temos em nós com maior ou menor proporção, certo grau de melancolia. De acordo com o pensamento tradicional, a melancolia é um dos quatro temperamentos, um dos modos de ser da existência, como nos sentimos e como nos relacionamos com o mundo.

A melancolia é uma observância sobre a existência e Augusto dos Anjos é um exímio em fazer poesia com aquilo que é a observância sobre a existência. Nota-se como o escritor emprega em seu poema a figura do melancólico como aquele que enxerga o mundo a distância numa sofrida tentativa de encontrar sentido nas coisas. Na obra analisada o eu lírico melancólico se vê entre dualidades: Se a lucidez o acompanha, o sentimento de que nada vale a pena o paralisa. Quando tomamos cada estrofe como objeto de análise é possível observar como os traços melancólicos que retomam a pulsão de morte são colocados em evidência.

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Nessa primeira estrofe observamos de maneira bem clara e expressa a presença da melancolia que se distribui desde a origem do eu lírico. Este eu lírico implica em sua composição orgânica o pessimismo, a destruição, bem como uma atração que o empurra a tragédia. Mendes ao descrever o comportamento melancólico constata que:

O comportamento do melancólico, as suas autoacusações, a depreciação do sentimento de si, a sua desvalorização e sua expectativa de punição nos levam a afirmar que, o que se perdeu para o melancólico foi o próprio eu. O eu foi destruído pelo objeto amado/odiado: "a sombra do objeto caiu sobre o Eu" (Freud 1917 1915 2006 p.108). Assim, a melancolia coloca em evidência a pulsão de morte por meio de um ideal cruel dou a ponto de assassinar o sujeito (Freud 1923/1966). (MENDES, 2014 p. 427)

O autor ao utilizar elementos que nos remete a composição orgânica dos seres, nos leva ao entendimento de que a melancolia está na composição estrutural do eu-lírico. No primeiro verso o autor utiliza o elemento carbono que de acordo com a sua nomenclatura vem do latim carbo, que significa carvão, e que por sua vez nos remete ao carvão bruto e sem valor, contrário ao diamante. O carbono também é um dos elementos mais presentes nos seres vivos. Neste mesmo verso há a presença elemento amoníaco, que é um químico empregado como solvente. Tomando como pontos de análise estes dois elementos, o eu lírico se compõe e se põe como um ser formado por um elemento que é comum a todos os seres vivos ao mesmo tempo em que é composto por um elemento corrosivo e tóxico, que por sua vez é destrutivo.

No segundo verso o autor emprega contradições na composição poética. Quando eu lírico se afirma como um monstro de escuridão e rutilância, o eu lírico se declara como um ser disforme, contrário à natureza composto de escuridão, e rutilância, que nos remete ao brilho e a luminosidade. Podemos então, verificar uma antítese já que deste modo o eu lírico se declara um ser contrário a própria natureza composto pela ambivalência entre luz e escuridão.

Nesse aspecto, podemos fazer um recorte no qual se verifica a pulsão de vida e a pulsão de morte como dualidade inerente a todos os seres vivos. Já no terceiro e quarto verso quando o eu lírico afirma que sofre desde a epigênese da infância a influência má dos signos do zodíaco, notamos como esse eu lírico se declara condenado a tragédia do destino desde que era apenas um embrião.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia,
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Quando o eu lírico se declara profundissimamente hipocondríaco, o eu lírico retoma uma focalização compulsiva do pensamento e das preocupações sobre o próprio estado de saúde, e que frequentemente está acompanhada de sintomas que não podem ser atribuídos a nenhuma doença orgânica. Essa passagem reafirma a compulsão pelo desejo de morte. Essa tendência à destruição marca a característica própria dos instintos de morte

No segundo verso o eu lírico afirma como se sente desconforme com o ambiente. Podemos tomar este verso como base comparativa em relação a posição melancólica diante do mundo. O melancólico é um indivíduo que está em conflito com o meio, ele vive em um tempo particular que não é sincrônico. O melancólico está sempre fora do lugar.

O autor também emprega no sexto verso a palavra “ânsia” que concorda com a palavra “repugnância”, tendo em vista que a ânsia é a manifestação física provocada pela contração do epigástrico, manifestação esta, que ocorre devido ao nojo ou repugnância. E ao mesmo tempo a palavra “ânsia” é associada a palavra “cardíaco”, já que ela também é entendida como uma sensação de desconforto físico causada por uma pressão no na região peitoral. O eu lírico se põe em um lugar de quase morte como se este ambiente no qual ele habita lhe causasse uma sensação de tamanho desprazer que termina por causar-lhe uma sensação semelhante ao processo de um infarto.

Já o verme — este operário de ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida, em geral, declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

No primeiro terceto do poema verificamos como o autor entrega no eu lírico elementos que remetem a destruição como a palavra “verme” que é um decompositor e também retorna a palavra “carnificina” que pode ser associada a consequência de uma guerra como grandes massacres e chacinas extermínios e matanças e também direciona o poema à uma aniquilação do indivíduo aos instintos de morte. No segundo terceto o eu lírico retoma a destruição para a si e o processo de aniquilação como o próprio fim da existência do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos mecanismos metodológicos de pesquisa bibliográfica, os quais possibilitaram a análise da obra literária selecionada com base na teoria das pulsões de Freud, foi possível fazer uma leitura psicanalítica do poema *Psicologia de um vencido*, de Augusto dos Anjos. Em nossa análise observamos como o autor empregou no poema traços melancólicos, traços estes que estão dispostos não apenas em uma estrofe senão ao longo de todo poema. É importante ressaltar que estes traços melancólicos possuem em si aspectos que retratam a pulsão de morte. Em nosso estudo foi possível observar o quanto ambas, pulsão de morte e melancolia se complementam para integrar a obra. Concluímos por fim que observar esta composição literária através do olhar da psicanálise nos leva para além da análise literária, senão que nos dá em realidade a capacidade de refletir sobre aspectos comuns a subjetividade humana. Ao retomar a própria noção de melancolia, se torna impossível pensar no ser melancólico sem

considerar o que há de poético em sua existência. Como a própria poesia de Augustos dos Anjos reflete a imagem do melancólico através da arte e do nefasto, retomo palavras utilizadas anteriormente em nossa análise no que diz respeito a descrição da melancolia como esta observância sobre a existência. Analisar a obra literária desde o viés da psicanálise é desenvolver também esta capacidade de observância sobre a existência.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augustus. Eu (1912). In: REIS, Zenir Campos. Augustus dos Anjos: poesia e prosa. São Paulo:

FREUD, Sigmund (1856-1939) Livro XVIII - Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Além do Princípio de Prazer.

MENDES, Elzilaine Domingues. Melancolia e depressão: Um estudo psicanalítico. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2014 vol. 30 n. 4 .pp. 423-431

NASIO, Juan-David. O prazer de ler Freud / J.-D. Nasio; [tradução, Lucy Magalhães; revisão técnica, Marco Antonio Coutinho Jorge]. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

AS HERDEIRAS DE SAFO: AMOR E HOMOSSEXUALIDADE À LUZ DA PSICANÁLISE

Ivanildo da Silva Santos - PPGL/UFPB

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues - PPGL/UFPB

RESUMO: A psicanálise, ao examinar as razões do amor, indica, de maneira, esquematizada, o que os filósofos e poetas já sabiam: o amor é uma felicidade indizível. Nossa compreensão do amor foi moldada pela cultura. Assim, propomo-nos examinar o conto *Primeiras Vezes*, escrito por Natalia Borges Polessso, cujo enredo centra-se numa moça e seu desejo amoroso pelo mesmo sexo. Seu comportamento busca a extraordinária sensação de abraçar o estranho, como o enigmático caminho da descoberta de si, livre de opressões e imposições. O amor mostra-se como o álibi para a concretização do desejo. Almejamos identificar os percursos, de modo a compreender os signos que cercam o desejo, gozo e amor da protagonista. Para tanto, recorreremos aos estudos de Sigmund Freud (1920), Betty Milan (1983) e Jean Bellemin-Noel (1978).

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Literatura, Sexualidade

INTRODUÇÃO

A literatura ocidental introduz os lugares do discurso: o do amante e do amado, representando a linguagem solitária do sujeito amoroso. O conhecimento psicanalítico, por sua vez, confronta-nos com o Outro, ao qual dirigirmos o amor: um vínculo amoroso que fornece respostas mais adequadas em comparação àquilo que encontramos no cotidiano. Sendo assim, verificamos a influência do imaginário sobre os significados atribuídos ao amor. No discurso moralista sobre o amor, podemos notar as imposições colocadas às mulheres e sua sexualidade.

Mas o que é o amor? Como se inscreve em nosso consciente? São algumas das questões que nos propomos a dialogar durante este trabalho. Delinear um traço em torno de alguns pontos importantes sobre a construção do mito do amor em nossa sociedade é relevante para entendermos, como os padrões de moralidade foram determinantes para validar ou não uma forma de amar em detrimento das demais. O amor é sublime e carrasco, porque não aceita promessas. Mas entregamo-nos as suas juras e incertezas, como se dele extraíssemos o sentido da vida. O amor é impossível? O amor impõe condições? Qual a forma correta de amar?

É com esse ensejo e com o auxílio de teóricos como Sigmund Freud (1915/2016) e Betty Milan (1983) que buscamos analisar as múltiplas faces do amor no conto *Primeiras Vezes* (2015), da escritora Natalia Borges Polessso, com a pretensão de revelar os principais pontos da narrativa que represente o amor sáfico.

O PROCESSO CRIATIVO E A PSICANÁLISE

Abrir-se ao domínio do Inconsciente que é o primeiro e antes de tudo o seu inconsciente, condição essencial para falar do inconsciente dos outros, nem que sejam os dos textos literários.

JEAN BELLEMIN- NOEL

Quando pensamos nas relações estabelecidas entre literatura e psicanálise, delimitamos dois campos de conhecimento exclusivos, distintos e peculiares, embora haja possíveis diálogos, sobre certas premissas. Desde as primeiras formulações freudianas há uma aproximação dos estudos psicanalíticos e as análises literárias. É importante destacarmos a articulação existente entre as possibilidades do reencontro da teoria psicanalítica no texto literário, trocas provenientes das descobertas de um diálogo estabelecido como uma condição de relançamento da escrita através da intertextualidade. Nos textos de Sigmund Freud encontramos as impossibilidades e possibilidades desta relação entre estes dois eixos do conhecimento humano. Todavia, deparamos com alguns impasses iniciais, os pesquisadores e estudiosos que tentam delimitar um espaço e conceito para ambas, pois a psicanálise não é considerada como ciência, e a literatura permanece, em alguns momentos, rodeada de conceitos flexíveis e insolucionáveis.

Mas em que a literatura “instrui” a psicanálise? E o que a psicanálise “explica” a literatura? Para o poeta e o escritor, o seu ofício, é a escrita. É através de um jogo comparável à criança que, em sua dedicação ao brincar, cria seu próprio mundo transpondo as coisas concretas da realidade para uma ordem que mais a agrada, investindo muito afeto. E o poeta e o escritor fazem o mesmo que a criança: reinventam um mundo de fantasia e o tomam com seriedade, mesmo provendo muita afetividade a sua ocupação, conseguem o separar do real. Eles atendem uma demanda de uma expressão, sublimam sua pulsão. E com este desejo de expressão, utilizam as palavras como se estivessem envolvidos em um jogo, fazendo da linguagem e estética literária seus objetos e instrumentos para por seu intermédio, mostrarem-se. Por este motivo, o mestre vienense, Sigmund Freud (1908/1996), alia a prática literária e a escrita ao ato de brincar de uma criança, pois “os escritores, não menos, já que criam um mundo de fantasias, que por sua vez também é revestido de cargas de emoção elevadas, bem como sabem perfeitamente distinguir o mundo exterior do por eles criado”. Como uma expressão do inconsciente, a literatura estimula a livre associação e o imaginário do leitor. Ela aguça a curiosidade do leitor que, instigado pela leitura de um poema, romance ou demais expressões literárias, buscará os discursos que estarão além, no nível do não dito na escrita. Esta tarefa

assemelha-se ao trabalho de um analista, que buscará os significantes das histórias contadas por seus pacientes, apreendendo o que não está no enunciado. Mas a literatura com suas concepções superiores proporciona aos sujeitos uma consciência de sua humanidade. A escrita exerce uma função de “formadora”, enquanto a fala restringe, apenas a informa-nos. Só através de algo como a literatura que o homem questiona sobre si mesmo, seu universo, seu passado histórico e desempenho social e mental. Como afirma Jean Bellemin-Noël (1978), a literatura “deforma-nos necessariamente, já que o que foi escrito nos vem de outro lugar, longe ou perto na ausência e de um outro tempo, de outrora ou de há pouco: nunca daqui e de agora, onde falar é o suficiente”. (p.12)

Desta forma, a relação entre psicanálise e literatura não é algo recente. Pois Sigmund Freud, fundador da psicanálise, desde sua infância apreciava a literatura. Seu meio social permitiu que tivesse acesso aos mais variados autores de seu tempo e antes dele, inclusive com nacionalidades distintas. Com isto, o pai da psicanálise adquiriu sua uma formação intelectual a partir de autores como, Dostoievsky, Shakespeare, Schiller, Hoffmann, Goethe, Cervantes e outros contemporâneos de sua época. Na obra de Freud, encontramos várias conexões com estes autores, pois o fascinava como seus textos conseguiam prever e explicar muitas inquietações humanas. Além de utilizar diversas citações para tornar seus textos mais claros, é visível a admiração que sentia em notar a proximidade das narrativas ficcionais a seus conceitos teóricos, desenvolvidos e elaborados na sua desafiante experiência clínica. Destacamos que a relação literatura e psicanálise não se trata de interpretações literárias e muito menos da vida do autor, mas acompanhar as peculiaridades e proximidade entre o trabalho do escritor e analista, pois ambos desejam desvendar a complexidade dos conjuntos de discursos particular do humano, pois “tudo isto se encontra alojado em nós, no nosso pensamento, na nossa linguagem” (NOEL,1978, p.12). Eles buscam os sentidos do imprevisível e desconhecido, nas paixões, desejos, triunfos, contradições, tentando chegar mais próximos do enigmático e obscuro inconsciente. Já que “os escritores são homens que, escrevendo, falam, sem o saberem, de coisas que literalmente “eles não sabem”. O poema sabe mais que o poeta.” (NOEL,1978, p. 12).

A presença destes autores influenciou muitos dos estudos teóricos de Freud sobre a formação do sujeito, como por exemplo, o Complexo de Édipo, inspirado na obra sobre o mito do Rei Édipo, de Sófocles. O contato pessoal com a literatura proporcionou a Freud uma base para sua produção a respeito do que se ocupam os escritores na escrita e produção literária. Sendo assim, encaminhou-se em pesquisar as motivações e a capacidade de elaboração do autor para a criação de suas obras, pois compreendia a literatura como “uma linguagem diferente, que

não dizia apenas, nem exatamente nem verdadeiramente, o que parecia dizer” (NOEL,1978, p.12). Sem querer, envereda por uma teorização sobre a capacidade criativa literária do autor em suas obras, porque a literatura, como resultado da subjetividade e como meio sublimatório da pulsão, proporciona elementos que constituem uma mensagem com mais de um sentido evidente. Ele sempre admitiu que a arte e a literatura sempre prenunciavam e corroboravam com as investigações da clínica psicanalítica.

É neste momento que surge uma das linhas de diálogos entre literatura e psicanálise, devido “o fato literário só vive de receptor em si uma parte de inconsciência, ou de inconsciente” (NOEL,1978, p.13). A psicanálise empenha-se a assimilar o excedente fluxo de sentidos que o texto possui, tentando desvendar o interior dos personagens, investigando seus conflitos, paixões e desejos.

A psicanálise apropria-se de referências, extraindo metáforas proporcionando aos literatos um maior aprofundamento para o processo criativo, ou seja, de liberação do inconsciente. As obras literárias oferecem um conjunto essencial para compreender a realidade do homem e seu meio, apresentando discursos que deixam revelar partes do inconsciente. A psicanálise e seus conceitos procuram aprofundar um maior conhecimento do psiquismo humano, através de análises que buscam reconstruir este “inconsciente” e seus efeitos. Desta maneira, a aproximação entre ambas torna-se evidente, pois agem como “instrumentos de interpretação”, funcionando como leituras, já que “literatura e psicanálise “lêem” o homem na sua vivência cotidiana tanto quanto no seu destino histórico” (NOEL,1978, p.13).

Por muito tempo, Freud se dedicou a investigar as diversas manifestações do inconsciente. Nesta perspectiva, ele se preocupou com o desenvolvimento da sexualidade humana, encontrando explicações para o imprevisível e o desconhecido no indivíduo na sociedade, na cultura e no desenvolvimento da psique. Nessa esteira investigativa, inicia seus estudos sobre o desenvolvimento do fenômeno amoroso, afirmando inclusive que bem antes de sua puberdade “já está desenvolvida na criança a capacidade de amar” (FREUD apud RAVANELLO & MARTINEZ, 2013, p.160). Deste modo, Freud possibilita a psicanálise uma abordagem sobre o tema do amor, articulando sexualidade e amor na constituição de sua teoria. No seu texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), o amor dar-se a partir da escolha de objeto. Em *As pulsões e suas vicissitudes* (1915) é exposto segundo as dicotomias e relações com as pulsões. Já em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), Freud apropria-se dos conceitos de identificação e idealização para diferenciar dois tipos de amor, entre outros textos ao longo da constituição de sua teoria. Mesmo que as inquietações dos filósofos, poetas e escritores a respeito da natureza do amor fossem evidentes no enaltecimento em seus versos e

frases, em torno do contentamento e da dor de amar. Os estudos desenvolvidos no campo freudiano procuraram evidenciar um olhar mais aguçado sobre os enigmas e fantasias que cingem o amor. Assim, Freud tornou o tema amoroso relevante para sua teoria psicanalítica. Sua preocupação com o tema é demonstrada significativamente em seus textos. Ele estende a diferentes campos da natureza humana, um assunto em que a literatura exerceu forte influência.

Neste cenário, o conceito de amor, na teoria freudiana, circunscreve-se próximo de conceitos como gozo, desejo, pulsão, sexualidade, libido, afeto e outros. O mito do amor ainda é conservado. Um exemplo é o grande sucesso das telenovelas que seguem a estrutura clássica do folhetim romanesco: lamentações, incidentes e final feliz. O amor estimula a busca pela verdade (conhecimento) mais que qualquer outra coisa. Em seus seminários, Lacan defendia a estreita conexão entre amor e verdade, explicando que, entre ambos, existe uma estrutura de ficção, ou seja, são elementos que possuem a função de erguer um muro diante dos enigmas sem solução. Por isso, o amor apresenta-se na figura do enigmático e indecifrável sentimento.

OS EXCESSOS DOS AMOR QUE NÃO OUSA DIZER SEU NOME

A literatura homoerótica nunca foi considerada vertente literária, por muito tempo, relegada a um material inferior e de conteúdo “underground”. No Brasil, inúmeros autores abordaram a temática em suas obras, tais como: Adolfo Caminha (1985), Guimarães Rosa (1956), Lya Luft (1980), Lygia Fagundes Telles (1973), João Silvério Trevisan (1986), Caio Fernando Abreu (1982), entre outros. Todavia, a maior escritora sobre o tema, é a escritora Cassandra Rios (1948), devido sua dedicação à exposição de uma narrativa que priorizava o amor entre mulheres. A literatura lésbica contemporânea brasileira apresenta-se como uma estratégica retórica para subverter os regimes impostos à identidade e sexualidade feminina.

Nesse contexto, a coletânea de contos *AMORA* (2015), da autora Natalia Borges Polesso, pode apresentar um deslocamento dos conceitos apregoados ao amor. O título escolhido para obra remete-nos a uma maneira de amar específica, a palavra “a” no final da palavra “amor” dá a possibilidade de um feminilizar do sentimento amoroso. E a palavra *amora* é o feminino do substantivo amor. O livro é dividido em duas partes: *Grandes e Sumarentas e Pequenas e Ácidas*. São 33 contos que versam sobre o amor, paixão, descobrimento e o extraordinário estupor das descobertas.

Examinaremos o conto *Primeiras Vezes*. O texto gira em torno do autodescobrimento e paixão entre o personagem-narrador e sua amiga Letícia. O narrador projeta-se em primeira pessoa e não se apresenta com um nome próprio, deixando resquícios ao longo do enredo que

é do sexo feminino. A narradora do conto inicia abordando sua insatisfação com a cobrança em torno da sua virgindade, pois então *não aguentava mais aquilo de ser virgem. Dezesete anos e parecia um pecado.* (p.14). Não conseguia mais diferenciar a verdade dos fatos, em razão de tanto recitar a mentira da sua primeira vez às amigas. E o fato de ainda ser virgem a atormentava, pois cada dia que passava acrescentava dados aleatórios a sua mentira.

A intensidade de todo seu movimento desejante entrelaça o erotismo, interdição e transgressão, porque a narradora vê todo o seu ambiente de rebeldia adolescente como um espaço para quebra de leis e regras. Ela permitia-se faltar às aulas, visitar os bares ao redor do colégio e a experiência com drogas lícitas e ilícitas. Como indica, com concisa precisão:

Três bares nos arredores da escola: 1) boteco sinistro onde péssimas bandas faziam covers igualmente péssimos com instrumentos desafinados, bebia-se catuaba, porque era barato e era o que tinha, a mistura de catuaba e fanta uva tinha se estabelecido como a nova moda, havia a certeza de que ali começaria a degradação do fígado daquela geração; 2) bar de skatista onde se vendia cerveja por preço razoável e todos os tons de licor bols, consumiam-se drogas ilícitas diante dos olhos de todos, sendo que maconha era a mais comum – ela não, não gostava de drogas ilícitas até então; 3) conveniência do posto onde se comprava um combo de litro de vodca barriga mole mais coca- cola e se podia usufruir das instalações do local, leia-se área coberta, banheiros imundos e mureta de tijolos atrás do lava jato. Resultado: bares cheios, escola vazia. (POLESSO, 2015, p. 15)

Nesse ambiente aberto a paradoxos, aceitação de indiferenças e contrariedades conhece Letícia. Sua amiga a convida para fumarem nos fundos de um bar, e *ela não fumava.ela não gostava de cigarro.* (p.15) Verificamos seu impulso para impressionar Letícia, a fez prova do cigarro que detestava. Percebemos que o sentimento passional domina o amante a ponto de não mais conseguir ser dono do seu próprio desejo, já que o seu próprio desejo se realiza no do outro. A psicanalista Betty Millan (1983) diz “no ser do amado realiza-se o do amante que sem aquele ficaria despojado de si mesmo e não quer pois separar, reconhece no desejo do outro o próprio e já não hesita em ceder” (p. 16).

Ela namorava Luís Augusto, e admitia que *o que sentia por ele era inversamente proporcional à sua nota em física. era ruim em física. era boa em gostar dele.* (p.16) No *Dicionário de Psicanálise*, de Roland Chemama, o amour é definido como um “sentimento de afeição de um ser por outro, às vezes profundo, violento mesmo, mas sobre o qual a análise mostra que pode ser marcado pela ambivalência e, sobretudo, que não exclui o narcisismo”. Ou seja, ama-se uma imagem idealizada de si, no caso da narradora e Luís Augusto acontece o contrário já que não vê nada de si nele.

No texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), o amor é colocado como pretextos para melhor compreensão sobre o narcisismo. O amor é denominado como um reaparecimento das relações primárias do sujeito infantil, sendo uma forma de reviver as impressões outrora vivenciadas. Através de uma perspectiva econômica sobre o fenômeno amoroso, Freud postula que há um empobrecimento do ego no estado da paixão, em consequência do transbordamento excessivo de energia do objeto. Na narrativa, assinalamos a submissão da narradora diante do seu objeto amado, Letícia, uma vez que nota nela parte de si mesma. Em consequência disso, compartilha todos os seus segredos a Letícia, inclusive “o assunto nunca tocado” (p.16).

Há um investimento libidal no seu objeto amado (Letícia), e, com isso, entendemos que *amar verdadeiramente alguém é acreditar que ao amá-lo, alcançará uma verdade sobre si. amamos aquele que conserva a resposta, à nossa questão: quem sou eu?* (MILLER, 2008, p.3) O psicanalista lacaniano, Jacques-Alain Miller (2008), explica que, quando estamos apaixonados por alguém, inconscientemente o que mais desejamos é ter mais conhecimento de quem nós somos. Desta maneira, constatamos a ocorrência de processos identificatórios ao estarmos enamorados por alguém. Reconhecemos partes de nós no outro, visto que acreditamos que o outro seja igual a nós. Projetamos no outro aquilo que gostaríamos de ser, ou ter sido. É aquilo que nos falta e que temos a esperança que o outro possa nos completar.

No livro *A paixão silenciosa*, a psicanalista Maria Helena Barros e Silva (2002) diz

O apaixonado projeta, no objeto de sua paixão amorosa, o ego ideal, forjado segundo o modelo onipotente do narcisismo infantil. O trágico, porém, é que esta onipotência ilusória do apaixonado não é mais do que uma defesa, criada para protegê-lo contra a angústia do desamparo e contra o fracasso, por ele vivido, na constituição de um narcisismo de base, capaz de oferecer-lhe o suporte de sua autoestima, de sua autoconfiança e de sua abertura para as escolhas que serão feitas na vida. Sem esta abertura para alteridade, o que lhe resta é a experiência da eterna repetição do mesmo e do medo das diferenças numa relação dual e fusional, na qual sujeito e objetos são apenas um, fechados numa díade sem abertura para a alteridade. (SILVA, 2002, p. 13)

Ou seja, os objetos de investimentos sexuais da criança são provenientes de suas primeiras experiências de satisfação, fundamentadas sobre as funções vitais. Essas experiências de satisfação se dão com a mãe, ou com aquele que se responsabiliza pela criança, que a alimenta e protege. Para Freud (1915), as escolhas amorosas posteriores têm sua gênese nesses primeiros objetos de investimentos sexuais da criança, criando a matriz que moldará todas as relações afetivas do sujeito. Há duas escolhas dos objetos amorosos: a narcisista e a anaclítica. Segundo o tipo narcísico, na escolha de objeto, o objeto amoroso é o próprio eu. Em contrapartida, o modelo anaclítico, ou de apoio, os objetos serão escolhidos mediante a satisfação das necessidades vitais, isto é, amamos se somos cuidados, alimentados ou protegidos. No conto, a narradora permanece na ambivalência das duas escolhas de objeto, dado

que sua relação com Letícia possui tanto um enaltecimento do objeto quanto uma sensação de acolhimento e proteção.

No trecho abaixo a narradora apresenta sua relação com Letícia como sendo um sentimento de libertação, desejo, acolhimento e identificação.

Oito sextas-feiras antes daquela em que conhecera Luís Augusto Marcelo Dias Prado, estivera com Letícia, sua colega fumante, e, meio bêbadas no sofá da casa dela, comentaram sobre Mandala, a bichinha do terceiro ano; e depois sobre o lugar em que ela fazia shows; e depois sobre a possibilidade de um dia ir até lá; e depois sobre a explosão das lésbicas da novela no shopping; e depois sobre como o mundo era bizarro; e depois sobre como não podiam controlar seus sentimentos; e depois sobre como ela tinha vontade de beijar a boca vermelha de Letícia; e depois sobre como Letícia gostaria que aquilo acontecesse desde que Vitor estivesse junto; e depois sobre como precisava estudar um pouco mais para prova de física. Aquilo tinha se enraizado intensamente nas suas sensações diárias. (POLESSO, 2015, p. 16)

Na narrativa, a personagem-narradora compartilha suas primeiras experiências sexuais. São momentos em sua vida bastante peculiares. A primeira relação relatada é com seu namorado Luís Augusto sendo descrita com indiscutível dissabor. Vejamos:

A calcinha dela era bordô. Não comeram batata frita. Ela nem teve tempo de tirar o sutiã. Tudo já tinha acabado. Concluiu que todo o antes tinha sido melhor do que o durante. Depois foi até o banheiro e notou que tinha a mesma cara virgem. Uns cabelos pretos escorridos para trás das orelhas, nada de maquiagem, ombros pontudos de tão magros, um pouco de sangue entre as coxas. Saiu do banheiro gostando muito mais de física do que antes e pediu para ir embora. (POLESSO, 2015, p. 17)

Indiscutivelmente, seu desejo de “provar” sua sexualidade no padrão heterossexual não propicia prazer, uma vez que sente que seu gozo não foi nem parcialmente satisfeito. Comparando a sua experiência com o namorado a algo frígido, insípido e sem transitoriedades em sua rotina, e até enfatizou que passou a apreciar a física já que parecia ser mais empolgante do que o sexo com Luís Augusto. Ela compartilha com Letícia a decepção de sua primeira vez, e por sua vez confessou todos os desejos que sentia pela amiga. Porém, Letícia não quis tocar no assunto. Sua amiga é sua igual, a única capaz de entendê-la. Vemos, aqui, mais uma vez uma faceta do sentimento amoroso. Dado que *de dois fazer um, desejo do amor que precisa suprimir a diferença, igualar os amantes. Se o outro não se assemelha a mim, se eu nele não reconhecesse a minha imagem, não o amaria. O amor é narcísico na sua essência.* (MILAN, 1983, p.15)

Por outro lado, a sua primeira experiência sexual lésbica dividida com Letícia mostra-se como sua primeira vez. Já que o momento encarregou de desprender as expectativas, seguindo os atropelos comuns a primeiros momentos. O sentimento é a mestra chave para a

fricção dos seus corpos, dedos, lábios, línguas e afagos. E elas se entregam a um começo, a um início de muitos outros em suas vidas.

Letícia sacudiu alguma coisa na frente de seus olhos. Era uma chave. No chaveiro estava escrito Voyage verde musgo. Encontraram. Letícia abriu a porta e foi para o banco de trás. Ela seguiu, procurando não ser enganada por uma expectativa que seria apenas sua. Não tinham carro nem idade para dirigir. O Voyage não tinha rádio, portanto não tocava 4 Non Blondes. A calcinha de Letícia era roxa e tinha renda, a dela era cinza e o algodão estava esgarçado para além dos limites do bom senso. Nenhuma das duas teve tempo de tirar o sutiã. Foi tudo desajeitado, como são geralmente as primeiras vezes. Cheias de dentes que batem e movimentos de desencaixe. (POLESSO, 2015, p. 19)

A descoberta do inconsciente possibilitou aos sujeitos a condição de impor sua subjetividade, pois sabemos que ninguém vivencia o amor da mesma maneira. Por essa razão, as personagens do conto *Primeiras Vezes*, em meio a toda transitoriedade da vida, encontram a chave de encaixe para o autodescobrimento de amar e sentir prazer. Uma vê na outra, a capacidade de ser ouvida e sentida *diga-me o quanto você é capaz de escutar e eu direi o quanto você é capaz de ser amado* (MILAN, 1983, p.18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de a psicanálise ser criada por Sigmund Freud, os filósofos se perguntavam sobre a gênese do sentimento amoroso. Os escritores criavam histórias trágicas e de amor, e os poetas enalteciam, em seus versos, a coragem, desilusão e desejos dos amantes. Contudo, ao longo dos séculos, o sentimento amoroso adquiriu as imposições fixas impostas pelas ideologias de cada época, que o limitou, em suma, a casais heterossexuais que perpetuassem filhos para sustentar o materialismo. Mas, como definir o que se impõe como enigma? Então, o sentimento amoroso possui suas variantes, jamais se orientando por leis prefixadas.

O amor nos faz ver o mundo com olhos de criança desejosos de descobrimento e surpresa de viver. Por conseguinte, amar é permitido a todos aqueles que se autorizem surpreender. Jacques Lacan diz “amar é desejar ser amado, e que o amor é sempre recíproco”, o que ele ensina é que sempre existiria algo no outro que desperte a paixão amorosa em mim, algo com o qual eu me identifico, mas que é proveniente desse outro. Porquanto para amarmos, é necessário reconhecermos em nós nossa falta, sempre nos falta “alguma coisa”, inclusive a verdade sobre nós mesmos. De modo algum, é impossível amar e não ter de experimentar a ambivalência do amor e ódio, os desencontros, devaneios e desilusões a que estão expostos os

enamorados. Que os amantes continuem na busca da chave para sair do labirinto do amor. Conseqüentemente, faz-se necessário abordagens sobre a temática amorosa, principalmente no que tange às relações homossexuais.

REFERÊNCIAS

- ALLOUCH, Jean. **O amor Lacan**. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro. Companhia de Freud. 2010.
- BELLEMIN-NÖEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. **Dicionário de Psicanálise**. São Leopoldo, RS. Ed. UNISINOS. 2007.
- FREUD, Sigmund. **Sobre o Narcisismo: uma introdução**. In: Freud, S. Obras Completas, V. 14. Rio de Janeiro. Imago. 1974.
- MILAN, Betty. **O que é o amor**. São Paulo. Círculo do Livro. 1983.
- POLESSO, Natália Borges. **Amora**. Porto Alegre. Não Editora. 2015.
- QUINET, Antônio; Jorge, Marco Antônio Coutinho. **As Homossexualidades na Psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo. Segmento Farma. 2013.
- SILVA, Maria Helena C. de Araújo de Barros e. **A paixão silenciosa: uma leitura psicanalítica sobre as paixões amorosas**. São Paulo. Escuta. 2002.
- WAAR, Hanna. **Psychologies Magazine**. Outubro, 2008. V278.

UM ESTRANHO NA SALA DE ESTAR: MOLDURAS DO DESAMPARO EM LYA LUFT

Thiago Guilherme Calixto – PPGL/UFPB
Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues – PPGL/UFPB

INTRODUÇÃO

Por meio da literatura o ser humano pode tomar consciência da sua própria humanidade, percebendo suas ambivalências e identificando-se em vários *outros*. A literatura possibilita esse processo de espelhamento, no qual nós podemos enxergar as virtudes e mazelas de um *outro* que não se encerra nele mesmo, mas pode sua imagem refratada em nós, causando identificações e/ou estranhamentos.

Discorrendo sobre a relação entre literatura e psicanálise, percebe-se que desde seus primórdios os estudos psicanalíticos utilizam-se da literatura para desenvolver-se suas principais construções teóricas. Desse modo, Freud, leitor voraz de obras clássicas, retoma os mitos gregos para discorrer sobre o Complexo de Édipo, o Narcisismo, Masoquismo e Sadismo.

Em O poeta e o fantasiar, Freud (1908) se detém sobre o processo de produção poética, na qual o poeta tende a aproximar o que lhe é singular a essência humana. Esse mundo criativo, para Freud, se assemelha a uma criança brincando, pois naquele momento ela transpõe as coisas do seu mundo para uma outra ordem, nessa brincadeira a criança constrói uma relação de afeto diferente da realidade, já percebendo a distinção entre o “brincar” e a “realidade”.

Já o poeta faz algo semelhante à criança ao brincar que, segundo Freud (1908) cria um mundo de fantasia e sobre ele mobiliza uma carga afetiva, ao mesmo tempo que distingue esse mundo “fantasiado” da realidade. A irrealidade do mundo poético pode conduzir o sujeito a um estado de gozo não alcançado no real, então, a construção poética torna-se também fonte de satisfação. Quando a brincadeira cessa, mediante o passar do tempo, o sujeito sabendo o quão difícil é renunciar um prazer, inicia-se uma formação substituta na qual o “brincar” dá lugar ao “fantasiar” e os sonhos diurnos começam a florescer.

O poeta entra em contato com os afetos, com o id, que é o mundo das fantasias e do desejo. Estando neste momento mais próximo das “margens do inconsciente”. Para a autora, o poeta na sua construção estética tende a aflorar o princípio do prazer, trazendo para o plano da linguagem as imagens do desejo. Promovendo por meio da arte, uma aparente reconciliação entre os princípios do prazer e da realidade.

A literatura enquanto produção reveladora das realidades humanas tem por meio de um diálogo com a psicanálise, a possibilidade de mergulhar em instâncias até então pouco claras. Desse modo, ler a ficção por meio da psicanálise permite dar a atividade literária um sentido suplementar e singularizar essa produção por meio do aprofundamento em instâncias subjetivas.

Diferentes de outras correntes teóricas, a psicanálise é uma metodologia clínica e terapêutica e a sua crítica se dá primordialmente sob uma orientação interpretativa. Podemos encontrar semelhanças entre a escuta de uma pessoa e de um personagem, os monólogos são um exemplo disso. No entanto, as funções distintas ocupadas pelo terapeuta e pelo leitor/ouvinte.

A literatura excede o texto como também nós extrapolamos a consciência. O texto literário é o receptáculo desses excessos e dessa (in)consciência. O sujeito tecido pela literatura escapa, por vezes, da “normalidade” esbarrando em “anomalias” que os constituem subjetivamente. Nesse mar a psicanálise navega de forma distinta, percorrendo áreas antes não conhecida, e revelando novas possibilidades de compreender com esse “anormal”.

Buscando discorrer acerca das múltiplas faces da psicose expostas no conto *O Anão*, obra da escritora gaúcha, Lya Luft, propomos elaborar uma interlocução entre os fundamentos psicanalíticos desenvolvidos por Freud (1923) e os estudos pós-freudianos, fomentados pelo psicanalista francês Jacques Lacan (1985) a partir das interpretações do psicanalista J-D Nasio (2009).

O LOCAL DA FORACLUSÃO

O que faz alguém ser considerado “louco”? Quais as condutas que diferenciam os “loucos” dos “sãos”? Segundo Nasio (2009, p.7) “Somos todos loucos em algum recanto das nossas vidas”. De fato, paulatinamente, torna-se cada vez mais movediço traçar uma barreira visível entre os considerados socialmente *são* e os *insanos*. Essa barreira, que outrora aparentava ser extremamente fixa, foi se desfazendo com o passar dos séculos, de modo que, atualmente, podemos enxergá-la cada vez mais tênue.

Os estudos pós-freudianos se debruçam sobre a loucura, de maneira a fazer algumas ponderações significativas para esse campo, entre elas, a de que “a loucura não se trata necessariamente de uma conduta bizarra ou perigosa” (NASIO, 2009, p.8), e que está atrelada, essencialmente, à falta da dúvida, que é profusa nos indivíduos neuróticos. Desse modo, ser louco é despir-se de qualquer incerteza e mergulhar em um mar de total certeza, possuindo uma “certeza cega do que pensa e do que faz.” (NASIO, 2009, p.8).

Assim, Nasio (2009) apresenta o conceito de forclusão local, na qual o indivíduo neurótico passa a exprimir, em algum aspecto da sua vida, traços psicóticos. Esse novo conceito, introduzido pelo estudioso, recebeu contribuições diretas da clínica, onde Nasio (2009, p.81) pode observar que:

um distúrbio psicótico, por exemplo um surto delirante ou uma alucinação, sobrevém em pacientes neuróticos que, apesar da gravidade de tal distúrbio, não têm uma estrutura psicótica; e, inversamente, pacientes diagnosticados como psicóticos apresentam, fora de seu delírio e às vezes no próprio momento do delírio, comportamentos plenamente normais. (NASIO, 2009, p.81).

Desse modo, a forclusão local (resposta inconsciente a um trauma) tenderia a (des)estruturar uma parte delimitada do indivíduo, podendo, o mesmo sujeito, em outras áreas, elaborar respostas lúcidas e equilibradas. Para construir tal conceito, Nasio (2009) teve por base a teoria lacaniana, que concebe a forclusão, palavra oriunda do vocabulário jurídico, enquanto fissura psíquica que impede o sujeito de identificar aquilo que ele observa. A sensorialidade está presente, no entanto a representação psíquica dos objetos tangenciado não acontece.

Essa resposta, chamada forclusão, demonstra a incapacidade de reelaboração do sujeito. Tal alternativa surge como um modo de afastar-se do que seria intragável, passando a negar aquilo que sensorialmente lhe é atestado. Assim, “o sujeito que forcluiu a realidade é um sujeito que *não pode* reconhecer o que, no entanto, está diante dele.” (NASIO, 2009, p.82). Isso não equivale a uma tentativa de esquecimento, não existe recalque; forcluir uma situação traumática é rejeitar, por completo, tudo o que isso pode significar. É um estado de absoluta inércia.

Nasio (2009) esmiúça o processo de forcluir ao expor o caso de um jovem psicótico, que, ao longo da sua vida, sempre foi muito apegado ao pai, e que, ao receber a notícia de seu falecimento, demonstra apenas indiferença. Diferente de todos os outros, ele continuaria fazendo a atividade que estivesse desenvolvendo, seja brincando, vendo TV ou até dando gargalhada. Pois, “a forclusão é uma anestesia das sensações e, portanto, da consciência do que é percebido.” (NASIO, 2009, p.83).

Esse evento traumático outrora não reconhecido pode desencadear, posteriormente, uma série de sintomas de natureza psicótica (como delírios, alucinações e também a despersonalização), tendo em vista que o indivíduo não saberá lidar com a rachadura aberta pela forclusão. Esse tipo de defesa psíquica causa uma violência devastadora ao eu que, diferente do recalque, no qual o indivíduo admite a existência da agressão e adiante procura esquecê-lo, na forclusão o trauma não reconhecido se firma como um grande vazio, uma falha

psíquica, no qual o sujeito se encontra incapaz de sentir e por consequência de reelaborar o fato traumático. Acerca desse processo Nasio (2009) afirma:

Certamente, o trauma inicial foi uma violenta agressão para a criança, mas a defesa forclusiva com que seu eu ainda imaturo tenta negar a agressão é mais violenta ainda. A defesa contra o mal é mais nociva que o mal que ela pretende combater: incapaz de sentir e de reconhecer o trauma, o eu se fratura inevitavelmente (NASIO, 2009, p.84)

O conceito de forclusão local, cunhado por Nasio (2009), estrutura-se a partir de um postulado que está no cerne da sua concepção, qual seja: que todo indivíduo molda-se por meio de uma “pluralidade de pessoas psíquicas, ou seja, uma multiplicidade de estados subjetivos, sadios e doentes, coexistindo.” (NASIO, 2009, p.85). Dessa forma, nossa constituição, enquanto sujeito, acontece a partir desse entrelaçamento antagônico, em que nossos “vários eus” se interpõem. Nasio (2009) expõe essa ideia a partir do *sujeito folheado*, formado por uma miscelânea de folha sobrepostas que fazem parte de um único plano.

Esse conceito foi a resposta dada a uma questão inquietante, sobre a qual o estudioso se debruçou, consistia em:

explicar por que um psicótico grave, por exemplo, conserva regiões saudáveis em seu psiquismo; ou, ao contrário, por que um indivíduo perfeitamente normal nos seus relacionamentos cotidianos pode ficar circunstancialmente delirante (NASIO, 2009, p.85).

A coexistência entre a “sanidade” e a “loucura” foi apresentada por Freud no texto *Moisés e o monoteísmo: três ensaios*. Neste, o precursor da psicanálise afirma que:

Cada indivíduo é normal apenas medianamente normal, seu Eu se aproxima daquele psicótico nesse ou naquele ponto, em extensão maior ou menor, e o grau de distanciamento de um extremo da série e de aproximação ao outro será para nós, provisoriamente, uma medida dessa “alteração do Eu”, tão imprecisamente definida (FREUD, 2018, p.96).

Dessa forma, Freud já postulava que mesmo os sujeitos considerados “normais” podem, por vezes, sofrer momentos de “loucura”, pois todo nós temos um laço psicótico, que pode vir à tona. Esse laço, considerando uma possível forclusão localizada, pode habitar um espaço sensível das nossas vidas, seja a vida financeira, a familiar, os relacionamentos amorosos, a vida acadêmica. Assim, estamos diante de um aspecto particular e localizável em que o indivíduo perde o ponto fundamental da razão.

Em suma, o processo da forclusão consiste num emperramento das engrenagens da máquina simbólica, como Nasio (2009) assevera, quando afirma que “A forclusão não é uma

rejeição, mas a abolição de uma passagem que deveria ter ocorrido. Que passagem? A passagem de um significante do conjunto (S2) para o lugar (S1) em que estava sendo esperado.” (NASIO, 2009, p. 98).

UM ANÃO NA CASA DOS GIGANTES

Lya Luft, durante o ano de dois mil e oito, lançou um livro de contos intitulado por *O silêncio dos amantes*. A obra é composta por vinte contos, entre eles, *O anão*. Este conto narra os (des)encontros de uma família incapaz de lidar com o nanismo do seu filho mais jovem. O garoto de dez anos descreve as agruras do seu não-encaixe em um mundo cercado por impossibilidades, além de carregar a pesada culpa dos recorrentes desentendimentos entre seus pais, que, na maioria das vezes, orbitam em torno do seu nanismo. Como podemos observar abaixo:

- Você tem que aceitar a realidade, mulher! Seu filho é anão. Ele não vai crescer, não vai ser o rapaz bonito que você queria. Eu também queria, mas não vai acontecer. Sonhar desse jeito não ajuda. É preciso ser realista.
- Ele é seu filho também, você podia pelo menos ter um pouco de compaixão.
As brigas deles quase sempre giram em torno de mim (LUFT, 2008, p.24).

Sua mãe, extremamente protetora, tenta amenizar, ao máximo, as dificuldades encontradas pelo garoto. Aparece, sempre, muito desejosa de que um dia seu filho possa crescer novamente. Ela utiliza desse subterfúgio para conseguir lidar com um filho indesejado, que nunca correspondeu às suas perspectivas. Desse modo, passa a vislumbrar uma futura mudança que não corresponde à realidade, nesse momento, o fato é privado de se estabelecer enquanto inscrição psíquica. Como descreve o garoto:

Minha mãe a meu lado quer me agradar e prepara meu pão com geléia, quer cortar em pedacinhos como se eu, além de anão, fosse incapaz. Me serve leite com chocolate e uma fruta. Junto do prato, sempre as pedrinhas coloridas que são meus comprimidos. Muito remédio para ser saudável e para crescer. Mas eu não vou crescer. Minha mãe ainda tem esperança (LUFT, 2008, p.24).

Em um outro extremo dessa relação aparece o pai do pequeno protagonista que, diferente da sua esposa, ignora em absoluto esse filho. O fato de enxergarmos o pai pela ótica do filho, demonstra como aquele menino interpreta a dura falta do pai, que deixa em seu lugar um vácuo insuportável. Ao descrever essa relação tão precária, o pequeno, afirma: “Ele me gerou, portanto é o responsável. Nunca lhe peço nada. Procuro até evitar que me note, porque

sempre tem para mim uma palavra dura, um gesto de desprezo, um olhar gelado.” (LUFT, 2008, p.23).

O sentimento de frustração diante de tal cenário parece ser o único ponto de consonância entre esse pai e seu filho. Essa quebra de expectativa desdobra-se sobre um já primitivo desejo edípico de morte do pai, sendo verbalizado pelo menino, quando afirma: “Se eu estourar, todo mundo morre. Meu pai também.” (LUFT, 2008, p.23). Do mesmo modo, o pai estabelece a todo momento um silêncio mortífero que traga toda possibilidade de construção de um diálogo paterno com o filho, cerceando a palavra que como um engodo volta ao não-dito. Pode ser notada quando o protagonista discorre:

No café da manhã reina silêncio. Meu pai deve pensar no trabalho, minha irmã no namorado, e minha mãe e eu pensamos em mim. E quando alguém começa a conversar, meu pai diz que ali é lugar de comer, não de falar (LUFT, 2008, p.27).

Quando um diálogo mínimo é estabelecido, seu pai habitualmente lhe dirige “uma palavra dura, um gesto de desprezo, um olhar gelado” (LUFT, 2008, p.28), negando por meio da palavra a paternidade indesejada, sua mãe lhe cerca de um amor sufocante, buscando minimizar as lesões causadas por um não-pai agressivo, que, a todo momento, tenta matar simbolicamente esse filho malquisto. As diferenças entre os dois (pai e filho) são bem definidas ao longo do conto, ocupam pontas de um fio que parece não se tocar, isso fica evidenciado na descrição física dos dois presentes no conto, sendo:

Não sou apenas um menino que não vai crescer. Sou aqueles anões feiosos, vivo sobre perninhas muito curtas, bamboleio ao caminhar. Nada em mim é bonito. Não gosto do jeito que estão ficando minhas mãos, gordas e com dedos muito curtos; meu rosto é escavado acima do nariz, a boca de lábios grossos meio abertos, a testa abaulada, a cabeça enorme: ela tem tamanho normal. Meu corpo, não (LUFT, 2008, p.25)

E sobre o pai:

Meu pai é a pessoa maior de todas. E não gosta de mim - na verdade acho que sente horror e repugnância. Não aceita que alguém como ele, tão alto, poderoso, importante, que cuida da saúde, faz ginástica e corre nos fins de semana, tenha produzido um filho desses. Sempre que levanto os olhos e vejo que está me encarando, sinto que gostaria de me apagar. De me deletar da paisagem como se faz no computador: deletar, e acabou-se. Minha única colaboração é ser tão pequeno, ocupar pouco espaço, dentro destes limites apertados que me sufocam. Mesmo assim, eu sei que ofendo os outros. Só porque existo, ofendo os outros. (LUFT, 2008, p.26)

De fato, os dois mantêm uma relação destrutiva, que tem dilacerado instâncias sensíveis da constituição do sujeito. “Deletar”, “acabar” e “destruir” são palavras que fazem parte de um mesmo campo semântico, e verbalizam esse relacionamento. Do mesmo modo, esta fragilidade

se desdobra, também, sobre o cotidiano escolar do garoto, que se sente estranho em meio a outros alunos. O que, também, é reforçado por seus colegas por meio de xingamentos, como o que foi dito por um de seus colegas: “Você não foi parido, foi cagado!” (LUFT, 2008, p.23).

O garoto encontra-se diante de dois polos, aparentemente, difusos em que se encontram o pai e a mãe, esses “extremos” tocam-se no que tange à negação desse filho, que não é aquilo que estavam. Essas negações percorrem direções distintas, enquanto a mãe busca reverter a disfunção do menino, por não o aceitar, o pai renega, claramente, esse filho. Como pode ser observado quando o garoto afirma:

- Você precisa tratar esse menino de outro jeito, ele está mimado, não tem modos, é um chorão, vai ficando cada vez pior!
Quando está zangado, o que é quase todo o tempo, ele nunca diz nosso filho, sempre seu filho, como se eu fosse só dela. A filha é dele; o porco é dela. Assim é a minha vida (LUFT, 2008, p.30).

Tal situação, de fato, pode ser o desembrulhar de um retrato remotamente fixado sobre a parede da sala, no qual existe uma mãe profusamente castradora, que superprotege o filho, não dando espaço para que o pai apareça e corte, por meio da demonstração de afeto, essa relação. Desse modo, o pai não aparece, o processo de identificação não se estabelece. O filho gruda nessa mãe, em meio a uma relação psicotizante, e essa mãe tem seus outros papéis apagados diante do papel de mãe do anão.

Certamente, esse imbróglio familiar, capitaneado por pais que constroem um ambiente psicotizante, repercute diretamente na estruturação psíquica do filho, de maneira que o anão físico pode vir gerar o anão psíquico. Como podemos notar nos últimos desenlaces do conto:

Na mesa do almoço derramei feijão na toalha porque teimei em me servir sozinho, embora seja muito difícil alcançar as travessas, e minha mãe quer fazer tudo por mim. E quando ainda por cima deixei escapar um pouco de comida da boca e ela escorregou sobre minha roupa, meu pai teve um acesso de fúria. [...] E gritou de novo que sou porco, sou um porco e nunca vou me corrigir.
- A culpa é sua! Além de me parir essa coisa, você o trata como se fosse um príncipe. Que família, nós somos, que família?
Saiu pisando ódio, bateu a porta da copa, bateu a porta de casa, bateu a porta do carro e arrancou ainda furioso. Ele bate em tudo porque não pode bater em mim. Sou pequeno demais. Sou um pobre anãozinho encolhido na sua cadeira (LUFT, 2008, p.32).

Embora o garoto, como todo indivíduo, queria desenvolver um mínimo de autonomia e realizar atividades básicas sozinho, as limitações físicas que carrega não permite que isso aconteça. De modo que esse estado de dependência e por efeito dedicação da mãe ressoa nos vínculos dessa mulher com a filha e o marido. Toda essa tessitura causa repulsa no pai, que

culpa sua esposa também por essa situação, por não poder culpar apenas o garoto, que surge como o grande “empecilho” para que sejam uma família como este pai acredita que deva ser.

O desfecho do conto demonstra o quanto esse ambiente psicotizante reflete nessa família, observe:

Quando minha mãe, que tinha corrido atrás do marido tentando acalmá-lo, voltou e se abaixou para ver o que eu estava fazendo, levantei os olhos para ela, sacudindo meu rabinho retorcido, contente porque achei que ela ia me pegar no colo. Mas ela, boca muito aberta, só gritava, meu filhinho, meu filhinho!
Então saí em disparada pela casa, esbarrando nos móveis, nas pernas das pessoas atônitas, guinchando feito louco.
Pelo espanto, agora eu era poderoso (LUFT, 2008, p.32).

De fato, o garoto se tornou aquilo que pai afirmava, agora pela primeira vez ele era “poderoso” e veloz, saía “em disparada pela casa” deixando todos à sua volta surpresos. A linguagem torna-se ato, e esse pai que “arrancou ainda furioso” objetivando distanciar-se dessa realidade, deixa pra trás um filho-porco que busca por esses pais em meio a essa casa, tendo em vista que, também como seu pai, sua mãe “só gritava” ao contrário de acolher esse filho no colo, como ele ansiava.

Por conseguinte, esses pais não conseguem reelaborar o nanismo do filho, de modo que tentam afastar-se desse tensionamento insuportável. Essa situação cria uma rachadura de ordem psíquica na qual no *floracluir* se estabelece localmente, assim como NASIO (2009) afirma ao longo do seu estudo. Esse tecido familiar é tensionado todas as vezes em que filho-anão vêm a tona, essa localidade é evidenciada ao longo de todo o conto. A culminação acontece quando esse garoto morfonatiza-se num porco, por meio do que NASIO (2009) classifica enquanto alucinação, que seria um sintoma de natureza psicótica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto da Lya Luft reflete alguns nuances da subjetividade humana que são abordadas por meio da psicanálise. A descrição dos sujeitos que compõem essa família por meio do olhar do pequeno garoto fornece ao leitor uma visão ímpar desse contexto. No qual, os pais não fornecem ao seu filho a capacidade de lidar com as adversidades de um meio social tão hostil às diferenças. O filho-anão sofre diante de um estado de total negação.

As questões presentes em *O anão* são temáticas caras à psicanálise. Por meio do olhar freudiano que forjou o Complexo de Édipo e as estruturas clínicas psicanalíticas, tais conceitos auxiliaram a construção da presente interpretação. Os estudos pós-freudianos também foram

fundamentais, tendo em vista que tomamos como ponto de partida teórico o conceito de forclusão cunhado por Lacan e discutido por Nasio na atualidade.

REFERÊNCIAS

BELLEMIN-NOËL, Jean. **Psicanálise e literatura**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 19: Moisés e o monoteísmo: Compêndio de psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. **Obras incompletas de Freud: arte, literatura e os artistas**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

LUFT, Lia. **O silêncio dos amantes**. São Paulo: Editora Record, 2008.

NASIO, J. D. **Os olhos de Laura: somos todos loucos em algum recanto de nossas vidas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica**. São Paulo: Artmed, 2004.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: Avanços legais no BRASIL

Magdeliny dos Santos Lima

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende analisar um fenômeno silencioso existente na sociedade, sem distinção de classe social, cor, raça ou gênero, ao qual está implicado ao contexto familiar, A Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes, que é tida como sendo toda ação ou omissão que cause prejuízo ao bem-estar, à integridade física, psíquica, moral, à liberdade e ao direito de pleno desenvolvimento das crianças e dos adolescentes.

Inicialmente, faz-se necessário contextualizar o tema, no que tange ao conceito de família e à violência doméstica contra crianças e adolescentes.

A família é uma instituição revestida de grande importância no que se refere ao desenvolvimento psicoemocional de crianças e adolescentes. Para muitos autores é na família que acontece à primeira socialização do indivíduo, sendo suas organizações e relações definida sócio-histórico e culturalmente.

A família não é apenas uma instituição particular, isto é, um bem privado, mas configura um espaço público, no qual são vividos valores e práticas comuns de inegável significado social. É um espaço de desenvolvimento de personalidades e experiências, de experimentações de amor e ódio, portanto de afeto com o outro, na realidade um protótipo de um espaço maior – o social.

Diante dessas concepções acerca da instituição familiar é difícil concebê-la como possível cenário da violência contra crianças e adolescentes, a violência doméstica, os maus tratos infanto-juvenis nesse aspecto, se afiguram como uma automutilação, uma afronte aos direitos fundamentais daqueles que por hora necessitam de total apoio, dos cuidados básicos para seu pleno desenvolvimento.

Ao ferir uma criança ou um adolescente, seja através de pancadas, de palavras, da negação dos cuidados essenciais, a família está se autodestruindo e promovendo uma barbárie com sequelas catastróficas para sociedade.

O objetivo da presente pesquisa é a Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes, portanto cabe situá-la no espectro da família; mas especificamente no tocante as causas e consequências dessa violência para o desenvolvimento infanto-juvenil.

A violência doméstica ou intrafamiliar contra crianças e adolescentes, ocorre no ambiente que tem por fundamento a proteção integral dos interesses da criança e do adolescente, ou seja, o ambiente familiar. Muitas vezes camuflada em discursos de punição e disciplina, a violência doméstica contra menores é um fenômeno que se desenvolve em diferentes âmbitos: social, político e econômico.

Segundo Vecina et al (2002) a violência doméstica pode ser entendida como sendo uma conduta de abuso e poder, muitas vezes invisível e/ou encoberta, que envolve situações de força e tensão, assimetria e desigualdade, danosa para constituição do indivíduo e para sociedade como um todo.

Sendo assim, a violência doméstica contra crianças e adolescentes viola a Declaração Universal dos Direitos do Homem, um dos mais importantes diplomas positivados de proteção à dignidade da pessoa humana, tão bem assegurada na Constituição Federal Brasileira de 1988. Dessa forma, o Estatuto da Criança e do Adolescente, pela lei federal nº 8.069/1990 ratifica a obrigação da família, do Estado e da sociedade como um todo em respeitar, zelar, cuidar e proteger de forma integral as crianças e os adolescentes.

Portanto, a violência doméstica contra crianças e adolescentes, contrariam os dispositivos legais da Carta Magna e do Estatuto da Criança e do Adolescente, sendo passível de sanções civis e criminais.

Diante do tema abordado, formula-se o seguinte problema: Quais os avanços jurídicos frente à Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes no Brasil. A justificativa para realização desse estudo consiste no fato de que à Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes é um fenômeno frequente na sociedade, no âmbito dos conflitos familiares, necessitando da intervenção do Estado através do Estatuto da Criança e do Adolescente, bem como de leis e sanções no código civil e no código penal brasileiro. Este tema desperta a atenção do Estado, da sociedade e do poder judiciário, por ser uma prática denunciada e vivenciada por muitas crianças e adolescentes de forma recorrente. Embora esse seja um tema antigo, as disposições legais/jurídicas sobre ele são bastante recentes. A prática mostra que sua ocorrência é antiga e seus efeitos devastadores. Sendo assim, necessário o conhecimento da violência no âmbito familiar, suas possíveis causas e consequências para o desenvolvimento infanto-juvenil, para que a sociedade, o Estado e o poder jurídico lancem ferramentas de combate e intervenção diante dos casos e autores implicados nessa violência a fim de que seja abordado de forma humana e eficaz, contribuindo com a sociedade na solução desse conflito.

O PAPEL DA FAMÍLIA, DO ESTADO E DA SOCIEDADE NO DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO

A família é a instituição social e jurídica tida como responsável pelo bem-estar de seus membros, oferecendo-lhes condições para o crescimento e desenvolvimento, especialmente das crianças e adolescentes. A família é a mais importante base de formação da sociedade, ao passo, que evolui juntamente com esta.

Pereira (1997) refere que a família não é um grupo natural, mas sim um grupo derivado de uma cultura específica, sendo seu papel principal transmissão sociocultural. Define que Ela é antes uma estruturação psíquica, onde cada um dos seus membros ocupa um lugar, uma função. Dessa forma pode-se considerar a instituição familiar como constitutiva do sujeito, lugar de marcas e desejos, de símbolos e realidades.

Pode-se considerar que a família possui o papel de prover o necessário para segurança física, emocional e moral das crianças e adolescentes, possuindo também grande responsabilidade na socialização desses sujeitos.

Aries (1981, p 194) salienta que “a família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas”. Assim é possível pensar a família como lugar de estruturação psíquica, de realizações de desejos, de constituição do sujeito.

Colaborando com o pensamento de Aries (1981), Trindade apud Meirelles (2012) refere que deixando a família de ser concebida estritamente como núcleo econômico e reprodutivo (entidade de produção), e avançando para uma dimensão socioafetiva (como expressão de uma unidade de afeto), surgem, naturalmente, novas representações sociais, novos arranjos familiares, isto é, as entidades familiares tornam-se plurais, já que existem em razão do sentimento de afeto dos membros que a constituem.

Segundo DeMause (1982) a relação entre pais e filhos mudou ao longo da história. Para o autor existem seis modos de relação entre pais e filhos, a destacar:

- o infanticídio, da Antiguidade ao sec. IV período de intensos assassinatos de crianças e conseqüentemente desprezo por elas;
- o abandono, do sec. IV ao XIII, momento em que os filhos ou eram abandonados fisicamente, ou eram deixados com amas-de-leite ou deixados em mosteiros e conventos, ou eram desamparados em suas próprias casas pela total ausência de afeto;

- a ambivalência, do sec. XIV ao XVII, tempo no qual, embora as crianças tenham sido autorizadas a ingressarem na vida emocional dos seus pais, ainda eram vistas como um objeto a ser moldado, legitimando assim, atitudes como o espancamento;

- a intrusão ou intromissão, iniciada no sec. XVIII, nesse período, os pais começaram a interferir no cuidado dos filhos, punindo as crianças com menos violência física e mais com ameaças e imposição de culpa, começando a compreender e simpatizar com elas;

- a socialização, do sec. XIX a meados do sec. XX, e mantida por muitos até os dias atuais, onde os pais veem a criança e o adolescente como alguém a ser treinado, guiado e ensinado a obedecer e a comportar-se.

Diante dos estudos realizados por DeMause (1982) pode-se verificar que a relação familiar entre pais e filhos foi permeada por situações de descaso, poder e autoridade, podendo ser vista até os dias de hoje, como acrescenta o autor, a existência de maus tratos as crianças pode ser explicada pela diferença de ritmos que as famílias evoluem, ou continuam presos a modos reproduzidos em períodos anteriores. Ou seja, ainda hoje nos deparamos com famílias que acreditam ser as crianças e os adolescentes objetos de poder/posse, sem levar em consideração suas individualidades, seus direitos de cidadãos.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 enfatiza que a família, base da sociedade merece especial proteção do Estado, mas não definiu o que vem a ser família, nem que tipo de família vai proteger. Então, entende-se o conceito de família como não restrito ao modelo convencional, de ser aquele que está incutido na sociedade, qual seja homem e mulher unidos pelo matrimônio e com os filhos, mas toda relação de afeto onde seus integrantes estão unidos pelo amor e solidariedade mútua. A mutação do conceito de família veio das transformações sociais pelas quais passaram as famílias.

De acordo com Zagury (1991 p11) “a orientação dos filhos é papel que compete aos pais, sem retirar-lhe a condição de igualdade, em direitos e deveres, como seres em desenvolvimento”.

No entanto muitas vezes idealizamos a família como reduto só de amor, essa idealização se quebra quando observamos e nos deparamos com a violência intrafamiliar, seja essa física, moral ou psíquica. Acrescenta Groeninga (2004, p260), “a função da família está mais além do amor- está em possibilitar as vivências afetivas de forma segura, balizando amor e agressividade”.

Como observado, hoje não se busca na família apenas a ligação de laços biológicos, mas procura-se dar valor aos laços afetivos envolvidos na relação familiar, caracterizando-a assim como uma importante instituição para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade.

Prado (1985) aborda que apesar das mudanças e conflitos a família é a única em seu papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, afetividade, responsabilidade dos indivíduos em especial na infância e adolescência. A família nesse sentido, não é só um tecido fundamental de relações, mas, um conjunto de papéis definidos, que devem ser trabalhados como forma de um crescimento, não só dentro do âmbito familiar particular, mas, dentro da convivência social dos indivíduos.

Colaborando com a ideia defendida pela autora acima citada, Moore (1996), enfoca a família como estrutura básica da vida, cuja função é proporcionar abrigo, orientação, educação, amor, segurança física e emocional a seus filhos.

Como se vê mudam-se paradigmas; mas a família é sempre palco de realização de seus integrantes, sede de manifestações de afeto, no qual são protagonistas o amor e o ódio, o reconhecimento e as frustrações, a afetividade e a agressividade, portanto instituição geradora também de efeitos jurídicos civis e penais.

O artigo 227 da Constituição Federal Brasileira dispõe que, é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação. Ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Para tanto é dever da família, da sociedade e do Estado zelar pelo bem-estar físico, psíquico e social da criança e do adolescente, garantindo seus direitos e visando contribuir para sua formação enquanto cidadão.

FALANDO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Para muitos autores a família constitui um espaço de amor e afeto, onde se exercitam as interações saudáveis, buscando o desenvolvimento do potencial humano. Entretanto, quando é a geradora da agressão, a família se constitui em um ambiente de risco à integridade física, moral e psicológica de seus membros. Às famílias denunciadas por agressão é lançado um olhar de intervenção e culpabilidade, um olhar de investigação, de negação de sua função.

Para Schreiber e Mangueira (2014, p95) “a prática de maus tratos familiar, por sua vez, constitui abuso do dever de educar, em franca violação ao direito à proteção integral das crianças e adolescentes”.

No Brasil e no mundo, independente de cultura, classe social, raça, sexo ou religião, crianças e adolescentes são vítimas cotidianamente da violência, inclusive da violência doméstica ou intrafamiliar.

Além das crianças e adolescentes, a violência doméstica afeta toda à sociedade, retratando o desrespeito contra a dignidade da pessoa humana, contrariando os preceitos da constituição brasileira e prejudicando o pleno desenvolvimento desses frágeis seres.

A violência familiar contra crianças e adolescentes pode ser entendida como uma das formas mais cruéis de violência, especialmente quando se considera que a família deveria representar um ambiente de segurança para seus membros.

De acordo com alguns autores, apesar de ser um fenômeno que ocorre desde a Antiguidade, a violência doméstica, em especial aquela dirigida à criança e ao adolescente, passou a ser mais discutida no meio científico a partir da década de 80, desde então, o conhecimento sobre essa de violência vem sendo ampliado e sua gravidade reconhecida.

Segundo Roque et al (2002), a violência intrafamiliar é uma das várias modalidades de expressão de violência contra crianças e adolescentes, sendo que as raízes desse fenômeno estão associadas ao contexto histórico, social cultural e político em que se insere e não pode ser compreendido somente como uma questão decorrente de conflitos interpessoais entre pais e filhos.

Para Neumam (2000) a violência doméstica contra crianças e adolescentes é um fenômeno de difícil definição, tendo em vista que está embasada em diversas conceituações nas múltiplas áreas científicas. Ainda salienta o autor que, na área médica, por exemplo, o primeiro estudo realizado foi realizado pelo professor Ambrose Tardieu (1860), na tentativa de trazer a tona o fenômeno da violência doméstica, não havendo repercussão científica, em função do momento sócio- político vigente. Enfatizando que apenas em 1962, nos EUA, através dos doutores Kempe e Silvermann, os quais estudaram e verificaram o fenômeno da violência contra crianças como sendo “Síndrome da Criança Espancada”, baseadas em evidências radiológicas.

De acordo com Azevedo e Guerra (1995) pode-se conceituar violência doméstica contra crianças e adolescentes como todo ato ou omissão praticados por pais, parentes ou responsáveis em relação à criança e/ou adolescentes que sendo capaz de causar à vítima dor ou dano de natureza física, sexual e/ou psíquica implicando, de um lado, uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância.

Dessa forma, a violência doméstica contra crianças e adolescentes tem em sua cena como principais atores a família, que contrariando seu dever de cuidar e proteger, se figura como algoz e carrasca de tantas vítimas.

Azevedo (1990) caracteriza a violência doméstica contra crianças e adolescentes como:

- uma violência interpessoal e intersubjetiva;
- um abuso de poder disciplinar e coercitivos dos pais ou responsáveis;
- um processo de completa objetização da vítima, reduzindo-a objetos de maus-tratos;
- uma forma de violação essencial da criança e do adolescente enquanto pessoas e, portanto, uma negação de valores humanos fundamentais como a vida, a liberdade e a segurança.

Diante da diversidade de característica da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, podemos compreender quanto injusto é esse fenômeno porque ele nega o direito à dignidade humana ainda na sua essência, a infância e a adolescência.

Caminha (1998, p.45) refere “à violência intrafamiliar como um problema de saúde pública, aduzindo que o perigo para as crianças, na maior parte do mundo, ainda mora dentro de casa”. Para tal concepção podemos dizer que os maus-tratos, vivenciados por crianças e adolescentes no âmbito familiar se configura por movimentos repetitivos e intencionais, geralmente praticados por alguém da família (pai, mãe), que se devem ser tratados na esfera social, jurídica e das políticas públicas.

Segundo Azevedo e Guerra (2001) a violência doméstica, então, apresenta-se sob diversas tipificações, como se apreendeu do conceito apresentado anteriormente: violência física, sexual, psicológica e a negligência. Essas tipificações se fazem necessárias para um maior esclarecimento dessa dinâmica, embora não sejam as únicas formas de violência contra crianças e adolescentes, trataremos mais especificamente delas.

De acordo com Pires e Miyazaki (2005, p44) “definir os diferentes tipos de violência e maus-tratos infanto-juvenis é apenas uma forma didática de compreender o problema, que muitas vezes ocorre de forma dinâmica e simultânea”. Portanto iremos classificar os tipos de violência doméstica visando uma maior compreensão das características desse fenômeno, salientando que nenhum tipo de violência intrafamiliar contra crianças e/ou adolescentes é pura em si, ou seja, geralmente essas violências se misturam e entrelaçam.

- Violência Física: É o uso de força física de forma intencional, não-acidental, praticada por pais, responsáveis, familiares ou pessoas próximas da criança ou adolescente, com o objetivo de ferir, danificar ou destruir essa criança ou adolescente, deixando ou não marcas

evidentes. (DESLANDES, 1999). Portanto abuso físico corresponde ao uso de força física no relacionamento com crianças ou adolescentes por parte de seus pais ou quem exerce de autoridade no âmbito familiar.

Para Schreiber e Manguiera (2004, p119): a violência física é a forma mais comum de maltrato e a mais facilmente diagnosticável, pois está geralmente associada a uma forma de punição ou disciplina. A agressão física costuma deixar marcas, de acordo com o instrumento utilizado (cintos, fivelas, cordas, correntes, dedos, dentes). A marca é geralmente repetitiva e tende a aumentar a cada investida.

- Violência Psicológica: de acordo com Garbarino et al (1988) a violência psicológica consiste em toda forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobrança e punição exagerada, isolamento, aterrorização por meio de opressões verbais, indução à prostituição, ao crime e ao uso de drogas, de tal forma que cause danos profundos na estruturação mental das crianças e dos adolescentes.

Abuso psicológico assim é configurado como rejeição, discriminação, depreciação ou desrespeito para com a criança e/ou adolescente. Podendo haver comportamentos como punição, humilhação ou aterrorização com graves agressões verbais e cobranças exageradas.

Segundo Assis (1999), a violência psicológica é um dos tipos de violência dos mais difíceis de ser identificado, pela sutileza e pela falta de materialidade dos atos, embora tenha impacto negativo profundo sobre o desenvolvimento biopsicossocial da vítima.

Para Oberstein (1985) a forma mais ampla de abuso à criança, é a emocional, porque não somente ocorre com muita frequência, como vem acompanhada sempre de outras formas de abuso a citar: maltrato físico, negligência física e abuso sexual. Ou seja, é uma violência permeada por outras violências.

- Violência Sexual: Deslandes (1999) refere que o abuso sexual é compreendido como qualquer contato sexual, ato ou jogo sexual, envolvendo relações hetero ou homossexuais, em que o agressor esteja em estágio de desenvolvimento psicossocial mais adiantado que a criança ou adolescente, tendo por finalidade estimulá-la sexualmente ou utilizá-la, para obter satisfação sexual. Assim, entende-se a violência sexual como todo ato ou jogo sexual, relação homossexual ou heterossexual entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescentes menores de dezoito anos, tendo por intenção estimular sexualmente a criança ou utilizá-la para obter uma estimulação sobre sua pessoa ou de outras pessoas.

Ramos (2012, p 229) aborda que “dentro de uma sociedade sadia, a violência sexual praticada contra crianças e adolescentes é considerada algo ignóbil, que merece repudio e mecanismos sérios de proteção a vitima”. Acrescenta Azevedo e Guerra (1988) na ocorrência

do abuso sexual, em que há sempre o prazer direto ou indireto do adulto, conseguido pela coerção ou sedução da criança ou do adolescente, esses são sempre vítimas e não poderão ser transformados em réus.

- Negligência ou Abandono - Pires (1998) salienta que a negligência é uma falha dos pais ou responsáveis na assistência e no provimento das necessidades básicas da criança, tais como: saúde, alimentação, respeito, afeto e educação. Outros autores enfocam que a negligência se refere ausência, recusa ou disseção de cuidados necessários a alguém que deveria receber atenção e cuidados familiares. Acrescentando que o abandono é a uma forma extrema de negligência.

Existem ainda outras formas de violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes:

- Síndrome do Bebê Sacudido - é o termo utilizado para denominar uma forma de violência frequentemente praticada e que não deixa marcas. Envolve sacudir ou chacoalhar fortemente a criança, podendo provocar graves lesões cerebrais, hemorragias oculares, causar atraso no desenvolvimento neuropsicomotor e até levar a morte. (PIRES; MIYAZAKI, 2005).

- Exploração do trabalho infantil- é o uso de mão-de-obra da criança e do adolescente com menos de 16 anos em qualquer atividade econômica e em situações prejudiciais ao desenvolvimento físico, mental, moral e á escolarização. (TAVARES, 2002).

- Síndrome de Munchausen por procuração- ocorre quando pais ou responsáveis, na maioria das vezes a mãe, provocam ou simulam na criança sinais e sintomas de várias doenças, com falsificação de exames laborais, administração de medicamentos ou substâncias que causam sonolência ou convulsões. A partir dessas simulações a criança é submetida a sofrimento físico e psíquico. (PIRES; MIYAZAKI, 2005).

Diante do fato exposto, pode-se dizer que essa realidade (a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes) é de tal forma importante que mobiliza todos os setores da sociedade, já sendo reconhecida como problema mundial.

CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

As consequências que a violência intrafamiliar pode provocar para criança ou adolescente variam de acordo com a idade, com as características de sua personalidade, com o tipo de vínculo anteriormente estabelecido com os genitores, com a capacidade de resiliência, além de inúmeros outros fatores externos e internos a essa relação.

Não apenas os autores envolvidos na violência, seja a criança e/ou adolescentes, sentem os danos dos maus-tratos, mas a família como instituição primária e a sociedade como um todo, pois vivencia o resultado do rompimento de vínculos e desestruturação familiar, refletindo na progressão da violência de maneira global, onde o respeito ao ser humano e a valorização da vida deixam de existirem.

As marcas físicas, emocionais e psicológicas da violência podem ter sérias implicações no desenvolvimento da criança e do adolescente, na sua saúde e capacidade de aprendizagem.

As consequências dos maus-tratos na infância e na adolescência são danosas para suas vítimas, que tem seu desenvolvimento integral comprometido, posto em jogo simplesmente porque seus pais não conseguiram distinguir paternidade e autoridade, envolvendo-os em conflitos, embates físicos, psíquicos e sociais.

Silverman et al (1996) salienta que vários estudos mostram que crianças submetidas à violência doméstica, quando comparadas às que não sofreram violência, são mais agressivas, tem baixo auto-estima, déficit de atenção e hiperatividade, dificuldade de relacionamento interpessoal, comportamento abusivo, baixo rendimento escolar, podem inclusive ter sua capacidade cognitiva e de desenvolvimento da linguagem prejudicados.

Diversos autores ainda apontam como consequências da violência doméstica para crianças e adolescentes: tristeza, apatia, temor extremo, postura defensiva, desnutrição, esquistoses e abrasões e até levar a morte Estudos mostram também que o fato de ter sofrido atos de violência na infância e na adolescência está relacionado com comportamentos de risco no futuro, tais como consumo de tabaco, álcool e drogas (SILVERMAN et al; 1996, KIPPER, 1999; ROCHA, 2012)

De acordo com Marcelli (2004) não podemos esquecer que, conforme a violência e a sua reincidência, as consequências podem ser diferentes, assim os sintomas podem ser elencados: queixas somáticas diversas, fadiga, surgimento de distúrbios alimentares (anorexia, vômitos, recusas de alimentação), distúrbios de sono (pesadelos, terror noturno, despertares noturnos iterativos), distúrbios afetivos (crise de choro, confusão, depressão), distúrbios de adaptação (dificuldades escolares, isolamento, recusa de ficar em casa ou em outro lugar com um adulto, ou, ao contrário).

Especificamente para violência sexual Marcelli (2004) salienta que outras condutas podem ser tidas como indicadores indiretos da experiência sexual traumática vivida pela criança ou adolescente: masturbação prolongada e intempestiva; conduta sexual inadequada com curiosidade cruamente expressa, uso de linguagem sexual próprias de adultos, jogos de aparência sexual com bonecas ou com os pares. É importante ressaltar que estas consequências

não atestam necessariamente a ocorrência de abuso sexual, mas pode ser um indicador que essas crianças precisam de uma maior atenção.

Ainda enfocando as consequências dos maus-tratos contra crianças e adolescentes, Silva (2002, p.73) esclarece:

são crianças sem voz e sem vez, aprisionadas em uma relação assimétrica de poder, em que só lhes restam a submissão à vontade do outro e a renúncia ao próprio desejo. Vivem um drama que afeta seu desenvolvimento tanto físico como emocional, o que pode gerar indivíduos com graves dificuldades de vinculação. Além disso, como consequência surgem sequelas imediatas ou tardias, físicas e emocionais, traduzidas em sintomas como dificuldades escolares, de relacionamento social, distúrbios psicossomáticos, até invalidez ou a morte por homicídio ou suicídio.

Pode-se verificar diante do exposto que, as consequências da violência doméstica, para crianças e adolescentes são devastadoras para o bom funcionamento mental, comportamental e social, para o desenvolvimento integral como um todo.

As consequências da violência intrafamiliar vão além do espaço particular da família, das crianças e adolescentes vitimados, perpassam para sociedade, demonstrando a total negação do direito à dignidade da pessoa humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças e os adolescentes por estarem em uma fase de desenvolvimento ainda precoce necessitam da atenção e proteção da família para crescer e ganhar sua individualidade. Todavia, é no ambiente familiar que muitas vezes se esconde silenciosamente relações de autoridade, de abuso de poder, de violência. Para tanto, a violência doméstica contra a criança e o adolescente, é uma realidade que merece atenção da família, da sociedade e do Estado enquanto problema epidêmico, que resulta na fragilidade dos vínculos familiares e no alijamento do desenvolvimento integral de suas vítimas.

A violência doméstica contra crianças e adolescentes é um fenômeno que se instala e dissemina nas relações interpessoais, implicando sempre uma relação de poder.

Quando a instituição familiar não cumpre seu papel de cuidadora, de proteção de sua prole, de transmissora de valores éticos e culturais, pode-se dizer que ela fracassou. As marcas da violência intrafamiliar fermentam dentro do sujeito agredido, obrigando-o a conviver com suas feridas. Provoca uma distorção de experiência de vida, e, frequentemente, fomentam o desencadeamento de vários sintomas que acabam prejudicando o desenvolvimento biopsicossocial das crianças e dos adolescentes.

A violência intrafamiliar não é uma expressão moderna; faz parte da história e cultura da infância e adolescência desde os tempos mais remotos. Porém, o que tem contribuído para que hoje se torne mais visível é a propagação da necessidade de proteção à infância e adolescência, bem como a crescente mobilização em torno dos direitos humanos.

É necessário tratar o fenômeno da violência doméstica com bastante seriedade, pois estão implicadas questões afetivas, sociais e psicológicas dos personagens que a vivenciam.

Sendo a violência intrafamiliar uma mazela muitas vezes silenciosa, que se dá sob a desculpa de boas intenções, de carinho ou de educação, os sinais e sintomas

apresentados pelas crianças e pelos adolescentes devem ser investigados, analisados com cautela, para que haja uma efetiva ação de combate e penalizações. Assim, a violência doméstica necessita de ações legais para seu combate, de ações preventivas, leis e diretrizes que penalizem os culpados e programas e políticas públicas que cuidem de suas vítimas.

A legislação brasileira dispõe de diversos meios de combate e penalização aos maus-tratos contra crianças e adolescentes sejam na Constituição Federal Brasileira, no Estatuto da Criança e do Adolescente, no próprio Código Penal ou em Projetos de leis, como a “Lei da Palmada”, o Estado tem tentado minimizar o número de violência física, psicológica, sexual e negligência contra a infância e a adolescência.

Através de ações efetivas, de um olhar apurado sobre essa realidade, poderemos pensar em uma sociedade mais equitativa, onde as relações familiares serão verdadeiramente estabelecidas para que suas crianças e seus adolescentes tenham a possibilidade de um desenvolvimento integral saudável.

Na conscientização desse fenômeno e no combate a ele, avaliar as relações familiares é importante para se constatar e modificar essa prática, fazendo-se perceber as crianças e os adolescentes não como meros objetos, mas indivíduos singulares, detentores de desejo e de direitos. É um trabalho a ser desempenhado ao longo do tempo, com certa urgência, para que os dispositivos legais de proteção a essa parcela da sociedade, possa ser plenamente atingido.

REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe. História social da Criança e da Família. Trad. Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro. LTC, 1981.

ASSIS, S.C. O percurso da violência na sociedade ocidental: Infância e Saúde. Horizontes. Volume 17: Bragança Paulista. 1999.

AZEVEDO, M. A. A violência doméstica contra crianças e adolescentes no município de São Paulo. (projeto de pesquisa). São Paulo. 1990.

AZEVEDO, M.A. GUERRA, V. N. A. Pele de asno não é só historia: um relato sobre vitimização sexual de crianças e adolescentes em família. São Paulo. Roca. 1988.

AZEVEDO, M. A. GUERRA, V. N.A. Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo. Editora Iglu, 2001.

AZEVEDO, Maria Amélia. GUERRA, V.N.A. Violência Doméstica na Infância e na Adolescência. Robe. SP. 1995.

BRASIL. Constituição (1988) Constituição da República Federativa do Brasil. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

CAMINHA, Renato M. A violência e seus danos à criança e ao adolescente. In: AMENCAR. Violência Doméstica. Porto Alegre: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, 1998.

DELMANTO, Celso et al. Código Penal Comentado: acompanhado de comentários, jurisprudência, sumulas em matéria penal e legislação complementar. 8ª edição. revisada, atualizada e ampliada. São Paulo: Saraiva. 2010.

DEMAUSE, Lloyd. Foundations of Psychohistory. New York: Creative Roots, 1982. Disponível em: <http://www.psychohistory.com/html/p1x22.htm> Acesso em 21/08/14.

DESLANDES, S.F. O atendimento às na emergência: prevenção numa hora dessas? Revista Ciência e Saúde. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 81-94, 1999.

Estatuto da Criança e do Adolescente- Lei Nº 8.069 de 13 de julho de 1990.

FERRARI, Dalka Chaves de Almeida. Atendimento psicológico a casos de violência intrafamiliar. In: FERRARI, Dalka C.A. VECINA, Tereza C.C. (ORGs). O fim do silêncio na violência familiar- teoria e pratica. São Paulo: Ágora. 2002.

FIUZA, Ricardo (coord.). Novo código civil comentado. Diversos autores. São Paulo: Saraiva. 2002.

GARBARINO, J. GUTTMAN, E. SEELEY, J. W. The psychologically battered child. Jossey-Bass, San Francisco. 1988.

GOMES, R. et al. Porque as crianças são maltratadas? Explicações para a pratica de maus-tratos infantis na literatura. Caderno de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v18. n,3. P. 707-714. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 07/08/2014.

GROENINGA, Giselle Câmara. Direito e Psicanálise – Um Novo Horizonte Epistemológico. In: PEREIRA, Rodrigo da Cunha (ORG) Afeto, Ética, Família e o Novo Código Civil. Belo Horizonte: Del Rey, 2004.

KIPPER, Délio José. Síndrome da Criança Espancada. Revista do Conselho Federal de Medicina, v.14, n.102, p 18-19, fev. 1999.

MARCELLI, D. Manual de Psicopatologia da Infância de Ajuriaguerra. 5ª edição. Porto Alegre: Artmed. 2004.

MOORE, T. O que são almas gêmeas? Descubra os mistérios do amor e as necessidades da alma em todos os tipos de relacionamento. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.

NEUMAN, Marcelo Moreira. O que é violência doméstica contra criança e adolescente. Novembro. 2000. Disponível em www.cedeca.org.br. Acesso: 28/07/2014.

OBERSTEIN, M. L. O abuso emocional da criança. In: KRYNSKI, Stanislaw (ORG) A Criança Maltratada. São Paulo: Almed, 1985.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. Direito de Família Contemporâneo. Belo Horizonte: Del Rey. 1997.

PIRES, A.L.D. MIYAZAKI, M.C.O.S. Maus tratos contra crianças e adolescentes: revisão da literatura para profissionais da saúde. Arquivo de Ciências da Saúde. Umuarama, v.12, n1, p 42-49, jan/mar. 2005. Disponível em < <http://www.cienciasdasaude.farmed.br/vol-12-1/08pdf> > Acesso em 08/08/2014.

PIRES. Joelza M. A. Violência na infância: aspectos clínicos. In: - AMENCAR, (ORG). Violência Doméstica. Porto Alegre. Fundação Mauricio Sirotsky Sobrinho 1998.

PRADO, D. O que é família? São Paulo, Brasiliense, 1985.

RAMOS, Patrícia. P.de O. C. Abuso sexual ou alienação parental: o difícil diagnóstico. In: PAULO, Beatrice Marinho (ORG). Psicologia na Prática Jurídica- A criança em foco. Editora Saraiva. 2ª edição. São Paulo. 2012.

ROCHA, Mônica Jardim. Alienação Parental: a mais grave forma de abuso emocional. In: PAULO, Beatrice Marinho. Psicologia na Prática Jurídica- A criança em foco. 2ª edição. Editora Saraiva. São Paulo. 2012.

ROQUE, Eliane Mendes de Souza Teixeira. FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. Desvendando a violência doméstica contra crianças e adolescentes sob a ótica dos operadores do direito a Comarca de Jardinópolis - SP. Revista Latino- Americano de Enfermagem. 2002. Maio-Junho

SCHREIBER, Elizabeth. MANGUEIRA, Renata Torres da Costa. A Violência Intrafamiliar na Infância: uma abordagem jurídica e psicológica: estudo multidisciplinar. Porto Alegre: Arana, 2014.

SILVA, Maria Amélia de Souza. Violência contra crianças- quebrando o pacto do silêncio. In: FERRARI, Dalka C. A. e VECINA, Tereza C. C. (ORG). O fim do silêncio na violência familiar- teoria e prática. São Paulo. Ágora. 2002.

SILVERMAN, A. B. REINERZ, H. Z. GIOCONIA, R. M. The long term sequelae of child and adolescent abuse: a longitudinal study. Child abuse neglig. Aug. 1996.

TAVARES, M. A. O trabalho infantil e as múltiplas faces da violência. In: SILVA, L.M.P. Violência doméstica contra crianças e adolescentes. Recife. Edupe. 2002.

TRINDADE, Jorge. Manual de Psicologia Jurídica para os Operadores do Direito. 6. Ed. Revisada. Atualizada, Ampliada. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2012.

VECINA, Tereza Cristina Cruz.. Infância e adolescência: uma realidade que precisa de intervenção In: .FERRARI, Dalka C. A. e VECINA, Tereza C.C. (ORG) O fim do silêncio na violência familiar – teoria e prática. São Paulo: Ágora, 2002.

ZAGURY, Tânia. Educar sem culpa: a gênese da ética. 10 ed. Rio de Janeiro. Record, 1991

Índice Remissivo

1. ARTE CONTEMPORÂNEA E PSICANÁLISE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTRANHO, TRAUMA E LUTO NAS OBRAS DE SOPHIE CALLE

Autores(as): Lucas Alberto Miranda de Souza e Tania Rivera

Palavras-chave: Arte contemporânea; Luto; Sophie Calle.

2. LITERATURA E PSICANÁLISE: A SOLIDÃO NOS MISTÉRIOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA EM A HORA DA ESTRELA

Autores(as): Ray da Silva Santo, Débora Wagner Pinto e Luíz Gustavo Pereira de Souza Correia

Palavras-chave: Literatura; Desamparo; Clarice Lispector.

3. PSICANÁLISE E CINEMA: PELOS OLHOS DE MAISIE E A PROBLEMÁTICA DA ALIENAÇÃO PARENTAL

Autores: Débora Wagner Pinto, Ray da Silva Santos e Carlos Eduardo Japiassú de Queiroz

Palavras-chave: Psicanálise; Cinema; Separação.

4. LITERATURA E SEXUALIDADE NA OBRA O ATENEU: UMA RELEXÃO À LUZ DA PSICANÁLISE

Autores(as): Rosilene Felix Mamedes; Pablo Machel Nabot Silva de Almeida e Hermano de França Rodrigues

Palavras-chave: Literatura; Sexualidade; Raul Pompeia.

5. O PERTENCIMENTO: À LUZ DE CLARICE LISPECTOR E DA PSICANÁLISE

Autores(as): Rosilene F. Mamedes, Monik Giselle L. Monteiro; Hermano de França Rodrigues e Pablo Machel Nabot Silva de Almeida

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Clarice Lispector.

6. REPERCUSSÕES ACERCA DA TRANSEXUALIDADE NO VIÉS PSICANALÍTICO E DAS TEORIAS DE GÊNERO

Autoras: Stephanie Delany Olímpio de Almeida Silva e Monik Giselle Lira Monteiro

Palavras-chave: Transexualidade; Gênero; Psicanálise.

7. AS VISSICITUDES DO AMOR: A DEVASTAÇÃO DE EROS NA EROTOMANIA

Autores(as): Ivanildo Santos Silva; Monik Giselle Lira Monteiro

Palavras-chave: Amor; Devastação; Erotomania.

8. AS ÁGUAS TURVAS DA MORTE: O INVENTÁRIO DO IRREMEDIÁVEL NA POÉTICA DE CAIO F. ABREU

Autores(as): Ivanildo da Silva e Monik Giselle Lira Monteiro

Palavras-chave: Literatura; Morte; Caio Fernando Abreu.

9. MASCULINIDADE HEGEMONICA NA CONTEMPORANEIDADE E SUA RELAÇÃO COM OS PAPEIS DE GÊNERO

Autora: Monik Giselle Lira Monteiro

Palavras-chave: Gênero; Masculinidade; Contemporaneidade.

10. (DES)CAMINHOS DA PULSÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O CONSUMO DE ÁLCOOL EM PACIENTES PÓS-BARIÁTRICOS

Autora: Monik Giselle Lira Monteiro

Palavras-chave: Clínica psicanalítica; Estudo de caso; Pulsão.

11. DEVASTAÇÃO FEMININA: UM ESTUDO DO PERCURSO DO DESEJO NA VIOLÊNCIA

Autoras: Stephanie Delany Olimpio De Almeida Silva; Monik Giselle Lira Monteiro

Palavras-chave: Feminino; Desejo; Violência.

12. ENTRE MEMÓRIAS E RENOVAÇÃO: A SOLENIDADE DESAMPARADA EM “O PERU DE NATAL”, DE MÁRIO DE ANDRADE

Autores(as): Mariana Pinheiro Ramalho e Hermano de França Rodrigues

Palavras-chave: Psicanálise; Desamparo; Mário de Andrade.

13. DO PACTO TRANSFERENCIAL À ONIPOTÊNCIA DA FICÇÃO: LEITURAS DA SUBJETIVIDADE EM VALTER HUGO MÃE

Autores(as): Letícia Simões Velloso Schuler e Hermano De França Rodrigues

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Valter Hugo Mãe.

14. DA INSURGÊNCIA SIMBÓLICA À TRANSGRESSÃO DO REAL: ESPECTROS DO REALISMOS MÁGICO EM AS ACADEMIAS DE SIÃO, DE MACHADO DE ASSIS

Autores(as): Matheus Pereira de Freitas e Hermano de França Rodrigues

Palavras-chave: Psicanálise; Realismo; Machado de Assis.

15. OS (DES)CAMINHOS DA CIVILIZAÇÃO: QUANDO A METÁFORA PATERNA SE FAZ POSSÍVEL EM A CASA DO GIRASSOL VERMELHO, DE MURILO RUBIÃO

Autores: Matheus Pereira de Freitas e Hermano de França Rodrigues

Palavras-chave: Psicanálise; Édipo; Murilo Rubião.

16. DA PUTREFAÇÃO DA CARNE À INSURGÊNCIA DO DESEJO: MORTE E GOZO EM ÁLVARES DE AZEVEDO

Autores: Matheus Pereira de Freitas e Hermano de França Rodrigues

Palavras-chave: Desejo; Morte; Álvares de Azevedo.

17. ENTRE EROS E THANATOS: RESABIOS DE MORTE DO SER MELANCÓLICO EM PSICOLOGIA DE UM VENCIDO, DE AUGUSTO DOS ANJOS

Autores(as): Flávia Valéria Salviano Serpa Rojo e Hermano de França Rodrigues

Palavras-chave: Psicanálise; Morte; Augusto dos Anjos

18. AS HERDEIRAS DE SAFO: AMOR E HOMOSSEXUALIDADE À LUZ DA PSICANÁLISE

Autores: Ivanildo da Silva Santos e Hermano de França Rodrigues

Palavras-chave: Psicanálise; Feminino; Homossexualidade.

19. UM ESTRANHO NA SALA DE ESTAR: MOLDURAS DO DESAMPARO EM LYA LUFT

Autores: Thiago Guilherme Calixto e Hermano de França Rodrigues

Palavras-chave: Psicanálise; Desamparo; Lya Fuft.

20. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: Avanços legais no BRASIL

Autora: Magdeliny dos Santos Lima

Palavras-chave: Violência; Crianças; Adolescentes.